

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

GRAZIELLE UENO MACCOPPI

**ELEMENTOS EPISTEMOLÓGICOS SUBSTANTIVOS DO TURISMO COMO
FENÔMENO SOCIAL E HUMANO**

CURITIBA

2023

GRAZIELLE UENO MACCOPPI

**ELEMENTOS EPISTEMOLÓGICOS SUBSTANTIVOS DO TURISMO COMO
FENÔMENO SOCIAL E HUMANO**

*Substantive epistemological elements of tourism as a social and human
phenomenon*

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), área de concentração: Tecnologia e Sociedade. Linha de Pesquisa: Tecnologia e Desenvolvimento.
Orientador: Prof. Dr. Valdir Fernandes.

CURITIBA

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



GRAZIELLE UENO MACCOPPI

ELEMENTOS EPISTEMOLÓGICOS SUBSTANTIVOS DO TURISMO COMO FENÔMENO SOCIAL E HUMANO

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutor Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 13 de Outubro de 2023

Dr. Valdir Fernandes, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Alexandra Maria De Almeida Matos Pereira, Doutorado - Universidade de Coimbra

Dr. Jose Henrique De Faria, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Liliane Cristine Schlemer Alcantara, Doutorado - Universidade Federal de Mato Grosso (Ufmt)

Dr. Marcelo Limont, Doutorado - Universidade Positivo (Up)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 19/10/2023.

Dedico este trabalho a todas as mulheres, especialmente as que estão na ciência e que lutam para conciliar com amorosidade a maternidade e à pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o aprendizado compartilhado e a generosidade do meu orientador, Professor Valdir Fernandes, com quem partilhei angústias e fui sempre motivada a nutrir ideias e críticas que me transformaram profundamente nessa trajetória.

Agradeço à minha família: Laura, Pietro e Luiza, por serem motivação constante do meu desejo de ser melhor a cada dia; Jefferson pela caminhada e cumplicidade, Ni pelo cuidado e carinho de sempre e a Malu que é meu pedacinho de alegria.

Agradeço a minha mãezinha e aos meus irmãos, Gi e Cle, que enchem a minha casa e o meu coração.

Agradeço às amigas irmãs e suas famílias: Tatiana Telles, Flávia Prudente Simas, Renata Custódio Klos e Caroline Augusta Maccoppi Giorgetti vocês são parte de mim, obrigada pelo incentivo, por todas as palavras amorosas, por todo carinho e energia, pelo convívio revigorante.

Agradeço às companheiras de luta intelectual Aline Maria Biagi e Sabine Dias Losekann, que todos os nossos desejos intelectuais se tornem realidade.

Agradeço aos colegas do PPGTE, Jean Francisco Bernardino e Mayara Bormann Azzulin e as amigas pesquisadoras das quais tive o privilégio de conviver nessa fase de tantas incertezas: Flávia Roberta Fernandes, Rafaela Aparecida de Almeida, Adriana Czajwkoski e Carla Patrícia de Souza Silva.

Agradeço a acolhida de todos os dias, vindas pelos cafés, frutas e jantares sempre regados a boas conversas, desabafos e gargalhadas: Cláudio Aurélio Hernandes, Marcos José Valle, Karen Sturzenegger, Clóvis Teixeira Filho, Maria Carolina Avis e Achilles Batista Ferreira Junior vocês neutralizam o peso e a sobrecarga de tantos turnos.

Agradeço à rede de professoras e amigas do turismo que inspiram e se fortalecem mutuamente: Valéria Albach, Juliana Medaglia, Cláudia Destefani e Raquel Pazini.

Agradeço a todas as mulheres que com os seus saberes a serviço de outras, formam uma rede de apoio, de amparo e de força: Lucia Freire, Regina Lise, Juliana Bello e Vanderléia Stece.

Agradeço aos colegas coordenadores, professores e administrativos da Escola Superior de Gestão Comunicação e Negócios pela convivência.

Agradeço aos professores, estagiários e administrativos do PPGTE, por oportunizar o acesso ao conhecimento e aos colegas do NIPAS, pelas inúmeras discussões e aprendizado compartilhado.

*Que nada nos defina. Que nada nos
sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria
substância (Beauvoir, 2009).*

RESUMO

MACCOPPI, Grazielle Ueno. **Elementos epistemológicos substantivos do turismo como fenômeno social e humano**. 194 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) — Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba 2023.

Diante da realidade de desvalorização das ciências e das humanidades, é possível identificar uma depreciação da reflexão filosófica na produção do conhecimento científico. Tal desabono é percebido no campo do turismo pela fragilidade teórica e interpretativa que condiciona seus estudos ao reducionismo e a manutenção de uma abordagem disciplinar e determinista. O turismo, é um fenômeno social complexo que se dá nas relações da territorialidade. Tendo como premissa que a reflexão filosófica promove um estudo crítico e reflexivo capaz de gerar renovação e atualização da ciência, este trabalho pretende contribuir para uma discussão de natureza epistemológica no campo do turismo. A epistemologia é compreendida como uma forma de aplicação do conhecimento, ou seja, está atrelada ao método de produção e exposição do conhecimento. O objetivo é desvelar os elementos substantivos do turismo como fenômeno social e humano. Adota-se como referência a proposição crítica do conhecimento pela Ontologia, Epistemologia Crítica do Concreto, organizada para atender ao recorte das Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas com ênfase nos Estudos Organizacionais. Identifica-se a partir dos elementos constituintes e lacunas do turismo, a colonialidade do conhecimento científico e a estrutura hegemônica presente nas bases epistemológicas que compõem o fenômeno. Como estrutura em busca de maior independência, apresenta-se uma discussão sobre a influência da tecnociência em detrimento autonomia científica. Neste contexto, emergem elementos substantivos do fenômeno, capazes de compor uma abordagem epistemológica mais inclusiva e diversa ao turismo.

Palavras-chave: epistemologia do turismo, colonialidade do conhecimento científico, elementos substantivos.

ABSTRACT

MACCOPPI, Grazielle Ueno. **Substantive epistemological elements of tourism as a social and human phenomenon**. 194 p. Thesis (PhD in Technology and Society) — Graduate Program in Technology and Society, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba 2023.

Given the reality of the devaluation of sciences and humanities, it's possible to identify a depreciation of the philosophical reflection in the production of scientific knowledge. Such depreciation is perceived in the field of tourism due to the theoretical and interpretative fragility that conditions its studies to reductionism and the maintenance of a disciplinary and deterministic approach. Tourism is defined as a complex social phenomenon that occurs in territorial relations. With the premise that philosophical reflection promotes critical and reflective study capable of generating renewal and updating of science, this work aims to contribute to an epistemological discussion in the field of tourism. Epistemology is understood as a form of applying knowledge, meaning it's linked to the method of knowledge production and exposition (Faria, 2022). The overall goal is to unveil the substantive elements of tourism as a social and human phenomenon. The critical proposition of knowledge is adopted as a reference through the Ontology, Critical Epistemology of the Concrete, organized to address the scope of Humanities, Social, and Applied Social Sciences with an emphasis on Organizational Studies. Stemming from the constituent elements and gaps in tourism, the coloniality of scientific knowledge and the hegemonic structure present in the epistemological foundations composing the phenomenon are identified. As a structure in pursuit of greater independence, a discussion emerges about the influence of technoscience and scientific autonomy in the field. In this context, substantive elements of the phenomenon emerge, capable of forming a more inclusive and diverse epistemological approach to tourism.

Keywords: epistemology of tourism, coloniality of scientific knowledge, substantive elements.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Representação gráfica do Ato Epistemológico..... | 26 |
| Figura 2 – Representação das fases da pesquisa na OECC | 32 |
| Figura 3 – Problematização (Fase I) | 34 |
| Figura 4 – Investigação (Fase II) | 36 |
| Figura 5 – Representação da etapa expositiva e estrutura da tese (Fase III) | 45 |
| Figura 6 – Produção científica anual no turismo | 50 |
| Figura 7 – Principais universidades em volume de produção acadêmica | 51 |
| Figura 8 – Quantitativo de autoria por país | 53 |
| Figura 9 – Produção científica do turismo por país..... | 53 |
| Figura 10 – Autores com maior produção no turismo | 55 |
| Figura 11 – Evolução das produções por autoria..... | 56 |
| Figura 12 – Documentos mais citados | 58 |
| Figura 13 – Evolução temática do conhecimento no turismo | 59 |
| Figura 14 – Mapa temático do conhecimento | 62 |
| Figura 15 – Filtros para o conhecimento aprofundado na fase da investigação..... | 64 |
| Figura 16 – Síntese dos marcadores históricos no turismo..... | 85 |
| Figura 17 – Elementos constituintes do conhecimento do turismo | 93 |
| Figura 18 – Abordagem Disciplinar (inaugural)..... | 101 |
| Figura 19 – Abordagem interdisciplinar | 104 |
| Figura 20 – Abordagem Integrativa – Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade, Interdisciplinaridade Empresarial e Extradisciplinaridade | 105 |
| Figura 21 – Abordagem micro e macrossociológica de motivação turística | 107 |
| Figura 22 – Campo de força do conhecimento em turismo | 109 |
| Figura 23 – Sistema do conhecimento em turismo | 111 |
| Figura 24 – Linha do tempo das abordagens interpretativas | 114 |
| Figura 25 – Sistema Social de Hospitalidade..... | 115 |
| Figura 26 – Elemento epistemológicos substantivos do turismo..... | 163 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Lacunas conceituais de turismo | 20 |
| Quadro 2 – Eixos estruturantes do Ato Epistemológico..... | 28 |
| Quadro 3 – Referências do campo articuladas a tecnociência e autonomia científica | 38 |
| Quadro 4 – Referências do campo articuladas a racionalidade substantiva | 41 |
| Quadro 5 – Síntese do estudo bibliométrico | 49 |
| Quadro 6 – Síntese de temas centrais e complementares a partir da evolução das temáticas | 60 |
| Quadro 7 – Abordagens teóricas ibero-americanas aplicadas a compreensão do turismo..... | 96 |
| Quadro 8 – Principais pesquisas sobre a epistemologia do turismo..... | 99 |
| Quadro 9 – Indicativos de novas fronteiras para o conhecimento do turismo | 121 |
| Quadro 10 - Estudos com indicativos de oportunidades autônomas | 139 |
| Quadro 11 – Distinções da teoria da vida humana por Guerreiro Ramos | 171 |
| Quadro 12 – A teoria substantiva e a teoria formal no contexto do turismo | 173 |
| Quadro 13 – Elementos da razão substantiva e contribuições ao fenômeno do turismo | 177 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| ABNT | Associação Brasileira de Normas Técnicas |
| ACI | <i>Airports Council International</i> |
| CLIA | <i>Cruise Lines International Association</i> |
| COVID | <i>Corona Virus Disease</i> |
| DTI | Destino Turístico Inteligente |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IA | Inteligência Artificial |
| IATA | <i>International Air Transport Association</i> |
| ICAO | Organização da Aviação Civil Internacional |
| IMO | Organização Marítima Internacional |
| IOT | Internet das Coisas |
| OCDE | Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico |
| OIT | Organização Internacional do Trabalho |
| OMT | Organização Mundial do Turismo |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PPGTE | Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade |
| SARS | <i>Severe Acute Respiratory Syndrome</i> |
| TD | Transformação Digital |
| TIC | Tecnologia da Informação e da Comunicação |
| UN | <i>United Nation</i> |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |
| UNWTO | <i>United Nation World Tourism Organization</i> |
| UTFPR | Universidade Tecnológica Federal do Paraná |
| WTO | <i>World Tourism Organization</i> |
| WTTC | <i>World Tourism Travel Council</i> |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | PERCURSO METODOLÓGICO..... | 23 |
| 2.1 | EPISTEMOLOGIA..... | 24 |
| 2.2 | ATO EPISTEMOLÓGICO | 25 |
| 2.3 | EIXOS ESTRUTURANTES DO ATO EPISTEMOLÓGICO | 28 |
| 2.4 | ETAPAS DA PESQUISA..... | 30 |
| 2.4.1 | Problematização..... | 32 |
| 2.4.2 | Investigação..... | 35 |
| 2.4.3 | Exposição e Estrutura da tese | 44 |
| 3 | O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO TURISMO..... | 47 |
| 3.1 | ESTUDO BIBLIOMÉTRICO | 47 |
| 3.2 | A COLONIALIDADE DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO TURISMO..... | 64 |
| 3.2.1 | Trajectoria do Turismo | 65 |
| 3.2.2 | Marcadores Históricos do Turismo | 70 |
| 3.3 | EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO NO TURISMO | 86 |
| 3.3.1 | Implicações Epistemológicas do Turismo..... | 94 |
| 3.3.2 | Abordagens Interpretativas do Turismo..... | 100 |
| 3.3.3 | Novas Fronteiras ao Conhecimento do Turismo | 116 |
| 3.4 | SÍNTESE REFLEXIVA | 122 |
| 4 | DA TECNOCIÊNCIA A AUTONOMIA CIENTÍFICA..... | 125 |
| 4.1 | CAMPO DE ESTUDO E EDUCAÇÃO EM TURISMO | 130 |
| 4.2 | OPORTUNIDADES DE AUTONOMIA DO CONHECIMENTO PELA VIA DA COLABORAÇÃO E COCRIAÇÃO | 134 |
| 4.3 | SÍNTESE REFLEXIVA | 140 |
| 5 | DO FORMAL AO SUBSTANTIVO: DESCENTRALIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO TURISMO | 146 |
| 5.1 | ELEMENTOS EPISTEMOLÓGICOS SUBSTANTIVOS DO TURISMO..... | 146 |
| 5.2 | REFLEXÕES EM TORNO DA RACIONALIDADE | 164 |
| 5.3 | TEORIA SUBSTANTIVA: CONTRAPONTO À RACIONALIDADE ECONÔMICA | 170 |
| 6 | CONCLUSÃO..... | 180 |

| | |
|-------------------------|------------|
| REFERÊNCIAS..... | 182 |
|-------------------------|------------|

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida no campo de conhecimento do turismo, reconhecendo a sua relevância enquanto atividade social, econômica, ambiental e humana. Tem como foco a necessidade de novas construções teóricas que sustentem a sua compreensão, considerando as amplas modificações do contexto global e dos efeitos nocivos da virtualidade e instantaneidade das relações advindas da transformação digital.

No tempo recente da pandemia do Covid-19, uma emergência global de saúde, social e econômica, sem precedentes, fez o turismo parar. O cenário mundial do turismo que desde o ano de 2009 era marcado pelo incremento do fluxo mundial de turistas internacionais e das receitas econômicas advindas desta movimentação, sofreu as consequências da pandemia de forma intensa. De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico — OCDE (2022), o turismo compunha uma linha ascendente com crescimento médio sustentado de 4% ao ano, até a chegada da pandemia do Covid-19. Em termos de representatividade econômica, o setor de viagens e turismo, é considerado um dos maiores setores do mundo. De acordo com o *World Travel and Tourism Council* (WTTC), representou em 2019, 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. No mesmo ano, o setor foi responsável por gerar um em cada quatro novos empregos no mundo, além disso, os gastos com visitantes internacionais atingiram US\$ 1,7 trilhão em 2019 (6,8% do total das exportações, 27,4% das exportações globais de serviços).

De acordo com os dados da *World Tourism Organization a United Nations Specialized Agency* (UNWTO), em português, Organização Mundial do Turismo (OMT) e com a agência mundial vinculada a *United Nation* (UN) ou Organização das Nações Unidas (ONU) para o desenvolvimento do turismo, a queda média no fluxo internacional de turistas em 2020 chegou a 73% negativo em comparação ao ano anterior, o mesmo ocorreu em 2021 que manteve o patamar negativo em 71% (United Nations World Tourism Organization, 2022).

Ao recordar a trajetória histórica de superação econômica do setor turístico, é possível caracterizá-lo como resiliente. Segundo a UNWTO (2022), o setor é representativo por administrar a vulnerabilidade e a sazonalidade, superando crises e mantendo-se em crescimento econômico. Foi, por exemplo, o que ocorreu com o surto de SARS em 2002, com a gripe suína de 2009, a crise econômica mundial de 2009, a

crise terrorista em 2011, o surto de gripe H1N1 em 2011/2012 (United Nations World Tourism Organization, 2020). Todos estes acontecimentos não derrubaram a sua média de crescimento mundial. No entanto, em 2020 o cenário se modificou radicalmente. O turismo foi atingido intensamente com os impactos gerados pela Covid-19 (United Nations World Tourism Organization, 2020).

A paralisação repentina do fluxo turístico e todas as consequências advindas com a pandemia, subsidiaram a fundação do Comitê de Crise Global do Turismo¹. Esse comitê, sob a coordenação geral da OMT, se tornou o órgão responsável por debater e estabelecer medidas emergenciais e uma estrutura prioritária de retorno e recuperação do turismo (United Nations World Tourism Organization, 2020). Neste sentido, foram estabelecidos programas, projetos, normativas e recomendações, que vão desde políticas públicas emergenciais até novas diretrizes globais para o turismo (United Nations World Tourism Organization, 2020).

A Diretriz Global do Turismo (United Nations World Tourism Organization, 2020, p. 7) apresenta como objetivo fornecer estratégias para reiniciar o turismo a partir de 2020 com foco na comunicação centrada no ser humano, na empatia, na segurança e na conexão e estabelece como princípios norteadores:

1. Viagem segura e perfeita para residentes, viajantes e trabalhadores em total respeito às normas sanitárias;
2. Comunicação clara e baseada em evidências protocolos e informações;
3. Compartilhamento de dados com base em consentimento e regulamentos aplicáveis, e em total respeito pela privacidade dos dados e políticas;
4. Não discriminação de viajantes;
5. Transformação digital;
6. As medidas contidas na diretriz permaneceram em vigor, o tempo necessário com respectivos protocolos que serão substituídos com melhores alternativas ou removidos como a situação permitir.

Relevante considerar que o documento foi elaborado no contexto da pandemia do Covid-19 e compreende que o momento atual faz parte de um período específico, sendo assim, mesmo que as fronteiras sejam reabertas e as restrições de viagens diminua, o setor manterá o atendimento dos princípios estabelecidos (United Nations

¹ O Comitê é composto por representantes dos Estados Membros da OMC e Membros Afiliados do setor privado, juntamente com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização da Aviação Civil Internacional (ICAO), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Organização Marítima Internacional (IMO), a Banco Mundial, bem como a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O setor privado é representado pelo *Airports Council International (ACI)*, *Cruise Lines International Association (CLIA)*, *International Air Transport Association (IATA)* e *World Travel and Tourism Council (WTTC)*.

World Tourism Organization, 2020). A Diretriz Global é um documento, que simboliza a materialização por parte da maior representatividade na produção mundial do turismo.

Outro elemento importante que já vinha sendo considerado e debatido, mas que ganha relevância a partir da pandemia, é a tecnologia. Como aponta Lypovetsky (2020), a sociedade está imersa em um conjunto de aparatos tecnológicos, que promovem modificações no modo de perceber e de se relacionar com a vida. Nesta perspectiva, a realidade tecnológica provoca, de forma ampla, alterações estruturais de ordem social, política, ética e filosófica (Harari, 2018), desencadeando, segundo o autor uma ampla mudança de comportamento social.

Apesar de não haver uma definição consensual sobre o que é transformação digital, Picard (2021) esclarece que a adoção do termo está diretamente relacionada com uma mentalidade progressiva e contínua de fazer uso de novas tecnologias. Para Udovita (2020), a transformação digital é uma combinação entre procedimentos de digitalização e inovação digital, que busca atuar de forma sincronizada com as estratégias de negócios.

A transformação digital nos serviços turísticos tem afetado o setor de forma antagônica. Como explica Buhalis (2009), de um lado, está a “indústria” fortemente afetada pela tecnologia e pelas modificações na forma de operar as estruturas organizacionais e dinamizar os processos. Por outro lado, o setor turístico que é majoritariamente composto por micro e pequenas empresas, apresentam baixíssimos índices de competência digital (Buhalis, 2009). Ou seja, as condições da mão de obra em acompanhar a velocidade proposta pela tecnologia está distante de ser uma realidade para o setor.

De acordo com Buhalis e Amaranggana (2015), a transformação digital no turismo é percebida pela inserção de novos atores em sua estrutura, como as agências de viagens *online*, mecanismos de metabusca e plataformas de serviços de viagens, que passaram a remodelar toda a cadeia de valor do turismo. Nesta direção, Abbassian e Kawa (2019) alertam sobre a soberania desleal das plataformas digitais. Estas plataformas, que fornecem pesquisa de informações de viagens, reservas e hospedagens, transportes e serviços financeiros, são empresas privadas e reúnem *software*, *internet*, *hardware*, finanças, logísticas e infraestrutura, estabelecendo o controle e a operacionalização dos serviços de viagens (Abbassian & Kawa, 2019).

A partir da estrutura tecnológica e do espaço digital que vem se configurando, Abbassian e Kawa (2019) cunham o termo colonialismo digital no turismo. Uma referência a um regime econômico global, que se revela com as grandes corporações de tecnologia para assegurar o domínio digital do mercado turístico, o que poderia acarretar numa dependência estrutural da tecnologia e do conhecimento dos serviços digitais, por parte dos envolvidos na estrutura turística (Abbassian & Kawa, 2019).

Neste aspecto a originalidade e identidade inerente do território poderiam ser desfigurados pela transformação digital. Como alertam Abbassian e Kawa (2019), os elementos tecnológicos precisam ser trabalhados de forma estrutural, visando a sustentabilidade do território envolvido. Caso contrário, podem se tornar altamente destrutivos, influenciar tendências sociais, moldar opinião pública, enganar e prejudicar a imagem de um destino turístico e por consequência gerar prejuízos a população que depende desta relação (Abbassian & Kawa, 2019). Tal como descrito, a transformação digital configura um contexto complexo ao turismo, especialmente pelo potencial interferência na identidade territorial e na alteração das condições sociais presentes no território.

Esses elementos contextuais globais aumentam um desafio que existe no campo do turismo. A necessidade de teorizações capazes de compreender a essência do fenômeno, para além de seus aspectos operacionais, enquanto atividade econômica. Se já não havia uma definição única e consensual sobre o que era o turismo antes da pandemia e da transformação digital, atualmente ela se tornou mais distante, mas também mais emergente. Aquino (2019) já indicava uma precarização dos estudos teóricos e do debate científico em torno do conhecimento em turismo. De acordo com Ajanovic e Cizel (2021) esta precarização fica evidente na evolução histórica do conhecimento científico da área. Os autores nomeiam um conjunto de iniciativas mercadológicas para justificar a limitação do conceito de turismo, que desembocam na excessiva valorização enquanto setor produtivo (Ajanovic & Cizel, 2021).

De acordo com Pakman (2014), o dissenso sobre a definição de turismo está relacionado a UNWTO ou OMT, que deteve o lugar de autoridade do setor turístico. Esta superioridade se deu, de acordo com Pakman (2014), pela necessidade de estabelecer regras e critérios operacionais ao turismo para definição de padrões e gerenciamento de dados estatísticos. A partir do estabelecimento de um conjunto de terminologias, especialmente para o controle econômico de mais de 500 países, o

conceito de turismo estabelecido pela *UNWTO* permaneceu sem aprofundamento científico durante uma década (Pakman, 2014). Esta limitação, segundo descreve Pakman (2014), se deu pela ausência de uma definição clara sobre o que é o turismo e quais são os seus elementos constituintes.

Ao observar o turismo sob o ponto de vista da construção do conhecimento, é possível afirmar que existe uma fragilidade teórica que o afasta da cientificidade. A dificuldade interpretativa do turismo, de acordo com Jamal e Choi (2003), é a principal razão que condiciona os estudos científicos da área ao reducionismo e à manutenção de uma abordagem disciplinar. Nesta direção, como descreve um dos pioneiros em sistematizar o campo científico do turismo, Jafar Jafari (1994), é responsabilidade da comunidade acadêmica a formação de uma plataforma interpretativa ao turismo que transcenda as concepções formais atuais. Desta maneira, não havendo outros modelos interpretativos do turismo, mantém-se as formas e ocupações dos discursos já institucionalizados e devidamente postos nas relações do campo científico.

Como descreve Mura e Sharif (2017), as discussões teóricas críticas ao turismo partem das áreas acadêmicas, especialmente pelas limitações das abordagens do funcionalismo e o pós-positivismo orientados para a gestão e pesquisa aplicada (Mura & Sharif, 2017). Sendo assim, as pesquisas científicas de turismo de acordo com Mura e Sharif (2017) permanecem centradas na operacionalização da atividade, no crescimento da indústria criando uma visão econômica tradicional (Hall, 2005) e circular que persiste. Para Hall (2005), outro fator que conserva o campo científico de base positivista está relacionado com a globalização e com o avanço da tecnologia. Afirma o autor, que invariavelmente a potencialização tecnológica estimula o consumo das viagens e das atividades de lazer, estabelecendo uma interdependência que Urry (2000) nomeia como fatores sociais culturais a serviços dos destinos turísticos.

Por outro lado, apesar da forte representação funcionalista do turismo, enquanto atividade econômica, é necessário considerar outras dimensões de turismo que busquem conciliar os objetivos de eficiência econômica com os princípios de sustentabilidade social, equidade, identidade cultural e preservação dos recursos naturais. Um destes exemplos é o turismo de base comunitária ou turismo comunitário. De acordo com Maldonado (2009) o conceito surgiu na década de 80 e apesar de não haver consenso científico, até hoje possui como premissa o envolvimento conjunto de diferentes atores sociais, acadêmicos e organizações não governamentais para

oportunizar um turismo com vistas ao bem-estar e a preservação da qualidade de vida das comunidades locais (Maldonado, 2009).

Como afirmam Grimm e Sampaio (2011), no turismo, as práticas de base comunitária conciliam com o não convencional. Para Maldonado (2009), o ponto de partida para o seu desenvolvimento é justamente a valorização da autenticidade do lugar para a experiência de quem o visita. Esta lógica privilegia as relações presentes no território e se associa com o sentimento de pertencimento e de formação pedagógica da comunidade local, que se volta para o planejamento do turismo (Maldonado 2009; Grimm & Sampaio, 2011). Além do turismo de base comunitária, outras dimensões de turismo, como o turismo rural, agroecológico, voluntário, estão pautadas em gerar novas inspirações para uma prática mais sustentável e condizente com a aprendizagem mútua e intercultural.

Retomando as limitações interpretativas do turismo, Moesch (2002) em seus estudos sobre a epistemologia do turismo, afirma que o saber turístico é um fazer-saber, numa alusão a não existir saber além daquele resultante do fazer (Moesch, 2002, p. 13). Esta colocação se deu a partir dos estudos de Fuster (1974) em *Teoría y técnica del turismo* cuja abordagem funcionalista e reducionista, restringe o fenômeno a um conjunto pré-determinado e condicionado que almeja eficiência. Para Moesch (2002), esta limitação interpretativa se dá tanto pelo enfoque determinista, quanto pelo tratamento disciplinar com que o objeto foi sendo analisado cientificamente. Desta forma, a visão economicista do turismo se fez majoritariamente presente nas pesquisas e nos conceitos desenvolvidos. A consequência desta visão fragmentada para o turismo, formatou uma fragilidade reflexiva e crítica em torno das interferências sociais e humanas que o constitui (Moesch, 2002).

Com o livro *Turismo como fenômeno humano*, Sampaio (2005, p. 30), alerta para a necessidade de incorporação dos valores humanos às discussões teóricas do turismo. “O turismo é causa-efeito de uma dinâmica humana, entre deslocar-se e permanecer. Novos modos de ação humana surgem, concomitantemente, quando modos de agir tradicionais estão desaparecendo”. Sob a ótica das ciências sociais, Sampaio (2005) destaca a necessidade de incorporar ao debate científico do turismo, outras racionalidades, além das econômicas, especialmente para contemplar os impactos gerados às comunidades receptoras do turismo.

Partindo do movimento de complementaridade e reformulação conceitual para o turismo, cita-se a mudança de abordagem realizada pela UNWTO em 2008. Como

discorre Pakman (2014), ao longo da história a organização mundial do turismo foi tida como referência central em torno das definições e a modificação conceitual do turismo, foi um marco importante para colocar o turismo em outro patamar.

O conceito de turismo estabelecido pela OMT em 1999:

O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado (United Nations World Tourism Organization, 1999, p. 5).

Neste conceito é clara a força econômica e financeira atribuída ao turismo e que definem seu reflexo nos atores envolvidos na sua produção, assim como nos lugares visitados, denotando importância ao que é movimentado economicamente com o turismo. No conceito de 2008, a abordagem da UNWTO se modifica e volta-se para o que é o turismo e não para os sistemas que ele influencia. O turismo é um fenômeno social, cultural e econômico, que envolve o movimento de pessoas para lugares fora do seu local de residência habitual, geralmente por prazer (United Nations World Tourism Organization, 2008, p. 1).

Segundo Pakman (2014), esta modificação, indica o fim de uma era de exigências práticas e aplicáveis, ultrapassando a interpretação reducionista e demarcando um novo marco interpretativo ao fenômeno. Sob a demanda de uma transição conceitual do turismo, exige uma abordagem epistemológica aderente, que comporte a discussão de novas teorias, que compreendam, não só operacional da atividade, mas que problematizem o turismo como fenômeno sociológico contemporâneo, influenciado pelas novas conformações da sociedade global, suas emergências e transformações, como a pandemia do Covid-19 e a transformação digital.

A teoria do turismo, como descreveu Jafari (1994) foi desenvolvida pela ótica da administração e da economia, é natural que num momento de crise, como a pandemia do Covid-19, surjam outras investigações para dimensionar as forças que compõem esta produção.

Surgem também questionamentos mais profundos sobre a dinâmica com que são fundados os conhecimentos no turismo, na sua origem e não apenas discussões dadas da sua operacionalidade. Como afirma Meira e Meira (2007), o turismo não é apenas um negócio, mas é uma prática social que se transforma em um negócio e se

configura como produto de consumo. Porém, é necessário acrescentar que não é qualquer produto de consumo, pois reúne uma diversidade de fatores associados à sua natureza enquanto fenômeno social e humano. Tendo em conta isso, para atentar a problemática teórica e científica, são necessárias reflexões epistemológicas e ontológicas, as quais se propõe contribuir com este trabalho. Nesse sentido, como posto por Santos (2000) as posturas epistemológicas repousam sobre uma arena de forças presentes na sociedade e na comunidade científica. Para delinear um campo científico de forma mais autônoma, se torna fundamental, pensar sobre a produção científica que opera atendendo às formas de poder já dominantes (Santos, 2000).

É de qualquer modo, indicativo do reconhecimento de um repensar do turismo, mesmo que seja para promover a reorganização das práticas comerciais em esfera mundial a serviço de uma nova realidade. Ou ainda, para reconhecer os limites das relações mercadológicas entre oferta e demanda diante das relações sociais e humanas que compõem o turismo. Seja como for, existe de forma expressa a necessidade de reconhecimento sobre as incertezas identitárias da área e dos modelos exauridos postos a sua compreensão.

Em cenário mundial, Jamal e Choi (2003), extraíram de pesquisas da área de turismo realizadas nas décadas de 1980 e 1990, conceitos que já indicavam a necessidade de ampliação da compreensão teórica incorporando preocupações do ambiente social. O objetivo da pesquisa de Jamal e Choi (2003) era propor um quadro de análise interdisciplinar entre o turismo e o patrimônio, tendo como fio condutor as barreiras socioculturais. Os autores identificaram dentre os pesquisadores da época, os conceitos de turismo que propunham a necessidade de ampliação das discussões científicas em turismo, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Lacunas conceituais de turismo

| Conceito de turismo | Referência |
|---|----------------------------|
| Viagens e turismo ajudam a produzir novos conhecimentos e entendimentos sobre o ser e sobre a sua identidade . | Lanfant (1995) |
| O turismo está rapidamente se tornando o veículo emancipatório de populações inquietas, povos subjugados, e que renunciam de forma corretiva a si mesmos e seus preciosos tesouros ou ambientes sagrados para o mundo. | Hollinshead (1998a, 1998b) |
| Está se tornando rapidamente o canal que ajuda a renderizar o mundo muito mais 'plural' e/ou 'novo' , particularmente "à medida que o não-ocidente acumula os recursos para responder e ser ouvido no Ocidente" | Featherstone (1995) |

| | |
|---|---|
| Sob a chamada crise tardia de representação de e sobre as coisas, o turismo e as viagens têm um papel cada vez maior não apenas na geração de entendimento sobre a cultura e natureza , mas na vigilância das populações e na disciplina dos povos. | Deleuze e Guattari (1984) e Featherstone (1995) |
|---|---|

Fonte: elaborado, traduzido e grifado pela autora (2023) com base em Jamal e Choi (2003).

Diante deste contexto de dissenso conceitual e de limitação, o desafio das investigações científicas no campo do turismo é, ainda, talvez definir o que se entende como turismo e promover um diálogo de aproximação de interpretações. Assim, a lacuna a ser investigada deste trabalho, reside na complexa compreensão do turismo enquanto prática social e humana para além da sua instrumentalização por agentes econômicos. Tendo como referência as relações do turismo com a territorialidade, o trabalho inspira-se em proporcionar uma alternativa epistemológica coerente a este vínculo.

Com o cenário da dinamicidade do conhecimento científico e da relevância do pensamento epistemológico para oportunizar um debate crítico e reflexivo somada às modificações estruturais e comportamentais geradas pelo avanço tecnológico, emerge a questão norteadora da pesquisa: **quais elementos epistemológicos substantivos emergem do turismo como fenômeno social e humano?** Nesse sentido, esta tese caminha em busca de uma compreensão do turismo, em que as relações sociais e humanas são a gênese da sua prática.

Com base na reivindicação pelos elementos constituintes e conexões presentes na historicidade do turismo, o objetivo geral da tese é: **desvelar os elementos substantivos do turismo como fenômeno social e humano.**

Como parte do caminho percorrido definiu-se os seguintes objetivos específicos:

- i. analisar como o conhecimento do turismo está organizado no tempo e no espaço;
- ii. refletir sobre a relevância epistemológica para a autonomia científica do campo;
- iii. eleger os elementos epistemológicos simbólicos do turismo como fenômeno social e humano.

Tendo delineado os objetivos da pesquisa, afirma-se que este estudo atende a proposta do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na medida em que estuda as

transformações e as mudanças ocorridas na sociedade. Como reforça Raynaut (2020), a universidade é espaço para redução de fronteiras, local de troca e compartilhamento, onde diferentes olhares científicos são postos sobre um mesmo objeto, conduzidos pelo rigor científico e pela constante dúvida sobre o papel do homem e da sociedade.

Este estudo também concilia a reflexão crítica e interdisciplinar entre as práticas da sociedade, assim como a disseminação e materialização de conhecimentos associados com a interdisciplinaridade, a postura crítica reflexiva e o referencial epistemológico e ético (Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, 2020).

Por fim, a tese integra a linha de pesquisa Tecnologia e Desenvolvimento, contribuindo para o progresso de estudos orientados para aspectos de apropriação e de transformação de espaços geográficos, integrados em redes de relações sociais, culturais e econômicas (territorialidade). Atendendo às diretrizes do Grupo de Pesquisa — Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Avaliação de Sustentabilidade (NIPAS), pela compatibilidade com a perspectiva de sustentabilidade e de desenvolvimento posto pela territorialidade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A dinâmica do conhecimento científico revela um processo em constante evolução, no qual teorias, hipóteses e paradigmas são continuamente postos à prova e redefinidos à luz de novas evidências e descobertas. Essa dinâmica é intrínseca ao próprio pensamento científico, que valoriza a revisão constante e a adaptação das teorias, à medida que o entendimento da realidade se aprofunda. No entanto, esse processo também apresenta desafios consideráveis, especialmente no que diz respeito às reflexões epistemológicas e as metodologias utilizadas para acessar e compreender a realidade.

Dito isso, o pensamento epistemológico é considerado fundamental para a compreensão de características complexas e para questionar a essência do próprio conhecimento. Raynaut (2020) enfatiza os desafios envolvidos na produção do conhecimento, destacando a constante necessidade de crítica intelectual e renovação teórico-metodológica para o progresso científico. Neste contexto, aponta o conhecimento interdisciplinar como um dos caminhos possíveis para superar os desafios contemporâneos, ressaltando como a complexidade das características naturais e sociais tem desafiado abordagens tradicionais, exigindo a exploração de novos métodos e a colaboração entre diferentes campos do conhecimento (Raynaut, 2020).

Dada a relação intrínseca que permeia a ciência e a construção do conhecimento, Raynaut (2020) introduz o debate sobre a questão da objetividade e enfatiza a presença contínua de elementos subjetivos inerentes à natureza humana em qualquer teoria ou pesquisa. Ao considerar a complexidade e a presença de elementos subjetivos, o autor sugere integrar de maneira holística e inclusiva a diversidade de perspectivas nas pesquisas científicas para promover o avanço da ciência. Nesse sentido, o autor destaca o desafio da reflexão crítica e da epistemologia na produção do conhecimento científico (Raynaut, 2020).

A escolha por uma abordagem epistemológica do turismo, surge do reconhecimento da complexidade do fenômeno turístico e da necessidade de questionar a dinâmica da produção do conhecimento diante da sua realidade atual. Teorias que foram consideradas corretas por décadas podem ser reformuladas ou substituídas, o que ressalta a necessidade de uma atitude crítica e aberta à mudança (Dutra Silva & Fernandes, 2020). O movimento dinâmico do conhecimento científico

apela para novas formas de pensar, novas metodologias de pesquisa, novas formas de ensinar e sobretudo se abre a novas interpretações.

Essa busca não apenas enriquece o entendimento, mas também nos desafia a permanecer vigilantes diante dos desafios do conhecimento científico. Como colocam Dutra Silva e Fernandes (2020), para superar a crise das humanidades, não apenas nas ciências humanas e sociais, mas também em qualquer outra área do conhecimento, é necessário avançar de maneira inclusiva, considerando a complexidade das ciências e as múltiplas relações que surgem a partir do conhecimento científico.

Diante da busca pela valorização da ciência e das relações humanas e sociais que permeiam a produção científica do turismo, o percurso metodológico descreve a epistemologia como Ato Epistemológico e a partir dele se define as etapas da pesquisa e a estrutura da tese.

2.1 EPISTEMOLOGIA

A compreensão de epistemologia se pauta nos preceitos de fundamentar os problemas que surgem na sociedade, na tentativa de organizar e estabelecer limites destes problemas, dentro da prática científica. A noção de que o conhecimento científico evolui ao longo da história, é resultado da interação entre teoria e prática, que remonta aos empiristas e que reconhece que o conhecimento científico é parcialmente limitado e requer uma combinação constante de experiência prática para se desenvolver (Japiassu, 1986).

O campo de estudo da epistemologia, como descreve Japiassu (1986) é voltado para observar os processos e métodos científicos e por consequência, caracteriza-se por uma ação interrogativa de base questionadora. Direcionada a compreender as condições de elaboração, de gênese, de organização, de estruturação ou de crescimento do conhecimento científico. “A tarefa da epistemologia consiste em conhecer este devir e em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo” (Japiassu, 1986, p. 27).

Na mesma direção, Faria (2015) destaca a construção textual, como lugar possível para se estabelecer uma base estrutural do pensamento reflexivo, a partir do rigor científico e da sistematização coerente. A coerência epistemológica emerge

como a única garantia que o pesquisador possui para conduzir uma exploração significativa das teorias, que permite discussões teóricas e confrontos conduzidos com o mais alto grau de objetividade.

A Epistemologia é o estudo crítico e ordenado sobre o Ato Epistemológico, ou seja, é o estudo crítico sobre como, metodologicamente, o conhecimento rigoroso (científico, filosófico e tecnológico) é social e historicamente produzido (a partir da relação ontológica objetiva e subjetiva sujeito objeto, consciência matéria), sistematizado e exposto (publicizado) segundo princípios socialmente condicionados e validados (Faria, 2022, p. 166).

Como indica Faria (2022), a epistemologia possui em seu próprio discurso científico o poder de enunciar sem sair de si, contém em si os princípios da sua própria teoria, dando a soberania e autonomia de construir-se, sem choques de forma esclarecedora como e quando desejar. Esta pesquisa adere o conceito de epistemologia, apresentada por Faria (2022), com forma, processo e estrutura capaz de possibilitar a confrontação coerente das teorias já existentes do turismo.

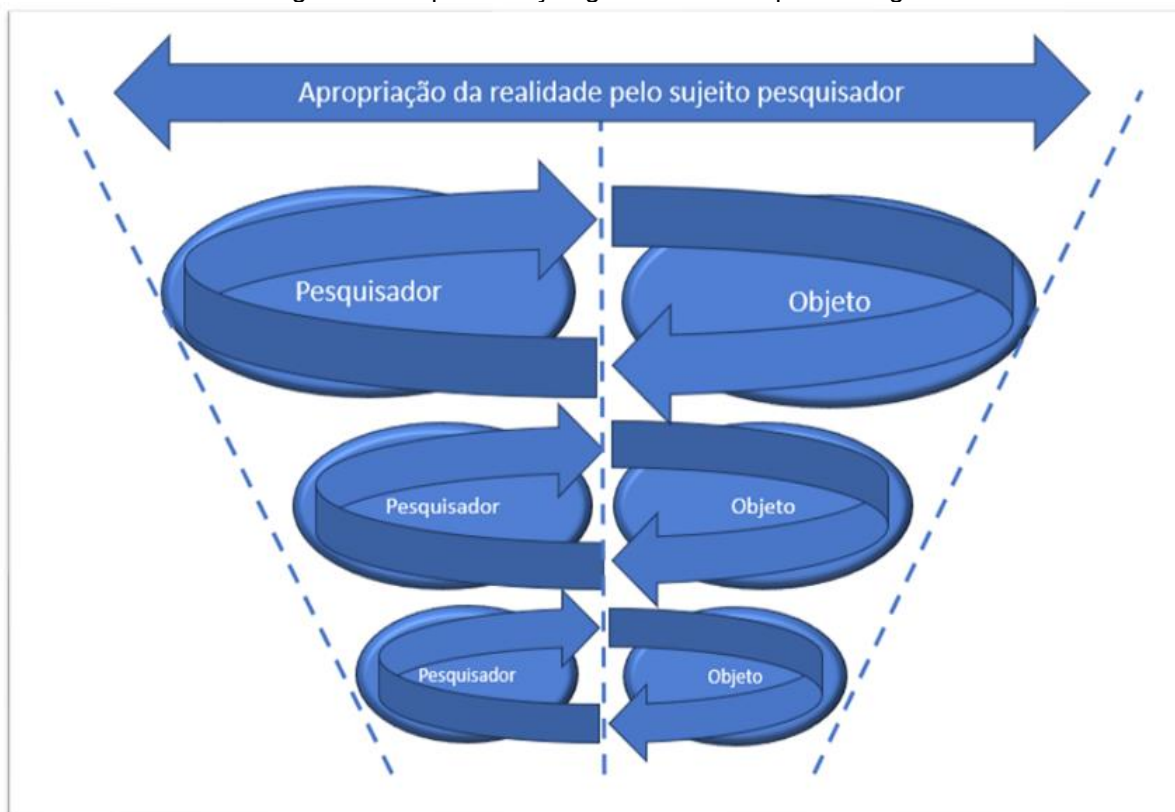
2.2 ATO EPISTEMOLÓGICO

A base central para o desenvolvimento do percurso metodológico da tese concilia com a obra “Introdução à Epistemologia: Dimensões do Ato Epistemológico” do Professor José Henrique de Faria publicada em 2022. De forma mais específica com a proposta Ontologia Epistemologia Crítica do Concreto nos Estudos Organizacionais (OECC–EOR), que parte da definição de epistemologia, como um Ato Epistemológico, um estudo que se ocupa da produção do conhecimento e de como o conhecimento é produzido e apropriado pelo pesquisador enquanto sujeito social (Faria, 2022).

O Ato Epistemológico é o processo complexo e dialético que se dá a partir da relação reflexiva do sujeito pesquisador com a forma com que o objeto ou fenômeno é pensado, da relação contida entre matéria e consciência (Faria, 2022). É deste fluxo dinâmico de pensamento que o pesquisador identifica e extrai os elementos constituintes do fenômeno. É também do pensamento do pesquisador sobre o objeto/fenômeno que se gera a capacidade de organizar e constituir um eixo central de análise na epistemologia, sob a forma de categorias. Assim, do pensamento crítico e reflexivo do pesquisador sobre um determinado objeto/fenômeno que é dada a sustentação e a base analítica da pesquisa epistemológica (Faria, 2022).

A Figura 1 a seguir, é uma tentativa de representar graficamente o movimento estabelecido pelo Ato Epistemológico, que serve como guia de abstração necessária para explorar o campo epistemológico, aqui do conhecimento científico do turismo. De acordo com o autor, o real é concebido como um elemento histórico que requer uma análise crítica para ser compreendido e representado.

Figura 1 – Representação gráfica do Ato Epistemológico



Fonte: autoria própria (2023) com base em Faria (2022).

Nesta perspectiva, o objeto de pesquisa, configura-se como o produto elaborado a partir do pensamento do pesquisador. Ontologicamente o investigador se constitui como um ser social que estabelece a interação com o objeto. O resultado dessa interação se manifesta em um movimento dialético de geração de conhecimento, em que a matéria concreta desse processo de tensionamento é o resultado da apropriação da realidade pelo sujeito pesquisador (Faria, 2022).

Do ponto de vista ontológico, é o pesquisador que criticamente tem a função de compreender e representar a realidade. Por esta razão deve se considerar que, enquanto sujeito social, revela do objeto de estudo, o que existe historicamente e de forma condicionada às suas relações sociais com o objeto (Faria, 2022). Ou seja, a compreensão do objeto não se baseia em uma teoria pré-estabelecida, mas é

construída a partir das diretrizes metodológicas que são fundamentadas em uma determinada dimensão epistemológica. Nesta direção, a apropriação da realidade do objeto se dá de forma não sequencial, assim como também não é hierárquica (Faria, 2022).

Nesse ponto, vale destacar que o conhecimento científico do turismo é investigado neste trabalho, sem uma teoria de base pré-estabelecida, assim como não há intenção de modelar ou sistematizar o conhecimento dentro de uma dimensão única. Mas compreender como o conhecimento da área se moldou no tempo e no espaço e quais as lacunas interpretativas merecem maior destaque em relação ao contexto atual. São estes elementos que podem indicar a uma complementariedade na compreensão do turismo como fenômeno social e humano.

Como posto por Faria (2022), desenvolver pesquisas de cunho epistemológico, reforça a necessidade de adoção de uma abordagem que vá além da superfície, adentrando nos fundamentos que moldam a forma como estudamos, adquirimos e avaliamos o conhecimento. Os conceitos e teorias são profundamente interligados e podem ser intrincados, confusos e por vezes existe a necessidade de reconhecer um despreparo acadêmico para o desenvolvimento de uma análise meticulosa e uma compreensão mais aprofundada (Faria, 2022).

Dentre as dificuldades que afastam os pesquisadores dessa abordagem e que mantém de certa forma a superficialidade científica, existem fatores como: o despreparo na formação acadêmica para um pensamento reflexivo (Raynaut, 2020), o enfraquecimento das ciências humanas e a fragilidade de conhecimentos básicos de interpretação filosófica e sociológica (Dutra Silva & Fernandes, 2020), as forças produtivas impostas ao fazer das universidades (Faria & Walger, 2020), com controle produtivo e a exímia temporalidade para o desenvolvimento de pesquisas.

Ao resgatar a questão norteadora da pesquisa: **quais elementos epistemológicos substantivos emergem do turismo como fenômeno social e humano?** Assume-se de pronto a questão epistêmica e o conhecimento como um ato dinâmico decorrente da relação entre o sujeito e a realidade que o estabelece, como preconiza o Ato Epistemológico. Nega-se desta forma a pretensão única e universal de compreensão do turismo e reconhece-se que o conhecimento é resultado do pensamento, da relação entre o sujeito e a realidade, cabendo distintas interpretações a um objeto/fenômeno.

2.3 EIXOS ESTRUTURANTES DO ATO EPISTEMOLÓGICO

Entendendo que existem condições fundamentais para que o processo epistemológico seja realizado e compreendido nos estudos de Ciências Humanas Sociais e Sociais Aplicadas, Faria (2022) organizou eixos que caracterizam e dimensionam o Ato Epistemológico como expõe o Quadro 2.

Quadro 2 – Eixos estruturantes do Ato Epistemológico

| | | |
|------|---------------------------------|---|
| I | Humanização | O Ato Epistemológico é ato propriamente humano, da natureza (ou condição) humana. O conhecimento sobre um objeto representa a humanização do objeto, ou seja, sua apropriação como objeto pensado; |
| II | Representação pelo conhecimento | Não é o objeto que é produzido pelo pensamento, mas o conhecimento sobre ele. O objeto existe externamente ao sujeito e independentemente de ele acessá-lo ou representá-lo. A representação do objeto não ocorre sem que ele seja cognoscível. O que não pode ser conhecido não pode ser representado; |
| III | Simultaneidade | O objeto é ele próprio ao mesmo tempo matéria prima e resultado do Ato Epistemológico. A representação (a apreensão do objeto pelo pensamento) é necessariamente a forma do objeto para si, do objeto abstraído no Ato Epistemológico; |
| IV | Consciência | O conhecimento se apresenta necessariamente como uma abstração do objeto, ou seja, a consciência representa (reproduz) o objeto (a matéria do conhecimento) como objeto pensado (matéria pensada) e não como objeto em si; |
| V | Limites | O Ato Epistemológico não se esgota na produção investigativa do conhecimento. As condições em que se dá a investigação, suas exigências prévias, a exposição e tudo que esta pode suscitar, também constituem este Ato; |
| VI | Método | A produção do conhecimento rigoroso exige um método adequado. O “como” produzir não é um modo qualquer no qual se encontra qualquer resultado; |
| VII | Relação objetivada | A produção deste conhecimento ocorre na relação objetivamente determinada sujeito-objeto, o que significa que se considera superada a distinção entre objetividade e subjetividade inerente a esta relação; |
| VIII | Condição | Os determinantes sociais e históricos não são equivalentes coercitivos de uma submissão da epistemologia às pré-condições da sua produção; |
| IX | Processo | O processo de pensamento que forma a consciência sobre o real é socialmente subjetivo. Este processo subjetivo objetiva-se na consciência concreta sobre o real na forma de real pensado; |
| X | Objetividade | Conhecimento objetivamente determinado significa a condição objetiva de representar o objeto de um modo não casual, mas previamente disposto (planejado, definido) em que descobertas originais podem ser (geralmente são) indeterminadas; |
| XI | Condição | Mesmo o conhecimento inovador, transformador e revolucionário se |

| | | |
|------|--------------|---|
| | | encontra social e historicamente condicionado; |
| XII | Determinação | O problema ontológico é essencial ao enfatizar, ao mesmo tempo, o sujeito pesquisador como ser social e o objeto da pesquisa como historicamente determinado pelas condições concretas em que se encontra e se desenvolve; |
| XIII | Lacuna | A exposição do conceito e da teoria, assim como sua produção, é socialmente validada de forma objetiva em seu tempo histórico, afastando-se, portanto, do dogmatismo e dos modelos/ paradigmas definitivos. Se tudo já estivesse dado, nada mais haveria a ser descoberto e proposto; |

Fonte: autoria própria (2023) com base em Faria (2022, p. 167).

As características foram basilares, para compreender o conhecimento científico do turismo como objeto de estudo, assim como contribuiu para estruturar o processo de investigação, a fim de identificar os elementos epistemológicos substantivos que emergem do turismo como fenômeno social e humano. Dentre estas características, destacam-se a humanização, a representação, o processo do conhecimento e a objetividade.

A epistemologia, como o ato central do conhecimento humano, é intrinsecamente vinculada à nossa natureza e condição como seres humanos. Ela implica a humanização de objetos por meio de sua apropriação mental, convertendo-os em entidades pensadas. No entanto, é importante reconhecer que o objeto em si existe independentemente da mente, e o conhecimento sobre ele não é uma criação do pensamento, mas sim uma representação do objeto cognoscível.

Essa representação ocorre simultaneamente com a própria apreensão do objeto, destacando que a consciência desempenha o papel de reproduzir o objeto pensado, não o objeto em sua realidade objetiva. A epistemologia, portanto, se desenrola na interseção entre a consciência e o objeto, onde a relação entre sujeito e objeto é superada, gerada em uma forma de conhecimento objetivamente determinado.

Esse processo de produção de conhecimento rigoroso é orientado por um método adequado, uma abordagem intuitiva e definida que transcende resultados casuais. A epistemologia não é limitada às pré-condições de sua produção, mas sim moldada por determinantes sociais e históricos, enquanto ainda mantém sua natureza subjetiva no contexto da realidade.

A objetividade do conhecimento é arraigada na representação precisa e não casual do objeto, com espaço para descobertas originais dentro de um quadro

previamente definido. Faria (2022) esclarece, que mesmo o conhecimento inovador é influenciado por condições sociais e históricas, e a epistemologia enfatiza a relação entre o pesquisador como ser social e o objeto da pesquisa como entidade historicamente determinada.

É possível compreender, que no cerne da epistemologia reside o problema ontológico, que reconhece a interdependência entre o sujeito e o objeto. A exposição e produção de conceitos e teorias são validadas socialmente em seu contexto histórico, evitando dogmatismos e modelos definitivos (Faria, 2022). De acordo com o autor, a epistemologia é um processo contínuo de reflexão e investigação, que desafia as fronteiras do conhecimento estabelecer e busca constantemente compreender e representar o mundo de maneira mais precisa e abrangente.

O tema da epistemologia em turismo precisa ser analisado e discutido também sob outras perspectivas, de forma que seja possível avançar em seu entendimento (Botterill, 2001; 2003; Xiao & Smith, 2006). O que se propõe nesta pesquisa é contribuir com a discussão epistemológica do turismo, a partir da valorização histórica da produção do conhecimento da sua área. Nesse sentido não se utiliza de um modelo previamente estruturado ou de um enquadramento teórico determinado, mas estrutura-se com base nos limites e condicionantes das publicações acessíveis da produção científica do turismo, um caminho epistemológico possível para compreender o turismo, enquanto fenômeno social e humano.

2.4 ETAPAS DA PESQUISA

Desde logo, se define como objeto de estudo a produção do conhecimento situado no campo do turismo. Entende-se que nesta classificação de conhecimento, existe obrigatoriamente uma dependência da validação coletiva por uma comunidade acadêmica. Não se determina os padrões de avaliação, ou outros indicadores que subsidiam as métricas do conhecimento, mas reconhece-se os mecanismos de divulgação e os esforços em ampliar a comunicação das produções em esfera mundial.

Aqui cabe colocar que o fundamento do movimento epistemológico assegura que existe conhecimento antes mesmo do próprio conhecimento. O objeto de estudo é limitado, assim como o sujeito pesquisador também o é. Não é possível que seja compreendido em totalidade, assim como não há possibilidade de compreendê-lo em

sua inteireza. Como afirma Faria (2022, p. 586), “Na OECC o pensamento confere à representação subjetiva da matéria sua objetividade como matéria (concreto) pensada”.

Antes de descrever as etapas da pesquisa, se faz necessário enfatizar que no Ato Epistemológico, a relação com a pesquisa é dinâmica em vez de estática ou sequencial. Como descreve Faria (2022), a partir do caos inicial do pesquisador com o real, começa a construção do conhecimento e as linhas teóricas preexistentes são construídas para compor a sua compreensão do real.

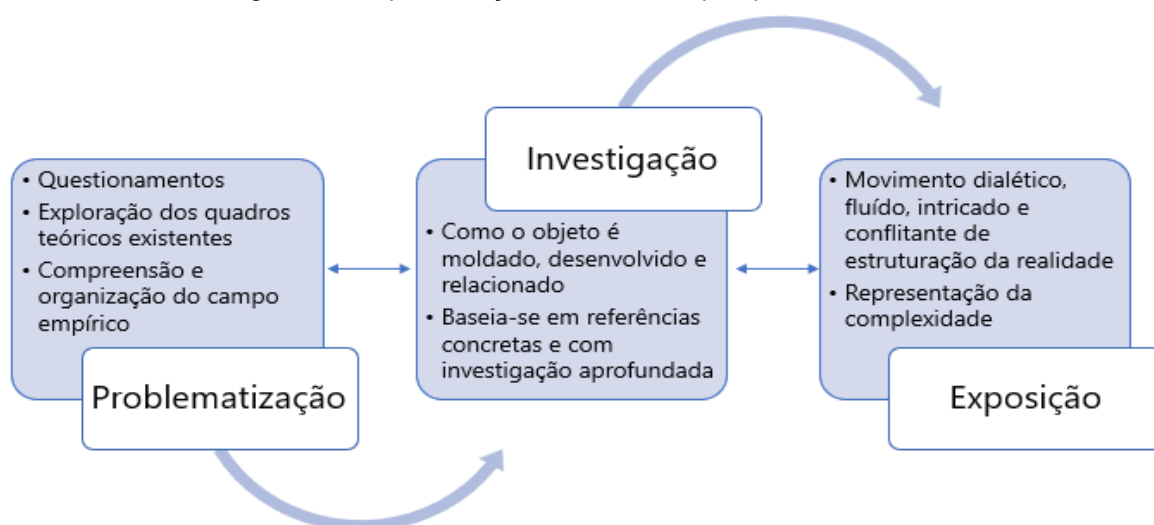
O autor esclarece que envolve identificar as etapas do Ato Epistemológico e os pontos de investigação, ressaltando que essas etapas e momentos não são meramente protocolares, mas sim condições em constante evolução no processo de produção do conhecimento, que se manifestam na prática.

Durante o Ato Epistemológico, ou seja, na produção do conhecimento, o pesquisador constantemente questiona, investiga e apresenta até alcançar uma forma expositiva objetiva (Faria, 2022). Assim, são fases do Ato Epistemológico (I) Problematização; (II) Investigação; (III) Exposição. As etapas da pesquisa estão sempre submetidas a serem problematizadas, o que exige até mesmo a indagação contínua na fase da problematização.

Cabe destacar que embora exista a intenção de abordar a realidade de forma extensiva, estamos diante de limites teóricos, metodológicos e práticos que consideram que o conhecimento não é limitado, mas sempre inacabado, como sintetiza a Figura 2, que representa as fases da pesquisa.

Outra questão, é que durante a organização dos momentos da pesquisa, não há uma etapa mais importante ou significativa do que outra, os três momentos da pesquisa têm confiança no contexto do campo empírico, independentemente de sua categorização. É o concreto, manifestando-se em sua universalidade, particularidade e singularidade, que verdadeiramente ocupa uma posição central no Ato Epistemológico (Faria, 2022).

Figura 2 – Representação das fases da pesquisa na OECC



Fonte: autoria própria (2023) com base em Faria (2022).

Como exposto, a pesquisa se desenvolve em fases interligadas e contínuas, permitindo a apropriação progressiva do real. Desde a problematização até a exposição final, as etapas se conectam em um movimento dialético, contraditório e em constante evolução. O processo de investigação não é regido por protocolos rígidos, mas sim guiado pela interação entre o pesquisador, a realidade e os objetivos da pesquisa. Como dito, as certezas são postas a questionamentos e se tornam provisórias, a noção de totalidade se relativiza e o conhecimento gerado pelo indivíduo sobre o objeto se revela como um processo contínuo e em constante evolução (Faria, 2022).

2.4.1 Problematização

A etapa inicial da pesquisa, conhecida como problematização, envolve um processo de questionamento e complexificação dos quadros teóricos disponíveis, com o objetivo de organizar o conhecimento existente. Como descreve Faria (2022) essa fase se reflete no campo empírico, nesta pesquisa trata-se de um campo empírico teórico. Neste sentido, ensejam discussões, formulações, hipóteses, articulações, cuja intencionalidade é compreender as condições em que o conhecimento foi sendo produzido. Foi realizada uma ampla revisão das pesquisas e teorias já existentes para compreender o estado atual do conhecimento do turismo, que será detalhado no Capítulo 3 deste estudo.

Com o propósito mapear a produção de conhecimento existente, preparando o terreno para uma investigação mais aprofundada do ponto de vista epistemológico. Dentro da perspectiva da OECC, a fase de problematização não implica uma predefinição do quadro de referência, mas sim uma exploração do conhecimento já produzido que é essencial para contextualizar a pesquisa (Faria, 2022).

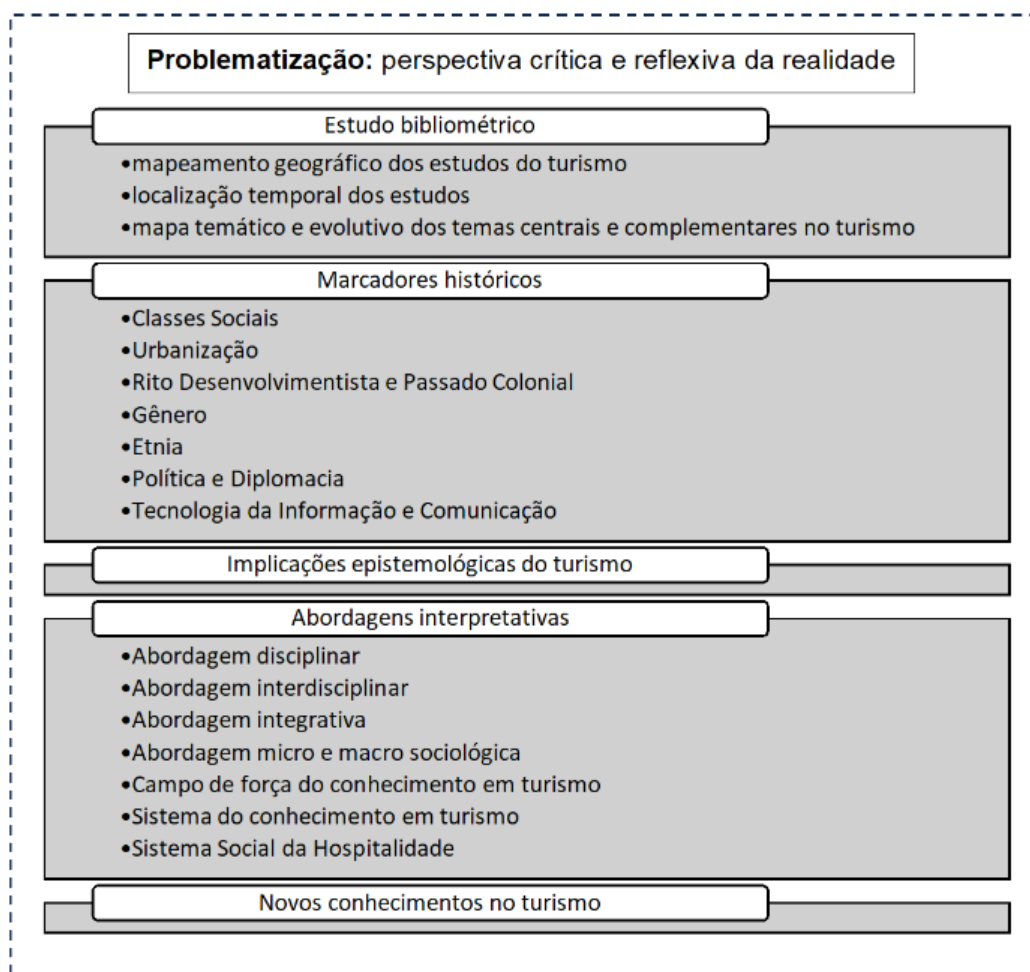
Exige um olhar crítico, não por se tratar de um levantamento do que já existe, mas por ser caracterizado como um processo de redescoberta de assuntos já exaustivamente investigados, e de temas passíveis de novas investigações. A partir de tal descrição, a presente pesquisa delimita como fase de problematização, a análise crítica da produção científica do turismo. Como está configurada a compreensão teórica do turismo no tempo e no espaço e busca estabelecer as principais relações epistemológicas deste campo.

Neste contexto, o Capítulo 3 refere-se à problematização da pesquisa, aqui nomeada como O Conhecimento Científico do Turismo. O texto foi construído a partir do tensionamento da produção do conhecimento científico do turismo, disponível e divulgado em banco de dados de literatura acadêmica mundial. Dada a diversidade de compreensões do turismo, a escolha dos descritores para a revisão da literatura se deu pelo conjunto dos termos: ciência, conhecimento, teoria, epistemologia, ontologia e turismo.

A problematização é uma parte integrante da dinâmica do processo de pesquisa, ampliando o argumento apresentado por Faria (2022) ao afirmar que a investigação científica não segue uma abordagem linear, com etapas rigidamente definidas. É importante ressaltar, nesse contexto, que a problematização não é apenas uma etapa preliminar que se encerra no início do processo de produção do conhecimento. Em vez disso, ela está intrinsecamente entrelaçada ao processo contínuo de questionar e examinar a realidade ao longo da pesquisa. As questões que exigem respostas epistêmicas emergem ao longo do processo, surgindo dos diversos questionamentos e problematizações que impulsionaram a construção do conhecimento por trajetórias não antecipadas.

A análise da produção científica do turismo, se deu com a intenção de compreender criticamente, quais são seus principais elementos constituintes e como o conhecimento do campo tem se configurado no tempo e no espaço. Foi elaborado a partir da identificação das partes constituintes, percebendo os principais temas relacionados, com especial atenção à abordagem social e humana.

Figura 3 – Problematização (Fase I)



Fonte: autoria própria (2023).

Na perspectiva do Ato Epistemológico aplicado à pesquisa de turismo, considera-se que a produção do conhecimento científico do turismo é a etapa de problematização, na qual a realidade existente é o obstáculo epistemológico a ser tensionado. Ao confrontar a teoria existente com a realidade estudada, o objetivo é evitar que a teoria seja um obstáculo ou empecilho epistemológico. Ou seja, é justamente inibir que a teoria prévia se torne o limite de entendimento do objeto investigado (Faria, 2022).

Como dito anteriormente, o confronto não implica em negar de forma direta o conhecimento prévio nem invalidar a teoria existente do turismo. Em vez disso, envolve tensionar o conhecimento já estabelecido, seja para questioná-lo, seja para reafirmá-lo. Esse processo ocorre em vista do problema ontológico que emerge ao colocar em interação os elementos fundamentais da realidade em sua evolução histórica e as condições que moldam o ser social (Faria, 2022).

A Problematização, representada na Figura 3, envolve um levantamento minucioso do conhecimento do turismo, atendendo a perspectiva crítica e reflexiva sobre a realidade dada na pesquisa. Contempla: um estudo bibliométrico, formado pelo mapeamento, distribuição geográfica e temporal dos estudos da área, um levantamento temático e evolutivo dos temas centrais e complementares presentes na investigação do turismo. A partir da organização das produções, indica os principais marcadores históricos do conhecimento, as implicações epistemológicas mais relevantes e as abordagens interpretativas presentes no campo. Finaliza-se a fase de problematização, com o apontamento de novos conhecimentos manifestados no turismo.

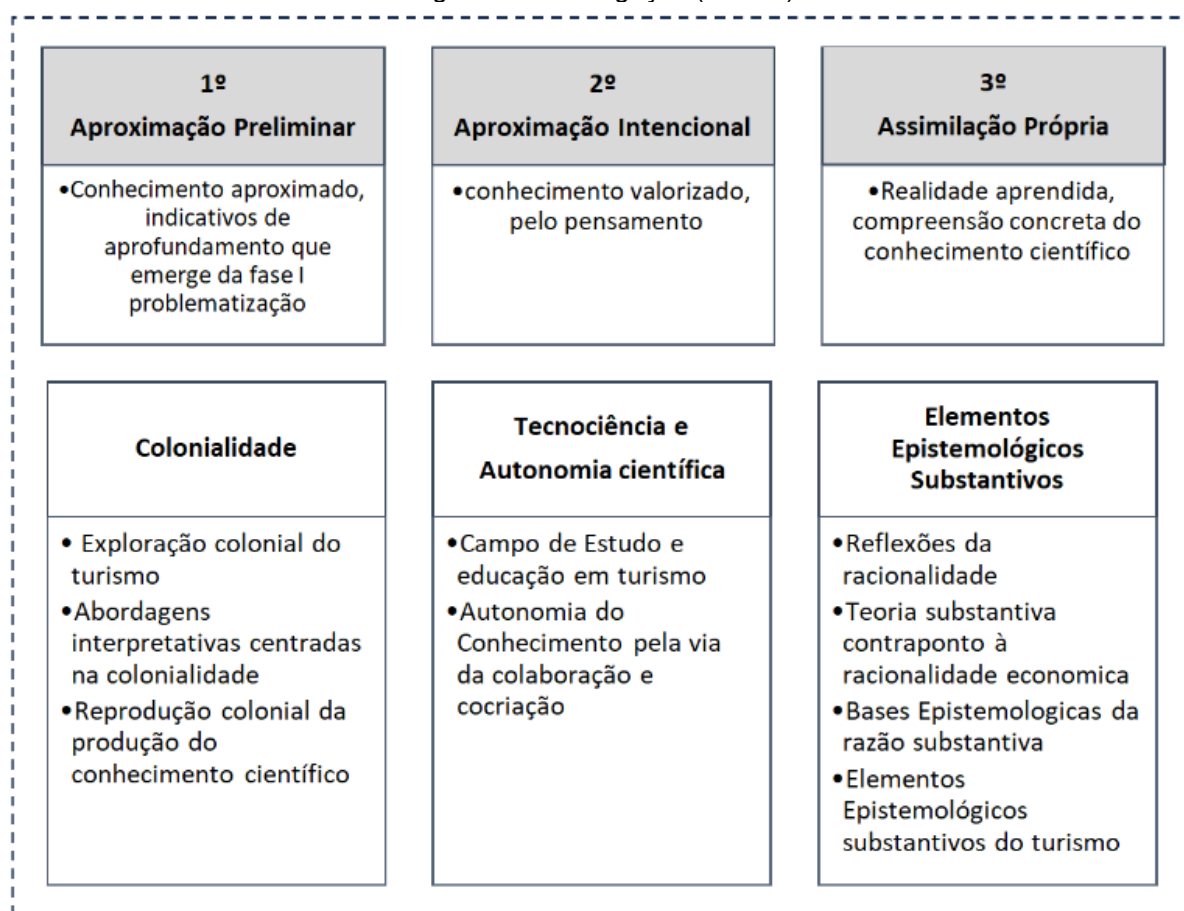
Nesta etapa foi constatada a forte influência de países hegemônicos na produção do conhecimento científico, nos marcadores históricos, assim como nas abordagens interpretativas. Compreende-se que este é um processo que resulta em desigualdades epistemológicas profundas, onde suas perspectivas e agendas podem moldar o campo de maneira desproporcional, marginalizando vozes e conhecimentos de outras regiões.

2.4.2 Investigação

A segunda fase da OECC (investigação) é o ponto em que o pesquisador explora profundamente como o objeto de estudo é de fato moldado, desenvolvido, relacionado, debatido e dialogado (Faria, 2022). Trata-se de uma investigação aprofundada, que se baseia em referências concretas.

A fase de investigação se apresenta em três momentos distintos: o primeiro é a aproximação preliminar entre o sujeito e o objeto; o segundo é uma aproximação intencionalmente construída, provocada no conhecimento valorizado; o terceiro é a assimilação do objeto pela consciência, culminando na produção do conhecimento propriamente científico (Faria, 2022). De maneira geral, o pesquisador desempenha um papel central na concretização e compreensão da realidade estudada. Por meio de uma abordagem dinâmica e dialética, ele identifica e interpreta os elementos essenciais que compõem a realidade, direcionando a construção do conhecimento epistemológico, como mostra a Figura 4.

Figura 4 – Investigação (Fase II)



Fonte: autoria própria (2023).

Tendo como indicativo da problematização do conhecimento científico do turismo, a colonialidade, percebe-se a sua associação com o "neocolonialismo do conhecimento", que perpetua a superioridade global de poder, limita a diversidade de abordagens e dificulta a compreensão holística dos problemas globais. Para promover a equidade, é essencial descentralizar o conhecimento, promover perspectivas locais e fomentar a colaboração internacional genuína, em busca de um sistema científico mais inclusivo e justo.

A questão da colonialidade do conhecimento tem sido objeto de análise e debate na esfera acadêmica, especialmente nas ciências sociais e humanidades (Lander, 2005) e se revelou como elemento central na etapa de problematização da pesquisa. A abordagem colonial questiona a maneira como o conhecimento é produzido, difundido e apropriado, destacando-se as influências históricas, culturais e políticas que permeiam o processo de produção de saberes (Silva; Baltar; Lourenço, 2018).

De acordo com Lander (2005), a colonialidade do conhecimento se refere a um sistema de obediência e dominação que transcende as esferas políticas, atingindo também a produção intelectual e o saber. Originada nos períodos de expansão colonial, a colonialidade ainda ecoa nas estruturas acadêmicas contemporâneas, influenciando os critérios de validação do conhecimento e a hierarquização de perspectivas. Como abordam Silva, Baltar e Lourenço (2018) as produções do Sul Global muitas vezes são marginalizadas ou subestimadas em relação às provenientes das potências colonizadoras, perpetuando a visão hegemônica do mundo e restringindo a diversidade de vozes e experiências.

Reconhecendo uma representação distorcida e limitada da complexidade do fenômeno do turismo em escala global, a partir da estrutura colonial, a pesquisa avança para a próxima etapa (investigação), com a intencionalidade de combater essa desigualdade epistemológica. Nesse sentido, busca-se nos capítulos investigativos, dar visibilidade às perspectivas de descentralização do conhecimento e promoção da colaboração autônoma e igualitária do conhecimento científico, buscando uma compreensão mais abrangente e precisa do turismo.

Os resultados da etapa de investigação estão postos nos Capítulos 4 e 5 e se constituem de indagações realizadas no curso da fase anterior (problematização). Vale esclarecer que a centralidade da investigação se deu em torno da epistemologia e da compreensão ampliada do fenômeno turístico, cuja referência é o entendimento do turismo como fenômeno social e humano, para além da visão economicista.

A partir da fase de problematização, que foi desenvolvida e detalhada no terceiro capítulo intitulado "Conhecimento Científico no Turismo", a orientação crítica da investigação indicou a necessidade de aprofundamento em pelo menos duas direções.

A primeira relacionada à análise histórica da formação do campo influenciado pela colonialidade do conhecimento indicativo da tecnociência e a autonomia científica, descrita no capítulo quatro. A segunda abordagem, assume a valorização dos elementos substantivos do turismo como possibilidade de diversificação epistemológica do fenômeno e está descrita no capítulo cinco. Nesta direção, considera que a essencialidade do turismo se manifesta no território, e que neste espaço é possível revelar questões subjacentes à sua compreensão enquanto fenômeno social e humano.

Sobre a tecnociência e autonomia científica dada pelas investigações do capítulo 4, destacam-se os trabalhos de: Lander (2005); Faria e Meneguetti (2007); Fernandes (2008); Alvarenga *et al* (2011); Ranieri (2018); Dutra Silva e Fernandes (2020); Raynaut (2020); Faria e Walger (2020) além das referências identificadas no objeto que articulam os temas investigados para o contexto do turismo, apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Referências do campo articuladas a tecnociência e autonomia científica

| Ano | Autoria | Título |
|------|---|--|
| 1975 | Matthews, H | <i>International Tourism and Political Science Research</i> |
| 1985 | Kasumov, R | <i>The problem of a systems theory approach to the question of using the tourist resources of the developing countries</i> |
| 1989 | Preister, K | <i>The theory and management of tourism impacts</i> |
| 1989 | Crick, M | <i>Representations of international tourism in the social sciences: sun, sex, sights, savings, and servility</i> |
| 1991 | Graburn, N; Jafari, J | <i>Introduction. Tourism social Science</i> |
| 1991 | Matthews, H; Richter, L | <i>Political science and Tourism</i> |
| 2001 | Carneiro, H | <i>The multiple imaginary of modern voyages: science, literature, and tourism.</i> |
| 2001 | Botterill, D | <i>The epistemology of a set of tourism studies</i> |
| 2011 | Decosta, J; Grunewald, A | <i>Logies of tourismology: The need to include meta-theories in tourism curricula</i> |
| 2013 | Platenkamp, V; Botterill, D | <i>Critical realism, rationality and tourism knowledge</i> |
| 2018 | Butowski, L | <i>Tourism as a discipline in light of the non-classical sociology of science</i> |
| 2020 | Bowman, M | <i>Privileged Ignorance, World-Traveling, and Epistemic Tourism</i> |
| 2021 | Ren, C; Van der Duim, R; Johannesson, G | <i>Messy realities and collaborative knowledge production in tourism</i> |

Fonte: autoria própria (2023).

A busca pela autonomia científica se torna fundamental na prerrogativa de desafiar as estruturas de poder que permeiam a produção de conhecimento do turismo (Platenkamp & Botterill, 2013). Essa busca não implica a negação do conhecimento produzido em outros contextos, mas sim a diversificação das

perspectivas e a valorização das abordagens do turismo que historicamente foram silenciadas (Butowski, 2018).

A autonomia científica como expõe Ranieri (2018) suportou a capacidade de definir agendas de pesquisa, estabelecer critérios próprios de validação do saber e promover uma troca de conhecimentos horizontal e respeitosa entre diferentes culturas e contextos. De acordo com Faria e Walger (2020), são as estruturas acadêmicas que muitas vezes são permeadas por preconceitos, interesses econômicos e políticos, que dificultam a superação das barreiras impostas pela colonialidade do conhecimento. Além disso, a própria estrutura global de financiamento e difusão do conhecimento pode favorecer a reprodução das dinâmicas coloniais (Ranieri, 2018). Para superar esses desafios, de acordo com Lander (2005) é essencial promover políticas de inclusão e diversificação nas instituições acadêmicas, estimulando o intercâmbio de saberes entre diferentes contextos e promover as abordagens que emergem dos contextos periféricos.

Assume-se que existem limites em torno do objeto de pesquisa e há na formação do conhecimento do turismo outros elementos a serem considerados, como outras bases científicas, obras físicas e digitais que não constam nesta análise, além do conhecimento inerente ao local, constituído no próprio território. Este conhecimento é valorizado de forma discrepante e subjugado dentro do meio acadêmico, mas é revelado como fundamental para o desenvolvimento do turismo de cunho comunitário e sustentável, atendendo ao enfoque social e humano.

É urgente entender que a compreensão da colonialidade do conhecimento e a busca pela autonomia científica são pilares na construção de um campo acadêmico mais justo, diversificado no turismo. Superar as estruturas de poder que historicamente moldaram a produção e disseminação do saber exige um esforço coletivo de repensar as dinâmicas de produção de conhecimento e de oferecer visibilidade nas perspectivas que emergem dos contextos marginais, como aborda Filgueiras (2009).

A autonomia científica não é apenas uma aspiração intelectual, mas uma necessidade crucial para o progresso e a justiça no campo do conhecimento (Raynaut, 2020). Desta maneira, a etapa de investigação da pesquisa, desenvolveu-se de forma crítica e reflexiva ao compreender as lógicas epistêmicas presentes no conhecimento do turismo.

No Capítulo 5 apresentam-se os elementos epistemológicos substantivos do turismo, que almejam contribuir para o desenvolvimento de pesquisas com maior autonomia epistêmica na condição de fenômeno humano e social. A defesa pelos elementos substantivos do turismo, partem do entendimento que há uma contradição implícita no próprio fenômeno turístico e que o seu fortalecimento, serve de resistência do poder colonizador sobre o colonizado. A associação da racionalidade instrumental com a econômica, quando exacerbada, pode enfraquecer o elemento central posto pela identidade e territorialidade. É por esta via, que a valorização da racionalidade substantiva pode ser um caminho possível para dar maior relevância as especificidades postas no território, a sua manutenção e preservação.

Para fundamentar o desenvolvimento deste capítulo, utilizou-se da análise do conceito de racionalidade apresentada por Fernandes (2008), que realiza um resgate histórico conceitual a partir da discussão weberiana, com o objetivo de esclarecer a racionalização da vida na sociedade moderna. O autor esclarece que a racionalidade, especialmente a instrumental, pode ser considerada como uma forma relevante para examinar a sociedade contemporânea e que ela em si, não significa necessariamente em prejuízo, ou efeito negativo das ações humanas.

No turismo, a racionalidade instrumental envolve-se na transformação das características e particularidades do território em benefícios econômicos e sociais. Não significa, no entanto, que a instrumentalidade econômica seja característica de efeito negativo, mas, vale reconhecer que a racionalização deve estar atrelada a uma contribuição crítica voltada à proposição de alternativas teóricas capazes de responder a problemas complexos da atualidade, sugerindo novas abordagens reguladoras ao turismo.

Pelas próprias circunstâncias históricas da modernidade, o conceito de razão foi sendo distorcido por diversas perspectivas, o que Guerreiro Ramos denominou de transvaloração da razão. Como descreve Azevedo e Albenaz (2015), é uma distorção intencional do conceito, com o propósito de legitimar um sistema social fundamentado nas considerações utilitárias, ou seja, uma sociedade centrada estritamente no mercado.

Ramos, não pode ser considerado um pioneiro nessa abordagem, como alerta Azevedo e Albenaz (2015). De acordo com o autor, ele segue conscientemente os passos de notáveis teóricos como Max Weber, Karl Mannheim, Eric Voegelin e Habermas. Estes renomados estudiosos, cientes do processo de transvaloração da

razão, empregaram termos distintos, tais como razão substantiva, razão substancial, razão noética e razão comunicativa, para contrapor a concepção distorcida da razão que havia ganhado aceitação tanto nos círculos intelectuais quanto na vida cotidiana da sociedade (Azevedo & Albernaz, 2015). Essa estratégia foi adotada com o intuito de viabilizar suas análises da realidade social e a avaliação das teorias sociais predominantes em suas respectivas épocas.

Azevedo e Albenaz (2015) ao interpretar as contribuições de Guerreiro Ramos, para a área da administração, descreve uma dualidade conceitual na abordagem da razão. De um lado, a concepção ainda ancorada no significado clássico do termo, e, de outro, uma concepção intencionalmente obscurecida, que começou a ser sistematizada em termos de teoria social e política. Ramos, optou por adotar a terminologia weberiana, referindo-se à dualidade como racionalidade substantiva e racionalidade instrumental (formal). É relevante destacar que há uma evidente afinidade entre sua abordagem e a maneira como Voegelin interpretou a racionalidade noética, bem como sua tentativa de desenvolver uma nova teoria da ciência política a partir desses conceitos (Azevedo & Albernaz, 2015).

A formulação de Guerreiro Ramos pode relacionar-se na interpretação do fenômeno turístico. Se observarmos o turismo de massa, existe sobre ele uma abordagem demasiadamente utilitária, referindo-se à racionalidade instrumental. Nesta direção, a razão substantiva de Ramos, serve de fio condutor para o desenvolvimento do Capítulo 5. Entende-se que muitos destinos são explorados centrados pelo viés econômico, negligenciando aspectos éticos e sociais. Isso pode levar à exploração desenfreada dos recursos naturais, à desconsideração das culturas locais e à mercantilização excessiva das experiências turísticas.

A partir da análise da produção científica do conhecimento do turismo, realizado pela pesquisa, identificou-se um conjunto de trabalhos que convergem para uma crítica da racionalidade instrumental e econômica, apresentada no Quadro 4.

Quadro 4 – Referências do campo articuladas a racionalidade substantiva

| Ano | Autoria | Título |
|------|------------|--|
| 1980 | Smith, V | <i>Anthropology and tourism</i> |
| 1985 | Kasumov, R | <i>The problem of a systems theory approach to the question of using the tourist resources of the developing countries</i> |
| 1986 | Getz, D | <i>Models in tourism planning. Towards integration of theory and</i> |

| | | |
|------|--|---|
| | | <i>practice</i> |
| 1989 | Crick, M | <i>Representations of international tourism in the social sciences: sun, sex, sights, savings, and servility</i> |
| 1991 | Graburn, N; Jafari, J | <i>Introduction. Tourism social science</i> |
| 1995 | Jamal, T; Getz, D | <i>Collaboration theory and community tourism planning</i> |
| 1997 | Uriely, N | <i>Theories of modern and postmodern tourism</i> |
| 1999 | Pigeassou, C; Bui-Xuan, G; Gleyse, J | <i>Epistemological issues on sport tourism: Challenge for a new scientific field</i> |
| 2001 | Milne, S; Ateljevic, I | <i>Tourism, economic development and the global-local nexus: Theory embracing complexity</i> |
| 2001 | Botterill, D | <i>The epistemology of a set of tourism studies</i> |
| 2003 | Jamal, T; Lee, J | <i>Integrating micro and macro approaches to tourist motivations: Toward An interdisciplinary theory</i> |
| 2003 | Botterill, D | <i>An autoethnographic narrative on tourism research epistemologies Un récit autoethnographique sur l'épistémologie de la recherche en tourisme Un relato autoetnográfico sobre la epistemología de la investigación en turismo</i> |
| 2003 | Jamal, T; Choi, H | <i>The tourism researcher's gaze: Knowledge, attitudes and practices concerning qualitative research</i> |
| 2004 | Singh, S | <i>Coming full circle: Tourism concepts, knowledge, and approaches</i> |
| 2004 | Franklin, A | <i>Tourism as an ordering: Towards a new ontology of tourism</i> |
| 2005 | Aitchison, C | <i>Feminist and gender perspectives in tourism studies: The social-cultural nexus of critical and cultural theories</i> |
| 2007 | Mair, H; Reid, D | <i>Tourism and community development vs. tourism for community development: Conceptualizing planning as power, knowledge, and control</i> |
| 2011 | Vespestad, M; Lindberg, F | <i>Understanding nature-based tourist experiences: An ontological analysis</i> |
| 2011 | Decosta, J; Grunewald, A | <i>Logies of tourismology: The need to include meta-theories in tourism curricula</i> |
| 2012 | Fullagar, S; Wilson, E | <i>Critical pedagogies: A reflexive approach to knowledge creation in tourism and hospitality studies</i> |
| 2012 | Ying, T; Xiao, H | <i>Knowledge Linkage: A Social Network Analysis of Tourism Dissertation Subjects</i> |
| 2012 | Lima, S; Eusebio, C; Partidário, M et al | <i>Knowledge and development for tourism: The UNWTO volunteers program</i> |
| 2012 | Thomas, R | <i>Business elites, universities and knowledge transfer in tourism</i> |

| | | |
|------|--|--|
| 2012 | Gren, M; Hujibens, E | <i>Tourism theory and the earth</i> |
| 2013 | Platenkamp, V; Botterill, D | <i>Critical realism, rationality and tourism knowledge</i> |
| 2013 | Van Der Duim, R; Ren, C; Thar Johannesson, G | <i>Ordering, materiality, and multiplicity: Enacting Actor-<i>Network Theory in tourism</i></i> |
| 2014 | Yiu, M; Law, R | <i>Review and Application of Knowledge Management and Knowledge Sharing in Tourism</i> |
| 2015 | Dredge, D; Jamal, T | <i>Progress in tourism planning and policy: A post-structural perspective on knowledge production</i> |
| 2015 | Wilson, E; Hollinshead, K | <i>Qualitative tourism research: Opportunities in the emergent soft sciences</i> |
| 2015 | Gnoth, J; Wang, N | <i>Authentic knowledge and empathy in tourism</i> |
| 2016 | Russo, A | <i>The new frontiers of the study of tourism: Conceptual and epistemological challenges Las nuevas fronteras del estudio del turismo: Retos conceptuales y epistemológicos</i> |
| 2016 | Tribe, J; Liburd, J | <i>The tourism knowledge system</i> |
| 2017 | Matteucci, X; Gnoth, J | <i>Elaborating on grounded theory in tourism research</i> |
| 2018 | Tribe, J | <i>Creating and curating tourism knowledge</i> |
| 2018 | Butowski, L | <i>Tourism as a discipline in light of the non-classical sociology of science</i> |
| 2018 | Korstanje, M | <i>The epistemological structure of mobilities: Tourism, touring and consumption in the days of terrorism</i> |
| 2018 | Stergiou, D; Airey, D | <i>Understandings of tourism theory</i> |
| 2020 | Bowman, M | <i>Understandings of tourism theory</i> |
| 2020 | Ren, C | <i>(Staying with) the trouble with tourism and travel theory?</i> |
| 2021 | Ren, C; Van der Duim, R; Johannesson, G | <i>Messy realities and collaborative knowledge production in tourism</i> |
| 2021 | Sharma, A; Nunkoo, R; Rana, N <i>et al</i> | <i>On the intellectual structure and influence of tourism social science research</i> |

Fonte: autoria própria (2023).

Adotando a visão de Polanyi, influente para Guerreiro Ramos, o turismo pode ser analisado como um processo social e cultural, enraizado nas características específicas de cada destino, em vez de ser reduzido a uma mera busca por lucro e utilidade. Assim, como Polanyi (2012) rejeitava a aplicação indiscriminada da razão instrumental na economia, a abordagem turística também deve considerar a

complexidade social e cultural de cada local, para que o desenvolvimento turístico seja sustentável e mutuamente benéfico.

Seguindo este caminho, o aprofundamento da investigação, valoriza os aspectos fundamentais do turismo como uma oportunidade de diversificação epistemológica do fenômeno, conforme detalhado no capítulo cinco. Sob essa ótica, ela reconhece que a essência do turismo se manifesta no território, revelando a possibilidade de explorar questões subjacentes à sua compreensão como fenômeno social e humano.

2.4.3 Exposição e Estrutura da tese

A fase de exposição engloba a materialização e disponibilização dos resultados de maneira acessível. Pode-se entender a exposição como a concretização prática dos achados da pesquisa, tornando-os compreensíveis para um público mais amplo (Faria, 2022).

Cabe destacar que a OECC rejeita tanto a epistemologia empirista quanto a idealista e especulativa, assim como todo o sistema de monopólio epistemológico, que se encontra desvinculado do movimento real. A OECC, como enfatiza Faria (2022), adota uma abordagem que tem como base o princípio do movimento, sendo expressa de maneira completa e integral como matéria humanizada por invariavelmente passar pelo pesquisador. O movimento intrínseco ao real é de natureza ontológica e é justamente nessa perspectiva que se manifesta no Ato Epistemológico, enquanto uma relação entre o ser social e a matéria histórico-social (Faria, 2022).

Nesta direção, não há normas fixas, indicadores pré-definidos, modelos rígidos ou diretrizes operacionais a serem delineados, assim como não existe uma abordagem passo a passo para a produção do conhecimento científico, o que inclui as fases da pesquisa. O Ato Epistemológico não se trata de um protocolo estanque, mas sim de um movimento dialético, fluido, intrincado e conflitante. Ele emerge da adaptação do processo de pesquisa aos objetivos da investigação, à problemática e às limitações inerentes a todo o procedimento de produção de conhecimento.

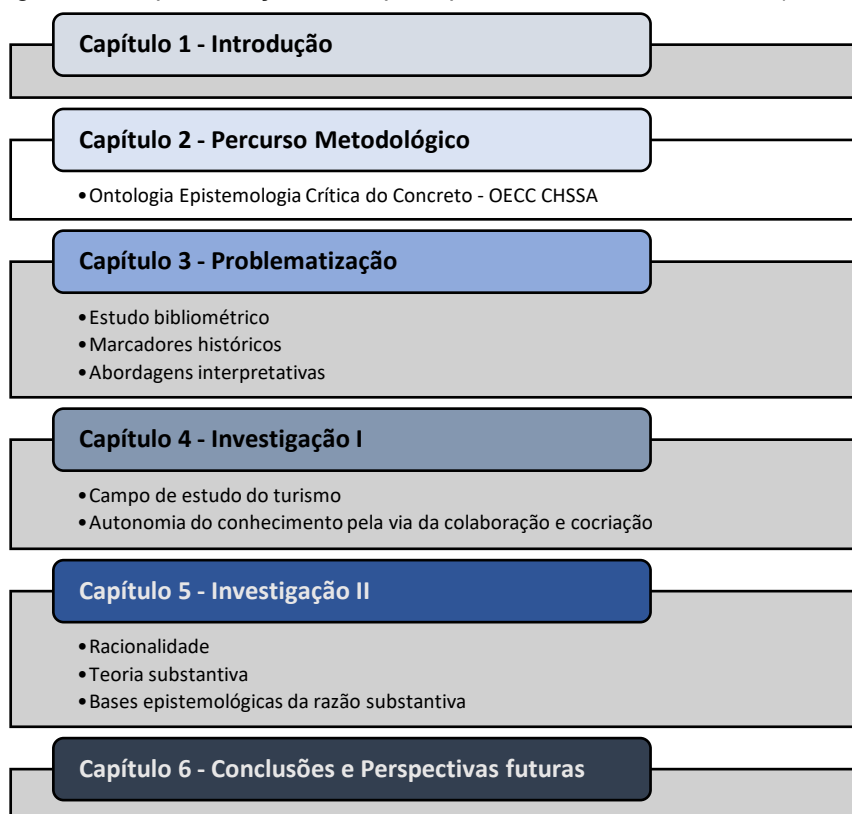
Conforme delineado por Faria (2022), adotar um modelo de análise é, de fato, restringir o pesquisador a práticas que se julgam genuinamente científicas, desconsiderando outras como sem autenticidade ou subjetivas. Isso resulta em um processo entendido a uma linha de montagem ou uma cadeia produtiva do

conhecimento, culminando no estabelecimento de um monopólio epistemológico. Esse monopólio, segundo Faria (2022), é a manifestação da imposição de uma abordagem de produção de conhecimento que contradiz o próprio ato de produzir conhecimento.

Como mencionado, a fim de controlar e regular a apropriação da realidade, o pesquisador desempenha um papel central. É ele quem capta e interpreta a realidade, empregando um pensamento dinâmico e dialético para identificar os elementos e categorias que serão delineados na elaboração do conhecimento epistemológico. Nesse contexto, a etapa de exposição vai além da simples apresentação dos achados; ao contrário, sua função é estruturar a realidade e representar sua intrincada complexidade (Faria, 2022).

A etapa de exposição não se limita a apresentar resultados iniciais, mas se destina a estruturar a realidade complexa de maneira acessível. Ao final, a exposição dos resultados representa não apenas certezas, mas também dúvidas e provisões, reconhecendo que o conhecimento produzido é uma etapa dentro de um processo em constante desenvolvimento, representado na Figura 5:

Figura 5 – Representação da etapa expositiva e estrutura da tese (Fase III)



Fonte: autoria própria (2023).

A fase da exposição na OECC é definida na pesquisa como a estrutura da tese. Recorda que atendendo a premissa posta pelo Ato Epistemológico, a pesquisa possui uma relação dinâmica e não estática ou sequencial. E, a partir do cenário real, inicialmente caótico, que o conhecimento começa a se edificar e as estruturas teóricas existentes passam a contribuir para a compreensão do objeto.

Assim, a estrutura da tese está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo desempenha o papel de introdução, contextualizando a problemática abordada no estudo e indicando as justificativas para o seu desenvolvimento. Na sequência, é apresentado o capítulo atual, que aborda o percurso metodológico. Encontra-se a escolha metodológica adotada, a organização e estrutura para o desenvolvimento da pesquisa.

O estado da arte e o levantamento bibliográfico realizados estão descritos no capítulo três, caracterizado pela etapa de problematização. Este capítulo recebeu demonstra a estrutura hegemônica de desenvolvimento das bases epistemológicas que compõem o fenômeno turístico. No capítulo quatro, encontra-se a primeira etapa da investigação realizada diante da contextualização histórica e social apresentada pela problemática, apresenta-se a partir de um levantamento de possibilidades a discussão da tecnociência e da autonomia científica voltada ao campo do turismo. A segunda etapa da investigação, caracterizada pela profundidade, está descrita no capítulo cinco. Com a intenção de explorar as relações e os nexos de relevância e avanço para a teoria, apresenta-se a racionalidade substantiva e os elementos substantivos do turismo, como indicativos de uma abordagem epistemológica diversa possível para a compreensão social e humana do fenômeno.

Por fim, o sexto e último capítulo intitulado "Conclusões e Perspectivas Futuras", culmina com o fechamento do percurso investigativo apresentado nos capítulos anteriores. Realiza-se uma síntese das principais descobertas e contribuições de cada etapa da pesquisa, destacando a força das reflexões sobre a colonialidade do conhecimento e o impacto das discussões acerca da tecnociência e autonomia científica para o campo do turismo. Além disso, apresentam-se alguns dos desafios enfrentados na construção de uma abordagem epistemológica mais inclusiva e diversa, que considerou as perspectivas não hegemônicas, das quais intenciona pesquisas futuras. Esse trajeto revelou que a investigação não é uma trajetória linear, mas sim um constante diálogo entre conceitos e experiências, por vezes caótico, mas complementar entre reflexão e ação.

3 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO TURISMO

Neste capítulo, apresenta-se o estudo bibliométrico abrangente no âmbito do conhecimento turístico, delineando o estado da arte do campo. Essa revisão teve como objetivo identificar os componentes fundamentais, as inter-relações, e as temáticas presentes na área, a partir de um mapeamento da produção científica. Ao investigar como o turismo tem sido interpretado e como seu conhecimento se estabelece no tempo e no espaço, compreende-se o seu domínio científico e a base de conhecimento existente.

A terceira parte consiste em uma análise crítica e reflexiva das lacunas interpretativas inerentes ao fenômeno do turismo. Por meio desta avaliação, traçamos caminhos possíveis para a formação de uma pluralidade epistemológica no campo, explorando novas perspectivas de compreensão do fenômeno turístico.

3.1 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

O estudo bibliométrico é realizada a partir de um grande volume de informações, geralmente gerados por grandes bases de dados. Como expõe Soares, Picolli e Casagrande (2018), diante da vasta produção acadêmica de determinadas temáticas, o estudo bibliométrico serve para indicar o caminho das revisões de literatura, que são cruciais para sintetizar estudos e construir uma base sólida de conhecimento. Nesse contexto, o estudo bibliométrico oferece uma abordagem estruturada que capacita a análise ampla do corpus teórico, identificando tendências e mudanças substanciais com embasamento científico (Soares; Picolli; Casagrande, 2018).

Para Soares, Picolli e Casagrande (2018), no Brasil ainda existe um desestímulo na adoção de indicadores bibliométricos, especialmente pelas ciências sociais aplicadas, em função do uso de base estatística e pela falta de indexação de revistas científicas da área nas bases internacionais. Esta realidade, conforme descrevem os autores, vem sendo modificada em partes pelo avanço tecnológico e a disponibilidade de softwares específicos para esta função. Os indicadores comumente utilizados pelos estudos bibliométricos, são aqueles que possuem contagem de artigos, número de revistas, número de autores, autoria, instituições e número de citações. As demais determinações geradas pelos estudos bibliométricos

considerados mais aprofundados como as Leis de Lotka, Bradford e Zipf, não foram aplicados a esta pesquisa.

A adoção do estudo bibliométrico como recurso de pesquisa é respaldada pelo seu emprego de conceitos matemáticos e métodos estatísticos para analisar a evolução científica do turismo. Através de análises quantitativas e qualitativas, esse recurso não somente oferece uma visão abrangente do panorama científico, mas também orienta investigações futuras e auxilia na contextualização histórica das pesquisas (Soras; Picolli; Casagrande, 2018).

O estudo foi realizado a partir do Portal Capes, plataforma digital que reúne inúmeras base de dados e que são disponibilizados gratuitamente, por meio do acesso CAFE, mecanismo que viabiliza o acesso aberto a conteúdos científicos. A base escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi a Scopus, considerada a maior em número de resumos e citações de literatura revisada por pares do mundo (Scopus, 2022).

A busca válida ocorreu no dia 4 janeiro de 2023 e foram adotadas como termos de busca: “*science*”, “*theory*”, “*knowledge*”, “*epistem**”, “*ontolog**” e “*tourism*” em título, palavra-chave ou resumo. Entre os termos utilizou-se os descritores booleanos “OR” e “AND” para indicar a associação dos termos com o turismo. Não foi adotado nenhum filtro ou recorte temporal. O retorno das buscas gerou o montante de 2.294 (dois mil, duzentos e noventa e quatro documentos), foram eliminados por duplicidade 485 (quatrocentos e oitenta e cinco), totalizando o estudo bibliométrico com 1.809 (mil oitocentos e nove artigos).

O portfólio inicial de pesquisa é composto de 1.809 artigos que foram analisados com o suporte da ferramenta *Bibliometrix/Biblioshiny*² e os resultados são apresentados com base nos níveis de estruturas disponíveis pela ferramenta.

² Biblioshiny é uma interface do programa Bibliometrix, que utiliza de linguagem R e oferece ferramentas para análises quantitativas em bibliometria, permitindo a exploração de padrões de publicações e citações de forma eficiente e integrada para computação científica.

Quadro 5 – Síntese do estudo bibliométrico

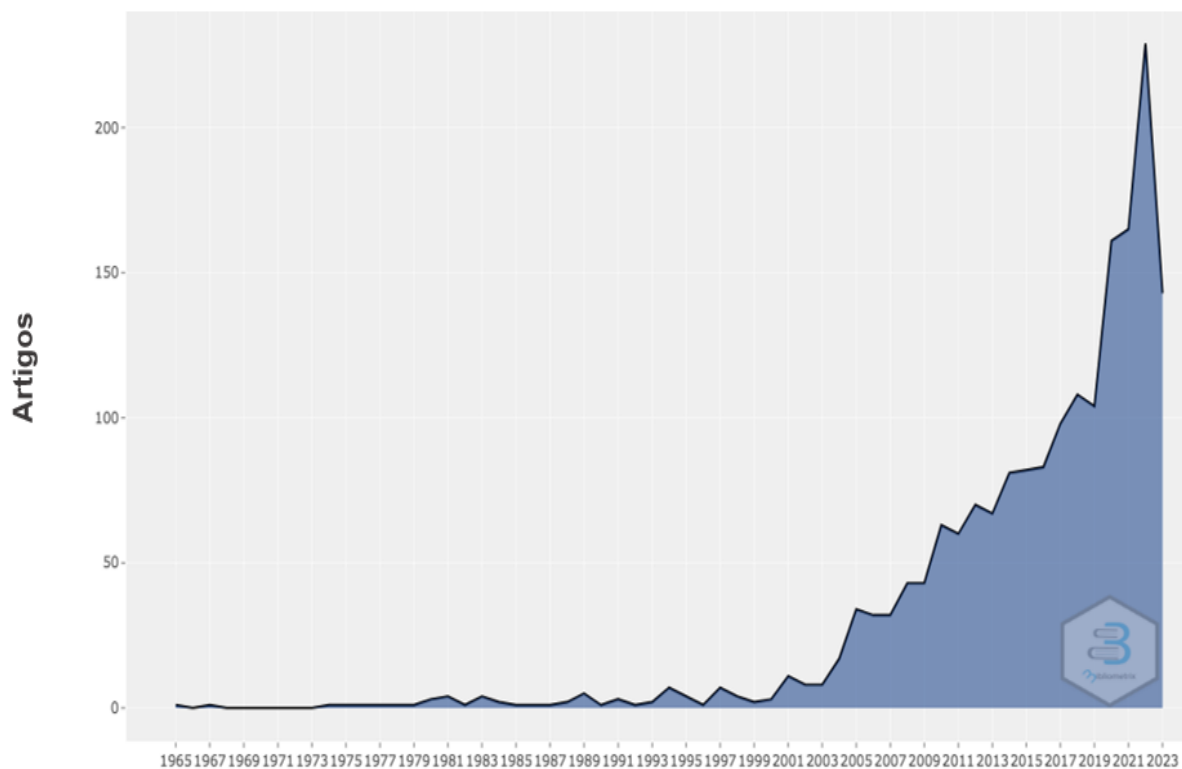
| Descrição | Resultado |
|--|------------------|
| Espaço temporal | 1965 a 2023 |
| Quantitativo de Revistas, <i>Journals</i> e Livros | 757 |
| Artigos | 1155 |
| Livros | 38 |
| Capítulos de livros | 236 |
| <i>Paper</i> de Conferências | 208 |
| Outros documentos | 172 |
| Quantitativo de autores | 3528 |
| Índice de coautoria por documento | 2.54 |
| Índice de colaboração | 2.4 |

Fonte: autoria própria (2023).

Analisando as informações constantes no quadro acima, destaca-se o alto quantitativo de autores identificados pelo estudo bibliométrico (3528), que pode indicar que as pesquisas de turismo possuem alto número de colaborações internacionais. Indicação que é corroborada pelo índice de coautoria por documento (2.54) e pelo índice de colaboração (2.4). Nesta direção, é possível afirmar que os países asiáticos estão em busca de parcerias globais para fortalecer sua posição na pesquisa em turismo, além de uma postura ativa e integrada junto à comunidade científica global.

A distribuição da produção científica anual do campo do turismo pode ser observada na Figura 6.

Figura 6 – Produção científica anual no turismo

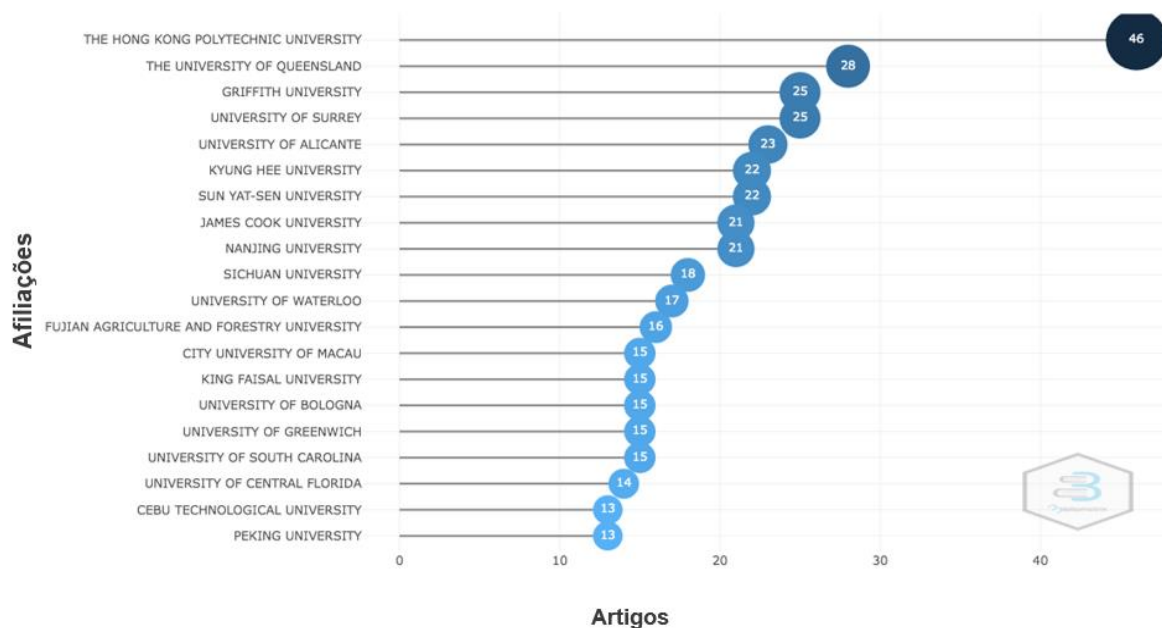


Fonte: autoria própria (2023).

A análise identificou a primeira publicação datada em 1965, de autoria de Oldham, C, intitulada "*Science in Mainland China: A Tourist's Impressions*". O artigo descreve as impressões de um professor canadense que passou um período na China, com a finalidade de compreender os fundamentos do pensamento chinês em relação ao desenvolvimento e organização científica. A publicação relata a experiência do professor durante sua estadia, abordando suas impressões investigativas enquanto turista-acadêmico.

A quantidade de artigos nos anos subsequentes não foi expressiva, até a década de 1990, que demarca o aparecimento de uma linha ascendente com o aumento no volume de publicações de forma sustentada. O auge quantitativo das publicações se deu no ano de 2022 com o total de 229 produções.

Figura 7 – Principais universidades em volume de produção acadêmica



Fonte: autoria própria (2023).

No que se refere às instituições com o maior quantitativo de artigos na área do turismo, como é possível conferir na Figura 7 destacam-se *The Hong Kong Polytechnic University*, com 46 artigos. Seguidas da *The University of Queensland* com 28 artigos e a *Griffith University* com 25 artigos, ambas na Austrália. Aparece disputando o terceiro lugar em volume de produção a *University Of Surrey*, da Inglaterra. Das vinte universidades demonstradas no gráfico, 18 delas são públicas e apenas dois, *Kiung Hee University* e *City University of Macau*, são particulares.

Como é possível observar, um notável número de universidades asiáticas, especialmente chinesas (28,57%), estão presentes neste *ranking* que mensura o quantitativo de produção acadêmica em conhecimento do turismo. Atrás das universidades chinesas estão as universidades australianas, inglesas e norte americanas.

Diante da compreensão de como o conhecimento é produzido, divulgado e valorizado ao analisar a distribuição da produção acadêmica, da Figura 7 reflete-se sobre as relações de poder, concentração geográfica, dominação e influência cultural que historicamente estão presentes na pesquisa científica. Em torno da relação com a colonialidade do conhecimento, pode-se subentender que há concentração de poder e recursos pelo dominante quantitativo de instituições de países ocidentais, como *The Hong Kong Polytechnic University* e *The University of Queensland*. Instituições

acadêmicas que estão localizadas em países que historicamente exerceram influência colonial em outras regiões, como a Ásia e a Oceania. O que pode estar associada a uma desigualdade estrutural no acesso a financiamento e recursos para pesquisa de turismo, que podem perpetuar as desigualdades no acesso ao conhecimento científico.

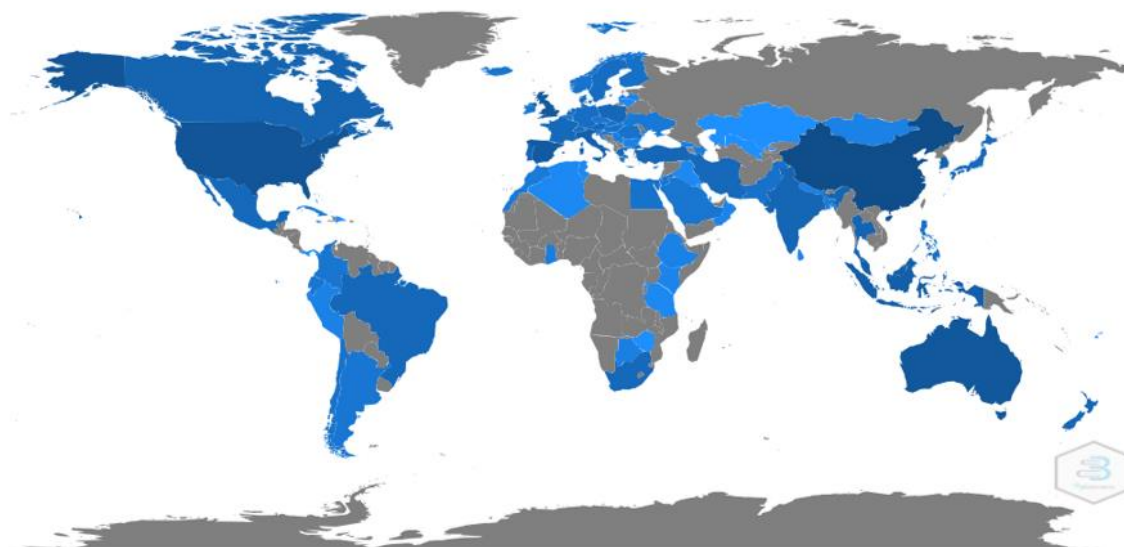
A falta de representação de instituições de países em desenvolvimento ou não ocidentais nos gráficos expõe que existe claramente uma ausência de diversidade de perspectivas e abordagens na pesquisa em turismo em contexto mundial. O que seguramente pode limitar a compreensão das complexas dinâmicas culturais, sociais e econômicas relacionadas ao turismo em diferentes partes do mundo.

A menção de que apenas duas das vinte universidades no gráfico são particulares, serve de indicativo de que a produção acadêmica é em grande parte especializada em instituições financiadas pelo Estado. Isso levanta questões sobre o papel das instituições privadas, a autonomia científica e como elas podem ser marginalizadas no sistema acadêmico, apesar de sua contribuição potencial para a pesquisa científica.

Entende-se que a colonialidade do conhecimento científico envolve uma reflexão sobre como as estruturas de poder, históricas e contemporâneas, que influenciam a produção e disseminação do conhecimento científico em diferentes áreas, incluindo o turismo. É importante promover a diversidade de perspectivas e abordagens na pesquisa acadêmica, regularizando e superando desigualdades no acesso aos recursos e na representação de instituições de todo o mundo. Isso pode contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva das informações treinadas na área do turismo e em outras disciplinas acadêmicas.

O quantitativo de autores por país está representado na Figura 8. Conforme esclarece Fernandes (2022), este gráfico representa o número de aparições dos autores afiliados do país com produção no recorte da pesquisa. Exemplificando, se um artigo for produzido por dois autores, este artigo será contabilizado duas vezes, já que o critério adotado para a geração da imagem é o nome do autor e não o título do artigo.

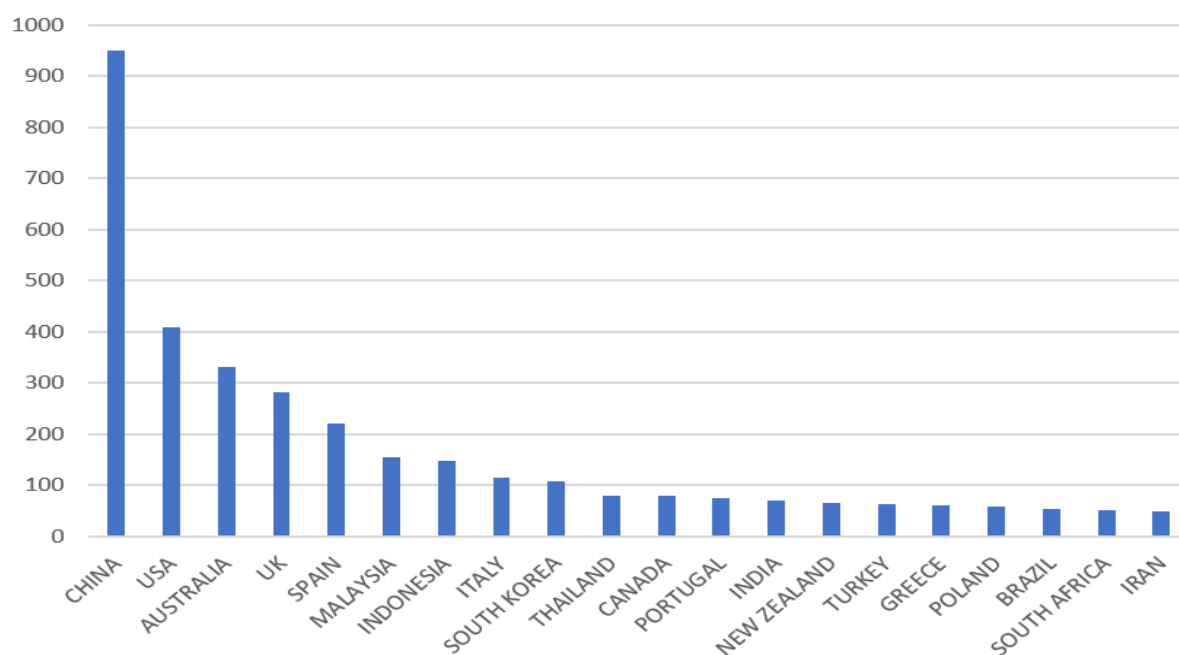
Figura 8 – Quantitativo de autoria por país



Fonte: autoria própria (2023).

Situando geograficamente os países com maior número de autores do turismo, a China aparece com 949 produções, os Estados Unidos com 408 produções, Austrália com 331 artigos e Espanha com 222 produções. O Brasil ocupa a vigésima posição, com 53 autores contabilizados no gráfico. Visto de outra forma, percebe-se claramente a discrepância entre os países quando se trata de número de autoria na investigação do turismo.

Figura 9 – Produção científica do turismo por país



Fonte: autoria própria (2023).

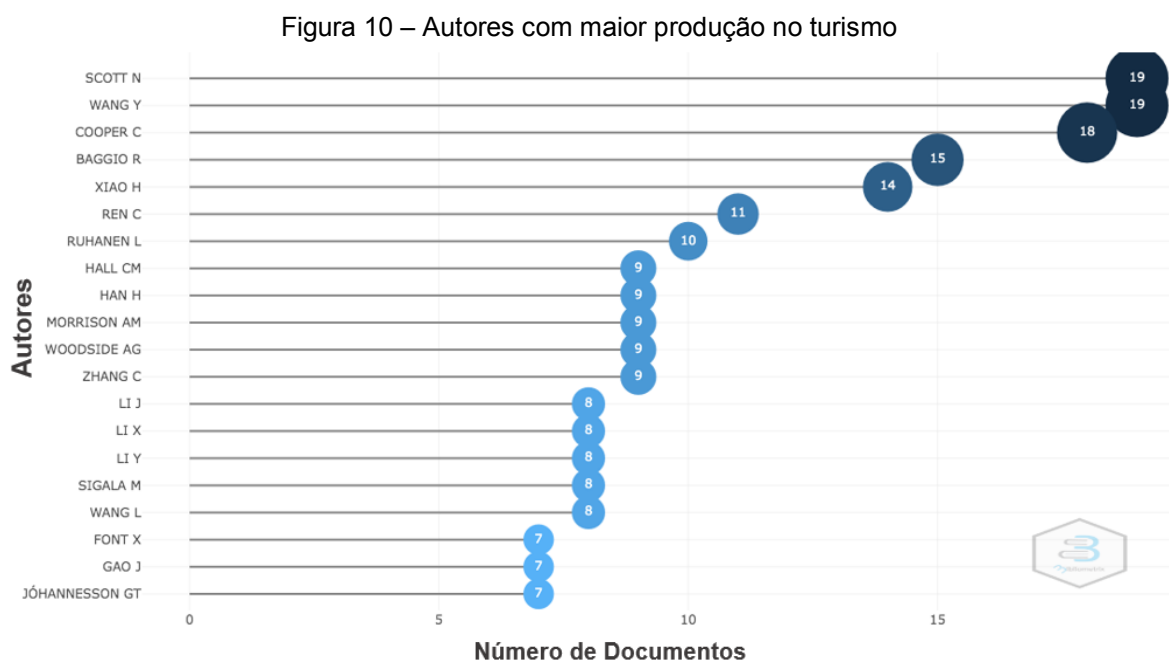
Países como China, Coréia do Sul e Arábia Saudita estão desempenhando papéis proeminentes na pesquisa e publicação de artigos científicos. Esse crescimento pode estar relacionado a uma combinação de fatores, incluindo investimentos substanciais em infraestrutura de pesquisa, colaborações internacionais estratégicas, expansão das universidades e centros de pesquisa e ênfase na formação de recursos humanos altamente qualificados.

A ascensão do monopólio asiático nas produções científicas não apenas reflete uma mudança no cenário geopolítico da pesquisa, mas também levanta questões sobre equidade, acesso aberto e colaboração internacional. Enquanto a contribuição significativa da Ásia para o avanço científico é inegável, é essencial que o progresso científico global seja sustentado por uma distribuição equitativa de recursos, oportunidades e compartilhamento de conhecimento. Nesse sentido, esforços colaborativos entre continentes, aliados à promoção de políticas que incentivem a diversidade e a acessibilidade, podem garantir que o monopólio asiático de produções científicas evolua para um cenário mais inclusivo e colaborativo, beneficiando a comunidade científica global como um todo.

Historicamente, a produção de conhecimento no campo do turismo foi dominada por países ocidentais, que detinham o "centro" do conhecimento. As informações apresentadas pelas Figuras 8 e 9, indicam certa desconstrução desta centralidade e uma determinada migração para os países periféricos. A ascensão dos países asiáticos, desafia a ideia de que o conhecimento relevante em turismo deve vir predominantemente do Ocidente. O que pode ser considerada como uma tentativa de superar a dependência histórica em relação às instituições de pesquisa ocidentais.

Pelo expressivo quantitativo de autoria, da Figura 6, fica evidente o foco na formação de recursos humanos qualificados, que destaca a importância dada à educação e à capacitação de pesquisadores locais e a consequente construção de uma base sólida de conhecimento em turismo. Embora a ascensão dos países asiáticos seja positiva, é essencial garantir que o progresso científico seja compartilhado de forma justa e que políticas inclusivas sejam promovidas para que a comunidade científica global como um todo esteja mais igualitária. Isso se relaciona diretamente com a crítica à colonialidade do conhecimento, que enfatiza a necessidade de superar desigualdades e hierarquias no acesso ao conhecimento e na produção de conhecimento em diversas áreas, incluindo o turismo.

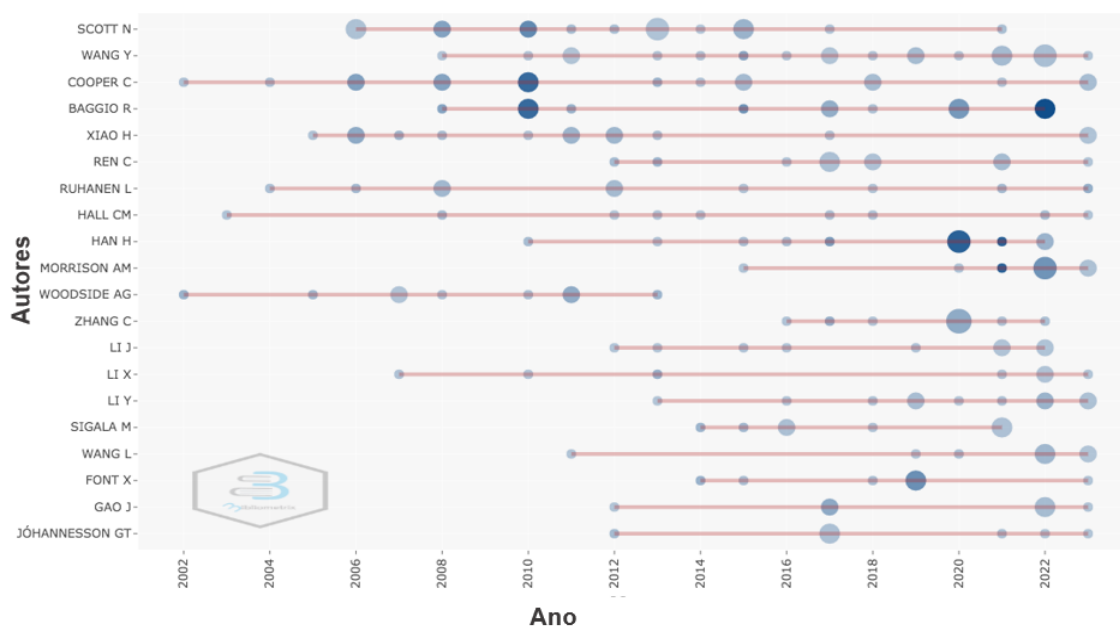
Os autores com maior número de artigos produzidos estão indicados na Figura 10.



Fonte: autoria própria (2023).

Para complementar a informação sobre o quantitativo de autores com maior produção no turismo, a Figura 11 apresenta a produção ao longo do tempo, com uma perspectiva de análise evolutiva. As linhas representam o tempo e os círculos azul são as publicações em proporcionalidade a quantidade de publicações no referido ano. A intensidade da cor no círculo, também representa a proporcionalidade de citações por ano.

Figura 11 – Evolução das produções por autoria



Fonte: autoria própria (2023).

As informações apresentadas nas Figuras 8 e 9, referente ao quantitativo de produção por autor, estão relacionadas com as contribuições futuras do turismo. Estas informações são relevantes, para direcionar novos estudos além de estabelecer tendências emergentes na pesquisa indicando as áreas de pesquisa com destaque. Além disso, conhecer os principais autores, está diretamente relacionado com o acompanhamento das bases teóricas e com o desenvolvimento de colaborações acadêmicas. O conhecimento do número de publicações pode ser útil para pesquisadores em busca de colaborações, que pode refletir em enriquecimento científico no desenvolvimento de parcerias e projetos conjuntos.

No entanto, é importante notar que a quantidade de publicações não deve ser o único critério para avaliar a importância de um autor. A qualidade, relevância e impacto das pesquisas são essenciais. Além disso, é fundamental considerar que a pesquisa em turismo possui abordagem interdisciplinar e diversificada, e diferentes autores podem se especializar em áreas específicas dos seus campos de atuação. Portanto, a identificação de autores com bases específicas de uma pesquisa ou projeto é fundamental para obter resultados relevantes e de alta qualidade.

De acordo com as informações apresentadas na Figura 11, destacam-se o volume de produção dos autores Noel Scott e Ning Wang, ambos com 19 produções na área. O Noel Scott possui centralidade na investigação da Gestão do

Conhecimento e de Ferramentas Práticas de Governança no Turismo, com foco no desenvolvimento estratégico. Faz parte do quadro docente da *Griffith University*, na Austrália. E sua última produção, intitulada *Tourism problemology: Reflexivity of knowledge making* (2015) aborda a relevância da reflexividade na produção do conhecimento. O artigo foi produzido em parceria com Kun Lai e Jun Li, da *Sun Yat-Sen University*.

Ning Wang é da *Sun Yat-Sen University* da China, possui ênfase na investigação da relação sujeito-objeto pela perspectiva das experiências intrapessoais e interpessoais, envolvendo a comunidade receptora do turismo. Defende a compreensão empática no turismo, como manifestações da autenticidade existencial. A última produção foi um Relatório de Pesquisa publicado na *Annals of Tourism Research* em 2015, em parceria de Juergen Gnoth da *University of Otago* intitulado *Tourism Knowledge Domains: A Keyword Analysis* que discorre sobre a influência das correntes filosóficas na autenticidade do turismo.

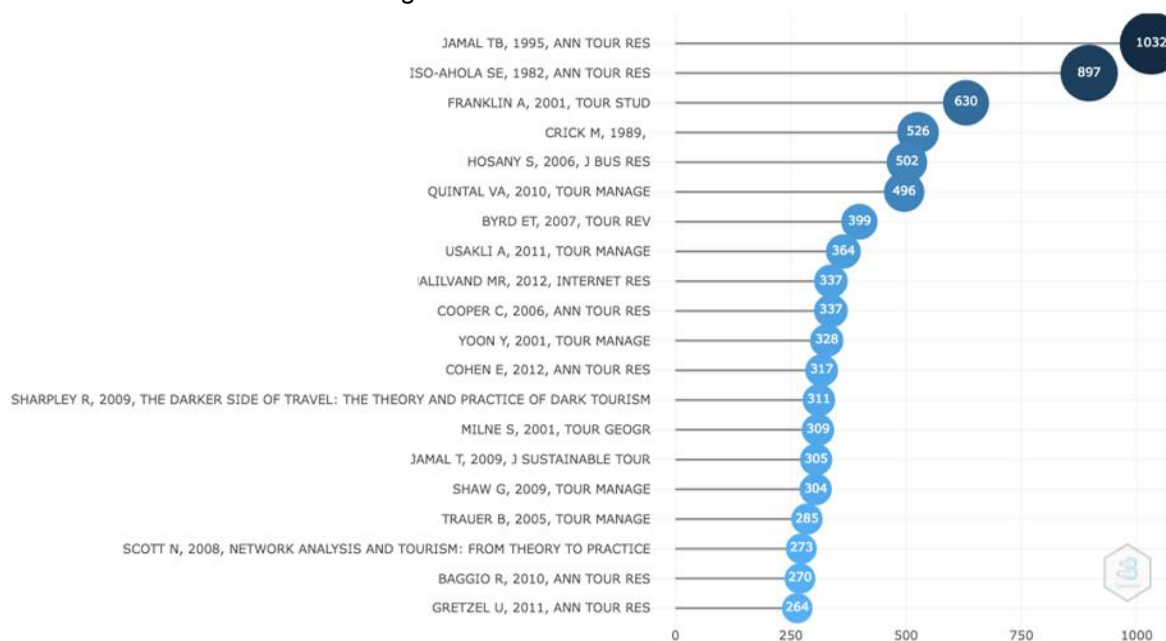
Da análise do quantitativo de produções por autor/por ano, existe certa proporcionalidade entre três autores. São eles: Chris Cooper, Heesup Han e Rodolfo Baggio. Chris Cooper é filiado da *University of Queensland* na Austrália e tem como foco de pesquisa a Gestão do Conhecimento no Turismo, enfatizando o imperativo da transferência e troca de conhecimento como uma ferramenta competitiva. Heesup Han é professor da *Sejong University* na Coreia do Sul e investiga comportamento de consumo no turismo e desenvolvimento de destinos, além de tecnologias de criptomoedas. Rodolfo Baggio é do departamento de economia e turismo da *Bocconi University* em Milão, na Itália e possui interesse pelo compartilhamento de conhecimento aplicados ao turismo. Seus estudos estão voltados a modelos e combinações de análise de transferência de conhecimento combinados a oferta e competitividade de produtos e destinos turísticos inovadores.

Ao analisar as temáticas investigadas pelos autores com maior número de produção, destaca-se a gestão do conhecimento no turismo e a necessidade de transferência e troca de conhecimento como uma ferramenta competitiva. No turismo, a gestão do conhecimento é especialmente aplicada para entender o comportamento de consumo e contribuir para o desenvolvimento de destinos turísticos, onde a troca de informações entre destinos semelhantes volta-se para a geração de soluções inovadoras para desafios com certo grau de semelhança.

O compartilhamento de conhecimento aplicado ao turismo não se limita apenas aos destinos, mas também se estende às organizações que compõem a oferta turística, como hotéis, agências de viagens e empresas de transporte. A colaboração e o compartilhamento de boas práticas costumam gerar melhorias significativas na qualidade dos serviços turísticos e na satisfação do cliente. Desta forma, a temática da gestão do conhecimento ainda em fase de desenvolvimento teórico, exerce um papel relevante no contexto do turismo e pode se apresentar como uma ferramenta competitiva na evolução sustentável do turismo.

Os documentos mais citados em relação a frequência de citação dentro do portfólio de pesquisa, são demonstrados na Figura 12.

Figura 12 – Documentos mais citados



Fonte: autoria própria (2023).

Conforme demonstra a Figura 12, os documentos com maior número de citações englobam diretamente a formação do conhecimento no turismo. O primeiro com 1.032 (mil e trinta e duas citações) é de Tazim Jamal e Donald Getz intitulado *Collaboration Theory and Community Tourism Planning*. O texto aborda os construtos teóricos das colaborações em destinos turísticos e oferece uma abordagem de colaboração interorganizacional para o domínio do turismo, aplicados ao planejamento e ao desenvolvimento de destinos comunitários e locais. O especial destaque deste artigo é em função da visão colaborativa, progressista ao turismo, que

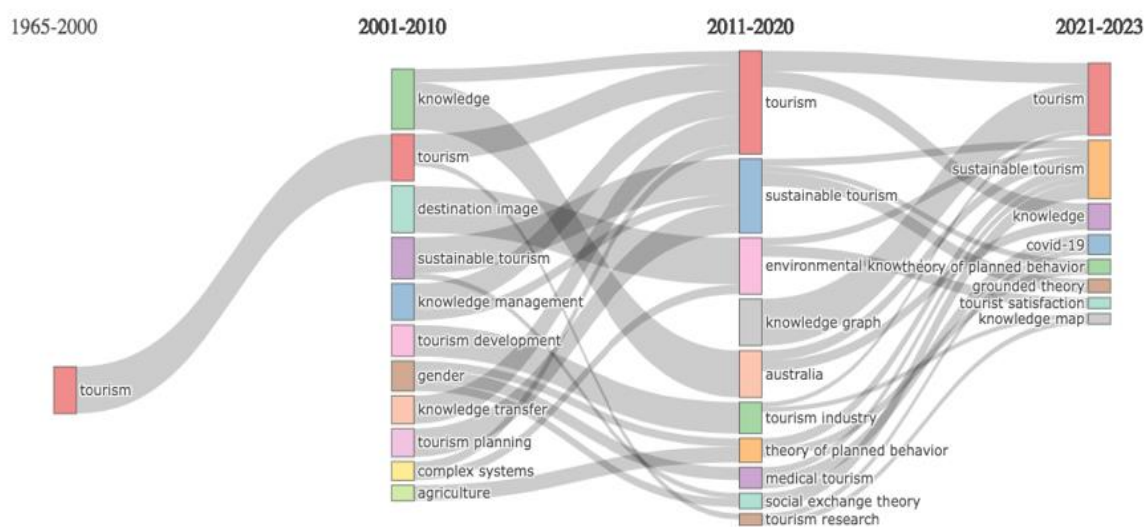
inaugura um arcabouço teórico de sustentação para a discussão do turismo de base comunitária bem como relacionado à sustentabilidade.

O segundo artigo mais citado é o de Seppo Iso-Ahola, da *University of Maryland* dos Estados Unidos, intitulado *Toward A Social Psychological Theory of Tourism Motivation: A Rejoinder*. O texto aborda o conhecimento psicológico aplicado à teoria da motivação e do lazer e rejeita modelos e padrões sociais, dentro de uma abordagem psicossocial e defende o turismo como um processo dialético no qual os indivíduos buscam por interação social.

Ocupando a terceira posição com 630 citações encontra-se o pesquisador Adrian Franklin da *University of Tasmania*, na Austrália. O pesquisador se interessa por temáticas que envolvem a teoria e as relações sociais do turismo. A partir de uma análise crítica, propõe uma nova forma de pensar o turismo a partir de duas perspectivas: (i) a rotina da vida cotidiana (considerando que as pessoas gostariam de fugir dela) e (ii) do espaço social (ainda em oposição à rotina, as pessoas estão em busca de experiências extraordinárias). Oferecendo um breve esboço de como isso pode ser moldado valorizando as pessoas, indica processos de ordenação na formação do turismo moderno.

A abordagem por temas centrais nas investigações referente ao conhecimento do turismo, são expostos no estudo bibliométrico pela Figura 13.

Figura 13 – Evolução temática do conhecimento no turismo



Fonte: autoria própria (2023).

A evolução temática, representada na figura acima, é de acordo com Fernandes (2022) uma análise evolutiva com o objetivo de examinar o desenvolvimento de temas em um campo de estudo específico em um período definido. Para análise da evolução do tema, considerou-se a divisão em quatro períodos: 1965–2000; 2001–2010; 2011–2020; e 2021–2023.

Esta estratégia permitiu a compreensão dos temas relacionados às pesquisas de turismo ao longo da história, desde o seu surgimento. Desta análise foram realizadas a organização das temáticas em temas centrais e temas complementares no campo. O Quadro 6 sintetiza os achados da evolução temática.

Quadro 6 – Síntese de temas centrais e complementares a partir da evolução das temáticas

| Recorte temporal | Temas Centrais | Temas Complementares |
|-------------------------|------------------------|-----------------------------|
| 2001 a 2010 | Turismo | Planejamento do turismo |
| | Conhecimento | Sistemas complexos |
| | Imagem do destino | Agricultura |
| 2011 a 2020 | Turismo | Pesquisas de turismo |
| | Turismo Sustentável | Teoria da troca social |
| | Conhecimento ambiental | Turismo medicinal |
| 2021 a 2023 | Turismo | Mapa de conhecimento |
| | Turismo Sustentável | Comportamento do turista |
| | Conhecimento | Teoria fundamentada |

Fonte: autoria própria (2023).

Em uma breve reflexão dos temas centrais e complementares relacionados ao campo do turismo, pode-se observar a presença recorrente de determinados tópicos centrais que desempenham um papel fundamental na estruturação do domínio e uma amplitude que é possível relacionar a sua complexidade. Os temas centrais, de acordo com o recorte definido, incluem o "Turismo" em si e "Conhecimento". Estes dois termos indicam a importância da compreensão e da percepção das dimensões do

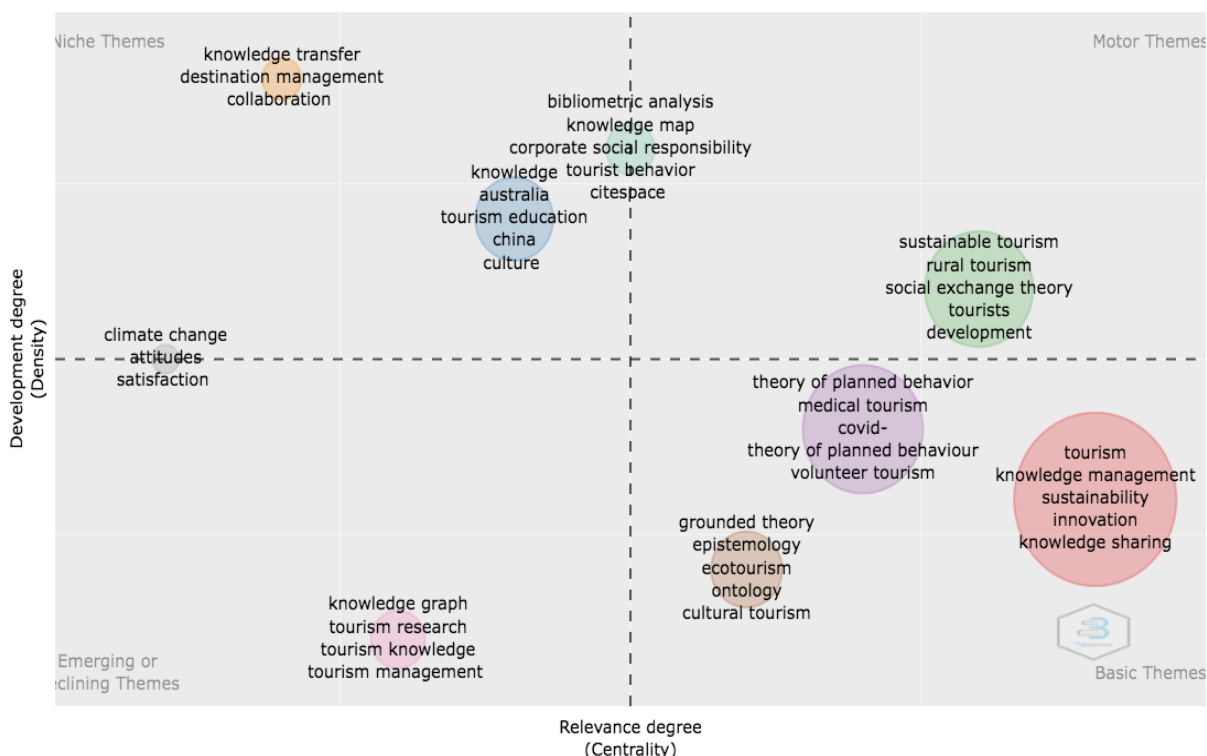
campo nas pesquisas científicas, especialmente presente no primeiro recorte temporal (2001–2010). Também são evidenciados na evolução temática, os termos como "Turismo Sustentável" e "Conhecimento ambiental", refletindo certa preocupação com a sustentabilidade, além dos reflexos do turismo no âmbito ambiental.

Por outro lado, os temas complementares podem representar tópicos que, embora tangencialmente ligados ao turismo, não possuem a mesma centralidade, como "Planejamento do turismo" e "Pesquisas de turismo". Sob esta perspectiva percebe-se um certo paradoxo, entre a necessidade de aprofundamento do conhecimento e o indicativo de fragilidade nas pesquisas da área.

A organização dos temas centrais e complementares das temáticas presentes nas pesquisas de turismo ressaltam a presença de temas fundamentais que definem a base do campo, bem como a coexistência de temas secundários que, embora contribuam para a compreensão do turismo, ocupam uma posição mais periférica sob o ponto de vista das produções acadêmicas. Nesse sentido, ressalta-se a complexidade e diversidade presente no fenômeno turístico e o desafio constante de ampliação dos domínios da área.

Outra forma de observar o comportamento dos temas investigados no turismo, é por meio da Figura 14 – Mapa temático. Como explica Fernandes (2022), o mapa temático utiliza de uma rede de coocorrência de palavras-chave para representar visualmente os temas típicos de um domínio em um mapa de duas dimensões. Nesse contexto, o mapa temático possibilita a análise dos temas de um determinado campo, através da organização das palavras-chave em grupos e das suas interconexões, destacando-os em quadrantes correspondentes. A proximidade em relação ao centro do mapa indica a relevância da temática dentro do campo de pesquisa, enquanto a densidade das conexões reflete o nível de desenvolvimento do tema (Fernandes, 2022).

Figura 14 – Mapa temático do conhecimento



Fonte: autoria própria (2023).

Em relação aos quadrantes, no canto superior esquerdo ficam temas altamente especializados, com conexões internas, mas de importância periférica. No canto superior direito estão temas cruciais, bem desenvolvidos e centralizados. O canto inferior esquerdo mostra temas emergentes ou em declínio, com baixa centralidade. No canto inferior direito estão temas importantes, fundamentais e abrangentes. Cada círculo representa um grupo de palavras-chave, com tamanho e posição refletindo sua relevância e centralidade (Fernandes, 2022).

Ao observar a distribuição temática presente na Figura 14, é possível ter uma visão geral sobre as diferentes facetas e dinâmicas que moldam o campo do turismo. O agrupamento dos temas em *cluster* (representados por círculos coloridos) indicam possíveis interconexões.

Dentro da categoria de "Temas já bem desenvolvidos e centralizados" na produção científica do turismo, aparecem "Turismo Sustentável" e o "Turismo Rural", que de certa forma representam a associação da área com o meio ambiente e das experiências autênticas presentes neste contexto. O tema do "Desenvolvimento" também se destaca e pode indicar a busca contínua por crescimento e progresso no setor. Os "Temas altamente especializados com conexões internas" ilustram nichos específicos que se concentram em áreas distintas. "Turismo Pedagógico" e "Turismo

na China" e "Transferência de Conhecimento" e "Gestão de Destinos" demonstram um enfoque mais restrito, que exige análises detalhadas dentro dessas esferas.

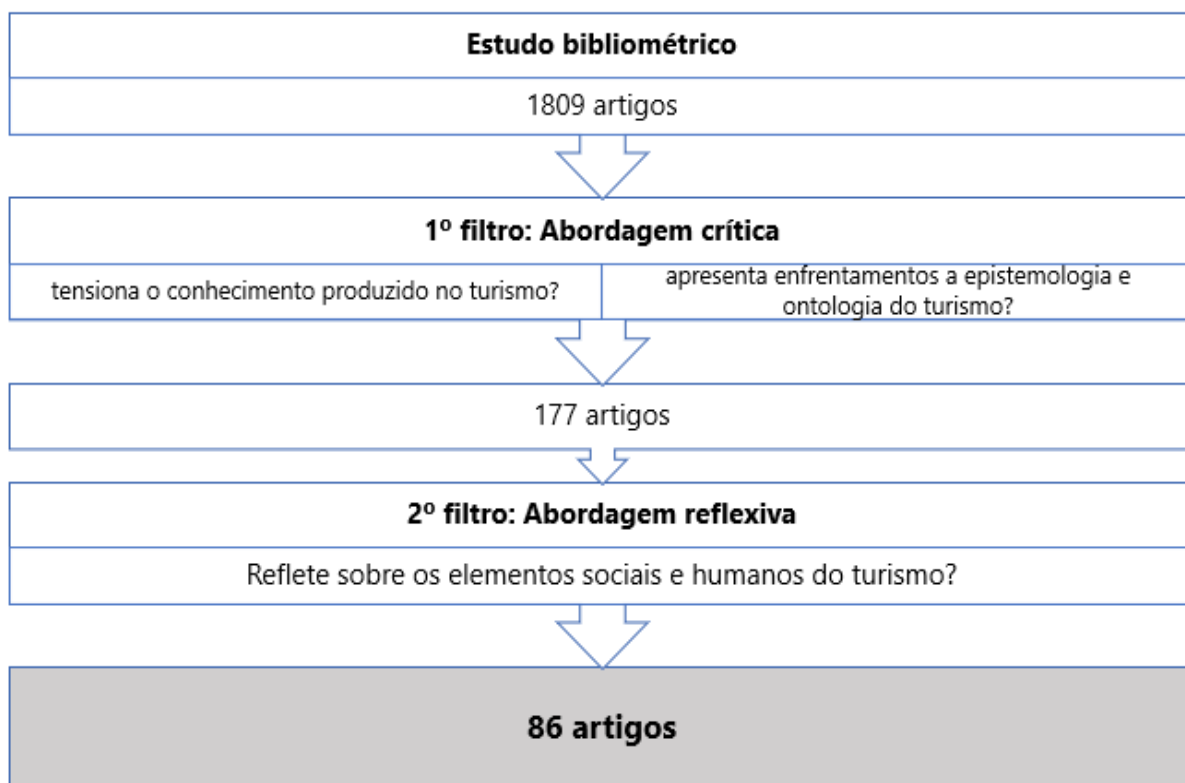
O conjunto de "Temas emergentes ou em declínio" aponta para tendências em evolução. "Gráfico de Conhecimento" e "Pesquisa em Turismo" indicam áreas que estão ganhando relevância, se observados dentro da evolução temporal temática, enquanto "Gerência de Turismo" parece estar perdendo notoriedade.

O grupo de "Temas fundamentais e abrangentes" evidencia um olhar de interesse das pesquisas voltadas às bases conceituais do turismo. Um retorno ou uma nova oportunidade de discutir a "Epistemologia" e a "Ontologia" como indicativo fundamental no contexto turístico. Aparecem ainda "Gestão do Conhecimento no Turismo" e "Inovação" como temáticas investigativas para abordagens futuras. A temática da "Teoria do Comportamento Planejado" e da "Covid-19" são indícios da resposta acadêmica em função da crise pandêmica vivenciada pelo setor, para enfatizar a interação complexa do turismo com eventos externos.

Os temas "Análise Bibliométrica", "Mapa do Conhecimento", "Responsabilidade Social Corporativa", "Comportamento Turístico" e "Espaço de Citação" encontram-se divididos entre temas motores e temas especializados. Que podem ser indicativos de aprofundamento das pesquisas na área do turismo, a partir do uso de dados quantitativos e com a adoção de pesquisas bibliométricas mais aprofundadas.

O estudo bibliométrico realizado sobre o quantitativo geral do portfólio da pesquisa (1809 documentos), reflete a diversidade e a interconexão de conceitos e áreas do saber presentes no campo do turismo. No entanto, apesar de importante, não é suficiente para oferecer uma abordagem de compreensão crítica do turismo como fenômeno social e humano. Na próxima etapa, atendendo ao processo investigativo proposto por Faria (2022), avança para o "Conhecimento aprofundado". Neste momento, o recorte da pesquisa e o aprofundamento das leituras e considerações acerca do objeto são tecidas, em forma de diálogo com a realidade e valorizando a construção do pensamento. A seguir descreve-se na Figura 15 — os filtros adotados neste percurso.

Figura 15 – Filtros para o conhecimento aprofundado na fase da investigação



Fonte: autoria própria (2023)

O portfólio final da pesquisa, foi de 86 artigos que foram lidos, fichados e categorizados em *Excel*. Importante esclarecer que a categorização dos textos é um mecanismo desenvolvido pela autora e que neste sentido possui interpretações possíveis, dentro dos limites de compreensão próprios e dentro do tempo permitido a este desenvolvimento. Ainda se faz necessário justificar que a categorização contempla citações e trechos simplificados dos trabalhos originais.

Este processo foi fundamental para estabelecer a identificação dos elementos constituintes, relações e determinações próprias do turismo enquanto fenômeno social e humano, dentro do corpo desta pesquisa. Mas existe ainda a experiência e a trajetória da pesquisadora com outras leituras e compreensões que estão postas incondicionalmente em toda a tese.

3.2 A COLONIALIDADE DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO TURISMO

O conhecimento científico no âmbito do turismo, de acordo com as abordagens de Tribe (1997) e Leiper (2000), emerge como um campo de estudo caracterizado por lacunas epistemológicas. Essas lacunas são o resultado da formação do campo por

meio da interação de diversos discursos provenientes de uma ampla gama de áreas do conhecimento. Essa diversidade de abordagens, como destacado por Jamal e Getz (1995) e corroborado por Tribe (1997), paradoxalmente deram origem a um cenário de aparente superficialidade científica.

Nesse contexto, o conhecimento em turismo é uma complexa estrutura de diferentes perspectivas sob distintos campos disciplinares que foram se entrelaçando e contribuindo para a construção de um conhecimento fragmentado. Conceitos, teorias e metodologias coexistem neste campo de conhecimento, sem uma integração holística, e muitas vezes, sem o rigor exigido para a cientificidade. A superação da aparente superficialidade científica exige um esforço colaborativo entre pesquisadores, acadêmicos e profissionais, com a intenção de construir pontes entre as diversas disciplinas envolvidas e, assim, avançar na direção a uma compreensão mais profunda e abrangente do turismo.

Este capítulo, apresenta-se organizado em três momentos distintos. Inicia-se com uma trajetória e a definição de marcadores históricos do turismo, no segundo momento, descreve-se sobre a evolução e principais abordagens interpretativas do conhecimento em turismo e encerra com a apresentação de novas fronteiras para o conhecimento do turismo.

3.2.1 Trajetória do Turismo

O turismo é uma composição que se insere em uma prática social ancorada em bases culturais, repletas de heranças históricas, contextualizadas em um entorno diversificado, compreendendo cartografias naturais e relações sociais permeadas por hospitalidade e trocas interculturais (Tribe, 1997).

A síntese resultante desta dinâmica sociocultural engendra um fenômeno imbuído de elementos objetivos e subjetivos, consumidos no que Moesch (2002) denomina de "produto turístico". Na mesma perspectiva, Sampaio (2005), ao interpretar o turismo enquanto fenômeno humano, almeja ampliar sua abordagem a partir do reconhecimento das concepções humanas presentes nesta dinâmica. A proposição de Sampaio (2005) é influenciada pela obra "Desenvolvimento à Escala Humana", de Manfred Max Neef. Nesta obra, Max Neef (2012) trabalha sob uma estrutura de desenvolvimento econômico capaz de satisfazer as necessidades

humanas, articulando uma nova forma de interpretar a realidade, na qual a economia é concebida em função das necessidades humanas.

Tendo a dinâmica humana (Sampaio, 2005) e social (Moesch, 2002) do turismo como ponto de referência, descreve-se a seguir, componentes de uma trajetória histórica, de uma área de conhecimento demarcada por uma cultura colonial. A história do turismo foi sendo estabelecida por lacunas que impediram a construção de uma contextualização robusta sobre o seu entendimento.

Para Walton (2009) esta falta de elementos propiciou ao turismo um afastamento dos eventos, dos fatos e dos processos históricos da sociedade. Como descreve o autor, os principais discursos no campo de estudos do turismo têm sido historicamente baseados em abordagens de economia e negócios. É importante observar que a sociologia também tem desempenhado um papel significativo, como evidenciado pelo impacto notável das indicações relacionadas ao conceito de "olhar do turista" proposto por John Urry em 1995. Além disso, abordagens derivadas da antropologia e da geografia cultural têm exercido central influência na compreensão da área (Walton, 2009).

Vale ressaltar que existe um corpo substancial de pesquisa que adota uma abordagem qualitativa, focando especificamente em estudos literários relacionados a guias turísticos e escritos de viagens (Walton, 2009). Esses estudos literários incorporam uma dimensão de gênero significativa, complementando assim as investigações antropológicas, sociológicas e de estudos de gênero mais amplos no campo do turismo.

Como descreve o autor, os estudos de turismo transitaram isoladamente sob dois polos desconexos. Um voltado a metateoria, cujo objetivo era teorizar, postular e determinar os limites teóricos e compreensíveis do campo e outro voltado a micro-história com a análise de narrativas específicas, que ignoravam o contexto global em que o turismo estava inserido (Walton, 2009). Esta fragilidade de compreensão entre as duas abordagens, é apontada pelo autor como um dos principais motivos da falta de compreensão fundada numa abordagem mais humanista do turismo.

Ao discorrer sobre os estudos históricos de turismo, Walton (2009) tece críticas aos historiadores, por sua falta de interesse nos eventos passados, modificações e descrições do movimento turístico. O que segundo ele, passou a modificar somente a partir da década de 1970. Houve um subterfúgio histórico pelo interesse dos estudos do turismo, que está relacionado ao período pós Segunda Guerra Mundial, à

indisponibilidade de documentos históricos ou até mesmo, por receio de retaliação ao pensamento científico (Walton, 2009).

Nesse contexto de crítica aos estudos históricos do turismo e de reflexão sobre sua evolução ao longo do tempo, é relevante notar que a compreensão do turismo remonta a décadas atrás. A primeira definição do turismo, foi proposta por Hunkinzer em 1911, como "todas as relações e consequências resultantes da viagem e da estada em localidades de pessoas que lhe são estranha". Como discorre Carneiro (2001), essa definição, foi pioneira e ressaltava a interconexão do turismo com diversos aspectos que envolvem não apenas os viajantes, mas também as comunidades anfitriãs. Portanto, enquanto as críticas de Walton (2009) evidenciam um período de falta de interesse histórico nos estudos do turismo, a definição de Hunkinzer, já indicava a complexidade das relações presentes no turismo.

Para Boyer (1997), o turismo primeiro se estabeleceu enquanto atividade econômica e de equilíbrio de divisas na grande crise de 1929. Neste período, a soberania do estado liberal passou a intervir diretamente nas relações econômicas. Concomitantemente, foi quando as Organizações Internacionais por meio da constituição de um comitê em 1937, propuseram a definição, padronização e regulamentação mundial dos agentes comerciais do turismo.

A adoção padronizada tinha como finalidade principal a mensuração e controle da capacidade econômica do turismo. De acordo com Boyer (1997) foi com a padronização dos conceitos no período pós-guerra, que o turismo passou a ser compreendido e desenvolvido mundialmente como elemento quantificável e representante nominal da geração de divisas. Foi somente na década de 90 que o turismo passou a ganhar notoriedade e representação científica, sob uma perspectiva crítica enquanto fenômeno social.

Para Graburn e Jafari (1991), a construção da definição de turismo foi se adaptando ao longo do tempo, mas sempre esteve relacionada prioritariamente com a compreensão econômica. Somente em segundo plano essa relação ocorre com suas demais facetas culturais, ambientais e sociais.

Outro ponto relacionado à compreensão do turismo está posto pela relação entre classes sociais, que é marcante, uma vez que os padrões de consumo e comportamentos de lazer são ditados por aqueles com maior poder aquisitivo. Como descreve Graburn e Jafari (1991) é evidente a influência histórica da aristocracia na evolução do turismo, com a invenção de espaços e temporadas para descanso e

prazer. Nesse ponto, os autores destacam a relação do turismo com o conceito de lazer. O lazer, está relacionado a um produto da sociedade industrial que influenciou a maneira como as pessoas percebiam o tempo livre e as possibilidades de exploração. Assim, turismo e lazer são intrinsecamente relacionados (Graburn & Jafari, 1991).

De acordo com Walton (2009), o turismo denominado “moderno” surgiu na Europa Ocidental do século XVIII e implica na organização comercial de viagens em busca de saúde, prazer, que dependem do acesso ao tempo disponível e renda dos participantes. Neste sentido, corrobora com Graburn e Jafari, ao considerar que a prática de turismo é gerada e alimentada pela ascensão das sociedades urbanas, comerciais, pela classe média profissional e manufatureira, ao lado da ascensão e prosperidade agrícola entre proprietários de terras e agricultores (Walton, 2009). Portanto, o turismo pode ser considerado como uma atividade que possui, na sua evolução, marcas do poder de compra, do consumismo e do ciclo da moda em sociedades.

Para Walton (2009), o turismo tal qual como conhecemos, cresceu na burguesia em sintonia com a ascensão das sociedades industriais, à medida que emergiu da aceleração comercial e da urbanização do século XVIII. Sob a abordagem social, o direito dos trabalhadores às férias é resultado de anos de conflito entre as classes sociais e que somente a partir da garantia deste direito é que se torna possível reconhecer o tempo livre remunerado e as práticas de turismo da classe trabalhadora (Schenkel, 2000). Fato este que contribuiu com a aceleração comercial do turismo.

Mesmo que o surgimento do turismo esteja imbricado nas relações sociais, a sua compreensão científica está voltada para uma interpretação instrumental, que reverbera numa análise histórica de forma esquemática e superficial em vez de fundamentada e contextualizada (Walton, 2009). Nesse aspecto, como se percebe na descrição histórica do turismo, há uma tendência de apropriação do turismo ao setor industrial proveniente dos legados históricos da sociedade, em detrimento dos mitos e lendas em favor das adaptações simplificadas para o atendimento do mercado. Fato que conduziu a uma severa crítica de Walton (2009) aos historiadores e a história do turismo que permaneceram à margem das principais correntes de investigação.

O turismo não está isento de controvérsias. Conforme pontua Gnoth e Wang (2015) a descrição de sintomas negativos, como degradação ambiental, perturbação social e impacto econômico desequilibrado, destaca os desafios enfrentados e a

necessidade de abordagens mais responsáveis e sustentáveis. A ascensão de novas tendências culturais e sociais também influencia a evolução do turismo, à medida que se adapta às mudanças nas tendências de lazer e busca por experiências autônomas (Gnoth & Wang, 2015).

O conceito de turismo do século XIX trouxe uma redefinição das viagens, antes restritas aos envolvidos em empreendimentos eruditos ou pertencentes à elite aristocrática que detinha privilégios (Carneiro, 2001). Nesse contexto, a obra de Carneiro (2001) revela a presença de um fundamento colonial arraigado na evolução histórica do turismo.

A exploração das regiões orientais e americanas foi fortemente impulsionada por uma mentalidade de expansão da ambição, pilhagem e exploração. As investidas na África ocorreram perseguindo a captura de escravos, nas selvas da América tropical em busca de ouro, e nos arquipélagos oceânicos do extremo oriente em busca de especiarias. A natureza imperialista e colonial dos viajantes foi evidenciada por seus relatos (Carneiro, 2001).

A abordagem histórica proposta por Carneiro (2001) enfatiza a complexidade intrínseca ao desenvolvimento do turismo, revelando suas origens multifacetadas ancoradas na exploração colonial e nas relações culturais entre viajantes e povos locais. Essa análise evidencia como as motivações para a viagem ao longo da história se entrelaçam profundamente com empreendimento imperialistas e busca por recursos naturais em diversas partes do mundo.

A expansão dessas atividades turísticas não apenas influenciou a geografia política e econômica global, mas também moldou as narrativas culturais e as dinâmicas sociais entre diferentes comunidades. A investigação crítica de Carneiro (2001) contribui para uma compreensão mais profunda das raízes históricas do turismo, desvelando suas conexões com o colonialismo, a dominação e a troca de culturas, desde as sociedades antigas até a sociedade industrial e contemporânea.

Como abordam Platenkamp e Botterill (2013), a análise pós-colonial refere-se constantemente às complexas relações de poder que precisa ser incorporada à microanálise da mercantilização do turismo. Durante a era da colonização, partes do mundo foram subjugadas por potências coloniais em busca de recursos e mão de obra. Inspirados por MacCannell (1976) e Boorstin (1980), Platenkamp e Botterill (2013) em um artigo sobre o relativismo epistemológico no turismo, revelam que a representação da escravidão no período colonial deixou rastros significativos na

estrutura do turismo. Sob esta perspectiva, os autores alegam que existe uma herança colonial “em lugares onde os planejadores do turismo fornecem aos ricos, brancos e muitas vezes aposentados, locais históricos atraentes, cheios de "autenticidade encenada" e ‘pseudo-eventos’” (Platenkamp & Botterill, 2013, p. 115, tradução nossa).

Com base no levantamento histórico do turismo, realizado por Graburn e Jafari (1991), Carneiro (2001) e Walton (2009), a infraestrutura turística recebeu certo benefício dos países colonizadores, enquanto as comunidades locais não tiveram controle significativo sobre os ganhos econômicos gerados pelo turismo. Como esclarece Lander (2005), a colonialidade refere-se a um sistema de poder e dominação que transcende a mera colonização física, incluindo aspectos culturais, sociais e econômicos. Essa relação é complexa e influenciada por dinâmicas políticas, econômicas e sociais que remontam os períodos de colonização e exploração das colônias.

Nota-se que existe no curso histórico do turismo, imbricações de classes sociais, as mudanças intensificadas pelo lazer, as influências da aristocracia e do imperialismo, as tendências urbanas e tecnológicas, que moldam o futuro do fenômeno. Enquanto os estudos de turismo evoluíram no decorrer histórico, o desafio persiste em encontrar abordagens que ofereçam uma compreensão mais complexa e capaz de refletir criticamente sua interconexão com aspectos sociais e humanos.

3.2.2 Marcadores Históricos do Turismo

A identificação de marcos históricos dentro da produção científica do turismo, não apenas lança luz sobre o passado, mas também fornece elementos importantes para a compreensão da evolução do conhecimento científico sobre o turismo. Nesse sentido, o texto a seguir, compõem a fase de problematização da tese e tem por objetivo refletir criticamente sobre a relação entre os eventos históricos e a ênfase dada a compreensão do fenômeno turístico. Nesse contexto, elegeu-se com base em Walton (2009) sete marcadores históricos fundamentais para o seu entendimento: (i) classes sociais, (ii) urbanização (iii) rito desenvolvimentista e passado colonial, (iv) gênero, (v) etnia, (vi) política e diplomacia e (vii) tecnologia da informação e da comunicação.

3.2.2.1 Classes sociais

Para além da visão econômica, Boyer (1997) descreve a relação histórica do turismo com o lazer da classe burguesa britânica. O autor retrata as preferências dos viajantes e a permanência deles em locais prazerosos, com gasto desmedido, como sendo sinônimo de status da aristocracia britânica. O turismo é um produto formado pela aristocracia, afirma Boyer (1997), especialmente a britânica, que condicionou um distanciamento entre o entretenimento popular e o da nobreza. Ao defender a sua teoria, o autor narra a criação e difusão de passeios turísticos inventados pela aristocracia britânica e mais tarde difundidos para outras sociedades europeias, num sistema de hierarquia e de reputação.

Como exemplo significativo do marcador histórico das classes sociais, Walton (2009) sugere a observação da expansão do *Grand Tour* Europeu. Este movimento se tornou um rito de passagem aristocrática dos jovens europeus. Um padrão de demarcação ao acesso privilegiado à informação e ao conhecimento. Uma prática de reafirmação das relações de trocas sociais e de apresentação e aceitação à elite, delimitando claramente a nobreza e a soberania do conhecimento (Walton, 2009). Foi ainda, por meio deste rito, exposto por Walton (2009) que se estabeleceu o que se entende como "processo civilizador" ou a "revolução moral", que deu aos ingleses a alcunha ou o estereótipo de "educado", durante as décadas intermediárias do século XVIII. Por esta razão, o núcleo central do turismo mundial foi considerado a Grã-Bretanha, especialmente a Inglaterra.

O *Grand Tour* é um exemplo significativo de um marcador histórico relacionado às classes sociais e às viagens que fazem parte de um rito social, mas existem ainda outras viagens que também reafirmam as relações de classe e as facilidades da elite. Nesta direção, as viagens desempenham um papel social, marcando transições, celebrações ou conquistas na vida das pessoas, ao mesmo tempo em que refletem e reafirmam diferenças de classe, privilégios e acesso a conhecimentos ou experiências específicas.

Dentro desse contexto, torna-se relevante considerar a estrutura das classes sociais na evolução do turismo. A trajetória histórica do setor, amplamente delineada a partir do século XX, apresenta uma intrincada interação entre os diferentes estratos sociais. O ritual aristocrático, por exemplo, não apenas delineou a forma como a elite social se envolvia com as viagens, mas também estabeleceu as bases para a busca

por experiências exclusivas e luxuosas que continuam a moldar o turismo contemporâneo.

A evolução vinculada ao lazer evidencia a crescente participação das camadas médias da sociedade, à medida que o tempo livre e a busca por entretenimento passaram a guiar as escolhas de destinos e atividades turísticas. Com isso, o turismo de grande volume ou de massa, foi se fortalecendo como a única oportunidade de acesso das classes trabalhadoras às viagens. Pode se dizer que a manifestação e consolidação da nobreza desempenharam um papel importante na definição de padrões estéticos e culturais que influenciaram a promoção de destinos e a criação de cenários atrativos para os viajantes. Ao mesmo tempo, a herança colonial ressalta a maneira como as interações entre diferentes grupos sociais, ao longo da história, moldaram os destinos turísticos, muitas vezes resultando em narrativas complexas e desiguais.

É correto afirmar que o ritual associado ao desenvolvimento, por sua vez, reflete como as classes sociais moldaram e foram moldadas pelo crescimento do turismo como fenômeno econômico (Walton, 2009). O que levou ao envolvimento de diferentes estratos na construção de infraestruturas, serviços e experiências turísticas e desempenhou um papel vital na expansão e na diversificação do setor.

Considerando o exemplo do *Grand Tour*, fica evidente que a desigualdade gerada pelas classes sociais demarca os privilégios da elite em relação as classes trabalhadoras no que se refere ao turismo. Ele destaca como as viagens historicamente fortaleceram as disparidades de classe e os privilégios da elite. Esse ritual aristocrático não apenas delineou o modo como uma elite se envolve com as viagens, mas também localizou um padrão de busca por experiências exclusivas e luxuosas que perpetuam desigualdades até os dias de hoje.

A evolução do turismo está vinculada ao lazer e reflete a crescente participação das camadas médias da sociedade. No entanto, mesmo com essa ampliação, as disparidades persistem, uma vez que a busca por entretenimento é condicionada a recursos financeiros. Conforme recomendado por Walton (2009), o crescimento do turismo reflete como as classes sociais moldaram e foram moldadas pela perspectiva industrial. Diferentes estratégias sociais desempenharam papéis distintos na construção de infraestruturas, serviços e experiências turísticas, contribuindo para a expansão e diversificação do setor. No entanto, esses processos muitas vezes ampliaram as disparidades existentes, em vez de reduzi-las.

No contexto brasileiro, a desigualdade de renda é uma realidade marcante e isso influencia diretamente a capacidade das pessoas de participar de atividades turísticas, seja viajar para destinos distantes, desfrutar de hospedagens confortáveis ou acessar atividades de lazer. As diferenças regionais também são outro fator que afetam diretamente o turismo no Brasil. Grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, atraem um número maior de turistas, enquanto áreas mais remotas e menos envolvidas enfrentam desafios em termos de infraestrutura e acesso a oportunidades turísticas. Isso contribui para a manutenção da distribuição desigual do turismo no país.

Mesmo que o Brasil possua uma rica diversidade cultural e natural, gere empregos e receitas em diversas regiões, a distribuição dos benefícios não é uniforme e em muitos casos as comunidades locais não se beneficiam do turismo. Neste contexto, o turismo sustentável pode ser uma oportunidade para que essas comunidades, acessem recursos e promovam o desenvolvimento de empreendimentos turísticos favorecendo a promoção de um turismo mais inclusivo e equitativo.

3.2.2.2 Urbanização

O desenvolvimento histórico do turismo segue para o continente americano, atendendo aos padrões do consumo inglês. Nesta perspectiva, para Walton (2009) é possível afirmar que existe um significado mais amplo ao se observar os destinos turísticos do século XIX e XX. Pela paisagem valorizada destes períodos, as construções para o atendimento da demanda turística foram centralizadas num padrão generalista, com grandes estruturas hoteleiras costeiras ou em regiões montanhosas, seja em cidades mais sofisticadas ou em destinos mais populares.

A percepção do composto de imagens com grandes edificações, como os *resorts*, se tornou valorizada em detrimento da preservação das construções locais, significando um movimento de “cima para baixo” e “não de baixo para cima” (Walton, 2009). Sob esta ótica, a identidade territorial, as percepções locais e a relação fruto da interação com a comunidade local, foram deixadas de lado pelo turismo. Como descreve o autor, uma infinidade de *resorts* costeiros foi sendo construído, primeiro na Inglaterra, depois em toda Europa e América, potencializando, assim, as férias na praia, em um fenômeno global do século XX.

Neste cenário, o desenvolvimento tecnológico dos meios de transporte e a urbanização dos espaços, potencializou a discriminação das classes sociais, tanto pelas divisões de classe dentro dos veículos, quanto pela demonstração de poder e competitividade gerado pelo poder do deslocamento. A paisagem planejada e construída às margens do litoral, tinha como agentes propulsores, empresários, grandes proprietários de terra e até políticos, atendendo primordialmente a um objetivo comercial. O cenário marítimo cresceu de forma espontânea e especulativa em todo o mundo e deu origem a formação ampla de campos e colônias de férias, que servem de registro histórico da formação inicial das viagens do século XX (Walton, 2009).

A distribuição geográfica do turismo coincide com outras práticas sociais contemporâneas, assim como com diversos usos e ocupações do espaço, inclusive aquelas com raízes históricas. Na percepção de Paiva (2013) sobre a relação entre o processo de urbanização e o turismo é possível afirmar que o espaço mercadoria do turismo não é atribuído apenas pelo valor de uso e troca, mas cada vez mais pelo valor simbólico que está presente nos valores culturais e sociais que subentende a sua prática. Desta forma, além de atributos como acessibilidade, infraestrutura e localização, existem fatores que qualificam os destinos turísticos e estimulam a criação de novas configurações urbanas.

A conexão do turismo com a ascensão das sociedades industriais, emerge da aceleração comercial e da urbanização do século XVIII. Os ritos de consumo do turismo, foram sendo pautados cuidadosamente pela regulação de elites e aspirantes sociais, partindo da Inglaterra e se estendendo à Europa Ocidental, depois aos Estados Unidos, Austrália e Ásia e mais tarde ao Caribe e à América Latina. Esta trajetória geográfica é descrita por Walton (2009) com base na análise do surgimento histórico de uma extensa matriz de estudos de destinos turísticos que refletem a influência inglesa no modo de fazer turismo, seja pelo uso de ferrovias e barcos ou pela preferência de destinos.

Para Boyer (1997), o início do turismo foi motivado pelo interesse inglês por destinos com conforto climático e com propriedades de saúde, como por exemplo regiões de águas termais. Na sequência, foi a vez do movimento de migrações temporárias para regiões de montanhas e praias, que influenciaram a sofisticação e a consequente popularização de resorts costeiros (Walton, 2009).

No início do século XVIII, foi a vez dos *spas*. Para Boyer (1997) os *spas* de banhos com água termal, marcaram o século XVIII, juntamente com a descoberta pelos Alpes alemães e o deslumbramento com a paisagem das montanhas. No século XIX, foi a vez dos banhos de mar pelo Mediterrâneo, que incentivaram a formação dos *resorts* à beira mar e a transformação do verão na estação social de descanso da nobreza (Boyer, 1997).

Ainda nessa prática das camadas privilegiadas, as invenções turísticas seguiram sendo produzidas e reproduzidas pela influência da burguesia. Esta relação se desenvolveu por meio de uma dependência cada vez maior de excedentes. Foi pautado pelo poder de compra, do consumismo e do ciclo da moda e seguiu se reafirmando diante do desenvolvimento dos destinos turísticos e da sua capacidade de modificar os arranjos sociais (Walton, 2009).

Embasados por Mullins (1991), o primeiro pesquisador a estudar a temática de urbanização turística, Paiva (2013) descrevem que a urbanização turística se fundamenta na contraposição de dois períodos históricos. O primeiro de 1945 a 1971, relacionado ao consumo coletivo e a sub urbanização. E o segundo, a partir de 1971, referente a constituição das cidades pós-modernas e do consumo do prazer dado pelo processo de “gentrificação³”. Nessa direção sustentam que a urbanização turística é baseada na venda e no consumo do prazer e não na industrialização centrada no trabalho e na produção.

Na análise de Paiva (2013), a modalidade de turismo de sol e mar e as residências secundárias, associaram o processo de urbanização ao entretenimento e ao lazer, com a instalação de parques, cassinos, hotéis e outras atrações turísticas. Esta associação contribuiu para a forma e a estrutura da urbanização atrelada ao turismo, onde as estruturas das cidades contemporâneas são submetidas à lógica do consumo e da produção enquanto o litoral, estrutura-se ao lazer e ao bem-estar. Como destacam os autores, a atividade turística não é subordinada a uma localização, o turismo ocorre indistintamente do lugar, assim como se reproduz independentemente da região. No entanto, historicamente o consumo do espaço turístico, contribuiu para

³ O termo gentrificação é a versão portuguesa de *gentrification* (de *gentry*, “pequena nobreza”), conceito criado pela socióloga britânica Ruth Glass (1912-1990). O termo refere-se a processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas (Alcantara, 2018).

lugares periféricos nos fluxos do turismo global, ratificando num processo desigual de urbanização (Paiva, 2013).

Os elementos históricos apresentados pela urbanização no turismo refletem uma trajetória impulsionada por uma série de influências que remetem a ascensão das sociedades industriais. Seja pela busca por destinos de conforto climático, saúde e bem-estar, ou a sofisticação dos resorts costeiros que moldaram o cenário turístico mundial desde o século XVIII. No entanto, essa urbanização não foi apenas marcada pelo progresso, mas também por desigualdades sociais e pela hegemonia das elites na definição dos destinos e ritos de consumo.

À medida que o turismo se expandiu globalmente, a paisagem costeira foi transformada para atender às demandas de lazer, muitas vezes em detrimento das construções locais e da interação com as comunidades locais. O processo de urbanização turística, delineado ao longo da história, revela a complexa relação entre consumo, poder e espaço, e ressalta a importância de considerar não apenas a infraestrutura e a acessibilidade, mas também os valores culturais e sociais que moldam os destinos turísticos.

3.2.2.3 Rito desenvolvimentista e o passado colonial

O período colonial teve um impacto profundo na percepção cultural e geográfica de muitas regiões do mundo, que por consequência aumenta a responsabilidade do turismo na preservação da autenticidade cultural e nos desafios associados ao seu desenvolvimento. A relação entre a visão desenvolvimentista e o passado colonial no conhecimento científico do turismo, é descrita de forma superficial nas pesquisas acadêmicas que formam o portfólio de investigação da tese. Alguns poucos autores Graburn e Jafari (1991), Carneiro (2001), Platenkamp e Botterill (2013), Tribe e Liburd (2016), Bowman (2020) reconhecem a interferência histórica da colonialidade na formação do conhecimento científico do turismo.

Como descreve Graburn e Jafari (1991), após a Segunda Guerra Mundial, a pesquisa em turismo foi um instrumento para o desenvolvimento, de forma inquestionável, especialmente em nações pós-coloniais. A adoção do turismo como recurso desenvolvimentista era unânime entre os planejadores e economistas de organizações e instituições mundiais como a ONU e o Banco Mundial (Graburn & Jafari, 1991).

Um exemplo do rito desenvolvimentista dominante neste período, pode ser observado pela criação e ampla reprodução do modelo *Tourism Area Life Cycle* (TALC), em português, Ciclo de Vida do Turismo. Este padrão de desenvolvimento, foi desenvolvido por Richard Butler (1980) e passou a ser considerado como ferramenta fundamental para determinar e incrementar o nível de turismo de um determinado destino. Como descreve Walton (2009), este modelo de interpretação de destinos turísticos que foi utilizado amplamente nos estudos de turismo, marcando a evolução do desenvolvimento turístico mundial. A categorização consiste na divisão de estágios ou etapas pelas quais o destino turístico é submetido de acordo com a relação entre o número de turistas e o tempo de operacionalização. São elas: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio. Como esclarece Butler (1980), o modelo é fundamentado no conceito de curva de venda, para manter o crescimento, das vendas e do lucro. O objetivo com a adoção deste modelo era a definição e aplicação de estratégias para ampliar a comercialização das áreas turísticas.

As críticas provenientes do turismo de massa geradas pela ampla adoção deste modelo, se concentraram inicialmente em aspectos econômicos, como inflação local e dependência econômica. De acordo com Graburn e Jafari (1991), foi a partir dos prejuízos econômicos do modelo desenvolvimentista, que os estudos sociológicos, antropológicos, geográficos em torno dos impactos do turismo ganharam representatividade no meio científico (Graburn & Jafari, 1991).

Outra questão que culmina no enfoque desenvolvimentista, são os avanços nos meios de transporte e comunicação e do conseqüente desenvolvimento tecnológico da indústria, no Pós-Revolução Industrial. Como descreve Carneiro (2001), este período é marcado pelo progresso dos meios de transporte, como aviões e navios e os avanços tecnológicos, impulsionaram o turismo de grande volume.

A necessidade de reintroduzir a realidade posta pelo período colonial na produção de conhecimento no campo do turismo é levantada por Platenkamp e Botterill (2013). De acordo com os autores, a estrutura das viagens e do turismo no contexto global, requer compreensões plurais com diversas perspectivas, especialmente dentro das ciências sociais. Em concordância com os autores, a complexidade ontológica apresentada pelo turismo possui dinâmicas de dominação e resistência, que exige uma análise crítica e reflexiva sobre as reivindicações epistemológicas relacionadas a sua compreensão.

O artigo de Platenkamp e Botterill (2013), destaca a tendência essencialista que pode surgir nas tradições interpretativas e críticas do turismo, relacionando a diversidade de vozes e contextos com interpretações genuínas e "nativistas" das tradições locais explorando a interseção entre poder e conhecimento nas condições pós-coloniais da sociedade global.

3.2.2.4 Gênero

Outro marco relevante na trajetória histórica do turismo, são as dimensões de gênero, orientação sexual e etnia. Nestes campos, alguns registros na literatura histórica descrevem destinos turísticos marcados pela transgressão. A partir da análise literária, Carneiro (2001), alerta para histórias de abusos relacionadas ao turismo desde o período colonial.

Na mesma direção Walton (2009) denuncia a potencialização da exploração sexual e de abusos de mulheres e menores em destinos turísticos. Para além do cenário norte americano de Las Vegas ou das praias do Caribe, regiões da Ásia, Pacífico, África e América do Sul, que sofrem com a clandestinidade e atribuição de valor turístico dada a exploração sexual, a temática é pouco investigada sob o ponto de vista histórico. Uma série de práticas culturais historicamente associadas ao desenvolvimento do turismo possuem relação com a problemática, como: os banhos termais, a cultura de praia e exposição corporal, os concursos de beleza e exposição dos corpos femininos, o recorrente favorecimento masculino em destinos esportivos, entre outros (Walton, 2009). Na percepção do autor, a crítica da atuação científica dos historiadores é refletida na pesquisa acadêmica que precisa valorizar os elementos históricos para compreender questões complexas como os impactos sociais e culturais provocados pelo turismo.

Articulando a problemática em torno das relações de gênero e a atuação científica, Aitchison (2005), busca em diferentes perspectivas teóricas, compreender as complexidades presentes nesta interação e defende o feminismo radical e o pós-estruturalismo, para iluminar tal debate. A autora indica a necessidade do fortalecimento teórico, para reconhecer a presença do patriarcado em todas as esferas da sociedade, sustentando que ele é a raiz de todas as formas de opressão, incluindo aquelas relacionadas à classe e à raça. Essa visão estruturalista coloca o estado, assim como as demais organizações sociais como apenas uma manifestação

do poder patriarcal, ressaltando como as estruturas de poder subjacentes moldam outras facetas da vida (Aitchison, 2005).

Para justificar a sua escolha teórica, a autora apresenta as questões de gênero como um marco histórico do turismo, e nos leva a questionar sobre como as dinâmicas permeiam historicamente as oportunidades de emprego, as representações culturais e até as próprias experiências dos viajantes. Para citar alguns exemplos em torno das oportunidades de emprego, Aitchison (2005) indaga sobre os raros casos de homens desempenhando a função de camareiras nos meios de hospedagem, assim como a presença da mulher, quase que obrigatória na recepção de eventos, meios de transporte e de hospedagem por simbolizar simpatia e a disponibilidade.

As narrativas de gênero no turismo não são fixas, assim como dependem e variam de acordo com a realidade cultural de cada território, mas a análise crítica pode enriquecer a compreensão das dinâmicas do turismo, revelando como as estruturas de poder influenciam a oferta dos serviços turísticos, as experiências dos viajantes e a nossa compreensão sobre o fenômeno.

Com a intenção de observar os problemas em torno do turismo e dimensioná-los Lai, Li e Scott (2015) discutem a importância da reflexividade negligenciada no conhecimento em turismo. Os autores citam os problemas de abordagem sociológica, como as relações de gênero e a dificuldade de enfrentamento acadêmico desta temática. E consideram que o debate acadêmico deveria voltar-se para refletir os próprios problemas ao invés de buscar por resolução específica e concreta. Na percepção de Lai, Li e Scott (2015), o conhecimento profundo do problema fornece a dimensão e autoconsciência em torno de uma solução possível. Assim, os autores incentivam o debate científico das relações de gênero com a intenção de minimizar os impactos sociais negativos envolvidos nesta temática, a partir da problemologia⁴.

O marcador histórico de gênero, nos incentiva a questionar sobre a relação da problemática de formação do conhecimento no turismo. Quem controla as narrativas turísticas, qual é o critério definidor de autêntico e valioso em um destino e como as

⁴ A problemologia ou problematologia, se refere a uma investigação filosófica de problemas, que teve sua conotação estendida e pode ser compreendida em três níveis hierárquicos: (a) o núcleo que consiste em discursos problemáticos clássicos de filósofos influentes, (b) o nível intermediário composto por estudos de problemas que empregam abertamente a terminologia da problematologia, e (c) a periferia, que inclui discussões de problemas por cientistas que trabalham dentro de suas próprias disciplinas e campos. Como os níveis interagem, formam um sistema com certo grau de unicidade com conteúdo e estrutura complexas (Lai; Li; Scott, 2015, p. 19).

representações de gênero são construídas e legitimadas neste contexto. Se faz necessário compreender nos estudos de turismo, a trajetória sobre os estereótipos de gênero, assim como promover a diversidade acadêmica para garantir que vozes marginalizadas sejam compreendidas na narrativa turística.

3.2.2.5 Etnia

O movimento de geração ou adaptação de tradições orientadas aos negócios turísticos é um tema de abordagem sociocultural ampla e multidisciplinar. As questões sobre autenticidade e identidade étnica no turismo são colocadas dentro do contexto histórico por Walton (2003; 2009), como um questionamento necessário sobre o comportamento de identidades nacionais e regionais. Conforme Walton (2003; 2009), às questões étnicas afetaram o turismo e a força de trabalho, especialmente nos Estados Unidos, onde praias e casas de banho particulares eram identificadas para grupos étnicos específicos, como irlandeses ou judeus.

Da mesma maneira, grupos de famílias negras de classe média e congregações fundaram seus próprios resorts à beira mar na costa leste dos Estados Unidos (Walton, 2009).

Ainda em relação a etnia, mas sob o ponto de vista dos costumes locais, muitos destinos turísticos foram sendo adaptados e apropriados para atrativos turísticos. Ao considerar os diferentes contextos históricos sociais entre os países, a questão dos costumes étnicos locais foi sendo adaptados, apropriados e representados como atrações turísticas, tornando-se gradativamente em um processo de comprometimento da autenticidade a partir do século XIX (Walton, 2009).

Este processo histórico, conforme discorre Walton (2009) foi de especial interesse de pesquisadores da antropologia e da sociologia, mais do que dos historiadores. Em geral, as pesquisas já realizadas delataram o comprometimento da autenticidade local, à medida que se tornou lucrativa, gerando a invenção ou renegociação de tradições em várias regiões do mundo. Sobre este aspecto, Walton (2009) cita os estudos realizados por Garner (2005), Sherman (2005), Macleod (2004), Desmond (1999), Picard (1996), Vickers (1989).

3.2.2.6 Política e diplomacia

Várias questões históricas do turismo se mesclam com a construção e contestação de identidades nacionais e regionais. Para Walton (2009, p. 789) o turismo, cruza a linha da política e da diplomacia e é recurso de legitimação política.

O turismo tem se alistado em um amplo espectro de projetos de construção e afirmação da nação no âmbito político. Circunstâncias que vão desde a Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini, a Espanha de Franco, a URSS por meio da quarta República da França e Suécia e as ambiguidades das identidades britânicas.

Desta maneira, o turismo nem sempre foi resultado de planejadores, pois esteve presente em uma relação subversiva e embaraçosa de controle político econômico e moral. Segundo Walton (2009) ficam evidentes nas tentativas governamentais de utilizar o turismo para cimentar identidades imperiais ou promover metas ambiciosas de política exterior no pós-guerra, como ocorreu nos Estados Unidos.

Como descreve Schenkel (2020), a Europa foi o epicentro das primeiras iniciativas, que instituíram o turismo como uma necessidade social no quadro das políticas de bem-estar. Na Itália fascista, foram promovidas férias escolares para os trabalhadores, encorajados pela *Opera Nazionale Dopolavoro*. Na Alemanha nazi, o turismo foi promovido como meio de imbuir a população de nacionalismo, através da *Kraft durch Freude* e projetos audaciosos de construção de enormes *resorts* para controlar o deslocamento da população (Walton, 2009; Schenkel, 2020). Na França, o mesmo aconteceu com as políticas de lazer da Frente Popular Francesa, que criou o Ministère des Loisirs, com a intenção de propagar uma série de políticas de incentivo ao turismo; na Bélgica, foi promovido um organismo de promoção do turismo social, que encorajou a criação de centros de férias, associações e organismos específicos para fins de viagens; na Suíça, o incentivo partiu de apoio financeiro, com a caixa de poupança para viagens de férias (Schenkel, 2020).

Na América Latina, a Argentina esteve à frente, com o governo Perón (1943). Foi assim que o Estado assumiu um papel de promotor do turismo promovendo diversas ações destinadas a facilitar o acesso dos trabalhadores ao turismo (Schenkel, 2020). A retórica peronista na arena do lazer e do turismo foi acompanhada de características sociais, o que significou a mobilização dos trabalhadores e a

consciência de classe sobre seus direitos. O turismo na agenda pública argentina estava presente na atribuição de recursos, na sanção de regulamentos, na implantação de infraestruturas estatais, no tratamento dos meios de comunicação governamentais e na avaliação social, que passaram a sofrer um bloqueio a partir do golpe de Estado de 1955 e foram desmantelados até 1983, que com o retorno da democracia incluiu novamente o turismo na agenda pública e nas políticas setoriais (Schenkel, 2020).

Todos os elementos apresentados por Walton (2009) e Schenkel (2020) conciliando a diplomacia política e o turismo, constituem em um alerta de que apenas uma pequena parcela histórica dos estudos do turismo é revelada. Incitando o incremento de pesquisas interdisciplinares, além da história, com a especial presença da antropologia, das ciências sociais e da geografia cultural, como fundamentais para a compreensão do turismo, os dilemas e paradoxos que estão imbricados na sua prática.

Por décadas as investigações de turismo seguiram uma linha contínua de pesquisas científicas dispostas a revelar os sintomas e não as causas, trabalhos baseados em números e que se limitam em listar as favoráveis ou desfavoráveis do turismo, geralmente relacionando seus resultados ao interesse econômico, e que são frágeis do ponto de vista teórico científico (Boyer, 1997).

Como é possível perceber, a teoria do turismo nasce e se desenvolve associada à evolução do capitalismo, por vezes ajustando-se aos avanços ou às crises do modelo econômico, mas sempre modelando novas combinações e denominações para perdurar na continuidade (Moesch, 2013).

Esta dinâmica de ajustes e adaptações associadas às necessidades econômica e financeira, denotaram a investigação do turismo uma expressão produtiva e tecnicista, oprimindo os questionamentos teóricos para uma construção epistemológica condizentes com a sua dinâmica. Submetendo a uma visão parcial e fragmentada da complexidade do fenômeno, especialmente no que tange às implicações humanas e sociais.

Com o avanço dos anos, novas discussões passam a permear a compreensão do turismo e ressurgem lacunas de compreensão epistemológicas que deem sustentação ao contexto social presente. O aporte epistemológico do turismo tem seu fundamento na teoria clássica do lazer de Veblen de 1899, a obra que foi traduzida

para o francês em 1965 e depois disso, serviu de embasamento para a pioneira abordagem do turismo epistemológico de MacCannell em 1972 (Boyer, 1997).

Como descrevem MacKenzie, Pittaki e Wong (2020) as pesquisas de turismo do ponto de vista metodológico são plurais e englobam uma ampla gama de metodologias. Ao longo da sua trajetória histórica, os métodos se combinaram com a intenção de oferecer uma visão holística da área. Nessa direção, a compreensão de formação e desenvolvimento do fenômeno turístico deu lugar a compreensão contemporânea de um espectro geral e superficial (MacKenzie; Pittaki; Wong, 2020). A superficialidade do debate histórico da área do turismo, conforme MacKenzie, Pittaki e Wong (2020) partem da ausência na adoção dos métodos de pesquisa da história, como pesquisa de arquivos, histórias orais, biografia e prosopografia, que foram amplamente negligenciadas nos estudos de turismo.

Como sinalizam os autores aqui trabalhados, o conhecimento histórico do turismo permanece em desenvolvimento e em termos práticos a adoção de metodologias históricas, tendem a fornecer um potencial significativo para a compreensão e para o desenvolvimento de projetos e pesquisas mais consistentes.

3.2.2.7 Tecnologia da informação e comunicação (TIC)

Para o turismo, conforme descrevem Gomes, Gândara e Baidal (2017), é inegável que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) juntamente com suas ferramentas, propiciam modificações estruturais significativas. Além de alterações nas estruturas é um campo fértil de difusão, gestão e competitividade de destinos turísticos.

Para Gomes, Gândara e Baidal (2017), as TIC não se restringem somente a ferramentas de processamento tecnológico, mas, a associação e a capacidade de gerar conhecimento a partir do seu uso. Desde o surgimento das TIC, a sociedade passou a inserir a sua rotina, processos de adaptação tecnológica de maneira contínua. Com a alteração da estrutura social para atendimento desta realidade, os arranjos econômicos em torno do turismo também estão em adaptação (Gomes; Gândara; Baidal, 2017).

Para Grezel *et al.* (2015), a formatação de um novo conceito de turismo, que adere o adjetivo de inteligente e se volta para a dependência tecnológica das indústrias prestadoras de serviços turísticos e dos turistas, dentro dos destinos

turísticos. O turismo inteligente é uma grande conversão de *Big Data* em propostas de valor (Grezel *et al.*, 2015). Esta troca inclui além de comércio eletrônico, realidade virtual, realidade aumentada, entre outras ferramentas que convergem na imagem de um destino turístico.

Como em outros contextos econômicos e sociais, a transformação digital no turismo tem se apresentado de forma estrutural. Como descreve Buhalis e Amaranggana (2015), existem modificações tanto na perspectiva da oferta como também da demanda turística. Observando pela oferta, as buscas e desejos são permeados pela influência das redes sociais, os sites de busca e economia compartilhada promovem as facilidades e flexibilidades no processo de compra refletindo um movimento mais autônomo do turista, sensibilizando a sua responsabilidade e a sua experiência com o destino visitado (Buhalis & Amaranggana, 2015).

Na perspectiva da demanda turística, de acordo com Buhalis e Amaranggana (2015), às influências da digitalização estão presentes no planejamento de destinos, com a presença cada vez maior de recursos tecnológicos e de inteligência artificial, na gestão de empreendimentos, com a integração de sistemas e banco de dados inteligente, na comunicação com o consumidor e na presença dos artefatos tecnológicos em inúmeros serviços que compõem a cadeia turística.

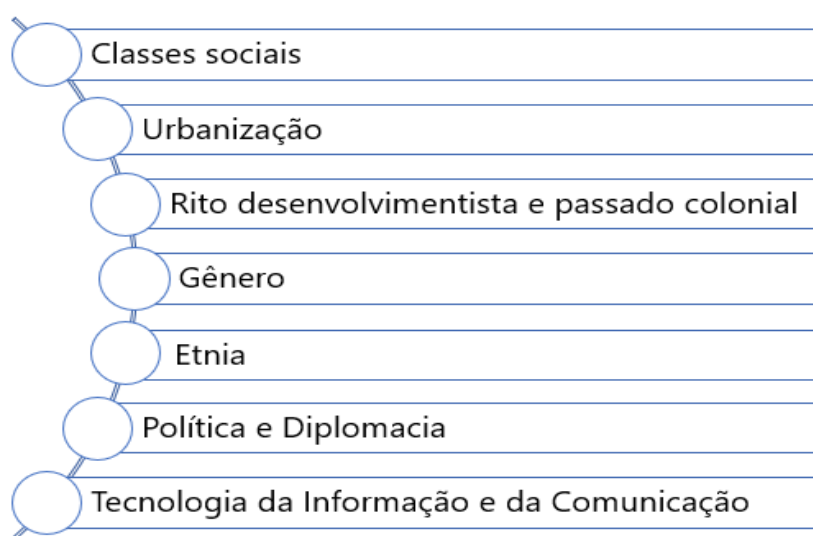
Diversos momentos na história do turismo se entrelaçam de maneira íntima com a construção e a contestação de identidades locais, refletindo a influência política e democrática na evolução desse fenômeno. Segundo Walton (2009), o turismo transcende os limites da política e da diplomacia, desempenhando o papel de um recurso de legitimação política. O turismo tem desempenhado um papel abrangente na concretização e no fortalecimento das nações em âmbito político. Essa influência pode ser observada em diversos contextos, desde a Alemanha sob o regime de Hitler, passando pela Itália de Mussolini, a Espanha de Franco, a União Soviética, a Quarta República Francesa, até a Suécia e as complexidades das identidades britânicas (Walton, 2009). Nessas situações, o turismo se engajou em uma ampla gama de projetos que visavam consolidar e afirmar a identidade nacional, atuando como um instrumento político de significativa relevância.

É importante reconhecer que o turismo não se limitou a ser apenas uma consequência de planejamento, mas desempenhou um papel subversivo. Conforme Walton (2009) destaca, as tentativas governamentais de utilizar o turismo para

solidificar identidades imperiais ou promover ambiciosos objetivos de política externa no período pós-guerra, como ilustrado nos Estados Unidos, revelam a complexidade das interações entre turismo e política.

Cabe deixar claro que o turismo é mais do que uma simples atividade recreativa; é uma força influente que se entrelaça com os domínios da política e da democracia. Ao reconhecer o papel do turismo na construção e contestação de identidades, nos deparamos com uma narrativa histórica rica e multifacetada, que desempenha um papel central na formação e evolução desse fenômeno que transcende as fronteiras políticas, geográficas e temporais.

Figura 16 – Síntese dos marcadores históricos no turismo



Fonte: autoria própria (2023) com base em Walton (2009).

Os marcadores históricos do turismo, resumidos na Figura 16, representam pontos de referência na evolução do fenômeno. Assim como qualquer outro fenômeno, o turismo é influenciado por acontecimentos e transformações que moldaram sua trajetória, demonstrando que tem raízes profundas que remontam aos primórdios da civilização humana e que evoluíram de acordo com as transformações sociais, políticas e tecnológicas ao longo dos séculos.

É possível concluir que a identificação e análise dos marcos históricos na produção científica do turismo desempenham um papel orientador para compreender a formação e evolução do conhecimento na área. A partir disso, considera-se a necessidade de uma reflexão crítica sobre como esses eventos históricos estão descritos na literatura científica e como podem influenciar nossa compreensão atual do turismo. À medida que avançamos na investigação, mantemos esses marcadores

históricos como pontos de referência em uma análise mais profunda do fenômeno turístico em seu contexto evolutivo.

3.3 EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO NO TURISMO

A intenção deste capítulo é refletir sobre o processo evolutivo do conhecimento no turismo, a partir das abordagens interpretativas aplicadas ao fenômeno e, com isso, compreender as complexas imbricações epistemológicas que constituíram o campo. Para desenvolver essa análise, utilizou-se como referência as abordagens de compreensão do turismo presentes no portfólio da pesquisa, as quais também serviram como pontos de ancoragem no contexto histórico e social, atribuindo ao turismo sua devida importância. É importante ressaltar que as interpretações teóricas foram fundamentadas de acordo com a formação e experiência de cada pesquisador, assim como pelas relações que estavam presentes nos contextos em que foram realizadas.

A construção do conhecimento no campo do turismo enfrenta desafios complexos que segundo afetam a qualidade e a legitimidade das suas teorias e abordagens. Apesar do crescimento do turismo como prática contemporânea, a construção do conhecimento ainda carece de profundidade e rigor para sustentar suas complexidades (Nash & Smith, 1991).

A construção do conhecimento no campo do turismo enfrenta desafios complexos que, segundo Nash e Smith (1991), afetam a qualidade e a legitimidade de suas teorias e abordagens. Apesar do crescimento do turismo como prática contemporânea, a construção do conhecimento ainda carece de profundidade e rigor para sustentar suas complexidades (Nash & Smith, 1991).

Conforme descrevem Graburn e Jafari (1991), nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, a pesquisa no campo do turismo desempenhou um papel significativo como ferramenta de desenvolvimento, especialmente nas nações que haviam passado pelo processo de descolonização. A expansão das viagens internacionais, como o autor descreve, ganhou impulso com os avanços tecnológicos, redefinindo a mobilidade e o avanço do turismo no mundo.

A ascensão do turismo foi notória e motivou os pesquisadores norte-americanos a desenvolverem pesquisas com foco principalmente no turismo doméstico e latino (Graburn & Jafari, 1991). Grande parte da investigação norte-

americana, ficou sob a responsabilidade de planejadores e economistas, muitos dos quais estavam associados a organizações como as Nações Unidas, Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, com poucas raras exceções.

Na Europa, o periódico europeu "*Revue de Tourisme/Zeitschrift fuer Fremdenverehr/The Tourist Review*", fundado em 1946, testemunhou o crescente interesse de pesquisa, especialmente por parte da França e Alemanha e na década de 1960, os benefícios do turismo eram amplamente reconhecidos (Graburn & Jafari, 1991). De acordo com os autores, a pesquisa acadêmica adotou a concepção de que o turismo constituía uma indústria de crescimento intensivo em mão-de-obra, proporcionando vantagens tanto para o Terceiro Mundo quanto para as áreas metropolitanas. Numa máxima de que "Turismo = Desenvolvimento" as afirmativas que o turismo trazia consigo rendimentos, oportunidades de emprego e exibia um notável "efeito multiplicador", estimulando a economia local e elevando o padrão de vida, foi sendo disseminado entre o ambiente acadêmico.

De acordo com o estudo bibliométrico apresentado no item 3.1, percebe-se em contexto acadêmico, existe uma certa lógica nas tendências de perpetuar as desigualdades na reprodução de pesquisas com enfoque econômico entre países colonizadores e colonizados. Após a independência das colônias, o turismo evoluiu como uma indústria que atrai visitantes para explorar belezas naturais e culturais, reforçando de certa forma a prática denunciada.

Nos estudos sobre a história do turismo, Walton (2009) revela que muitas pesquisas científicas foram influenciadas por textos comerciais. O registro destes textos era de fácil acesso aos pesquisadores e respondia a uma questão central para a descrição do turismo. No entanto, eram textos produzidos sob encomenda de empresas privadas a escritores profissionais, com a finalidade de elevar o pioneirismo da organização. Era comum que escritores fossem contratados exclusivamente para exaltar as organizações comerciais em atos comemorativos. Os achados científicos indicam que a realidade do contexto histórico do turismo, não necessariamente é equivalente ao relatado pelos textos publicitários (Walton, 2009, p. 785).

Dito isso, os textos que embasam o surgimento do turismo não possuem profundidade e contextualização suficiente para representar de fato o surgimento do conceito de turismo. Este atraso nas descrições históricas, passam a ser mais

detalhadas somente a partir do século XX se tornando mais fundamentado e baseado em evidências (Walton, 2009).

Esta desconexão histórica da origem e evolução do turismo, também pode estar atribuída a falta de interesse de pesquisas de natureza epistemológica na própria área. Resgatar, mesmo que brevemente, a trajetória histórica é um movimento de retomada e demonstração de incompletude com a coerência epistemológica que delineiam os estudos do turismo e conseqüentemente o seu futuro. A falta de consenso das pesquisas de turismo, naturalmente comprometeram a sua interpretação e provocaram um afastamento da profundidade do debate científico deste fenômeno.

Levar a sério a contribuição da história para os estudos de turismo envolve a incorporação de uma compreensão fundamentada de como os eventos passados, os processos e as percepções indicam a configuração do presente e apontam para a trajetória futura ... reconstruir e interpretar o passado tem seu próprio valor cultural (Walton, 2009, p. 784, tradução nossa).

Como sugere Ferreira (2019, p. 34):

O universo histórico conceitual do turismo deve estar atrelado a vários fatos de ordem econômica, social, cultural e tecnológica que carregam as características das relações históricas vividas em cada território e servem como substrato do seu próprio desenvolvimento.

Neste contexto, a historicidade do turismo deve dialogar com as diferentes realidades, inclusive de outros continentes a fim de superar o embate reducionista e alargar a compreensão fundamentada do fenômeno turístico.

De um modo geral, a crítica central ao conhecimento no turismo é a falta de uma base teórica sólida, que distorce a sua compreensão.

O turismo é um campo de convergência de inúmeras disciplinas, mas como apontam Cooper (2015) e Cohen (2010) muitas vezes, teorias de outras disciplinas são empregadas no campo sem a devida reflexividade. Isso resulta em uma variedade de abordagens teóricas que não se alinham com a interpretação da realidade do fenômeno e podem levar à falta de consistência conceitual (Cooper, 2015).

Além disso, Cohen (2010) alerta para o emprego excessivo de abordagens multidisciplinares sem devido rigor científico, enquanto Lai, Li e Scott (2015) e Tribe e Liburd (2016) destacam a forte influência do mercado turístico nas pesquisas da área. A busca por resultados práticos e vantajosos à indústria, como eles argumentam, pode

manipular as pesquisas acadêmicas para atender às demandas do mercado, muitas vezes em detrimento da profundidade e da criticidade necessárias.

Nesse contexto, é importante reconhecer que o turismo não deve ficar atrelado a uma única disciplina, como a administração. Tal abordagem pode empobrecer essa atividade interdisciplinar, limitando-a a abordagens gerencialistas e instrumentalistas pouco críticas, como mencionado anteriormente. Portanto, para uma compreensão mais rica e abrangente do fenômeno do turismo, é essencial uma abordagem mais reflexiva e interdisciplinar que leve em consideração as complexidades inerentes a esse campo de estudo.

Sobre a influência e participação dos grupos dominantes e de interesse corporativo na produção do conhecimento, Dredge e Jamal (2015), tecem críticas ao indicar as explorações das relações entre partes interessadas no planejamento e gestão do turismo. No entanto, questões de poder e os interesses que são promovidos ou marginalizados, muitas vezes são subsumidos por discursos produtivos e de gerenciamento de redes de múltiplos interesses. Na percepção dos autores, pouco tem sido feito para examinar como as políticas neoliberais fortaleceram grupos dominantes de interesses corporativos no turismo, sob a ótica do conhecimento.

Para Tribe e Liburd (2016) a falta de padronização metodológica também é um obstáculo significativo que dificulta e enfraquece a credibilidade da pesquisa em turismo. Além disso, a representatividade é uma questão crítica na construção do conhecimento em turismo. As vozes das comunidades locais e grupos marginalizados muitas vezes são negligenciadas em favor de perspectivas dominantes (Platenkamp & Botterill, 2011; Korstanje, 2018). Isso resulta em um conhecimento que não captura a diversidade e complexidade das experiências turísticas. Nesse sentido, Nash e Smith (1991) foi um dos pesquisadores a inaugurar as críticas sobre os modelos que ilustram o desenvolvimento do turismo. Na indicação do autor, a exploração do turismo demanda uma busca mais aprofundada que envolvam os aspectos intrínsecos das vidas humanas, valores e emoções. Isso abrange desde a compreensão do uso do tempo de lazer até as motivações de viagens, as interações sociais, as tradições locais e as reações dos anfitriões diante dos visitantes (Nash & Smith, 1991, p. 5).

Platenkamp e Botterill (2013) inicialmente criticam a definição de turismo, argumentando que ela não pode ser imposta externamente. Em vez disso, enfatizam a importância de que essa definição deve emergir internamente por meio da documentação dos valores específicos atribuídos a qualidades e relações no contexto

turístico. Simultaneamente, salientam que o turismo deve manter a capacidade de desmembrar e analisar profundamente suas partes constituintes. Essa abordagem requer uma reafirmação enfática para destacar a necessidade intrínseca em cada território turístico.

Sob a influência histórica na constituição do conhecimento, Dredge e Jamal (2015) discutem sobre a autoridade centralizada no governo e seus burocratas, assim como as verdades universais e explicações de causa e consequência fornecidas por esses especialistas na tomada de decisões. Embora essas ideias tenham fornecido um fundamento robusto para a compreensão do papel da burocracia e do processo de formulação de políticas, Dredge e Jamal (2015) também observam que os valores e abordagens para a política de turismo no período pós-Segunda Guerra Mundial foram igualmente influenciados pelo otimismo econômico, social e político característico da modernidade. Intervindo nas concepções modernistas de progresso, que priorizavam o desenvolvimento econômico e tecnológico, o que remete ao turismo um desenvolvimento previsível.

Na pesquisa de Dredge e Jamal (2015), os autores destacam a obra de Lyotard (1979), como ponto de mudança e abertura para novos métodos de pesquisa na área do turismo. As grandes narrativas e verdades universais do método científico foram questionadas pelo autor, que ressaltou a importância das micronarrativas e formas alternativas de produção de conhecimento vindas de uma diversidade de fontes. Juntamente com os escritos de filósofos pós-modernos, a obra de Lyotard marca um momento crucial de reflexão e uma ruptura epistemológica em relação à hegemonia das políticas científicas racionais (Dredge & Jamal, 2015). Na percepção dos autores, foi a partir desta contribuição que as compreensões tradicionais sobre conhecimento, interesse público, autoridade, regras e procedimentos no turismo, passaram a questionamentos mais robustos. O impacto dessa crítica pós-moderna teve consequências profundas sobre os processos de planejamento e políticas do turismo, deslocando a racionalidade científica como a única abordagem legítima e abrindo espaço para métodos alternativos de pesquisa e prática (Dredge & Jamal, 2015).

A influência do poder e da política na formulação de políticas de turismo, juntamente com o declínio da ideia de um poder estatal hegemônico, contribuiu para as crescentes críticas à forma de pesquisar o turismo. A gestão econômica neoliberal desempenhou influência significativa no planejamento e na organização das políticas do turismo, potencializando parcerias público-privadas, governança em rede e

transferência de responsabilidades para setores privados e não governamentais. Essa mudança trouxe consigo um distanciamento das intervenções políticas diretas do governo na formação do conhecimento em turismo.

Nesse sentido, Dredge e Jamal (2015) reforçam a importância de avaliar a literatura para destacar as influências e direções na produção de conhecimento, considerando fatores implícitos e explícitos que influenciaram a identificação de questões como problemas, além de reconhecer como a pesquisa pôde se tornar parceira na modelagem e consolidação de determinados problemas políticos.

A partir da década de 1990, conforme expõe Russo (2016), estudiosos do turismo procuraram abordar de maneira mais incisiva os padrões do “turismo de massa” ou como também é conhecido, turismo moderno. Essa terminologia se refere à fabricação industrial de experiências de viagens destinadas ao consumo das classes médias, principalmente do Ocidente (Preister, 1989). É um modelo de turismo que se estrutura sobre um processo de produção amplamente mediado, inserido em um contexto social voltado ao lazer, ao entretenimento e à desconexão. Além disso, está fundamentado em um paradigma de desenvolvimento que prioriza a implementação de infraestruturas de grande escala (Preister, 1989; Russo, 2016).

Na percepção de Russo (2016), existe um descompasso entre a formação de gerações de empresários e gestores de turismo, que foram treinados para atrair, receber e dar ao turista uma experiência satisfatória. E o entendimento necessário sobre as repercussões para os residentes dos destinos. Esse déficit se reflete, especialmente, na perspectiva da qualidade de vida, equidade social e no estado ambiental das áreas circundantes (Russo, 2016).

A capacidade de mitigar desafios e garantir que o engajamento com o turismo conduzisse a um benefício mútuo para todos os atores permanecia limitada. Como expõe Russo (2016), a base analítica do turismo contemporâneo pode ter ficado aquém de suas intenções conceituais, alinhadas à sustentabilidade. Possivelmente, essa abordagem não incorpora as dinâmicas de agência e poder, as estruturas de governança, a pluralidade de atores envolvidos e a notória complexidade das condições de desenvolvimento turístico.

Sabe-se que muitas cidades estão com seu patrimônio sob risco em função do modelo de desenvolvimento do turismo e que a capacidade de preservação e recuperação das raízes sociais, em alguns casos são mínimas. Na visão de Russo (2016), a teoria do turismo, ao contrário de outras áreas das ciências sociais, não tem

sido capaz de interpretar e racionalizar os lugares turísticos com uma gestão de valor e de aplicabilidade universal.

Paralelamente ao turismo dito “moderno”, de escala e produção industrial, encontra-se o viajante contemporâneo que se caracteriza por estar conectado, empoderado e consciente, agindo de forma proativa, possuindo experiência e capacidade de desafiar as rígidas convenções do modelo de férias convencional (Russo, 2016). Este turista prefere explorar o lazer instrutivo e se envolver com a vida diária dos destinos, em detrimento das bolhas dos estereótipos turísticos. Os viajantes estão demonstrando confiança em relação à autoridade da indústria e dos especialistas no planejamento de suas viagens. Ele busca conselhos e informações de redes e comunidades das quais faz parte, tanto no mundo físico como no virtual.

Na percepção de Russo (2016) é uma transformação que transcende a própria identidade antropológica do turista. São dicotomias estruturais que estão sendo identificadas no turismo, como conhecíamos. Como destaca Russo (2016), com base em Feifer (1985) e Baerenholdt *et al.* (2004), as modificações são a tal ponto que muitos autores têm utilizado o termo “pós-turismo” para descrever não apenas a esfera transmitida e cognitiva que envolve o turismo contemporâneo, mas também para ressaltar a fluidez de suas práticas no contexto cotidiano, que ocorre para uma coconstrução ativa e não meramente visitacional.

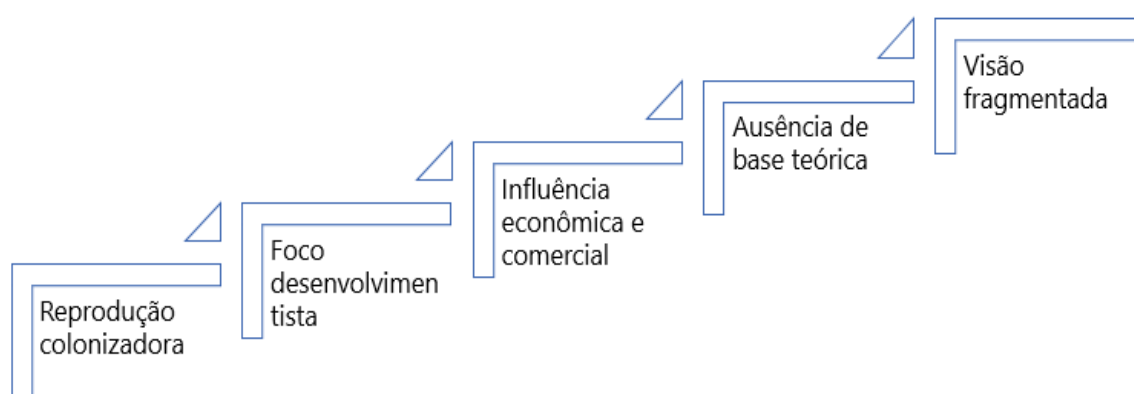
Sustentado por uma nova perspectiva ontológica do turismo, Russo (2016) não nega o turismo de massa, mas aciona a potência do consumidor consciente. “É a partir do capital intelectual desses turistas, seus modos de experienciar e se envolver com os locais visitados, assim como as próprias tecnologias, orgânicas que sustentam e moldam (ou melhor, diversificaram) sua mobilidade, atingiram um nível de transformação notável” (Russo, 2016, p. 18, tradução nossa).

A construção do conhecimento no campo do turismo se depara com um cenário complexo e embora tenha experimentado um crescimento nas produções científicas indicando transformações epistemológicas, a profundidade e o rigor necessários para compreender suas complexidades ainda apresentam lacunas importantes. As críticas em torno do conhecimento do turismo, advém majoritariamente das abordagens socioculturais e revelam lacunas interpretativas do fenômeno, que inclui a falta de reflexividade, a fragmentação do conhecimento e a tendência de direcionar pesquisas para atender às demandas de mercado. Nesta direção, a busca por transformação epistemológica é fundamental e perpassa a construção de uma visão mais crítica e

reflexiva, que seja capaz de incluir perspectivas diversas e representativas ao fenômeno, que se distanciam do gerencialismo⁵ e da administração.

Concorda-se com a abordagem crítica de Fullagar e Wilson (2012), Dredge e Jamal (2015) que consideram que apesar do aumento na reflexividade dos pesquisadores, considerando os valores subjacentes à pesquisa e os fatores que influenciam a identificação de problemas, ainda é insuficiente para modificar a realidade vivida no campo do turismo.

Figura 17 – Elementos constituintes do conhecimento do turismo



Fonte: autoria própria (2023).

As abordagens multidisciplinar e interdisciplinar emergem como uma resposta eficaz à problemática da fragmentação do conhecimento (Fernandes, 2010). A fragmentação identificada na evolução histórica, tem suas origens na tendência disciplinar de observação do fenômeno turístico. A qual, por sua vez, se limita ao examinar características complexas por uma única lente. O discurso defendido pela reprodução do conhecimento no campo do turismo, do ponto de vista teórico e epistemológico, carece de sustentação face ao vasto conhecimento científico e à abordagem epistemológica existente no estudo do turismo.

Abordar essas questões com uma abordagem crítica e reflexiva, como sugere Fullagar e Wilson (2012) é atuar para transformar uma base teórica mais sólida, com pesquisas mais inclusivas e representativas que capturem a complexidade do turismo.

⁵ Gerencialismo é um modelo de gestão reducionista que contém uma abordagem ideológica que legitima os direitos ao poder de gerir, considerados para alcançar maior eficiência na busca pelos objetivos organizacionais, traduzindo as atividades humanas em indicadores de desempenho, que por sua vez são traduzidos em custos ou benefícios (Oliveira; Silva; Bruni, 2012).

3.3.1 Implicações Epistemológicas do Turismo

Como tópico fundamental para a compreensão do conhecimento científico, o qual se propõe este capítulo, aborda-se a seguir as implicações epistemológicas identificadas no campo do turismo. Partindo da ausência de uma clareza epistemológica na elaboração de teorias de turismo é atribuída à influência predominante da tradição cartesiana no contexto do saber científico (Jafari & Ritchie, 1981). De acordo com Moesch (2002), a análise com foco cartesiano promove a decomposição do todo em categorias, implicando que uma única disciplina de conhecimento seja suficiente para analisar e sistematizar a complexidade do fenômeno turístico, o que tem se mostrado inválido.

A prática epistemológica permanece fragilizada do ponto de vista reflexivo e crítico devido inicialmente à falta de um consenso comum sobre o conceito de turismo, como aponta Botterill (2001). Soma-se ao dissenso conceitual, problemas humanos e ambientais intrínsecos a uma ordem funcional e estrutural do turismo, revelando uma dificuldade do campo em lidar com as questões de desigualdade (Botterill, 2001). Ainda, que a epistemologia esteja voltada a compreender a produção do conhecimento relacionado, desempenha um papel crucial na explicação da forma como o turismo é concebido, permitindo definir o que é e o que não é, mesmo que essa discussão seja complexa e desafiadora (Boyer, 1997; Pigeassou; Bui-Xuan; Gleyse, 1999).

De acordo com Cohen (2010), a abordagem crítica da epistemologia do turismo visa a transformação da realidade, focando na busca pela construção de um mundo mais harmonioso para todos. Nesse contexto, o desafio epistemológico reside em capturar a realidade em constante transformação diante de diversas perspectivas e realidades inovadoras e mutáveis. Como enfatiza Korstanje (2018), a epistemologia do turismo deve trabalhar para desenvolver sujeitos sociais ativos capazes de transformar positivamente sua realidade. Tais sujeitos devem compreender os processos, paradigmas e correntes científicas, além de direcionar suas ações em busca da melhor prática conforme as dimensões sociais, culturais, econômicas e ambientais do momento (Cohen, 2010; Korstanje, 2018).

Como defende Tribe (2018), a crítica no campo do turismo envolve uma análise reflexiva e questionadora das abordagens, teorias e métodos empregados na produção de conhecimento. Ela se manifesta como uma avaliação cuidadosa das

perspectivas predominantes e das suposições subjacentes, buscando identificar limitações, preconceitos e lacunas nas concepções estabelecidas (Tribe, 2018). A crítica no turismo, como coloca Sharpey (2022) visa desafiar as visões tradicionais e questionar as reivindicações absolutistas e universalistas que possam ser inerentes a determinadas abordagens, como o positivismo.

No contexto do turismo, a oposição ao positivismo se baseia nas críticas legítimas dirigidas às suas pretensões de objetividade absoluta e aplicabilidade universal (Sharpey, 2022). De acordo com Cohen (2010), o positivismo, com sua ênfase na mensuração quantitativa e nas generalizações abrangentes, tem sido alvo de questionamentos no campo do turismo devido à sua natureza metodológica e à excessiva simplificação das complexidades do fenômeno turístico.

De outra forma, como destaca Tribe e Liburd (2016), a incorporação das abordagens interpretativas e críticas no campo do turismo buscam enriquecer a compreensão turística. Nessa direção, tendem a incorporar contextos culturais, subjetividades e dimensões discursivas, da já posta visão instrumental da realidade.

Para Tribe e Liburd (2016) a crítica no turismo também envolve a avaliação das limitações do relativismo extremo, que pode levar a uma diluição da noção de realidade e à dificuldade em estabelecer bases sólidas para o conhecimento turístico. Nesse sentido, o realismo crítico é proposto como uma abordagem que busca recuperar a consciência ontológica e a realidade dentro do campo do turismo (Tribe & Liburd, 2016). Portanto, a crítica no turismo se baseia em uma avaliação cuidadosa das teorias e abordagens existentes, buscando um equilíbrio entre a busca pela realidade e a compreensão das complexidades e nuances que caracterizam o fenômeno turístico.

Em linhas gerais a teoria crítica no turismo é empregada para compreender a epistemologia do turismo, não apenas como uma forma de denúncia, mas também como uma oportunidade de transformação da realidade. A epistemologia do turismo está intrinsecamente ligada à capacidade de desenvolver e cultivar um pensamento reflexivo, crítico e interpretativo que, em vez de apenas criticar, seja capaz de construir conteúdos reflexivos acerca do turismo, contribuindo para a concepção e promoção de um mundo turístico mais benéfico para todos os envolvidos (Platenkamp & Botterill, 2013).

Como indica Tribe (2018) e Sharpey (2022), diante das mudanças contemporâneas nas relações humanas e sociais, como a experiência de destinos

através da realidade virtual, a homogeneização das vivências turísticas e a subvalorização das tradições locais, torna-se urgente promover discussões epistemológicas que articulem e gerem novas interpretações sobre o turismo.

Com a intenção de identificar os fundamentos teóricos que embasam a construção dos múltiplos modelos de análise do turismo, Tadioto, Jung de Campos e Vianna (2022) analisaram as abordagens teóricas feitas por Panosso Netto e Castillo Nechar (2014). Foram identificadas no estudo citado, múltiplas abordagens que estão sintetizadas no Quadro 7.

A pesquisa desenvolvida pelos autores, teve por objetivo identificar quais são as principais correntes teóricas que predominam a epistemologia do turismo nos países ibero-americanos. Como recorte central, utilizou-se das publicações realizadas no repositório eletrônico “Publicações de Turismo”. O repositório está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Como descreve Tadioto, Jung de Campos e Vianna (2022) é uma plataforma que concentra aproximadamente 40 periódicos das publicações ibero-americanas de Turismo.

Quadro 7 – Abordagens teóricas ibero-americanas aplicadas a compreensão do turismo

| Intérprete | Abordagem teórica | Autores de referência | Demarcação teórica |
|-----------------------------|----------------------------------|--|---|
| Ouriques (2005) | Corrente Liberal | Fúster (1967), Lage e Milone (1991), Beni (1997) | Análise do turismo pelos princípios da economia neoclássica. Oferta e demanda, fatores multiplicadores da atividade turística e estimativas de gastos individuais, receitas e despesas. |
| | Corrente do Planejamento Estatal | Ruschmann (1997), Barretto (2000), Cássia Cruz. | O desenvolvimento do turismo é planejado e controlado pelo Estado. |
| | Corrente Pós-moderna | Rodrigues (1997), Yázigi (1999), Moesch (2002). | Multiplicidade teórica e adesão aos princípios capitalistas. |
| | Corrente Crítica | Luchiari (1998) e Ouriques (2005) | Análise do turismo a partir do caráter questionador dos benefícios do desenvolvimento do turismo. Parte-se da vida e das condições de trabalho das comunidades receptoras. |
| Santos <i>et al.</i> (2009) | Sistêmica | Beni (1997) | Introdução dos conceitos de sistema no contexto do turismo. |

| | | | |
|--|---------------------|---|---|
| | Fenomenológica | Panosso Netto (2005) | Apresentação do turismo, na abordagem fenomenológica, a partir das reflexões de Husserl. |
| | Além Fenomenológica | Moesch (2002) | Articulação do método dialético com o turismo. |
| Panosso Netto <i>et al.</i> (2012) | Positivista | | Focado em estudos quantitativos, estatísticos e de viés economicista do turismo e menos interessada nos aspectos subjetivos do fenômeno. |
| | Pós-Positivista | | Aparente superação do positivismo, noção marcada pelo reconhecimento do turismo como sistema e questões relativas ao meio ambiente e a política. |
| | Antipositivista | | Marcada pela ruptura com o sistema hierárquico das ciências apresentado por Comte (1978) e ao uso utilitarista do conhecimento científico. |
| Panosso Netto e Castillo Nechar (2014) | Positivismo | Chris Cooper, Stephen Wanhill, John Fletcher, David Gilbert e Alan Fyall, John Tribe e Organização Mundial do Turismo (OMT) | Diretrizes positivistas aplicadas aos estudos turísticos. Valoração de estudos estatísticos, número de viajantes ou circulação de capital. |
| | Sistemismo | Ludwig Von Bertalanffy, Mario Beni (1997), Raimundo Cuervo, Sergio Molina (1991), Neil Leiper (1979) | Criação de modelos conceituais que objetivavam a observação da totalidade do fenômeno, ao mesmo tempo em que permitiam o estudo de cada uma das partes do todo mais aprofundado, abrindo possibilidade de um estudo interdisciplinar. |
| | Marxismo | George Young (1973), Jost Krippendorf (1989), Helton Ouriques (1998). | Crítica ao turismo, enquanto atividade de burgueses e industriais, que surgiu e se desenvolveu com o capitalismo e com as leis econômicas que são capazes de coordenar quando e para onde os turistas devem viajar. |
| | Fenomenológica | Panosso Netto, Tomas Pernecky, Tazim Jamal, Sergio Molina. | Proposta de aprofundamento nos aspectos relativos à essência do fenômeno turístico. |
| | Hermenêutica | Napoleón Conde Gaxiola, Kellee Caton e Carla Almeida Santos, Tomas Pernecky e Tazim Jamal. | Visão menos descritiva e funcionalista, assinalando para um novo conceito, fundamentado na crítica. |
| | Teoria Crítica | Irena Ateljevic, Annette Pritchard, Nigel Morgan, John Tribe, Alexandre Panosso Netto, Félix | Pautada na articulação entre a produção teórica do turismo e os princípios teóricos da Escola de Frankfurt. Considera a complexidade intrínseca de seus objetos, |

| | | | |
|--|--|----------------------------------|--|
| | | Tomillo Noguero e Margret Jager. | contraposição de uma ciência positivista e pragmática. |
|--|--|----------------------------------|--|

Fonte: autoria própria (2023) com base em Tadioto, Jung de Campos e Vianna (2022).

A multiplicidade de abordagens teóricas mostrada no Quadro 7, indicam para uma dinâmica epistemológica, razão pela qual novas visões podem seguir sendo incorporadas a sua interpretação. Este processo dinâmico reconhece na epistemologia um recurso fundamental para subsidiar a compreensão e a delimitação de categorias centrais para se pensar e estruturar as ações no turismo, ainda que esta discussão seja complexa e desafiadora.

A epistemologia crítica do turismo apresentada por autores como Aitchison (2005), Cohen (2010), Fullagar e Wilson (2012), se interessa pela transformação da realidade, com uma observação na busca de construir um mundo melhor para todos. Nesta direção, um problema epistemológico é, portanto, captar a realidade em transformação frente a tantos conhecimentos e realidades transformadoras e em modificação. Como indica Cohen (2010), a epistemologia do turismo deverá buscar a formação de sujeitos sociais ativos, que transformem de forma benéfica sua vivência. Sujeitos capazes de compreender os processos, os paradigmas, as correntes científicas e que atuem na melhoria da sua práxis de acordo com o momento social, cultural, econômico e ambiental em que se insere (Platenkamp & Botterill, 2013; Tribe, 2018).

Para Tribe (1997), Boyer (1997), assim como para Panosso Netto, Noguero e Jäguer (2011), a epistemologia do turismo é um caminho viável, para validar o conhecimento científico produzido na área e para fomentar a formação de um campo de conhecimento sólido. Nesta direção Belhassen e Caton (2009), alertam que a construção do conhecimento científico do turismo pode ser considerada recente, dinâmico, o que nos leva a compreender que o seu entendimento permanece em produção e não está encerrado.

A partir da compreensão de epistemologia como ato epistemológico (Faria, 2022), a proposição deste subcapítulo é dialogar com os principais autores que constituem a base reflexiva e interpretativa e compreender quais as implicações epistemológicas sobre o campo do conhecimento do turismo.

A definição de turismo não é unânime e sofre de uma variedade de características e implicações que submetem teoricamente a distintas interpretações.

Por estas distinções, o turismo tem sido analisado a partir de vários campos do conhecimento, que conduzem a maioria dos estudos em áreas específicas, o que inibe a sua compreensão de forma integral.

Com base no estudo bibliométrico, dentro dos parâmetros da pesquisa, apresentam-se as principais pesquisas que estão centradas na investigação da epistemologia do turismo:

Quadro 8 – Principais pesquisas sobre a epistemologia do turismo

| Ano | Autor | Título |
|------------|------------------------------------|---|
| 1981 | Jafari, J; Ritchie, B | <i>Towards a framework for tourism education: Problems and Prospects</i> |
| 1995 | Jamal, T e Gertz, D | <i>Collaboration theory and community tourism planning</i> |
| 1997 | Boyer, M | <i>Tourism, a specific epistemology.</i> |
| 1997 | Echtner, C; Jamal, T | <i>The disciplinary dilemma of tourism studies</i> |
| 1997 | Tribe, J | <i>The indiscipline of tourism</i> |
| 1999 | Pigeassou C; Bui-Xuan, G; Gleyse J | <i>Epistemological issues on sport tourism: Challenge for a new scientific field</i> |
| 2001 | Botterill, D | <i>The epistemology of a set of tourism studies</i> |
| 2003 | Botterill, D | <i>An autoethnographic narrative on tourism research epistemologies</i> |
| 2004 | Singh, S | <i>Coming full circle: Tourism concepts, knowledge, and approaches</i> |
| 2005 | Aitchison, C | <i>Feminist and gender perspectives in tourism studies: The social-cultural nexus of critical and cultural theories</i> |
| 2006 | Tribe, J | <i>The true about tourism</i> |
| 2006 | Coles, T; Hall, M e Duval, D | <i>Tourism and Post-Disciplinary Enquiry</i> |
| 2010 | Tribe, J | <i>Strategy for Tourism</i> |
| 2015 | Wilson, E; Hollinshead, K | <i>Qualitative tourism research: Opportunities in the emergent soft sciences</i> |
| 2016 | Russo, A | <i>The new frontiers of the study of tourism: Conceptual and epistemological challenges</i> |
| 2016 | Tribe, J; Liburd, J | <i>The tourism knowledge system</i> |
| 2017 | Matteucci, X; Gnoth, J | <i>Elaborating on grounded theory in tourism research</i> |
| 2018 | Korstanje, M | <i>The epistemological structure of mobilities: Tourism, touring</i> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <i>and consumption in the days of terrorism</i> |
|--|--|---|

Fonte: autoria própria (2023).

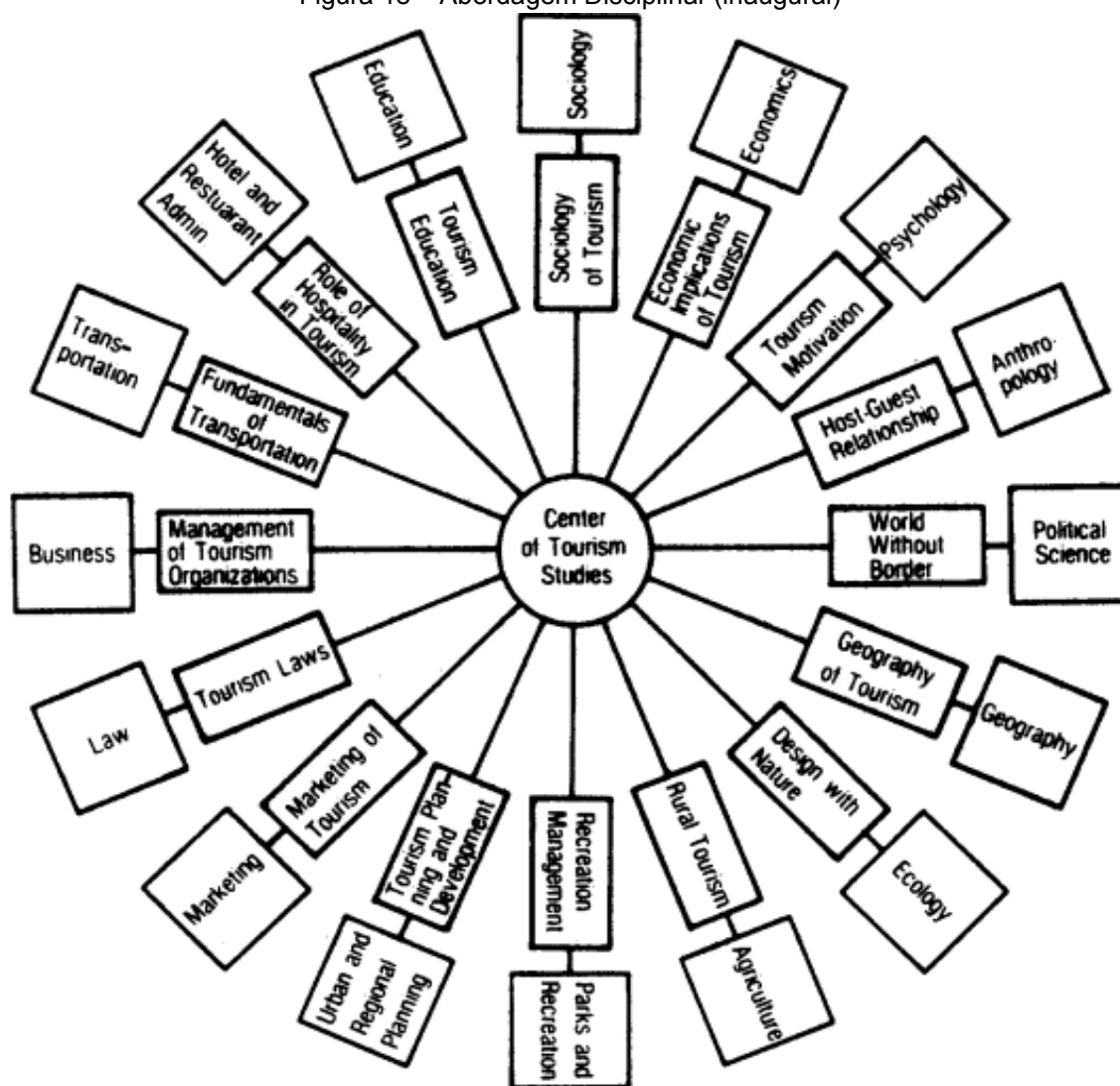
A negligência dos pesquisadores na área do turismo em relação à investigação epistemológica do campo tem sido uma preocupação persistente. Muitos estudos do turismo têm se concentrado mais nas questões práticas e aplicadas do que em questões epistemológicas e teóricas. Isso resultou em uma lacuna no entendimento das bases conceituais e filosóficas que sustentam a pesquisa em turismo (Tribe & Liburd, 2016). A falta de reflexão crítica sobre as abordagens epistemológicas pode limitar a capacidade dos pesquisadores de questionar pressupostos, desenvolver teorias robustas e promover avanços significativos na compreensão do turismo como fenômeno social, cultural e econômico. Portanto, é crucial que os pesquisadores no campo do turismo dediquem mais atenção à investigação epistemológica para fortalecer as bases teóricas e metodológicas e, assim, contribuir para a maturidade do campo.

3.3.2 Abordagens Interpretativas do Turismo

Este subcapítulo sobre as abordagens interpretativas do turismo oferece uma visão detalhada das diversas perspectivas teóricas e acadêmicas que surgiram ao longo da evolução do conhecimento na área do turismo. Ao analisar e organizar as abordagens interpretativas, é essencial compreender que o conhecimento científico é dinâmico e influenciado pelo contexto histórico. São produtos do seu tempo, moldadas pelas influências socioculturais e intelectuais da época.

Pode-se dizer que o trabalho de Jafari e Ritchie (1981) inauguraram o arcabouço para a análise e discussão do âmbito educacional do turismo. O texto, atendendo ao contexto histórico da época, interpreta o turismo, a partir da centralidade do turista das interações promovidas por ele, entre: (i) bens e serviços turísticos, (ii) fatores sócio-físicos e a relação (iii) anfitrião-hóspede. A partir desta relação, estabelece uma estrutura disciplinar para compreensão do fenômeno, que deu subsídio para o desenvolvimento de inúmeros programas de educação em turismo em todo o mundo.

Figura 18 – Abordagem Disciplinar (inaugural)



Fonte: Jafari e Ritchie (1981).

A abordagem disciplinar proposta por Jafari e Ritchie (1981) que fundamentou o ensino no turismo, é expressa pela orientação de “empréstimo” dos conceitos de outros campos do saber na expectativa de integrar as disciplinas na formação de uma nova episteme. Além disso, indicava as disciplinas das ciências sociais que se mostravam relevantes à investigação do interesse turístico, fazendo alusão a metodologias de pesquisa e práticas de ensino. Ainda que possuísse a conotação de uma pesquisa inicial, o artigo de Jafari e Ritchie (1981) direcionou para pesquisas adicionais ao domínio turístico, com o delineamento de questões críticas na sua aplicação na educação do turismo.

Em 1995, Tazim Jamal e Donald Gertz, pesquisadores do departamento de turismo da Universidade de Calgary, no Canadá, desenvolveram uma pesquisa que inaugurou as discussões sobre o turismo, a partir da perspectiva do local. Uma

abordagem distinta de Jafari e Ritchie (1981) que propunham a análise do turismo a partir das relações de quem consome o turismo.

Jamal e Gertz (1995) utilizaram da base teórica da colaboração e discutiram as relações interorganizacionais no contexto de destinos turísticos. A partir desta base teórica, apresentaram propostas de planejamento e desenvolvimento do turismo com o envolvimento da comunidade. É possível afirmar que são, portanto, precursores nas pesquisas de cunho colaborativo e nas iniciativas de possibilidades de desenvolvimento do turismo local com ênfase nas comunidades receptoras.

A partir de um conjunto de seis proposições, os autores estabeleceram um guia orientativo contendo três estágios a serem desenvolvidos pelos planejadores de base comunitária. As proposições eram: características da comunidade receptora baseada na colaboração existente; relações e conflitos entre os membros, na potencialidade dos atrativos turísticos e; níveis de impactos sofridos com o desenvolvimento da atividade turística (Jamal & Gertz, 1995). Considerando o conjunto destes elementos, se estabelecem as Proposições (P1, P2, P3, P4, P5 e P6). A partir das proposições definidas foram estabelecidas no guia: as condições facilitadoras e o passo a passo para cada estágio do planejamento.

O planejamento proposto por Jamal e Gertz (1995) baseava-se na abordagem do local e envolver a comunidade no processo. Essa estratégia dinâmica surge como uma resposta às necessidades locais e colaborativas. A colaboração não apenas permite que a comunidade participe do planejamento, mas também envolve a seleção de indivíduos que representam os diversos interesses públicos. Em um contexto de crescente globalização e competição, a busca por maneiras de aumentar a competitividade das comunidades de destino enquanto mantém sua identidade se torna vital. O desenvolvimento sustentável, tanto a nível local quanto global, exige uma maior cooperação e colaboração entre todas as partes envolvidas. Nesse sentido, a abordagem colaborativa no planejamento não apenas fortalece a estratégia do turismo comunitário, mas oferece uma nova forma de estruturar a sua compreensão, direcionando para a ampliação do fenômeno.

Em colaboração com Charlotte Echtner, Tazim Jamal abordou em forma de críticas à análise disciplinar do turismo, delineadas por Jafari e Ritchie (1981). O artigo intitulado "O dilema disciplinar dos estudos de turismo", promovia uma discussão reflexiva a partir da perspectiva disciplinar. Utilizando parte dos pressupostos

apresentados por Jafari e Ritchie (1981), analisaram diversas disciplinas e suas contribuições para a compreensão do fenômeno turístico.

No cerne do artigo de Jamal e Echtner (1997), estava uma crítica à abordagem disciplinar defendida por Jafari e Ritchie (1981). De acordo com os autores, foi um equívoco observar o turismo como uma disciplina independente, com um arcabouço teórico, suposições, metodologias e aplicações próprias. Esse confronto, ocorre com o auxílio da filosofia da ciência, em que Jamal e Echtner (1997), tem a intenção de elaborar uma proposta para desenvolver teorias de turismo mais holísticas e integradas, do que as até então existentes (disciplinares). Isso se justificava porque, embora o turismo fosse considerado como um fenômeno complexo que atravessa várias disciplinas, os pesquisadores buscavam compreendê-lo dentro dos limites específicos da disciplina em que possuíam domínio. Sem de fato, observar o fenômeno em sua essência.

Um dos argumentos utilizados pelos autores era que os paradigmas disciplinares estavam arraigados de abordagens discrepantes e aplicadas de diversas maneiras aos estudos de turismo, o que resultara em inúmeras possibilidades interpretativas. Por esta razão, os obstáculos eram quase intransponíveis para que ocorresse o desenvolvimento de uma nova disciplina do turismo. Esta concepção para Jamal e Echtner (1997) exigiria uma síntese e combinação dos paradigmas de investigação nas diversas áreas disciplinares.

No entanto, o dilema disciplinar leva uma perspectiva diferente quando se aplica a filosofia de Bernstein (1991). Utilizando esta abordagem filosófica, na visão de Jamal e Echtner (1997), o principal problema que impede o desenvolvimento teórico do turismo parece ser causado por uma abordagem filosófica e uma abordagem metodológica dominante e inadequada. Aqui, a evolução dos estudos de turismo poderia ser observada pela mesma fobia que domina todos os demais estudos das ciências sociais, nomeadamente a necessidade de se tornar mais “científico” e o apego resultante a métodos positivistas mais tradicionais.

Na análise de Jamal e Echtner (1997), seguindo a filosofia de Bernstein, o dilema disciplinar do turismo pode ser o resultado da fixação inadequada e da necessidade de emular os métodos das ciências naturais/físicas às ciências sociais. Capacidade de aceitar alternativas de abordagens filosóficas e metodológicas distintas, poderiam ajudar a derrubar algumas das barreiras interdisciplinares no estudo do fenômeno turístico e levar à evolução de uma disciplina distinta.

A disciplina emergente do turismo na indicação de Jamal e Echtner (1997), precisaria ser baseada em uma abordagem interdisciplinar em vez de uma abordagem multidisciplinar. Além disso, os autores previam, naquele período, a necessidade de haver maior liberalismo no que diz respeito à abordagem metodológica e, ao mesmo tempo, maior atenção à teoria e metodologia claramente explicadas. Conforme ilustra a Figura 19, as principais dimensões estabelecidas por Jamal e Echtner (1997).

Figura 19 – Abordagem interdisciplinar



Fonte: adaptado pela autora (2023) com base em Jamal e Echtner (1997).

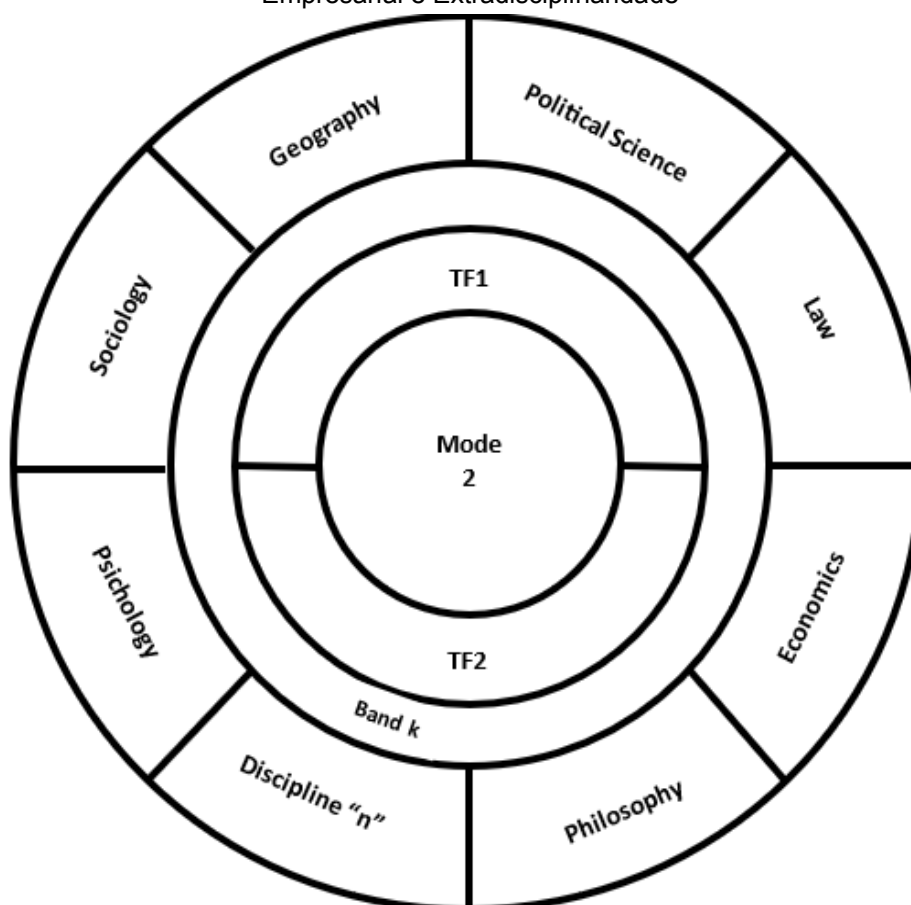
Como exposto, a evolução do turismo no sentido de uma maior credibilidade como campo de estudo e como status disciplinar para Jamal e Echtner (1997), incluíam: o desenvolvimento de pesquisas integradas e holísticas; a geração de um corpo teórico de conhecimento; um foco interdisciplinar; teoria e metodologia claramente explicadas; e a aplicação de métodos qualitativos e quantitativos, positivistas e não-positivistas de forma que fosse possível ampliar as abordagens metodológicas.

Ainda no sentido de tecer críticas à abordagem disciplinar do turismo de Jafari e Ritchie (1981), John Tribe (1997) desenvolveu um modelo que expunha as características epistemológicas de estudos de turismo. Várias reivindicações e estruturas foram propostas em relação à epistemologia do turismo, centrando-se principalmente no debate entre disciplina/campo. A partir da revisão crítica, a ideia de

que os estudos de turismo poderiam ser uma disciplina passou claramente a ser rejeitada depois de Tribe (1997).

Foi proposto pelo autor que o turismo passasse a ser interpretado a partir de dois campos (os negócios do turismo e os aspectos não-comerciais). Conforme mostra a Figura 18, o círculo externo representara as disciplinas e subdisciplinas, onde consta “disciplina n” é a representação da possibilidade de incluir novas disciplinas com interesse neste objeto. O círculo interno representara o mundo do turismo, os campos de atuação. Nele TFI = representa a interdisciplinaridade empresarial, os negócios de turismo e TF2 = são os elementos não relacionados a negócios, como impactos ambientais, percepções do turismo, capacidade de suporte e impactos sociais e culturais. O círculo intermediário entre as disciplinas e “TF”, aquele que representa o campo do turismo, é uma área dentro da qual as teorias e conceitos são destilados, pensados e absorvidos, no qual o autor nomeia como “banda k”.

Figura 20 – Abordagem Integrativa – Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade, Interdisciplinaridade Empresarial e Extradisciplinaridade



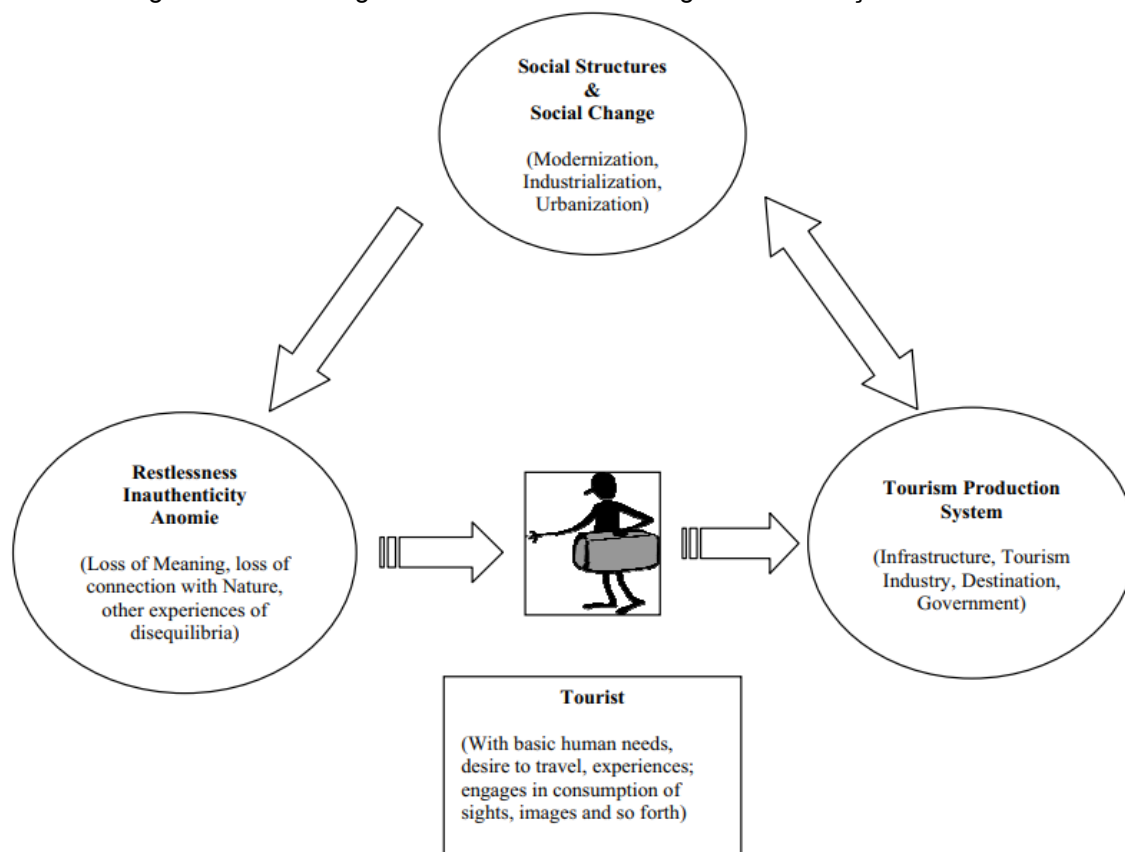
Fonte: Tribe (1997).

De acordo com Tribe (1997), anterior a propor uma forma de interpretação ao turismo, é preciso entender como o campo do turismo é estudado. Nessa direção o autor atestou as epistemologias complexas associadas aos estudos de turismo e sugeriu quatro métodos principais de investigação: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, interdisciplinaridade empresarial e extradisciplinaridade (Tribe, 1997).

Esses métodos distinguem as abordagens que residem essencialmente no mundo do pensamento (banda k) e aqueles que residem no mundo da prática (Modo 2). Na opinião de Tribe (1997) embora existam quatro abordagens principais, os estudos de turismo desenvolvidos no ensino superior tendem a se cristalizar em torno da abordagem empresarial. Devido à natureza mais coesa e estruturada do campo de estudos em negócios turísticos, os conceitos teóricos foram mais bem definidos, enquanto os elementos não relacionados ao âmbito empresarial carecem de abordagens teóricas práticas que sejam capazes de integrar os conceitos, admitindo novas metodologias integrativas (Tribe, 1997).

Praticamente de forma concomitante, no fim da década de 1990, um outro modelo para interpretar o turismo, surgiu da contribuição da psicologia social e da sociologia. Partindo da sociologia do Século XX e das características dos estudos em nível micro (indivíduo) e macro (estruturas sociais), Jamal e Lee (2003), propuseram uma estrutura de análise do turismo a partir do movimento integrativo entre os níveis da sociologia, dentro das motivações turísticas. Jamal e Lee (2003) apresentaram ligações da sociologia e da psicologia social relacionando uma variedade de disciplinas para propor uma estrutura conceitual de interpretação do turismo, como exposto na Figura 21.

Figura 21 – Abordagem micro e macrosociológica de motivação turística



Fonte: Jamal e Lee (2003).

A abordagem global de produção-consumo do quadro, ajudou a situar as motivações turísticas dentro de estruturas micro-macro que se reforçaram mutuamente diante da economia política global do turismo internacional (Jamal & Lee, 2003).

Os autores defenderam que as abordagens metodológicas não deveriam apenas investigar as motivações de viagem em um nível individual, mas também considerar o contexto de origem do turista, como suas experiências de trabalho, vida cotidiana na comunidade e com a família. Esses aspectos foram influenciados por estruturas de natureza macrossocial, o que implicaria no estudo das práticas cotidianas e estabelecidas do turista em seu ambiente de origem (Jamal & Lee, 2003). Essa abordagem forneceu uma maneira de compreender as influências e questões de escala macrossocial relacionadas ao turismo.

Como sugestão de aplicação da abordagem interpretativa proposta por Jamal e Lee (2003), citaram os espaços naturais, como sítios históricos, patrimônios e eventos naturais que cada vez mais estão sendo incorporados ao sistema de produção turística. Nessa direção os impactos socioculturais e ambientais

consideráveis das viagens e do turismo derivavam das influências sócio estruturais da modernidade e da cultura de consumo “pós-moderna”, levando à comercialização do patrimônio histórico para o consumo (Jamal & Lee, 2003).

Na análise dos autores, para entender e gerenciar esses aspectos, seria necessário desenvolver estruturas integradas para orientar a pesquisa sobre motivações turísticas. Com o suporte de abordagens teóricas interdisciplinares, os autores sugeriram estudos que combinavam metodologias diversas que poderiam ser modificadas, unindo análises de nível micro (como pesquisa sociopsicológica com visitantes) com abordagens sociológicas e críticas em nível macro (como análises semióticas de materiais turísticos e estudos de imagens de destinos). E por fim, Jamal e Lee (2003) defenderam que compreender as relações complexas entre os níveis micro e macro do turista permitiria explorar tanto as motivações "intrínsecas" quanto às possíveis influências mercadológicas em escala macrossocial.

Em 2006, vinte e cinco anos após a primeira proposição de compreensão do turismo de Jamal e Ritchie (1981), Tribe examinou a congruência entre o mundo teórico do turismo (representado pelo seu corpo de conhecimento convencional) e o mundo fenomênico do turismo. Através da aplicação de uma abordagem construtivista social, Tribe (2006) desenvolveu uma análise de conceituação do campo de força do conhecimento que atuara como mediador entre os domínios do turismo.

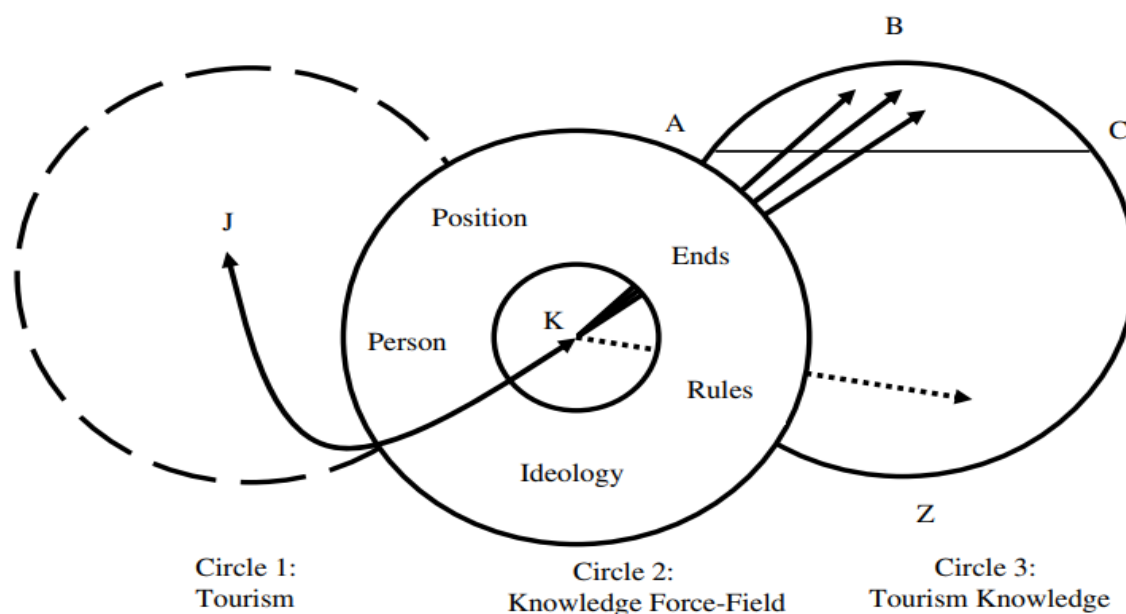
Partindo de Lewis (1935) e da teoria dos campos de força para compreender os fatores que facilitaram e os que restringiram a mudança nas organizações, Tribe (2006), indicou que os campos de força do conhecimento do turismo são influenciados por cinco fatores-chave: indivíduos; regras; posição; objetivos e; ideologia. A literatura foi explorada para evidenciar a maneira com que esses fatores eram importantes para uma seletividade dupla na construção do conhecimento, fosse sob a perspectiva teórica ou fenomênica. Apesar de diversas verdades terem sido condicionais, conforme aponta Tribe (2006), observou-se que há uma parcela significativa da verdade sobre o turismo que permanece por ser explorado, resultando em espaços vazios, de omissões e interpretações fechadas.

O autor utilizou para a análise do campo de força, os fatores que resistem e aqueles que promovem a criação da verdade no turismo. O termo “campo de força do conhecimento” foi utilizado por Tribe (2006) para descrever os fatores que relacionam o processo no qual o mundo fenomenal do turismo é traduzido no seu mundo

conhecido. A equação que ilustrava a interpretação: Fenômeno Turístico → Conhecimento Campo de Força → Conhecimento Turístico.

Tribe (2006) passou a se interessar pela congruência entre conhecimento e o fenômeno. Como descreveu, da análise da literatura de teorias relativas ao poder e ao conhecimento, particularmente influenciadas pela sociologia do conhecimento (Mannheim, 1960), fenomenologia (Husserl, 1913), discurso (Foucault, 1971), representação (Said, 1994) e reprodução (Bourdieu, 1973). As teorias foram ordenadas por Tribe (2006) em cinco fatores que atuam no campo de força: pessoa, regras, posição, fins e ideologia. A Figura 22 ilustra a relação entre o mundo fenomenal do turismo (Círculo 1) e o ícone do seu conhecimento (Círculo 3), mediado pelo campo de força do conhecimento (Círculo 2).

Figura 22 – Campo de força do conhecimento em turismo



Fonte: Tribe (2006).

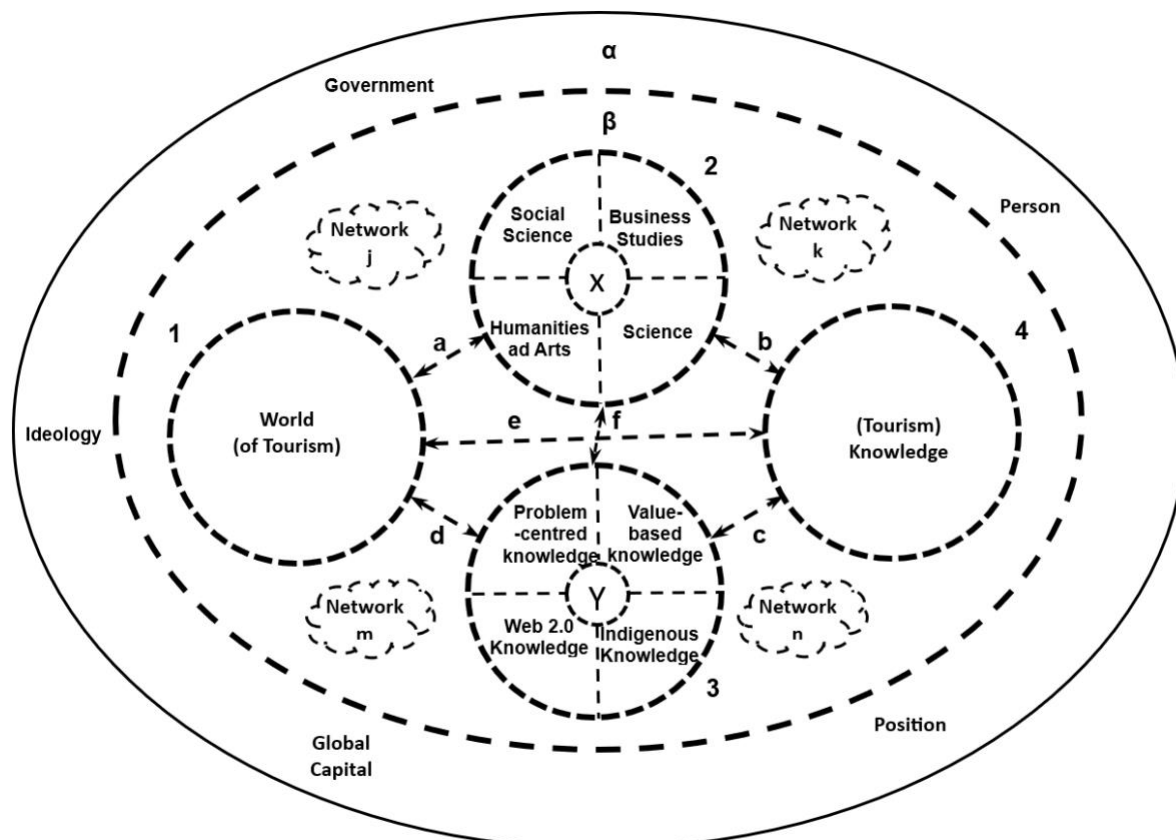
Os cinco fatores não são forças discretas e há muitas sobreposições e inter-relações. Por isso não são identificados em caixas separadas e o campo de força do conhecimento é representado como um fluido espaço. Além disso, o Círculo 1 é desenhado sem bordas rígidas, pois suas bordas não são conhecidas. O turismo é mais do que se pode dizer. Cada uma das categorias no campo de força do conhecimento foi examinada separadamente e a linha geral de investigação está centrada na medida em que o Círculo 3 fornece uma representação abrangente do campo do turismo (Círculo 1).

Pode-se afirmar que Tribe (2006) abriu as portas para explicar e fundamentar uma variedade de pesquisas interpretativas com alto grau de reflexividade e que por longo período estiveram depreciadas ou reprimidas no turismo. Para citar algumas delas, Tribe (2006) destaca: a de Pritchard (2004), sobre a análise do poder e gênero no turismo, a interface do poder estrutural e cultural na construção das relações de gênero pesquisado por Aitchison (2001), mecanismos-chave do poder e do controle patriarcal no lazer e no turismo, a partir da gestão educacional e do ensino do turismo de Aitchison (1996); a dimensão de gênero na produção acadêmica do turismo de Aitchison (2001); Pritchard e Morgan (2000) e a demonstração de como as paisagens turísticas são moldadas pelos discursos do patriarcado e da heterossexualidade e que a linguagem de promoção é destinada a um público masculino e heterossexual; Johnston (2001) que realiza críticas ao conhecimento hegemônico, desencarnado e masculinista do turismo; Meyer-Arendt e Justice (2002) que abordam a escassez na literatura de teoria que implementam uma metodologia abertamente feminista; Aramberri (2002) e Lew, Hall e Williams (2004) que revelam a predominância da figura masculina nos órgãos públicos de administração do turismo; e estudos no desenvolvimento do pensamento de gênero no turismo por Hall, Swain e Kinnaird (2003).

A partir da necessidade significativa de cada campo de conhecimento compreender a si mesmo, John Tribe e Janne Liburd (2016), dez anos após inaugurar as pesquisas interpretativas reflexivas no turismo, desenvolveram um estudo conceitual que apresenta uma reconceitualização original da estrutura, sistemas, processos e resultados que definiram por longo período o campo do turismo.

Estão expressas em um modelo de análise detalhado que examina o espaço do conhecimento, o campo de força do conhecimento, redes de conhecimento, em quatro domínios-chave na criação de conhecimento e suas inter-relações (Tribe & Liburd, 2016). Finalmente, o modelo proposto pelos autores, foi utilizado para examinar alguns dos principais desafios e consequências que o conhecimento revela para o turismo e para o futuro da sua pesquisa.

Figura 23 – Sistema do conhecimento em turismo



Fonte: Tribe e Liburd (2016).

O modelo do sistema de conhecimento do turismo, demonstra uma série de características genéricas dos sistemas e identifica um conjunto de elementos que formam um todo significativo e coerente em relação com a epistemologia e ontologia do turismo e se apresenta capaz de mapear as relações entre esses elementos (Tribe & Liburd, 2016). O sistema compreende entradas (Círculo 1) e saídas (Círculo 4), processos (Círculos 2 e 3), limites (oval interno b), fatores ambientais (oval externo a) e ciclos de feedback (por exemplo, linha e). De acordo com os autores, o círculo 1 representa o mundo do turismo a ser pesquisado não como uma entidade independente, mas interligada e, portanto, é descrito como uma parte entre colchetes do mundo mais amplo, que envolvem pessoas, organizações, coisas, estruturas, efeitos, afetos, objetos e sujeitos (Tribe & Liburd, 2016).

Tribe e Liburd (2016) trazem uma contribuição significativa ao apresentar visualmente um sistema de conhecimento no âmbito do turismo, que foi redefinido para se adequar ao contexto atual. Isso foi alcançado através da análise crítica, síntese, revisão e expansão de pesquisas anteriores de interpretação do turismo. Esse sistema ampliou a compreensão em termos de epistemologia, ontologia,

axiologia, poder, redes e gerenciamento do conhecimento, como discutido por Cooper (2015). Em consonância com as ideias de Law e Yiu (2014), foi capaz de ilustrar a inserção, produção e relevância social da pesquisa em turismo.

Pode se afirmar que o sistema proposto por Tribe e Liburd (2016) é mais abrangente do que os trabalhos anteriores, e substitui a terminologia de "Modos 1, 2 e 3" por termos descritivos mais substanciais: Conhecimento Disciplinar, Conhecimento Centrado no Problema e Conhecimento Baseado em Valor. Como nos modelos anteriores, é importante notar que o uso das linhas pontilhadas indica a flexibilidade do modelo e ganha destaque a inserção das artes, humanidades e ciências sociais, no processo de conhecimento (Tribe & Liburd, 2016).

A conclusão de Tribe e Liburd (2016) ressalta que o campo do turismo não se limita a uma investigação multidisciplinar, mas abrange uma abordagem transdisciplinar. Essa postura transitiva do pensamento de Tribe (2006) para Tribe e Liburd (2016), evidencia a evolução transitória do conhecimento e a relevância de adaptação da abordagem epistemológica. O que é evidenciado pela identificação e análise de áreas previamente negligenciadas ou subdesenvolvidas presentes nos Círculos 2 e 3, juntamente com suas epistemologias particulares. Nesse sentido, os autores reconheceram que as ciências da administração e sociais têm sido predominantes na geração de conhecimento no turismo, no entanto, existem áreas que têm sido subestimadas, como as disciplinas das ciências, humanidades e artes (Tribe & Liburd, 2016).

Além disso, campos extradisciplinares como conhecimento baseado em valor, conhecimento indígena, dinâmica da Web 2.0, conhecimento tácito e a esfera Y, nos quais esses elementos se entrelaçam, merecem mais atenção nas pesquisas em turismo. Como revelam Tribe e Liburd (2016), esse novo enfoque resulta em um direcionamento ampliado para a teoria e traz contribuições no âmbito acadêmico e no conhecimento explícito, relacionados ao turismo.

Apropriando-se da recomendação dada por Tribe e Liburd (2016), considera-se que os conhecimentos invisíveis no campo do turismo, são uma dimensão que se aproxima com a proposição desta tese. O sistema de conhecimento do turismo, proposto por Tribe e Liburd (2016), indica que essa abordagem, além de inovadora, é inclusiva e resulta em uma ampliação do foco em direção à teoria do turismo.

O conhecimento baseado em valor, é capaz de englobar a compreensão de como os valores individuais e culturais influenciam as escolhas dos turistas e a

maneira como essas escolhas impactam os destinos (Tribe & Liburd, 2016). Reconhece o conhecimento indígena que é capaz de trazer consigo uma riqueza de saberes ancestrais sobre o uso sustentável da terra, a preservação da cultura e a relação com o meio ambiente, que podem oferecer profundas reflexões no âmbito das práticas turísticas mais responsáveis e autênticas.

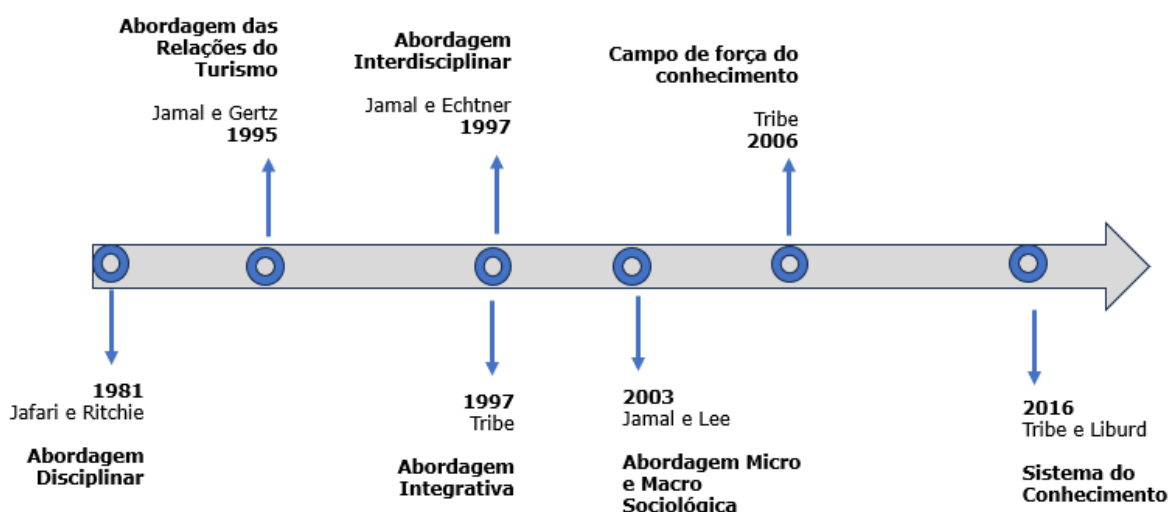
Como expõe Tribe e Liburd (2016), a dinâmica da Web 2.0 redefiniu a forma como as pessoas pesquisam, compartilham e experimentam o turismo. Compreender como a tecnologia influencia a tomada de decisões dos turistas e como os destinos podem aproveitar as plataformas digitais é de suma importância. O conhecimento tácito, muitas vezes inerente à experiência prática e à intuição, também é reconhecido e pode ser valorizado, pois pode oferecer contribuições valiosas que não podem ser facilmente articuladas em termos explícitos.

Ao analisar a evolução do conhecimento no turismo por meio das diversas abordagens interpretativas apresentadas neste texto, destacam a importância de considerar as perspectivas do turista, do local, do contexto macrossocial e da colaboração comunitária, bem como a organização sistêmica sob a ótica do conhecimento.

É fundamental considerar que as diferentes abordagens, embora ofereçam modelos interpretativos variados, não são definitivas em sua compreensão epistêmica única. Elas são, na verdade, possibilidades de interpretação que enriquecem nosso entendimento do turismo. Ao longo dessa trajetória, fica claro que os eixos principais que sustentam o conhecimento científico do turismo devem estar em constante evolução e debate. Isso significa que podemos explorar novas facetas do campo e abordar questões emergentes à medida que o turismo continua a se transformar e se adaptar às mudanças sociais, culturais e tecnológicas. Essa diversidade de abordagens nos lembra da complexidade e da riqueza do turismo como objeto de estudo. O turismo, como manifestação multifacetada, permanece como um campo promissor e dinâmico, com oportunidades de pesquisa que permanecem complexas.

Com a intenção de demonstrar a evolução das abordagens interpretativas do turismo, na Figura 24 demonstra-se a síntese das abordagens identificadas no corpo da pesquisa.

Figura 24 – Linha do tempo das abordagens interpretativas



Fonte: autoria própria (2023).

No Brasil, o turismo foi amplamente estudado a partir da perspectiva sistêmica (Beni, 1997), que apesar da sua relevância na análise do turismo, não se apresenta no corpo de pesquisa. Mendes (2022) realizou uma extensa análise sobre os modelos sistêmicos aplicados ao turismo, em que foram consideradas três perspectivas. A primeira (1960–1980) abrange as visões sistêmicas iniciais, enquadrando o turismo como um fenômeno amplo e utiliza-se como marco a influente publicação de Neil Leiper. Segundo a autora, a segunda abordagem (1981–2001) engloba as perspectivas sistêmicas avançadas, marcando um aprofundamento específico na teoria sistêmica no domínio do turismo, especialmente na busca por um desenvolvimento regional através do turismo, exemplificado pelo trabalho de Mário Beni e sua proposta do conceito Sistur, com fundamental relevância aos estudos brasileiros. De acordo com Mendes (2022) a terceira abordagem é uma ampliação, que contempla o aprofundamento do turismo considerando os seus impactos.

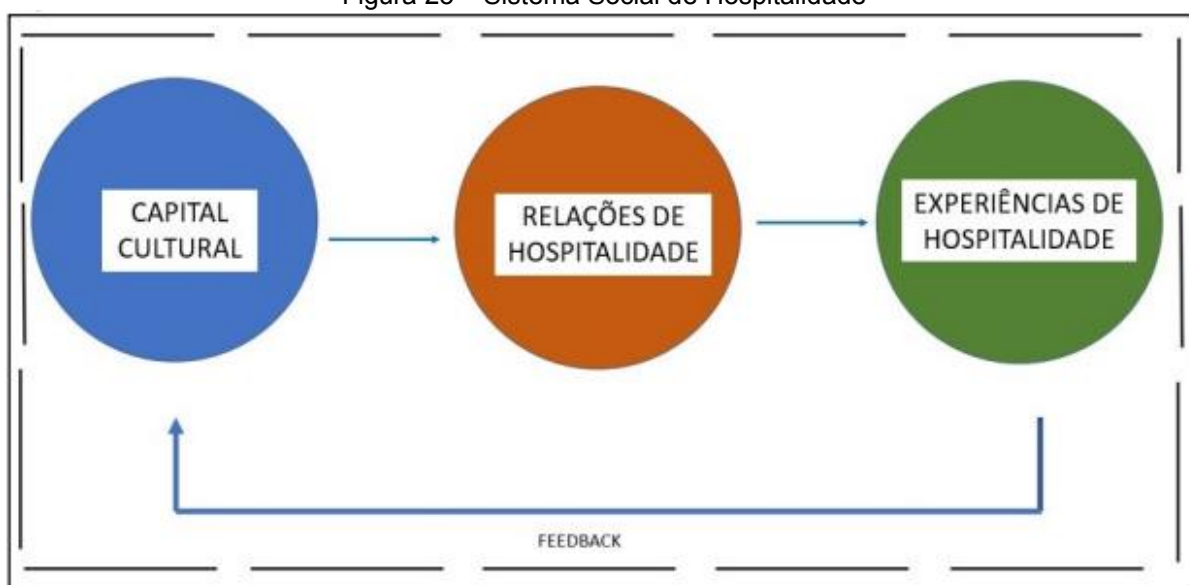
Mendes (2022), elaborou um quadro síntese em que apresenta as perspectivas sistêmicas dos estudos do turismo (2002–2021), que revelam a expansão das investigações acadêmicas através de perspectivas complementares. Há uma ampla gama de outros trabalhos disponíveis para consulta, que reforçam as múltiplas abordagens empregadas na área. Esse cenário, por um lado, representa uma oportunidade para um avanço nos debates epistemológicos do turismo, reforçando que a área continua a se desenvolver teoricamente.

Os modelos estudados por Mendes (2022) desde a década de 1960 estabelecem um tipo de estrutura para compreender o vasto universo do turismo e

sua complexidade. Inicialmente, no primeiro período, houve uma busca para compreender as características do turismo, seguida pela predominância da análise econômica na segunda etapa. Por fim, na terceira fase, fica evidente a expansão das interpretações sobre o turismo, abrindo portas para uma variedade de perspectivas interpretativas.

Nesse sentido, Mendes e Cavenaghi (2021) aprofundam o papel central da comunidade local no discurso em torno da hospitalidade nos espaços turísticos. Ancorando a sua abordagem na Teoria do Sistema Social de Niklas Luhmann, os autores postulam que o capital cultural da comunidade necessita de reconhecimento e valorização antes da sua preparação para receber visitantes dentro do seu domínio residencial. Este sentimento, através de uma lente autopoietica, inicia mudanças internas que conduzem ao autorreconhecimento da comunidade como entidades cívicas e administradores do local (Mendes & Cavenaghi, 2021). Como tal, segue-se o cultivo de relações de hospitalidade, como um fator crucial que sustenta a realização de experiências de hospitalidade, potencialmente gerando um atributo distintivo para um determinado destino turístico, como demonstra a Figura 25.

Figura 25 – Sistema Social de Hospitalidade



Fonte: Mendes, Cavenaghi e Marques (2021).

Os modelos sistêmicos preeminentes no contexto do turismo se configuram de acordo com Mendes e Cavenaghi (2021) como uma ferramenta com notável capacidade de mitigar a complexidade intrínseca de determinados contextos e promover a compreensão abrangente do turismo e suas interfaces intrincadas.

Encerra-se esta seção, enaltecendo a esfera Y incluída no Sistema de Conhecimento do Turismo de Tribe e Liburd (2016) e a abordagem do Sistema Social da Hospitalidade de Mendes e Cavenagui (2021), como espaços reconhecidos onde esses diversos elementos subjetivos podem se interligar e criar sinergias, dentro de uma abordagem holística para compreender o turismo em todas as suas facetas. Valorizar e incorporar esses conhecimentos invisíveis e muitas vezes subestimados pode enriquecer significativamente a forma como o turismo é praticado e estudado.

3.3.3 Novas Fronteiras ao Conhecimento do Turismo

Dentre as transformações fundamentais que estão presentes no turismo, no sentido de redesenhar a abordagem dos seus estudos, Russo (2016) elege três cenários possíveis: a mobilidade, a construção do lugar e o foco criativo das pesquisas.

Influenciado pelas ideias de John Urry e ancorado na mudança de paradigmas nas ciências sociais, em que a mobilidade de pessoas e objetos passou a ser um elemento estruturante em diversas áreas da vida humana, surge o conceito do "giro das mobilidades". A proposta de Russo (2016) é superar a perspectiva de uma sociedade essencialmente sedentária ou ancorada em relações estáveis com os lugares, defendendo a necessidade de estudar e compreender indivíduos imersos em estados de mobilidade contínua e multidimensional. Estes sujeitos se deslocam através de espaços e lugares em suas vidas móveis, vivenciando uma reorganização constante de suas experiências em um estado de fluxo permanente.

Outra direção importante é a "construção do lugar", escrita pela geografia do turismo e ancorada nas geometrias de poder descritas por Massey (1994). Neste âmbito, o turismo assume um papel ativo na transformação de lugares e na sua reconfiguração. Esta perspectiva permeia muitos modelos analíticos, sendo exemplificada pelo conceito popular do Ciclo de Vida, de Butler (1980). Esta abordagem enfatiza não apenas compreender o turismo em si, mas também os contextos que o envolvem. Como resultado, destaca-se a importância de se afastar do foco tradicional nas conexões diretas entre o turismo e seus atores, e adotar uma visão mais abrangente e complexa, que engloba relações, tecnologias e atuações materiais.

Além disso, destaca-se a evolução dos estudos turísticos em direção a um "toque criativo". Esta transformação é influenciada pela economia da experiência proposta por Pine e Gilmore (1999), assim como pela noção de espacialidade criativa ligada às cidades criativas (Landry, 2000; Hannigan, 2005). Autores como Richards e Raymond (2000), Evans (2007), Maitland (2010) e Pratt (2008) também abraçaram essa abordagem. O turismo criativo reinterpreta o turismo cultural, centrando-se no encontro, relacionamento e negociação no âmbito cultural-simbólico nos destinos turísticos (Russo, 2016).

Essas mudanças repercutem tanto na pesquisa do turismo quanto no planejamento de destinos e nas políticas de gestão. Elas implicam: a extensão do potencial de qualquer lugar como destino; uma ênfase na dimensão imaterial da reprodução cultural, embasada na prática, conhecimento e comprometimento; o empoderamento de manifestações culturais regionais em detrimento da autorização pacificada do lugar; e a valorização dos espaços cotidianos e mundanos, cujo tecido social e capacidade de conexão foram frequentemente negligenciados ou subestimados (Russo, 2016).

Também no sentido de buscar por novas compreensões ao turismo, Franklin (2004) sugere a abordagem estruturalista do turismo como alternativa capaz de abordar a complexidade das definições do fenômeno, destacando a dificuldade em unir aspectos sociais e materiais. Para Franklin (2004), as definições existentes oscilam entre uma perspectiva que enfatiza a heterogeneidade material das áreas turísticas e outra que se concentra na separação sociológica entre o mundo turístico e não turístico.

Essas visões opostas geram desafios conceituais na tentativa de compreender o turismo em sua totalidade, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais integrada para abranger os diversos elementos envolvidos (Franklin, 2004). Nesse sentido, a abordagem estruturalista representa a busca por uma definição que considera a multiplicidade de fatores, incluindo socialmente, agentes materiais e as complexas conexões que formam a rede turística.

Aitchison (2005) por sua vez, apresenta uma alternativa entre a teoria pós-estruturalista e as análises materiais do turismo, para compor uma lente que possibilita enxergar o potencial de reinterpretação do turismo. Partindo do entendimento de ruptura, contestação, transgressão e transformação dos códigos e comportamentos dominantes na sociedade, a teoria pós estruturalista permite observar os fenômenos

considerando as mudanças ao longo do tempo e em diferentes espaços (Aitchison, 2005). As perspectivas pós-estruturalistas, no entendimento do autor, reconfiguraram as geografias sociais e culturais a partir da década de 1990 e incorporaram análises sociológicas de pensadores como Bourdieu, Certeau e Foucault. Para Aitchison (2005), esses teóricos oferecem possibilidades relevantes sobre o papel do capital cultural, consumo produtivo e poder de vigilância, respectivamente.

Enquanto os estudos de turismo emergiram como um campo consolidado de pesquisa nas ciências sociais nas últimas três décadas, os estudos feministas e de gênero têm uma história mais longa, abrangendo tanto as ciências sociais quanto as humanas, o que indicaria na percepção do autor, um caminho possível para compreensão ampla do turismo.

Durante o período entre meados da década de 1980 e meados da década de 1990, um notável aumento na pesquisa no campo da gestão do turismo foi impulsionado por análises materialistas fundamentadas na economia empresarial. Mas na última década, observou-se um crescimento ainda mais acentuado na pesquisa de estudos do turismo baseada em teorias críticas e culturais (Aitchison, 2005).

As abordagens pós-estruturalistas enfatizam a centralidade da linguagem e das práticas comunicativas, revelando que estas podem ser compreendidas através da análise do discurso. De acordo com Aitchison (2005) esse tipo de análise investiga as entrelinhas das relações sociais e culturais, permitindo a identificação e interpretação das relações de poder inerentes aos processos sociais e culturais.

É possível evidenciar uma ampla gama de maneiras pelas quais o turismo e, mais precisamente, as suas relações economicistas não apenas se apoia, mas também reconstrói o sistema do capitalismo global, seja pelo envolvimento de empresas multinacionais, seja pelas relações de trabalho sazonais e ocasionais, frequentemente mal remunerados (Aitchison, 2005). Assim, embora o turismo seja um fenômeno cultural e processual, a abordagem capitalista exerce uma forte influência sobre ele.

Nesta direção, pautado por Walby (1990), Aitchison (2005) ressalta a presença onipresente do capitalismo patriarcal. Argumenta-se que o turismo, tanto nas esferas públicas quanto privadas, como um campo de estudo acadêmico, formulação de políticas, gestão e prática, possui o potencial de se tornar um espaço no qual todas as relações patriarcais mencionadas se manifestam de uma maneira ou de outra

(Aitchison, 2005). O autor contribui com a percepção crítica ao indicar o conceito de "nexo sociocultural" para enfatizar as análises materialistas do patriarcado e do capitalismo, ou do capitalismo patriarcal, ao influenciar as relações de poder que constroem, legitimam e reproduzem as dinâmicas de gênero no lazer e no turismo, frequentemente em uma escala global.

Nesta perspectiva, para Aitchison (2005), o patriarcado está permeado nas estruturas e processos da sociedade, seja no âmbito público quanto privado e precede outras formas de opressão como a classe e a raça. De acordo com a abordagem estruturalista, os códigos dominantes na sociedade são geralmente construídos, legitimados, normalizados e reproduzidos em prol daqueles com poder.

Assim, de acordo com as teorias feministas apresentadas na pesquisa da autora, o pós-estruturalismo influenciou como o conhecimento sobre o mundo social e cultural é produzido, legitimado e reproduzido por grupos dominantes. Ao revelar as relações de poder inerentes à produção do conhecimento, o pós-estruturalismo ampliou as possibilidades de contestar e reformular essas epistemologias privilegiadas, ampliando as formas de ver e entender o mundo (Aitchison, 2005). Que ocorreu de forma mais substancial somente no início dos anos 1990.

A pluralidade de perspectivas feministas, apresentadas por Aitchison (2005), reforça a necessidade de desenvolver uma pesquisa direcionada a uma nova teoria do turismo, que coloque no centro dos seus estudos a negação dos sistemas de opressão. É a partir do argumento de cooperação, colaboração e combinação de pontos de vistas distintos que é possível contrapor o isolamento teórico na constituição do conhecimento.

As transformações em questão convidam-nos à reflexão. O que habitualmente é atribuído ao rótulo de "turista" — muitas vezes contrastado com o domínio do "local" — é, na realidade, continuamente objeto de negociação e reconfiguração dentro do âmbito de dimensões evasivas que delineiam a essência do turismo em um determinado local. Mansfeldt (2014) emprega ensaios terapêuticos inovadores para desenvolver uma reflexão sobre o conceito de "intersticialidade", termo originalmente apresentado por Baerenholdt *et al.* (2004) para identificar o que está "fora do turismo", no sentido de ser desconectado da produção formal de experiências turísticas, mas que acaba por influenciá-las. Trata-se não do hotel ou da atração em si, mas do trânsito entre ambos; não do momento da visita, mas do intervalo entre as visitas; não da experiência turística previsível e programada, mas do que adquire significado para

o turista através da ação de pessoas e objetos. Mansfeldt (2014) expande essa noção para os domínios espaciais, analíticos, relacionais e simbólicos do turismo, desfazendo a dicotomia característica entre "turista" e "não-turista" e ilustrando a potência dos espaços intersticiais entre categorias formais.

Nessa mesma perspectiva, Quaglieri Domínguez e Russo (2010) examinam coletivos intersticiais diversos no espaço urbano, analisando suas relações e coevoluções; enquanto Smith e Zátori (2016) investigam as narrativas compartilhadas que surgem de paisagens culturais "intersticiais", como o bairro judeu em Budapeste. Estas mudaram, como mencionado anteriormente, não apenas senti para contextualizar o turismo desde as margens de suas disciplinas originárias até seus pontos de interseção, mas também propõem uma nova agenda de pesquisa para o turismo que converge para as grandes questões das ciências sociais e do urbanismo contemporâneo.

Dentro dessa estrutura analítica, torna-se evidente que os atores intersticiais desempenham um papel significativo na construção do "espaço turístico", apesar de serem externos, mas completamente integrados nos âmbitos específicos de seus "cotidianos". Por exemplo, em ambientes urbanos cosmopolitas, os imigrantes desempenham um papel essencial. Por um lado, eles são cidadãos empreendedores e geradores de paisagens "extraordinárias" em relação à identidade cultural local, uma contraposição líquida que, por sua vez, se converte em um símbolo identitário global. Isso pode ser considerado tanto como um "capital criativo" que permite experiências turísticas complexas quanto como um elemento de banalização da paisagem, como acontece nos bairros novaiorquinos de Chinatowns, Little Italys e French Quarters, que são onipresentes.

Por outro lado, nos estudos turísticos, a segregação espacial e as experiências dos grupos nacionais — especialmente os proprietários de segundas residências nas "periferias do prazer" — já foram considerados. Nos estudos de turismo relacionados à mobilidade residencial, os "imigrantes de estilo de vida" e a classe criativa ou trabalhadores expatriados de alto poder aquisitivo estão ganhando destaque. Esses grupos têm o poder de padronizar o espaço urbano em torno de marcas e rituais cosmopolitas. Entre eles, os estudantes internacionais assumem um caráter intersticial, muitas vezes situados nas margens das estratégias de defesa urbana, servindo como estrangeiros "formais" e futuros residentes.

Outros estudos analisam as estratégias de vida e as relações de crianças, mulheres, grupos LGBT, entre outros, todos grupos "não turísticos", mas essenciais para a construção da paisagem urbana "porosa" como um espaço seguro, tranquilo, verde, emocionante, tolerante e inclusivo (Russo, 2016). Esses grupos frequentemente se tornam o foco de interesse nos estudos turísticos, muitas vezes afastados da produção formal do turismo local, situados nos interstícios das exposições entre turístico/residencial e público/privado, atraindo turistas devido ao seu poder identitário e natureza aberta. Desde o espaço público como local de trânsito, lazer e representação dos espaços comerciais privados, espaços culturais até de cultura, educação, conhecimento, manufatura e agricultura.

Quadro 9 – Indicativos de novas fronteiras para o conhecimento do turismo

| Tipos de Conhecimentos | Descrição e Exemplos |
|----------------------------------|--|
| Conhecimento Interdisciplinar | Envolve uma síntese de ideias, métodos e teorias de várias disciplinas para responder a questões complexas. Pesquisas interdisciplinares no turismo exploram uma ampla gama de abordagens, permitindo uma análise mais completa dos fenômenos turísticos. |
| Conhecimento baseado no problema | Coloca valores e interpretação no centro do projeto. Aborda o turismo a partir de perspectivas morais e éticas, focando em aspectos como igualdade, paz e justiça. |
| Conhecimento baseado em Valor | Pesquisas aspiradas em valor podem gerar insights sobre como o turismo pode contribuir para o bem-estar social. |
| Conhecimento da Web 2.0 | Relacionado à criação e compartilhamento de conhecimento na era digital. Os usuários geram conteúdo online, promovendo uma troca contínua de informações. A Web 2.0 facilita a colaboração aberta entre os investigadores, permitindo uma diversidade de perspectivas e conhecimentos. |
| Conhecimento Indígena | Originado de contextos culturais específicos, o conhecimento indígena é transmitido através de gerações e incorpora cosmologias, histórias e tradições. Reconhecer e incluir o conhecimento indígena no estudo do turismo é uma forma de resistência contra a marginalização e exploração. |

Fonte: autoria própria (2023) com base em Tribe (2006).

Cada tipo de conhecimento traz consigo abordagens e perspectivas únicas para entender o turismo em sua complexidade. É importante reconhecer a diversidade dessas abordagens e integrá-las para obter uma compreensão holística do campo do turismo.

Mesmo não sendo contemplada no portfólio de pesquisa, vale registrar como novas fronteiras para o avanço da compreensão do turismo, a perspectiva sistêmica do “Sistema Social da Hospitalidade” enquanto abordagem abrangente do turismo e suas relações. Apresentada por Mendes e Cavenaghi (2021), esta abordagem aponta como caminho integrativo a valorização dos aspectos sociais, culturais e ambientais em suas análises, que tem como discussão central a comunidade local e a hospitalidade nos espaços turísticos. Assim, os desdobramentos do turismo se dão a partir do capital cultural da comunidade, onde elementos como autorreconhecimento, cidadania, e pertencimento são considerados os aspectos essenciais do destino (Mendes & Cavenaghi, 2021).

Em conjunto, esses desenvolvimentos teóricos desafiam as abordagens tradicionais do turismo e incentivam uma visão mais complexa e multidimensional desse fenômeno. A crescente interconexão entre as diversas áreas de estudo evidencia a necessidade de considerar o turismo em sua totalidade, levando em conta as distintas abordagens de conhecimento possíveis ao contexto do turismo.

3.4 SÍNTESE REFLEXIVA

- A produção do conhecimento científico tem sido historicamente influenciada pelos países hegemônicos. Essa influência não é meramente acidental, mas muitas vezes é resultado de estruturas de poder, sistemas e relações geopolíticas que sustentam esses países em posições dominantes. Essa dinâmica desigual impacta não apenas a distribuição do conhecimento, mas também a própria natureza do que é considerado conhecimento legítimo e valioso em distintos campos do conhecimento, inclusive no turismo;
- Os países hegemônicos, frequentemente localizados no chamado "centro" do sistema mundial, têm acesso privilegiado a recursos financeiros, tecnológicos e acadêmicos. Isso lhes confere vantagens na condução de pesquisas, publicações em revistas científicas renomadas e na definição das agendas de pesquisa globais. Como resultado, suas perspectivas, paradigmas e prioridades muitas vezes moldam o campo científico de forma desproporcional;
- Uma das manifestações mais evidentes dessa influência é o fenômeno conhecido como "neocolonialismo do conhecimento". Que ocorre quando o

conhecimento produzido nos países hegemônicos é considerado como padrão ou universal, enquanto as vozes e perspectivas de outras regiões são marginalizadas ou consideradas inferiores. Isso leva à reprodução de sistemas de pensamento e estruturas de poder que perpetuam desigualdades e perpetuam a visão de que o conhecimento válido é aquele produzido nos centros dominantes;

- As análises epistemológicas realizadas sobre o campo científico do turismo, demonstram que os sistemas interpretativos e compreensivos estão postos a partir da estrutura dos países hegemônicos;
- A influência dos países hegemônicos muitas vezes resulta em uma "monocultura" científica, onde certas abordagens, métodos e teorias são privilegiadas em detrimento de outras formas de conhecimento local, indígena ou não ocidental. Isso não apenas diminui a diversidade epistemológica, mas também impede a compreensão completa e contextualizada dos fenômenos estudados;
- É importante reconhecer que essa influência não é apenas uma questão de torcida ou tecnológica, mas também de poder político e cultural. Os países hegemônicos têm a capacidade de impor suas agendas e perspectivas, muitas vezes ignorando as complexidades e nuances das realidades em outros lugares. Isso prejudica a capacidade de resolver problemas globais de forma inclusiva e abrangente;
- Uma abordagem crítica e reflexiva é fundamental para questionar essa influência desigual na produção do conhecimento científico. É preciso buscar formas de descentralizar o conhecimento, oferecer as perspectivas locais e promover a colaboração internacional genuína, que reconheça a riqueza da diversidade de abordagens e conhecimentos. Isso requer uma transformação profunda nos sistemas de avaliação acadêmica, financiamento de pesquisa e na própria estrutura do sistema científico global;
- Em última análise, a influência dos países hegemônicos na produção do conhecimento científico é um desafio complexo e arraigado. No entanto, é fundamental para a equidade, justiça e avanço do conhecimento que todos

os países e culturas tenham a oportunidade de contribuir igualmente para a construção do saber humano.

4 DA TECNOCIÊNCIA A AUTONOMIA CIENTÍFICA

Retomando o delineamento do percurso metodológico da tese, neste capítulo, intitulado "Da Tecnociência à Autonomia Científica", inicia-se a fase de investigação, que Faria (2022) denomina como etapa de aproximação intencional, gerador do conhecimento valorizado. Nesta fase, a investigação é obtida pelo processo reflexivo do pesquisador, a partir da sua compreensão e interpretação da problemática apresentada no capítulo anterior.

Os elementos constituintes identificados na problemática do conhecimento científico do turismo, são: a colonialidade das produções acadêmicas; as abordagens interpretativas reducionistas; a fragilidade teórica e a excessiva abordagem gerencialista voltada à área da administração. A partir da dinâmica investigativa subdividiu-se o texto em: reflexões iniciais da tecnociência e autonomia científica, o campo de estudo e educação em turismo e a autonomia do conhecimento pela via da colaboração e cocriação.

Considerando o exposto no capítulo anterior, o conhecimento no âmbito do turismo, desde a sua origem, tem direcionado sua investigação ao gerencialismo em detrimento da reflexão e interpretação epistemológica. Isso sugere que a problemática teórica no turismo está associada à estrutura da tecnociência e à necessidade de autonomia científica.

A produção do conhecimento científico tem sido historicamente moldada pela influência dos países hegemônicos e esse fenômeno não é mera coincidência, mas muitas vezes é resultado de estruturas de poder e relações geopolíticas que conferem a países essas posições dominantes. Os impactos dessa dinâmica desigual reverberam não apenas na distribuição do conhecimento, mas também na própria definição do que é considerado conhecimento legítimo e relevante.

Os países hegemônicos, frequentemente localizados no chamado "centro" do sistema mundial, desfrutam de acesso privilegiado a recursos financeiros, tecnológicos e acadêmicos. Isso confere vantagens substanciais na condução de pesquisas, publicação em revistas científicas de renome e na definição das agendas de pesquisa globais. Como resultado, suas perspectivas, paradigmas e prioridades frequentemente exercem uma influência desproporcional sobre o campo científico.

Uma manifestação clara dessa influência é a manifestação conhecida como "neocolonialismo do conhecimento", que ocorre quando o conhecimento produzido

em países hegemônicos é considerado como padrão ou universal, enquanto as vozes e perspectivas de outras regiões são marginalizadas ou vistas como inferiores. Isso perpetua sistemas de pensamento e estruturas de poder que reforçam desigualdades e a crença de que o conhecimento válido é aquele gerado nos centros dominantes.

As análises epistemológicas realizadas no campo científico do turismo demonstram que os sistemas interpretativos são frequentemente moldados a partir da perspectiva dos países hegemônicos. Essa influência muitas vezes resulta em uma espécie de "monocultura" científica, onde abordagens, métodos e teorias específicas são privilegiadas em detrimento de outras formas de conhecimento, incluindo o conhecimento local, indígena ou não ocidental, como apresenta Tribe e Liburd (2016). Isso não apenas reduz a diversidade epistemológica, mas também prejudica a compreensão completa e contextualizada das características do turismo.

Para localizar a tecnociência e a autonomia científica, parte-se da discussão sobre os fundamentos da interdisciplinaridade. Alvarenga *et al.* (2011) apresentam um amplo movimento de crítica que visa examinar o avanço da ciência e da tecnologia na era moderna e de que forma esse avanço está intrinsecamente ligado ao conceito de tecnociência. Como descreve Alvarenga *et al.* (2011), este termo engloba a fusão entre tecnologia e ciência, delineando uma interdependência que traz não apenas benefícios, mas também riscos consideráveis.

A partir desta complexidade e sob a influência das ideias de Morin (1996; 2000), os autores especificam que a noção de tecnociência está moldando o futuro das sociedades de forma incisiva. O poder gerado por essa interação entre tecnologia e ciência não apenas se reacumula nas esferas econômicas e políticas, mas também reflete uma carência intrínseca de autorreflexão — uma falta de consideração pelos efeitos negativos decorrentes da produção e aplicação desse conhecimento, o que, por sua vez, caracteriza uma forma de ciência carente de consciência (Alvarenga *et al.*, 2011).

A abordagem tecnocientífica emerge da ênfase excessiva das pesquisas direcionadas aos aspectos econômicos, a valorização da eficiência produtiva do turismo, em detrimento da problemática social do turismo. Esta questionável situação, quando aplicada a grande escala "turismo de massa", obscurece as implicações sociais e humanas presentes na essência do turismo. Como descreve o subcapítulo sobre a evolução do conhecimento no turismo, foi possível observar que historicamente existe uma compreensão voltada a atender aos fins econômicos.

Como explicam Faria e Walger (2020) a parceria entre as universidades e empreendimento capitalistas é histórica. Ao questionar o papel da universidade pública no contexto das forças produtivas de desenvolvimento, Faria e Walger (2020), discorrem sobre a parceria universitária com os empreendimentos da força produtiva, especialmente as universidades americanas e europeias.

Os autores apresentam elementos que demonstram que as instituições universitárias, notadamente aquelas localizadas na Europa e nos Estados Unidos, passaram a ocupar uma posição de destaque no avanço das forças produtivas. Como descrevem Faria e Walger (2020), esse papel refere-se tanto à formação de habilidades da elite burguesa e dos atores do sistema capitalista, quanto ao progresso das disciplinas científicas que culminaram no que se caracteriza inovação, tecnologias, produtos e sistemas.

Compreender esse contexto implica não apenas reconhecer as origens da relação entre universidades e setor produtivo, mas também assimilar seu funcionamento e a sua influência nos tempos atuais e futuros. Embora seja importante compreender a história e a evolução tecnológica, Fernandes *et al.* (2021), destacam que é igualmente essencial refletir sobre sua relevância no dia a dia contemporâneo analisando as maneiras pelas quais as sociedades se adaptam a essas mudanças.

Como abordam os autores, também é papel da ciência situar a produção do conhecimento tecnológico. Advém da ciência o papel fundamental em considerar os impactos e as consequências das transformações geradas por este conhecimento. Para a ciência, cabe a responsabilidade de pensar os efeitos e consequências da tecnologia, assim como repensar os diversos processos de gestão e tomada de decisão, sendo esse um campo de pesquisa interdisciplinar, denominado Ciência, Tecnologia e Sociedade — CTS (Fernandes *et al.*, 2021).

De acordo com Fernandes *et al.* (2021), dada a urgência imposta pelo mercado, orientada a resultados de curto prazo, e a essência de longo prazo associada ao desenvolvimento científico e tecnológico, a universidade está situada num contexto de contradição. Os autores discutem a responsabilidade da universidade nesse processo, que recai no não alinhamento do seu escopo e estrutura com as expectativas da sociedade. De um lado está a abordagem econômica disciplinar de curto prazo, que responde prontamente às necessidades do mercado, de outro localiza-se a carência na reflexão abrangente e aprofundada Fernandes *et al.* (2021). A ausência de reflexões que considerasse os fatores sociais no desenvolvimento

científico e tecnológico, foi caracterizando a formação de uma ciência desprovida de reflexão interdisciplinar.

O planejamento da ciência e da tecnologia deve ser concebido e moldado a partir de um "projeto de sociedade" e um "projeto de nação", levando em consideração múltiplos aspectos Fernandes *et al.* (2021). Diante do reconhecimento de que as inovações tecnológicas não são destituídas de influência social, os autores descrevem o Pensamento Latino-Americano sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS), ressalta já na década de 1960, a importância de que a suposta e celebrada "transferência (importação) de tecnologia". A transferência tecnológica, muitas vezes era realizada de forma acrítica na época, carregava consigo uma gama de características culturais, muitas vezes alheias às culturas locais e não necessariamente compatíveis com o ambiente (Fernandes *et al.*, 2021).

Foi a partir das décadas de 1980 e 1990 que um novo pensamento tecnológico surgiu, como apresentam Fernandes *et al.* (2021) e que tiveram repercussões significativas no desenvolvimento do setor do turismo. Esse cenário acentuou um processo de centralização, através do domínio de multinacionais. Observou-se uma transição de um modelo centrado em transnacionais para um de globalização, caracterizado pela remoção de impostos pelos estados nacionais, para facilitar as operações destas empresas. O desfecho desse processo, como revelam Fernandes *et al.* (2021) culminou em uma reestruturação profunda na produção e nos fluxos de tecnologias e insumos, nas estruturas de tomada de decisão e controle, resultando na diminuição da relevância das fronteiras e das características regionais distintas.

A conjuntura descrita por Fernandes *et al.* (2021) pode ser notoriamente evidenciada no desenvolvimento do turismo. Isso ocorre através da valorização das grandes escalas em detrimento do turismo local, que, mesmo diante da exploração dos mercados locais e de suas particularidades, aponta para uma transformação abrangente na dinâmica do turismo contemporâneo, relacionando à tendência preponderante no contexto da racionalidade econômica.

Essa tendência se manifesta na forma de uma expectativa, muitas vezes frustrada, de aplicar uma abordagem científica e tecnocrática ao mercado, em que a universidade é concebida principalmente como uma provedora de serviços, integrante de uma ampla cadeia produtiva. Sob essa perspectiva, o pensamento crítico e a reflexão são frequentemente desconsiderados, e em alguns casos até mesmo

desencorajados, como se não desempenhassem um papel relevante no processo de construção do conhecimento, da tecnologia e da inovação.

A partir dessa visão emergem narrativas que buscam impor as demandas do mercado como as únicas relevantes para a ciência, relegando a um segundo plano outras demandas, incluindo uma das principais funções da ciência, que é a compreensão e a reflexão sobre os paradigmas sociais, bem como sobre seus próprios paradigmas científicos e suas contradições. Essa perspectiva e narrativa têm se expandido para além do âmbito acadêmico, alcançando esferas políticas, administração pública e até mesmo a gestão universitária e científica (Dutra Silva & Fernandes, 2020). Portanto, a influência da racionalidade econômica não apenas afeta a pesquisa acadêmica, mas também se reflete na própria dinâmica do turismo contemporâneo, que prioriza muitas vezes a escala econômica em detrimento das dimensões locais e das particularidades culturais e sociais (Dutra Silva & Fernandes, 2020).

Fernandes (2023) problematiza os avanços da ciência ao refletir sobre o desafio da divulgação científica. Dentre os vários fatores desta problemática, o autor destaca três que apresentam uma interdependência notável e estão no contexto contemporâneo: a) as narrativas que menosprezam o valor social, originadas no paradigma do racionalismo científico baseado na tecnociência, inclusive no âmbito das próprias instituições científicas; b) narrativas que surgem de discursos ideológicos que veem os avanços científicos não tecnocráticos como ameaça aos seus próprios dogmas não científicos; c) a ineficácia da comunicação científica destinada ao público em geral, que resulta em um reconhecimento insuficiente da ciência como um pilar da ciência, um patrimônio da nação e uma força motriz de seu desenvolvimento (Fernandes, 2023).

Na análise deste capítulo, a narrativa de Fernandes (2023) sobre a racionalidade científica e a tecnociência podem ser verificadas a partir da produção acadêmica da área de turismo, exposta no Capítulo 3. Como pontua o autor, a ciência muitas vezes se apresenta caracterizada pela expectativa, de aplicar uma abordagem de racionalismo científico e tecnocrático ao mercado. Nesse contexto, a universidade é concebida principalmente como uma prestadora de serviços, uma parte integrante de uma extensa cadeia produtiva.

Dentro dessa perspectiva, o pensamento crítico e a reflexão são frequentemente considerados inúteis, e em muitos casos, até mesmo indesejáveis,

como se não desempenhassem um papel significativo no processo de construção do conhecimento, tecnologia e inovação (Fernandes, 2023). Isso leva ao surgimento de narrativas que buscam impor as demandas do mercado como as únicas relevantes para a ciência, marginalizando outras demandas, incluindo uma de suas funções essenciais, que é a compreensão e reflexão sobre os paradigmas sociais, bem como sobre seus próprios paradigmas científicos e suas contradições. Essa visão e narrativa têm se expandido para além do âmbito acadêmico, alcançando esferas políticas, administração pública e até mesmo a gestão universitária e científica (Silva & Fernandes, 2020).

Em consonância com Ramos (1989), Fernandes (2023) refere-se a essa postura o termo "transavaliação" da ciência, que implica na subordinação da pesquisa científica e dos avanços no campo da ciência às metas definidas pelos agentes econômicos, em detrimento de sua autonomia. Nesse modelo, o desenvolvimento científico é orientado exclusivamente pelas demandas do mercado, como se os problemas científicos, suas prioridades e questões fundamentais pudessem ser formuladas por atores não pertencentes ao meio científico (Fernandes, 2023).

A partir do que menciona Fernandes (2023), as implicações são significativas no contexto do conhecimento científico no campo do turismo. A subordinação da pesquisa científica aos interesses dos agentes econômicos pode distorcer a agenda de pesquisa e as prioridades específicas do campo. Ao invés de abordar questões cruciais e complexas relacionadas ao turismo, a pesquisa pode se voltar para objetivos de curto prazo e lucratividade, negligenciando aspectos fundamentais e aprofundados da compreensão do fenômeno turístico. Isso levanta questões críticas sobre a integridade e a autonomia do conhecimento científico em turismo, bem como sobre a capacidade da pesquisa acadêmica abordar questões humanas, sociais e culturais complexas que permeiam o turismo.

4.1 CAMPO DE ESTUDO E EDUCAÇÃO EM TURISMO

Considerando o contexto da tecnociência e da necessidade de autonomia de pensamento na universidade, discorre sobre a formação do campo de estudo e a educação em turismo. A intenção é apresentar a problemática identificada pelo corpo da pesquisa que corroboram com estes aspectos, temas que reconheçam a relevância

do aprofundamento teórico e filosófico e que almejam uma estrutura mais reflexiva do turismo.

Sob a ótica da cientificidade do turismo, Murphy (1981), critica o tardio reconhecimento dos programas de ciências sociais no desenvolvimento dos cursos de turismo. O autor responsabiliza a área pela tardia admissão das temáticas turísticas e o atraso nas investigações acadêmicas das abordagens sociais sobre o fenômeno. Historicamente, a trajetória do turismo como campo de estudo tem sido marcada por uma série de desafios e obstáculos, e esta seria uma delas.

Outra questão é o *status quo* dos currículos universitários. Murphy (1981) explica que muitas vezes os cursos de turismo são concebidos sob uma perspectiva pragmática, voltada para o treinamento técnico e a formação de profissionais para a “indústria” do turismo. Essa abordagem tende a superar a necessidade de uma base sólida de compreensão conceitual e crítica das dimensões sociais que permeiam as características do turismo. Para Murphy (1981) a ausência de um esboço conceitual robusto nas partes componentes dos currículos contribui para a superficialidade nas análises e reflexões sobre o papel do turismo na sociedade, deixando de explorar questões mais profundas que impactam tanto as comunidades receptoras quanto nos visitantes.

Como explica Lengfelder *et al.* (1994), os cursos na área de turismo foram desenvolvidos em departamentos universitários de economia, administração de empresas, urbanização e geografia, sempre com a intenção explícita de aprofundar o papel da profissionalização do turismo e compreender melhor o sistema turístico e sua representatividade econômica em perspectiva global e não de promover a reflexividade sobre os aspectos sociais.

O progresso científico do turismo, na percepção de Lengfelder *et al.* (1994), foi dado a partir do interesse claro de organização do conhecimento, cujo objetivo era de emancipar a burguesia para lazer e viagens. Na década de 1960, os benefícios do turismo eram inquestionáveis, influenciando a ciência a assumir o turismo enquanto uma indústria de crescimento intensivo em mão-de-obra, necessária de formação profissional.

Ao associar as dinâmicas pós-coloniais com o progresso científico, Lengfelder *et al.* (1994) descrevem que foi no período subsequente à Segunda Guerra Mundial, que a pesquisa no campo do turismo desempenhou um papel fundamental no fomento do desenvolvimento, particularmente nas nações pós-coloniais. Nesse contexto,

grande parte das investigações foi assumida por planejadores e economistas, muitos vinculados a organizações como as Nações Unidas, o Banco Mundial e organismos de desenvolvimento econômico (Lengfelder; Obenour; Cuneen, 1994).

A fragilidade na compreensão do turismo, segundo Nash e Smith (1991), muitas vezes decorre da simplificação para indústria turística, que reduz as características do fenômeno turístico a elementos básicos. De acordo com o autor, para melhor abordar esse assunto, é necessário realizar estudos que explorem conceitualmente as diferentes partes que compõem o turismo. No entanto, algumas universidades conservadoras tendem a manter uma visão estreita, evitando interações entre o campo do turismo.

As críticas direcionadas ao turismo de grande volume não demoraram a surgir, como descreve Lengfelder *et al.* (1994) e passaram a dividir os estudos de turismo em pelo menos duas linhas de pensamento: uma de natureza integrativa e outra mais centrada nos impactos econômicos. Na percepção dos autores, apesar dos esforços de diversas disciplinas, os estudos de caráter econômico permaneceram em foco até os dias atuais, perpetuando-se como uma constante no desenvolvimento científico do campo turístico.

A maturidade do turismo como tema de pesquisa foi marcada pelo interesse dos pesquisadores que se propuseram a estudar o turismo com o auxílio da articulação de outros campos de estudo, como a sociologia, antropologia, psicologia e filosofia. O crescimento das abordagens multidisciplinares sinalizou a necessidade de surgimento de periódicos de pesquisa que fomentaram o reconhecimento científico (Lengfelder; Obenour; Cuneen, 1994).

Na análise de Lésipoir Decosta e Grunewald (2011), o turismo como campo de estudo no ensino superior amadureceu significativamente durante as últimas décadas. Os autores levam em consideração que os coordenadores e administradores de programas acadêmicos tornaram-se cada vez mais conscientes das questões complexas inerentes aos estudos de turismo contemporâneos. No entanto, Lésipoir Decosta e Grunewald (2011) sinalizam para a existência de vários modelos de currículos acadêmicos estabelecidos ao longo dos anos, que sugerem que todo o âmbito acadêmico do turismo ainda não foi totalmente circunscrito para dar o devido reconhecimento à sua origem multidisciplinar e suas múltiplas questões concomitantes.

Na interpretação de Lésclair Decosta e Grunewald (2011), os projetos de pesquisa no turismo adotam cada vez mais a interdisciplinaridade, perspectivas multidisciplinares e transdisciplinares para o estudo do turismo, e estão destacando o benefício da integração de metateorias fundamentais nos programas de graduação e pós-graduação em turismo. A partir desta realidade, os autores refletem sobre a posição do turismo no ensino superior e na pós-graduação e se baseiam na discussão crítica das perspectivas educacionais do turismo, para sugerir a integração de metateorias das principais disciplinas do turismo.

A partir deste horizonte, os autores revelam os ideais práticos presentes nos currículos de turismo. A evolução da relação entre o turismo e o setor de serviços empresariais tem deslocado o papel das universidades em direção a uma orientação prática de carreiras, frequentemente à custa do "ideal educacional" mais vasto. Além disso, a estreita associação do turismo com o âmbito empresarial, notadamente na hotelaria, reforça a função prática das universidades em servir a estrutura empresarial.

Em diversos modelos curriculares, a conexão entre os domínios acadêmicos e empresariais no contexto do turismo tem sido delineada. Decosta e Grunewald (2011) analisaram essa associação e identificaram uma justificativa preocupante em relação à "função" do currículo acadêmico. Revelou que a fundamentação dos currículos de turismo se baseia não apenas em uma perspectiva acadêmica e científica, mas também na busca por abranger não apenas a parcela comercial do turismo, mas também todos os atores envolvidos no desenvolvimento do setor (Lésclair Decosta & Grunewald, 2011). Essa constatação ressalta a iminência de considerar questões profundamente filosóficas e sociológicas, que se relacionam tanto com a natureza específica do currículo quanto com o objetivo mais amplo da educação em geral.

Como discorrem Lésclair Decosta e Grunewald (2011), à medida que as academias de pesquisa de pós-graduação em turismo cada vez mais incorporam perspectivas teóricas de outras disciplinas, surge uma necessidade premente entre os estudiosos do turismo para o desenvolvimento e de construções exigentes baseados em valores. Este fato exemplifica a situação dicotômica do turismo como campo de estudo, em que a conjuntura coloca a responsabilidade de aprofundamento não apenas no estudante, mas também nos professores que apreciam e abraçam a complexidade inerente ao campo do turismo.

Para Lésclair Decosta e Grunewald (2011), a verdade sobre a educação no turismo é que a academia do turismo perdeu ferramentas significativas necessárias

para o avanço de estudo e educação turística em seu próprio centro. A educação em turismo surgiu com ênfase existencialista, valorizando a perspectiva prática. Para os autores, a área tem uma base multidisciplinar, enraizada em diversas disciplinas como geografia, história, sociologia, economia, entre outras. No entanto, a abordagem multidisciplinar do turismo não se refletiu plenamente em sua educação (Lésipoir Decosta & Grunewald, 2011). Apesar do turismo estar conectado a várias disciplinas, os currículos de formação em turismo em todo o mundo muitas vezes não refletem essa complexidade.

4.2 OPORTUNIDADES DE AUTONOMIA DO CONHECIMENTO PELA VIA DA COLABORAÇÃO E COCRIAÇÃO

De acordo com Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), as instituições universitárias tendem a se isolar da sociedade em geral, demonstrando uma reatividade lenta ou respostas pouco eficazes às demandas sociais. Esse discurso crescente sobre os impactos sociais da academia ressalta a relevância da ciência e da pesquisa para abordar questões sociais complexas e emergentes, ao mesmo tempo em que destaca as conexões insuficientes entre o meio acadêmico e a sociedade dinâmica que a circunda.

Para encontrar os desafios da era atual, a solução frequentemente defendida é a colaboração e a cocriação do conhecimento. Os autores recorrem à ontologia relacional para explorar as formas colaborativas de conhecimento que podem ter especial significado no campo da pesquisa em turismo. Para apreciar o valor e a importância da colaboração, Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), argumentam que é necessário ir além de um modelo particular de produção de conhecimento sobre a qual se baseou grande parte da prática acadêmica e os recentes apelos à colaboração. O modelo particular de produção de conhecimento é o modelo da ciência positivista, que vê a prática científica como um campo separado da vida cotidiana do pesquisador. Onde o papel do cientista é extrair dados, analisá-los e representar a realidade. Para Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), esta visão da prática científica é provavelmente uma das razões para a imagem pejorativa da academia como um espaço confinado, dentro do conhecimento produzido sobre a sociedade externa.

Neste sentido, o desejo de colaboração pode ser visto como uma das manifestações da corporativização dos níveis superiores, entre educação e gerencialismo das universidades, que afeta a avaliação do que constitui investigação e o que é educação de qualidade (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021). O gerencialismo intensificado como descrevem Ren, Van der Duim e Jóhannesson (2021) também se traduziu em formas poderosas de competição e classificação do desempenho acadêmico. Como por exemplo: o impacto científico e social, número de alunos, que são diferenciadores e servem para indexar e facilitar a neoliberalização da academia. Segundo os autores esta visão implica na percepção de que a academia é uma empresa produtora de conhecimento e como tal precisa ser mais eficiente possível para o mundo (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021).

Tendo este cenário como contexto, os autores apresentam trajetórias alternativas para a produção do conhecimento e para a importância à pesquisa, indo além da imagem da academia, da sociedade e da colaboração como processo instrumental.

Como explicam Ren, Van der Duim e Johannesson (2021) o modo tradicional e disciplinar de produção de conhecimento, (Modo 1) leva o conhecimento para dentro de comunidades acadêmicas homogêneas, ou seja, fora do “mundo real” — que é incapaz para enfrentar os atuais desafios sociais. Os autores argumentam que o (Modo 1) de produção de conhecimento, deve ser sucedido — embora não substituído — por um novo modo produção de conhecimento (Modo 2). Este modo é socialmente distribuído, orientado para a aplicação, transdisciplinar e sujeito a múltiplas responsabilidades, o conhecimento do Modo 2 não é simplesmente pesquisa aplicada no sentido de ter objetivos predefinidos ou normativos, mas adquire significado através de diversos tipos de relações (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021).

Historicamente, as universidades tiveram que cumprir duas exigências básicas: primeiro, preservar e desenvolver conhecimento teórico, garantindo sua transmissão de uma geração para outra e encorajando o pensamento inovador. Em segundo lugar, proporcionar uma educação que fosse útil para a sociedade, que insistia em produzir conhecimento para estabelecer, desenvolver e operar instituições e empresas que sustentam a sociedade e a cultura. Assim, as universidades sempre tiveram que provar seu valor para a comunidade em geral e os estudiosos também tiveram que navegar entre racionalidades diversas e por vezes divergentes (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021).

Embora muitas vezes reduzido a uma indústria, como sugerem Ren, Van der Duim e Johannesson (2021) com base nos estudos de Franklin (2004, 2012) o turismo talvez seja mais bem descrito como um pedido. Como apresentam em forma de apelo, os autores defendem que é um processo de vir a ser que nós, como pesquisadores, participamos ativamente, fazendo. Argumentam os autores, que o turismo é materialmente heterogêneo, distribuído e emaranhados com outras atividades em configurações sócio materiais constituídas por pessoas, organizações, objetos, tecnologias e espaços (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021). Este movimento rumo a uma descentralização do turismo proposta por Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), tem suas bases nos estudos de Haraway (2003) e Briassoulis (2017) e implica vê-lo como algo menos solitário e menos estável e, antes, como um processo contínuo processo de “tornar-se com muitos”.

Ao levantar questões de quem são os possíveis colaboradores na pesquisa e como descrevem o valor da pesquisa em turismo, Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), baseiam-se nos estudos de Van der Duim *et al.*, (2012), Jóhannesson *et al.*, (2015) e Briassoulis, (2017) apresentando retoricamente que o turismo não é uma atividade ou setor contido, mas sim um setor heterogêneo distribuído, múltiplo e com realização colaborativa.

Esta abordagem, como defendem os autores, não só permite prestar mais atenção aos transbordamentos de e para outros domínios, como o social e o humano — e além, mas também às redes e das quais o conhecimento turístico é cocriado e às diversas formas montadas e divididas, coletivas das quais essas atividades emergem. Podemos então começar a considerar o turismo como um efeito de — e um acréscimo a — um mundo “continuamente em ebulição”, vindo juntos graças a — e saltando inversamente — para muitos cantos do social, do mais que humano e do Antropoceno (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021, p. 6, tradução nossa).

No texto de Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), buscando expressar como fazer, os autores utilizam das pesquisas de Donna Haraway (2008, 2016) para defender que o mundo do turismo não é um mundo coerente, um campo esperando para ser descoberto e representado por meio de pesquisa ou fixado com conhecimento de produtos importados do meio acadêmico. A partir desta abordagem, o turismo é constituído de elementos inconfiáveis, nunca conclusivos ou inequívocos, nunca singulares ou estáticos.

A abordagem de Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), baseada em Haraway, permite desconstruir o turismo como um todo estável, holístico ou coerente e repensá-lo como um *devoir* incessante. De acordo com os autores, o turismo surge constantemente sob (re)construção e como co-composto e com uma infinidade de materiais imperceptíveis e muitas vezes construtores e pedras de construção não reconhecidos. Esta é a construção do mundo do turismo relacional, onde a cocriação de conhecimento emerge como uma tarefa desgastante e preocupante de traçar limites e ordenar, o que nos obriga a nos envolvermos criticamente, a nos preocuparmos e a nos importarmos, mas também devem ser mantidos mutuamente capazes de responder de maneiras novas e muitas vezes incertas para os acadêmicos (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021).

A colaboração e cocriação do conhecimento proposto por Ren, Van der Duim e Johannesson (2021) funda-se na ideia de pensamento tentacular de Haraway (2016). Donna Haraway é historiadora, filósofa, socióloga e zoóloga, professora do Departamento de História da Consciência e do Departamento de Estudos Feministas na Universidade da Califórnia. A obra que inspira a abordagem dos autores é o livro: *Staying with the Trouble*. Neste livro a autora apresenta novas formas provocativas de reconfigurar as nossas relações com a Terra e todos os seus habitantes que estão inextricavelmente ligados em práticas tentaculares.

De acordo com os autores, a etimologia de tentáculos é o latim *tentare*, sentir, tentar e, subsequentemente, pensamento tentacular é ‘tentativo’ e inseguro, mas também emaranhado, responsivo e com muitos braços. Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), explicam que o modo tentacular de Haraway (2016) é porque alguns fazem apegos e desapegos; eles fazem cortes e nós; eles fazem a diferença; tecem caminhos e consequências, mas não determinismos; ambos estão abertos e amarrados de algumas maneiras e não de outras. Tentacularidade é sobre linhas e emaranhados, em vez de pontos e esferas confinadas. Ao contrário de ver turismo como processos de interação entre unidades fechadas ou possibilitadas por “limitados ou individualismo neoliberal”, o pensamento tentacular propõe fazer-com tornar-se-com e pensar-com um coletivo muito maior (Ren; Van der Duim & Johannesson, 2021).

O cerne da proposta reside em abordar a complexidade de enfrentar os desafios de coexistência e enfrentar questões de vida e morte em um cenário danificado, a Terra. Na percepção de Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), a

abordagem oferece uma metodologia viável para investigar o turismo, incentivando a não o examinar isoladamente como uma atividade ou setor delimitado, mas sim como uma realização intrincada, turbulenta, distribuída e colaborativa. Por outro lado, uma pesquisa no campo do turismo assume a forma de um conjunto de práticas e cotidianos, moldadas em conjunto com aqueles que fazem parte do turismo ou que vivem nele. Podemos designar esse conjunto de indivíduos e práticas como o conhecimento coletivo do turismo.

Com base na discussão apresentada por Ren, Van der Duim e Johannesson (2021) sobre formas colaborativas de conhecer o turismo, um conjunto de quatro orientações se estabelece e podem ser indicativas de uma investigação colaborativa e atenta ao seu valor.

- i. A pesquisa em turismo precisa ser responsiva e feita para que o público intervenha, criando entendimentos e deliberações sobre o futuro. A pesquisa em turismo é sempre estar-no-mundo. É um local situado e, portanto, um processo contínuo de contingente de envolvimento com o meio ambiente;
- ii. A colaboração em investigação implica um interesse e determinação em trabalhar juntos de maneiras que exista a busca pela proximidade crítica. A noção de proximidade crítica apreende as formas de engajamento mantendo-se próximo das questões, polêmicas e problemáticas, reconhecendo que estamos sempre no meio das coisas. Pode assumir muitas formas, mas implica permanecer empiricamente próximo do assunto, abrindo “questões de fato” e conectando-se com 'assuntos de preocupação' real.
- iii. A colaboração é intervencionista, ou seja, a investigação é sempre um esforço situado, e as nossas práticas de investigação participam na criação de realidades particulares em detrimento de outras. De preferência, projetos de pesquisa devem integrar momentos de aprendizagem experiencial e intervenção com as práticas atuais ou formas de operar.
- iv. A colaboração em investigação deve procurar ser relevante de novas formas. Nesse sentido, os projetos de investigação não devem preocupar-se apenas com a resolução de problemas ou com a crítica

(embora tais posições de pesquisa sejam importantes), mas também com equilíbrio e interferência com as realidades e futuros do turismo.

A pesquisa em turismo, como propõem Ren, Van der Duim e Johannesson (2021), não apenas abre novas perspectivas para o desenvolvimento futuro nas áreas sob investigação, mas também pode transcender fronteiras geográficas e disciplinares. Ao utilizar o turismo como uma lente para explorar as realidades complexas da produção colaborativa de conhecimento, o estudo ressalta que o conhecimento é dado de maneira coletiva, enraizado em práticas situadas e moldado pelo entrelaçamento de diversas perspectivas. Portanto, a questão que se coloca não gira em torno da mera decisão de colaborar ou não, mas sim de fomentar um ambiente que fomente e acolha diferentes formas de colaboração, abrindo assim caminho para a autonomia no processo de cocriação de conhecimento.

A colaboração e a cocriação se destacam como elementos relevantes, e que fornecem uma oportunidade para contemplar e acessar a realidade complexa do turismo. E que pode ser capaz de considerar a indisciplina, as contradições e as intrincadas redes de ligação do turismo, que transcendem as categorizações disciplinares convencionais e as definições normativas do que constitui o campo científico do turismo.

Dentro do portfólio de pesquisa, outros estudos também demonstraram notoriedade, como indicativo de autonomia de conhecimento, conforme apresenta o Quadro 10.

Quadro 10 - Estudos com indicativos de oportunidades autônomas

| Autor | Ano | Resumo descritivo |
|------------------------|------------|--|
| Fullagar e Wilson | 2012 | conhecimento no turismo e na hospitalidade, a partir da Reflexividade Prática (Sinclair, 2007b, p. 460), inspirada na noção de Foucault (1980) de que o trabalho intelectual precisa problematizar continuamente verdades (ao invés de simplesmente preferir novas verdades). |
| Ying e Xiao | 2012 | Redes de conhecimento em turismo. Apresenta o turismo como um domínio de conhecimento a partir de uma perspectiva de rede social, onde as discussões sobre a comunidade científica e redes de conhecimento em estudos interdisciplinares de turismo denotam a evolução do turismo como um domínio do conhecimento. |
| Platenkamp e Botterill | 2013 | Limites do conhecimento. Há um sério limite para toda a racionalidade, como sempre será impossível compreender toda a realidade do turismo. O relativismo epistemológico foi adotado como ponto de partida. |
| Yemonn e | 2014 | Componentes para estudos futuros do turismo. (i) previsão, (ii) prognóstico, |

| | | |
|----------------------|------|---|
| Beeton | | (iii) ficção científica e (iv) utopia/distopia. a partir de um “ser”, “existência” ou perspectiva da “realidade”. |
| Wilson e Hollinshead | 2015 | avança um conjunto de princípios conceituais fundamentais que orientam o pensamento emergente da ciência leve; analisa a sua aplicabilidade nos estudos do turismo através de um 'tableau' probatório de exemplares de abordagem qualitativa. o objetivo da multilogicidade crítica não é apenas obter conhecimento, mas, em última análise, nutrir e regenerar o mundo da qual o indivíduo/a instituição/o fenômeno de interesse faz parte”. |
| Ren | 2021 | Com base no pensamento feminista relacional (de la Bellacasa, 2011; Haraway, 2016; Mol, 2002), formas alternativas e colaborativas de conhecimento são sugeridas para abranger problemas e “permanecer com o turismo” como confuso, emaranhado e mais que humano. uma série de abordagens são propostas para nos permitir não superar os problemas do turismo (teoria), mas reengajar-se com as preocupações do turismo e realidades. |

Fonte: autoria própria (2023).

A busca pela independência científica se mostra essencial para enfrentar as estruturas de dominação que influenciam a criação de conhecimento no campo do turismo. Como dito anteriormente, essa busca não implica rejeitar o conhecimento gerado em outros cenários, mas sim ampliar as perspectivas e valorizar abordagens turísticas que historicamente foram marginalizadas em algum momento da história (Butowski, 2018).

A compreensão ampla do turismo requer não apenas a análise de suas dimensões convencionais, mas também a capacidade de adotar perspectivas alternativas e muitas vezes superadas. Nesse contexto, a busca pela autonomia científica na investigação do turismo surge como uma ocorrência para o desdobramento dessas novas abordagens. Ao desafiar as estruturas de poder que historicamente moldaram o campo, a autonomia científica permite a exploração de ângulos não inesperados, a ampliação das vozes que historicamente foram silenciadas e a promoção de diálogos interculturais e interdisciplinares enriquecedores, enraizando assim a compreensão substantiva do turismo como competências humanas e sociais.

4.3 SÍNTESE REFLEXIVA

- O progresso científico no turismo não apenas fortalece a base de conhecimento sobre esse fenômeno, mas também demonstra a dedicação de inúmeros pesquisadores e acadêmicos em desvendar suas complexidades. À medida

que o corpo de conhecimento continua a se expandir, é imperativo que se busque um equilíbrio entre a aplicação prática e a exploração teórica, permitindo que o turismo evolua de maneira significativa em um mundo em constante transformação.

- A abordagem crítica do papel da universidade na formação de profissionais de turismo, se torna fundamental. A universidade, como instituição de produção e disseminação de conhecimento, desempenha um papel fundamental na definição do direcionamento dos cursos de turismo. E desta forma a adoção de uma perspectiva crítica implica considerar que o turismo não é uma atividade isolada, mas uma força que se molda e é moldada pelas dinâmicas sociais, culturais e econômicas. Sendo essencial a alteração curricular e adaptativa do turismo, que seja capaz de incorporar uma análise mais aprofundada das estruturas de poder, das desigualdades sociais e das implicações éticas relacionadas ao turismo.
- É fundamental a construção com rigor científico de uma abordagem que seja capaz de reconhecer o turismo como um complexo social. É imperativo que as universidades e centros de pesquisa em turismo adotem uma abordagem mais abrangente e contextualizada nos currículos, com a intenção clara de capacitar os futuros profissionais a compreenderem e analisarem as complexas interações entre o turismo e a sociedade em todas as suas dimensões.
- O tensionamento de classes e a hegemonia enquanto temas de relevância crítica, exigem uma abordagem contextualizada das desigualdades geradas pelo avanço tecnológico do turismo. A necessidade de analisar o turismo sob uma perspectiva da territorialidade, onde a criação de um sistema próprio de conta de abarcar as particularidades presentes em cada território, é uma medida primordial.
- O campo do turismo se demonstra em evolução e existe uma transição entre a perspectiva econômica para uma visão mais multidisciplinar, mas a trajetória ainda é inicial. Nesse sentido, as abordagens sociológicas, psicológicas e históricas se tornam fundamentais para contextualizar as diversas facetas do turismo.
- A influência da hegemonia e do neocolonialismo no turismo exige uma análise política do comportamento turístico sob uma investigação mais aprofundada.

Além disso, surge a colaboração como uma construção teórica relevante para o planejamento de iniciativas turísticas de base comunitária, envolvendo a inclusão social e a participação mais equitativa são primordiais.

- Apesar do avanço e evolução constatada nas abordagens teóricas, persiste uma lacuna entre a pesquisa acadêmica e as necessidades práticas do turismo. Essa desconexão é particularmente notável na avaliação dos impactos do turismo. A complexidade dos cenários turísticos, caracterizados por diversas configurações e impactos intersetoriais, dificulta a mensuração precisa dos resultados. Além disso, a relação entre cultura e turismo é fundamental, onde a cultura molda a personalidade dos indivíduos em uma sociedade e influencia seus comportamentos.
- Outra reflexão diz respeito à diversificação das temáticas abordadas nos estudos turísticos. Uma vez que os estudos econômicos declinam, as questões socioculturais, de desenvolvimento comunitário e meio ambiente podem ganhar notoriedade. Nessa direção, pesquisas que abordem a conscientização sobre ética, justiça social e sustentabilidade são relevantes dentro das dimensões do turismo.
- Em função da dependência histórica do eurocentrismo e orientalismo na pesquisa turística ressalta-se a necessidade de pluralismo científico e de uma nova epistemologia do turismo que abarque as condutas marginalizadas.
- A reflexão epistêmica também se estende ao desafio de consolidar conceitos, modelos e teorias para uma compreensão holística e ampliar a disseminação do conhecimento acadêmico para práticas acessíveis ao setor. Nesse contexto, a cocriação do conhecimento aponta como um fator crucial de autonomia científica. Na última análise, a busca pela compreensão do turismo a partir de múltiplas perspectivas e a transformação das estruturas de dominação são as chaves para desvendar as complexidades e desafios emergentes no campo.
- Como exposto no capítulo anterior, o conhecimento científico do turismo não está imune à influência histórica e ideológica que os elementos coloniais exerceram sobre a construção do saber. A história do turismo, por si só, carrega vestígios da era colonial, e essa influência é percebida tanto nas formas como o turismo é estudado quanto na maneira como é praticado.

- Ao analisar o desenvolvimento do conhecimento no turismo, fica evidente a presença persistente de elementos coloniais que moldaram as abordagens teóricas e metodológicas. Muitos dos conceitos e teorias iniciais foram enraizados em perspectivas eurocêntricas, relegando as vozes e experiências das comunidades locais e indígenas a um papel secundário. Isso resultou em uma visão distorcida e limitada das práticas turísticas, frequentemente ignorando as complexidades culturais e sociais das regiões visitadas.
- A própria ideia de "descoberta" e "exploração" está impregnada de conotações coloniais. A narrativa eurocêntrica de "descobrir" novos lugares durante a Era dos Descobrimentos frequentemente omite o fato de que esses lugares já eram habitados e possuíam culturas e civilizações desenvolvidas. O turismo contemporâneo muitas vezes perpetua essa mentalidade, tratando os destinos visitados como exóticos ou pitorescos, sem considerar os contextos históricos e sociais que contribuem para sua riqueza cultural.
- As relações de poder entre os países colonizadores e colonizados também deixaram marcas profundas na maneira como o turismo é praticado e pesquisado. Muitos destinos turísticos são ex-colônias que foram exploradas e subjugadas durante séculos. Hoje, esses destinos podem ser vistos como "exóticos" ou "atraentes" pelos turistas ocidentais, criando uma dinâmica complexa de exploração contínua.
- O conhecimento do turismo muitas vezes reproduz essas dinâmicas de poder. A influência econômica e política das nações colonizadoras frequentemente se reflete na forma como os destinos são promovidos e comercializados. As narrativas turísticas frequentemente destacam o reconhecimento de culturas locais, enquanto marginalizam as vozes das comunidades locais e minimizam as injustiças históricas que ocorreram durante o período colonial.
- Uma análise crítica do conhecimento do turismo deve reconhecer e confrontar esses elementos coloniais. Isso implica revisar as abordagens teóricas e metodológicas para garantir que sejam inclusivas e sensíveis às complexidades culturais e sociais dos destinos. Além disso, é essencial dar voz às comunidades locais e considerar suas perspectivas ao desenvolver pesquisas reflexivas no campo do turismo.

- A abordagem colaborativa de conhecimento do turismo é multifacetada, implicando em diversas dimensões essenciais possíveis, que envolvem:
- Responsividade e Engajamento Público: A pesquisa em turismo deve ser conduzida com a finalidade de provocar intervenções do público, gerando novas compreensões e deliberações sobre o futuro do campo. O turismo, como característico e dinâmico em constante evolução, exige uma abordagem que permita respostas ágeis e flexíveis, buscando compreender as necessidades mutáveis da sociedade;
- Proximidade Crítica: A proximidade crítica emerge como uma abordagem essencial, envolvendo a imersão em questões, polêmicas e problemas inerentes ao turismo. Reconhecendo a natureza sempre mutável e complexa do campo, esta abordagem implica em permanecer empiricamente próximo do objeto de estudo, questionando fatos estabelecidos e estabelecendo conexões profundas com questões de interesse.
- Intervenção e Construção de Realidades: A pesquisa colaborativa se manifesta como um esforço ativo e localizado, envolvendo a criação e moldagem de realidades específicas. Os pesquisadores atuam como intervenientes na composição das narrativas e na construção do conhecimento. Este papel ativo impulsiona a multiplicidade de perspectivas, tornando visíveis diversas versões da realidade, ao mesmo tempo em que se envolve na formação de novas realidades.
- Relevância e Impacto: A colaboração na pesquisa em turismo deve transcender a mera resolução de problemas ou críticas. Ela deve se concentrar em equilibrar e interferir nas realidades e futuros do campo. A relevância deve ser abordada em termos não apenas de contribuição para o conhecimento acadêmico, mas também para a transformação prática e impacto na evolução do turismo enquanto aspectos sociais e econômicos.
- Essas dimensões de pesquisa colaborativa moldam o campo do conhecimento do turismo de maneira implícita e relacional. O ato de conduzir pesquisas sobre o turismo, portanto, vai além da mera observação externa para se tornar uma participação ativa na criação, interpretação e transformação contínua dessa discussão. Nessa abordagem, os pesquisadores se tornam cocriadores do conhecimento, entrelaçando-se com os complexos temas que são específicos

para o ecossistema turístico. O engajamento em uma pesquisa em turismo colaborativa é, em última análise, um compromisso com a compreensão e a influência sobre as narrativas do turismo, que estão constantemente em fluxo e evolução.

- É urgente entender que a compreensão da colonialidade do conhecimento e a busca pela autonomia científica são pilares na construção de um campo acadêmico mais justo, diversificado no turismo. Superar as estruturas de poder que historicamente moldaram a produção e disseminação do saber exige um esforço coletivo de repensar as dinâmicas de produção de conhecimento e de oferecer visibilidade nas perspectivas que emergem dos contextos marginais.

5 DO FORMAL AO SUBSTANTIVO: DESCENTRALIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO TURISMO

A terceira etapa da fase investigativa proposta pela OECC é a assimilação do objeto pela consciência do pesquisador. Como explica Faria (2022), seguindo o percurso e direcionamento da trajetória epistemológica é neste momento que a produção do conhecimento se torna concreta diante da realidade investigada.

Reconhecendo a representação limitada da complexidade do turismo, a partir da identificação dos seus elementos constituintes, relações e determinações, a tese chega na terceira etapa de investigação com a intenção de indicar os elementos epistemológicos capazes de atenuar a desigualdade epistemológica presente no conhecimento do turismo. Nessa fase, almeja-se dar visibilidade aos elementos substantivos do turismo com vistas a promoção igualitária do conhecimento científico, buscando, assim, uma compreensão mais abrangente ao fenômeno turístico.

5.1 ELEMENTOS EPISTEMOLÓGICOS SUBSTANTIVOS DO TURISMO

O texto sobre os elementos epistemológicos substantivos do turismo está organizado a partir da análise do portfólio da pesquisa. Neste sentido, cada recorte temporal desvela elementos substantivos complementares a compreensão do turismo como fenômeno social e humano.

No período entre 1980 e 2000, os estudos de turismo passaram por uma transformação significativa, marcada por várias lacunas e desafios que refletiram as mudanças nas perspectivas acadêmicas e nas necessidades práticas do setor. Inicialmente, muitos desses estudos foram direcionados principalmente para o desenvolvimento prático do turismo, priorizando considerações econômicas em detrimento de estudos mais profundos do conhecimento. Como discutem Gren e Hujibens (1984), os aspectos econômicos da política de turismo foram amplamente superestimados, enquanto as implicações sociais, tanto reais quanto potenciais, não receberam a mesma atenção.

Uma das lacunas mais evidentes foi a falta de uma análise regionalizada do turismo. Muitos estudos trataram o turismo de maneira genérica, sem considerar as particularidades de cada destino. A proposta de analisar o turismo sob a perspectiva regional, com a criação de sistemas próprios que consideram a regionalidade, emergiu

como uma necessidade clara por Getz (1986) e reafirmada por Milne e Ateljevic (2001).

Milne e Ateljevic (2001) destacam a partir de uma revisão teórica entre o turismo e o desenvolvimento regional, que a evolução dos quadros teóricos do turismo, enfatizam a importância da integração da cultura e da tecnologia nas abordagens de estudo. Como afirmam os autores, existe a necessidade clara de compreender o turismo como um processo de transação que envolve tanto forças externas quanto poderes locais, equilibrando estrutura e agência. Ressaltam a importância de incorporar dimensões culturais e ambientais na compreensão do desenvolvimento turístico. Como sugerem Milne e Ateljevic (2001) para compensar a ausência da abordagem regional ao turismo, os estudos teóricos deveriam apropriar-se da "virada cultural" na geografia humana e promover a fusão de análises sociológicas e culturais na investigação das identidades construídas no lazer e turismo. Por fim, salienta a importância da **confiança** e **reciprocidade** nas redes turísticas e sua influência no bem-estar das comunidades e na competitividade dos destinos.

Além disso, o período viu o surgimento de discussões sobre hegemonia e tensionamento de classes no contexto do turismo. Já na década de 1980, com Getz (1986), o autor demonstra uma preocupação fundamental sobre os limites do turismo e a necessidade de reavaliar previamente as estratégias de planejamento para o futuro, incluindo o envolvimento da comunidade local. Na percepção do autor, os estudos de turismo deveriam refletir a crescente conscientização sobre os impactos sociais e econômicos do turismo e a busca por uma abordagem mais holística.

Para justificar tal problemática Getz (1986), apresenta como um desafio a falta de integração eficaz do turismo na economia em geral, com uma tendência a negligenciar os impactos qualitativos das atividades turísticas. Isso enfatiza a necessidade de compensar as estratégias de planejamento, de modo a abordar questões que vão além das métricas quantitativas tradicionais (Getz, 1986). Tendo esta problemática o autor apresenta uma classificação dos modelos teóricos de planejamento turístico em descritivos, explicativos e preditivos com a intenção de oferecer uma estrutura sólida para entender como esses modelos se relacionam com a sociedade e com a dinâmica do turismo.

A categorização de Getz (1986) ajuda a direcionar a escolha dos modelos a serem aplicados em diferentes contextos de planejamento. Além disso, prevê a subdivisão dos modelos de processo em subjetivos, tradicionais e integrativos,

destacando a importância de considerar e identificar as causas e mecanismos subjacentes no planejamento turístico. Isso sugere que o planejamento turístico eficaz não deve ser apenas prescritivo, mas baseado em uma compreensão das relações e interações presentes no próprio **território**, fornecendo uma estrutura clara das capacidades presentes, a partir das questões críticas relacionadas ao turismo e seu impacto na sociedade e na economia (Getz, 1986).

Demonstrando insatisfação com os rumos do turismo pós segunda guerra mundial, Graburn e Jafari (1991) realizaram uma investigação sobre a trajetória histórica das pesquisas de turismo. Os autores revelam uma transição no campo e defendem a modificação da perspectiva econômica para uma perspectiva **multidisciplinar** do turismo.

O texto apresenta uma síntese do desenvolvimento da pesquisa sobre turismo ao longo do tempo, destacando várias fases e mudanças significativas no enfoque e na abordagem do tema. Inicialmente, o turismo estava relacionado ao progresso científico, à democratização das instituições e à emancipação da burguesia, que passou a buscar conhecimento e lazer por meio de viagens organizadas (Graburn & Jafari, 1991). No entanto, à medida que o conhecimento se tornou mais organizado em disciplinas, dificultou o estudo do turismo como um “fenômeno social total”, levando à análise de aspectos específicos do turismo, como seus impactos econômicos, movimentos espaciais e motivações psicológicas. A geografia e, em menor medida, a antropologia mantiveram uma visão mais holística (Graburn & Jafari, 1991).

Após a Segunda Guerra Mundial, a pesquisa em turismo desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento, especialmente em nações pós-coloniais. Como afirmam Graburn e Jafari (1991), os primeiros estudos sociológicos e psicológicos sobre o turismo conseguiram ganhar importância teórica, juntamente com o interesse pelo patrimônio e pelo meio ambiente e ecologia. As críticas ao turismo de massa se concentraram em seus impactos econômicos, como a inflação local e econômicas significativas em detrimento aos impactos naturais ou sociais.

Para Graburn e Jafari (1991), o turismo tornou-se um tema maduro de pesquisa na década de 1970, marcado pelo crescimento, pela criação de periódicos de pesquisa multidisciplinares e pela motivação de pesquisadores investigarem sua prática. Onde foi fundamental a interdisciplinaridade, que trouxe contribuições de áreas como sociologia, antropologia, psicologia e semiótica. Outro fator

preponderante que marca os estudos de turismo, é a gestão estatística e normativa advinda das organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Academia Internacional para o Estudo do Turismo e a OMT. São estas instituições que mensuram e determinam as diretrizes mundiais de desenvolvimento do turismo e passam a promover discussões multidisciplinares sobre o turismo, com vistas a conciliar o seu desenvolvimento sustentável (Graburn & Jafari, 1991).

Por fim, Graburn e Jafari (1991), ressaltam a importância das organizações governamentais e comerciais no turismo, bem como do papel das organizações acadêmicas se dedicarem à pesquisa multidisciplinar no turismo, que seja capaz de ampliar a sua abordagem, cruzando as fronteiras disciplinares e buscando perspectivas diversas para uma compreensão mais completa e complexa.

A hegemonia e o neocolonialismo do turismo também foram temas emergentes neste período. Inaugurando a discussão acadêmica no turismo, Matthews (1975) denuncia a relação do turismo com a política produtiva econômica a partir da identificação de relações entre o governo e as instituições privadas. De acordo com o autor, foram identificadas nas cidades de Londres, Washington, Otawa e Tóquio, políticas de favorecimento para o delineamento de rotas de capital de desenvolvimento do turismo.

Para Matthews (1975), o crescimento do turismo global tem levantado preocupações sobre a concentração de poder político e a dimensão neocolonial do setor. À medida que o turismo se expandia, muitas vezes concentrava o poder nas mãos de países mais desenvolvidos, causando desequilíbrios econômicos e culturais nas regiões receptoras (Matthews, 1975). Essa dinâmica requer ações políticas eficazes e um debate ideológico sobre o papel do turismo, especialmente em contextos em que grupos étnicos são afetados pela influência global do turismo. Já na década de 1970, Matthews (1975), alertava sobre a presença de nacionalismo radical, como o movimento Black Power no Caribe, refletindo a insatisfação com a exploração econômica e cultural associada ao turismo de massa e a necessidade de uma abordagem mais **equitativa e sustentável** para o turismo global.

Na mesma direção para Preister (1989), o deslocamento de problemas sociais possui relações de dependência com o colonialismo, que se acentua em áreas onde os residentes obtêm pouco benefício. Como apresenta o autor, a partir do campo da

antropologia, o turismo exige uma gestão proativa e eficaz que seja capaz de minimizar os efeitos negativos em comunidades e destinos.

Uma das estratégias críticas para um planejamento de turismo bem-sucedido é o envolvimento da comunidade desde o início do processo. Incorporar os interesses e necessidades da comunidade no planejamento do projeto não é apenas culturalmente seguro, mas também economicamente vantajoso (Preister, 1989). Outro aspecto relevante é a necessidade de compreender os padrões de comunicação dentro da comunidade, como enfatiza o autor, identificar locais de encontro e reconhecer os líderes informados. Esta estratégia é crucial para que a gestão dos impactos seja prática, **culturalmente sensível** e politicamente viável. Uma abordagem proativa que leva em consideração as dinâmicas locais torna mais provável que as políticas e medidas de gestão sejam aceitas pela comunidade e bem-sucedidas na mitigação dos impactos negativos do turismo (Preister, 1989).

Portanto, de acordo com Preister (1989), o gerenciamento eficaz dos impactos do turismo requer uma abordagem colaborativa e orientada para a comunidade desde o início do planejamento, levando em consideração a cultura e a política local. Isso não apenas economiza recursos financeiros, mas também contribui para a **sustentabilidade** e o sucesso do turismo.

Na década de 1990, Matthews e Richter (1991) do campo da ciência política, sob duas questões centrais (1) as maneiras pelas quais os aspectos substantivos do turismo são abordados pela ciência política e (2) as maneiras pelas quais a ciência política pode contribuir para o estudo de turismo, analisam a interferência das questões políticas ao comportamento e desenvolvimento do turismo. Nessa direção, Matthews e Richter (1991), apelam para uma maior integração do estudo da política do turismo na formação profissional. A crítica dos autores inicia-se considerando o turismo, como uma atividade humana de grande relevância global, que tem sido negligenciado por cientistas políticos. No texto, abordam a evolução da ciência política e sua crescente relevância para o estudo do turismo, a transição da ciência política de uma abordagem teórica para uma abordagem empírica refletiu uma mudança significativa para o estudo do turismo, pois permitiu a análise mais aprofundada do comportamento dos indivíduos e grupos no contexto do turismo (Matthews & Richter, 1991).

Como apontam os autores, o turismo é frequentemente percebido no ocidente como uma atividade privada e individualizada, influenciada em grande parte pelo

marketing, publicidade e economia. No entanto, sob essa aparente superficialidade, existem complexas dinâmicas políticas, sociais e econômicas em jogo (Matthews & Richter, 1991). O estudo do turismo revela como as políticas públicas, as relações internacionais e as questões de poder desempenham um papel fundamental. Como citam Matthews e Richter (1991), a integração desigual das sociedades, muitas vezes é caracterizada por relações neocoloniais entre nações ricas e pobres, e esta realidade afeta profundamente o turismo internacional.

Com a intenção de responder de que forma a ciência política pode contribuir para o estudo do turismo, Matthews e Richter (1991) aborda a teoria da dependência e oferecem uma perspectiva valiosa que destaca a dependência econômica de países em desenvolvimento, especialmente do turismo internacional que muitas vezes é dominado por nações metropolitanas. Isso ecoa os padrões neocoloniais do passado, nos quais as economias eram controladas por potências coloniais. O turismo, nesse sentido, pode ser visto como uma nova forma de exploração econômica, com benefícios predominantemente para as partes metropolitanas (Matthews & Richter, 1991).

A interseção entre a ciência política e o turismo revelada por Matthews e Richter (1991), destaca a importância de se analisar essa atividade humana sob uma perspectiva mais ampla. A ciência política, ao adotar uma abordagem empírica e considerar a teoria da dependência, pode contribuir significativamente para o estudo do turismo, ajudando a compreender as relações de poder que moldam suas características e trazem implicações para as nações em desenvolvimento (Matthews & Richter, 1991). É imperativo que os cientistas políticos reconheçam o potencial do turismo como uma área de pesquisa séria e relevante, capaz de lançar luz sobre questões cruciais do mundo globalizado.

No entanto, uma das lacunas mais persistentes nesse período foi a desconexão entre os estudos acadêmicos e científicos e as necessidades práticas de desenvolvimento e planejamento do turismo. Embora tenham surgido construções teóricas, como a **colaboração** com Graburn e Jafari (1991), Jamal e Getz (1995) que demonstraram sua relevância para o planejamento do turismo de base comunitário, a implementação da prática desses conceitos muitas vezes foi insuficiente. Essa desconexão foi comprovada em uma lacuna significativa entre a teoria e a aplicação prática no campo do turismo.

Como efeito desta incongruência entre a participação ativa de todos os agentes envolvidos no turismo, no processo de planejamento, está a dificuldade em mensurar os **impactos do turismo**. A tipologia dos impactos turísticos revelou uma ampla variedade de configurações, com impactos que ultrapassaram os limites da área turística e se estenderam para outros setores.

A compreensão dos impactos do turismo tornou-se um desafio complexo presente nas pesquisas de turismo, tanto pela forte influência da cultura e dos valores dominantes em cada sociedade (Getz, 1986). Como pela eficiência gerencial, descrita por Preister (1989), a gestão eficaz dos impactos do turismo é crucial para evitar consequências não gerenciáveis. Ou pelas lacunas nos estudos turísticos em relação aos impactos ambientais (Wall, 1997).

Como descreve o texto, o período de 1980 a 2000 foi marcado por lacunas significativas nos estudos de turismo, incluindo a predominância de abordagens econômicas, a necessidade de uma análise regionalizada, a investigação sobre hegemonia e tensionamento de classes, desconexão entre teoria e prática, e desafios na mensuração dos impactos. Essas lacunas forneceram uma base para um período de reflexão e mudança nas abordagens ao turismo nas décadas seguintes.

Durante o período de 2000 a 2010, o turismo demonstrou por meio das investigações que evoluiu como um campo de estudo complexo e multidisciplinar, buscando refletir as mudanças culturais, tecnológicas e econômicas que ocorreram globalmente. A problemática da complexidade do campo foi abordada na pesquisa de Jamal e Choi (2003), sob a perspectiva da gestão do conhecimento. Os autores abordam criticamente as atitudes e percepções dos pesquisadores de turismo, a partir do desenvolvimento e avaliação de uma plataforma baseada em conhecimento. Os achados apresentados referem-se ao treinamento insuficiente para produção de bons pesquisadores qualitativos e a falta de apoio dos programas em treinar alunos e reconhecer questões **filosóficas** e metodológicas que moldam as análises superficiais do turismo. Para Jamal e Choi (2003) esta lacuna na investigação social do turismo, justifica um déficit em relação a **interpretação social** ampla e contextualizada do turismo.

Ainda em relação a complexidade do turismo, Munar (2007) aborda teoricamente a globalização em relação ao turismo, examinando a trajetória histórica do turismo em comparação com a globalização, conceitua o indivíduo como parte da globalização. Além disso, Munar (2007) discute a definição geral de globalização e

sua influência na compreensão do turismo. O texto enfatiza a importância de uma abordagem **transformacionalista** em oposição às abordagens tradicionalistas e hiperglobalistas, que são consideradas lineares e metafísicas. A análise teórica conclui que uma abordagem dinâmica e não linear é mais adequada para entender as complexas relações entre globalização e turismo (Munar, 2007).

O texto aponta duas críticas importantes às abordagens hiperglobalistas e tradicionalistas. Ambas são caracterizadas por uma metodologia linear e uma visão pré-conceitual da realidade final da globalização, que se enquadram na dicotomia e não conseguem captar a complexidade dos processos de globalização e seu impacto no turismo (Munar, 2007). Em contrapartida, o transformacionismo é apresentado como uma abordagem mais adequada para entender a globalização e sua relação com o turismo. Para Munar (2007) esta perspectiva não parte de uma imagem pré-conceitual ou idealizada da globalização. Em vez disso, considera as dimensões espaço-temporais, como extensão, intensidade e velocidade dos processos de globalização, bem como as dimensões organizacionais e os períodos históricos da globalização. O transformacionismo abraça a **complexidade** e a dinâmica da globalização, reconhecendo que ela evolui ao longo do tempo e varia de acordo com o espaço geográfico (Munar, 2007). A perspectiva transformacionista, na interpretação do autor, é mais flexível, **dinâmica** e reconhece a natureza evolutiva da globalização e promove uma análise mais crítica e abrangente desses fenômenos interconectados.

Perspectivas críticas nas relações entre gênero, capitalismo e turismo, passaram a permear o campo científico do turismo, a partir dos anos 2000, denotando numa virada cultural das ciências sociais. De acordo com Aitchison (2005) esta modificação no padrão das produções acadêmicas, se deu pela influência da literatura pós-estruturalista, que impactou nos estudos feministas e de gênero no contexto do turismo. Neste caminho, Aitchison (2005), discute o conflito entre o feminismo radical, que vê o patriarcado como a raiz de todas as formas de opressão, e a teoria pós-estrutural, que enfatiza a incerteza e a relatividade do conhecimento.

A autora inicia sua análise enfatizando as novas perspectivas teóricas e como elas desempenham um papel de desafiar a visão pós-iluminista de que o conhecimento poderia ser produzido de forma racional e científica para descobrir uma única "verdade". Enfatiza a diversidade e a relatividade do conhecimento, destacando as relações de poder na produção do conhecimento (Aitchison, 2005).

Dentro das perspectivas feministas e de gênero no estudo do turismo, ressalta a existência de estruturas de poder sistêmicas em todas as esferas da sociedade. Para Aitchison (2005), a teoria pós-estrutural serve como uma lente que permite a análise das relações de poder de maneira contextual e **pluralizada**. Ela desafia a ideia de um sistema global de dominação e opressão, reconhecendo a existência de contextos específicos de subordinação, resistência e transformação.

Diante disso, Aitchison (2005), relaciona a influência do capitalismo no turismo, destacando como o turismo se baseia e recria o sistema do capitalismo global. O turismo é considerado um local de transação econômica em um sistema global de capitalismo do setor de serviços. A virada cultural defendida por Aitchison (2005) enfatiza que a vida social é agora organizada e regulada por meio da cultura, rompendo o dualismo entre as ciências. Neste sentido, a autora sugere que em vez de competir, as perspectivas feministas de ponto de vista e pós-estruturalista podem se complementar. A criação de uma sinergia entre as abordagens pode ser mais eficaz para provocar mudanças significativas nas relações de gênero no turismo. O conceito de "nexo sociocultural" é apresentado como uma estrutura conceitual para explorar a interação entre o social e o cultural na formação de relações de gênero e turismo (Aitchison, 2005).

Uma das viradas na pesquisa de turismo é identificada a partir dos anos 2000, é aqui denominada de virada cultural, que destacou a importância do **simbolismo** das paisagens culturais e da cultura material no turismo. Os estudos começaram a considerar não apenas o aspecto social do turismo, mas também as conexões do turismo com objetos, máquinas, sistemas e outros elementos não humanos. Essa abordagem mais ampla permitiu uma compreensão mais holística do turismo como fenômeno cultural.

Durante esse período, também houve uma crescente ênfase na gestão do conhecimento no turismo. Isso envolveu a aplicação de conhecimentos adquiridos em pesquisas para a gestão de destinos turísticos, bem como a conceituação em camadas do conhecimento, que relacionava o conhecimento a outros níveis de significado, como dados e informações. A gestão do conhecimento foi vista como uma ferramenta importante para melhorar a qualidade do serviço turístico e a compreensão dos mercados.

Cooper (2006) e Xiao (2006) trazem aplicações de perspectivas teóricas da gestão do conhecimento como uma abordagem valiosa para enfrentar os desafios

complexos enfrentados pelos pesquisadores de turismo. Ao reconhecer a importância do conhecimento tácito, Cooper (2006) aborda as tensões entre pesquisa e prática, e formas de superar barreiras culturais na transferência de conhecimento e no desenvolvimento de sistemas ágeis de aplicação do conhecimento.

A importância da Gestão do Conhecimento (GC) em um contexto multidisciplinar e suas implicações cruciais para o planejamento, desenvolvimento e gestão da indústria do turismo, também são focos no artigo de Xiao e Smith (2006). A partir da crescente expansão do conhecimento na pesquisa turística, facilitada pela disseminação da internet, os autores consideram as estratégias de gestão do conhecimento como essenciais para a sustentabilidade do setor. Com uma extensa revisão de pesquisas e conceituações relacionadas à GC no turismo, sugerem cinco perspectivas distintas para a pesquisa aplicada ao turismo: conhecimento específico do turismo, sua estrutura, processos envolvidos, variações setoriais e o papel fundamental da tecnologia de informação e comunicação como facilitadora (Xiao & Smith, 2006).

De um modo geral a temática da gestão do conhecimento, reside na capacidade de fornecer uma visão abrangente e sistêmica do turismo. Redes de conhecimento, comunidades de práticas, aprendizagem organizacional, domínios dos negócios e gerenciamento de informações, aparecem como integrados aos conhecimentos propostos na gestão do conhecimento. Destacando a abordagem holística que considera não apenas o conhecimento em si, mas também sua estrutura e processos, reconhecendo a influência significativa das tecnologias modernas.

O período de 2000 a 2010 marcou uma transformação significativa na pesquisa em turismo. Os pesquisadores adotaram uma perspectiva interdisciplinar, incorporando elementos da complexidade, da cultura, tecnologia e gestão do conhecimento. Essa diversificação contribuiu para uma compreensão mais profunda e completa do turismo como fenômeno global e local, que vai além do simples estudo de destinos e atividades turísticas. No entanto, também destacou a necessidade contínua de abordar questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas para melhorar ainda mais a pesquisa em turismo.

A temática da colonialidade do turismo, reaparece nos debates acadêmicos durante o período de 2010 a 2022. Platenkamp e Botterill (2013) que discutem a colonialidade como limite da racionalidade científica e dos limites científicos postos na realidade de dominação pós-colonial. Tribe e Liburd (2016), apresentam a

necessidade significativa de todo campo maduro do conhecimento de compreender a si mesmo. E neste sentido avaliam criticamente a epistemologia e ontologia do turismo. Com o desenvolvimento de um modelo abrangente do sistema de conhecimento do turismo, Tribe e Liburd (2016) reconhecem a presença do sistema de dominação colonial do conhecimento nos modos de análise e suas representações. A partir do reconhecimento, analisam as inter-relações, processos e dinâmicas do sistema e propõem como consequências críticas e novas agendas a inserção do debate de forma mais expressiva às investigações do turismo.

Outro texto que demarca a criticidade das pesquisas de turismo neste período é o de Fullagar e Wilson (2012), que explora a importância da **reflexividade** e criticidade no campo de estudos de turismo e hospitalidade. A pesquisa se concentra em diversas conceituações de criticidade presentes na literatura e propõe uma abordagem reflexiva e crítica para abordar questões complexas e os desafios globais e locais relacionados ao turismo e à hospitalidade.

A metodologia utilizada por Fullagar e Wilson (2012) é denominada Reflexividade Prática, inspirada nas ideias de Foucault e destaca a importância de problematizar continuamente as verdades estabelecidas, em vez de simplesmente propor novas verdades. Isso é crucial para o desenvolvimento de uma abordagem mais flexível e pluralista, capaz de manter um debate intelectual ativo em diversos contextos.

Os estudiosos críticos do turismo e da hospitalidade desempenham um papel fundamental ao questionar as conceituações estreitas desses campos de estudo e prática. Neste texto Fullagar e Wilson (2012), convergem para a necessidade de uma reflexão individual, institucional e disciplinar que reconheça como o poder influencia as relações de conhecimento e governabilidade da conduta acadêmica. Enfatiza a importância da pedagogia crítica no ensino de turismo e hospitalidade, desafiando o modelo tradicional de aprendizado centrado no professor, além da necessidade de fornecer aos alunos conhecimento diversificado e aplicado para compreender as experiências de turismo e hospitalidade.

Outra questão de relevância tratada por Fullagar e Wilson (2012), refere-se às áreas de investigação específicas, como estudos de opressão, raça, gênero, para o turismo e para a indústria hoteleira. Em resumo, o artigo oferece uma visão abrangente da importância da reflexividade e criticidade nos estudos de turismo e

hospitalidade. Destacando a necessidade de uma abordagem mais **flexível, pluralista e reflexiva** para enfrentar os desafios complexos do fenômeno turístico.

Lai, Li e Scott (2015) retomam a discussão em torno da produção de conhecimento em turismo. O artigo aborda a problematização da produção de conhecimento no campo do turismo. A partir da “problemologia”, que compreende a investigação filosófica de problemas, é utilizada como um quadro teórico para analisar a natureza dos problemas, seus antecedentes e suas consequências no contexto dos estudos de turismo.

Para os autores, os pesquisadores demonstram um interesse crescente em resolver problemas específicos relacionados ao turismo, como conflitos entre anfitriões e visitantes, desigualdade de gênero, no entanto, há uma falta de questionamento sobre a natureza geral desses problemas e seu papel na produção de conhecimento turístico. Tendo esta problemática, o estudo identifica três grupos principais de associação na pesquisa em turismo: construtivismo, pós-positivismo e pragmatismo. Cada grupo representa uma abordagem diferente para compreender os fenômenos turísticos, influenciada por crenças ontológicas e epistemológicas variadas (Lai; Li; Scott, 2015).

Além disso, a pesquisa destaca a influência do positivismo e do pós-positivismo na pesquisa em turismo, bem como a pressão sobre os pesquisadores universitários para contribuir com a produção internacional de conhecimento em turismo. Finalizam o trabalho, tecendo críticas sobre a forma com que a produção de conhecimento em turismo, problematiza a natureza dos problemas investigados e alerta para a necessidade de reconhecer a **diversidade** de abordagens teóricas na pesquisa em turismo (Lai; Li; Scott, 2015).

No mesmo sentido, indicando novas abordagens teóricas capazes de dar sustentação a complexidade do turismo, Wilson e Hollisheadk (2015) apresentam um conjunto de princípios conceituais que sustentam a abordagem emergente da "multilogicidade crítica" e explora sua aplicabilidade nos estudos de turismo por meio de exemplos qualitativos. A multilogicidade crítica não visa apenas adquirir conhecimento, mas também contribuir para a regeneração do mundo ao qual indivíduos, instituições e fenômenos de interesse pertencem.

Essa abordagem defendida no contexto do turismo não é apenas uma forma de conhecimento, mas também uma maneira de se relacionar com o mundo. Ela compartilha elementos comuns com vertentes feministas, como o reconhecimento da

construção social de gênero, o desejo de politizar questões pessoais, a busca por mudanças progressivas na vida das mulheres e a compreensão de que teoria, epistemologia e método estão intrinsecamente interligados (Wilson; Hollinsheadk, 2015). Os autores finalizam promovendo a ideia de multilogicidade crítica como uma abordagem valiosa nos estudos de turismo, enfatizando a sua capacidade de não apenas gerar conhecimento, mas também de contribuir para uma transformação significativa no mundo do turismo.

Destacando os benefícios da pesquisa colaborativa e do diálogo entre o conhecimento científico e tradicional no contexto do turismo indígena, Espesso-Molinero, Carlisle e Pastor-Alfonso (2016), focam na aplicação de um Modelo de Desenvolvimento de Produto Turístico Indígena, para superar limitações e revitalizar a cultura enquanto promove sentimentos de realização, participação, orgulho cultural e confiança criativa.

Na percepção dos autores, no turismo, é incomum especificar os pressupostos teóricos subjacentes à pesquisa, mas neste caso, essas características teóricas são consideradas igualmente importantes quanto os métodos empregados. A pesquisa reconhece que todo estudo é político e moral, portanto, adota uma abordagem crítica. E busca alcançar um paradigma descolonizador, reconhecendo sua própria posição como pesquisadores ocidentais. A metodologia adotada é **colaborativa e reflexiva**, com ênfase na resolução prática de problemas como uma ferramenta de empoderamento. O objetivo é efetuar mudanças significativas na vida dos co-pesquisadores, promovendo uma abordagem ativa que permite às pessoas abordarem questões importantes para elas de forma criativa (Espesso-Molinero; Carlisle; Pastor-Alfonso, 2016).

A orientação construtivista da teoria fundamentada envolve uma prática colaborativa que busca não apenas descrever o mundo, mas também contribuir para mudanças positivas nas comunidades envolvidas na pesquisa em turismo. E possivelmente esta é a razão de uma crescente abordagem desta metodologia estar presente no campo do turismo.

Como expõe Corrêa e Gosling (2020), ao apresentarem as bases da Teoria Fundamentada nos Dados nas pesquisas de turismo, a teoria substantiva está relacionada à compreensão da realidade local, particular, relacionada a um grupo específico de pessoas e seus modos de vida. São, portanto, os aspectos singulares

das experiências turísticas que caracterizam a substantividade e que de acordo com as autoras, podem ser passíveis de investigação.

A partir dos fundamentos da teoria fundamentada de Glaser e Strauss (1967), as pesquisadoras Corrêa e Gosling (2020) esclarecem que as teorias são um conjunto de categorias bem desenvolvidas, que são sistematicamente inter-relacionadas capazes de formar uma estrutura. Baseada nesta organização, as teorias podem ser classificadas em substantivas ou formais. As teorias substantivas descrevem situações cotidianas relacionadas a um grupo de pessoas ou local, de forma mais específica. Enquanto as teorias formais são mais abrangentes e incluem a compreensão de múltiplas áreas substantivas, como por exemplo trocas sociais (Corrêa & Gosling, 2020). A teoria fundamentada em dados como demonstra a aplicabilidade e significância desta abordagem nos estudos do turismo, se apresentam conforme Corrêa e Gosling (2020) como uma possibilidade metodológica para revelar as relações subjetivas entre sujeito e objeto no turismo.

Matteucci e Gnoth (2017), tratam dos princípios fundamentais da teoria fundamentada e sua aplicação no turismo e sugerem a possibilidade de utilizar a filosofia de Gilles Deleuze como uma abordagem complementar na pesquisa qualitativa em turismo.

A teoria fundamentada, originalmente desenvolvida pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss nos anos 1960, oferece uma abordagem alternativa às metodologias positivistas. Ela é caracterizada, segundo Matteucci e Gnoth (2017), pela abertura das questões de pesquisa, em um processo flexível e interativo de coleta e análise de dados. O artigo destaca a importância de considerar as perspectivas construtivistas na pesquisa em turismo, reconhecendo que a realidade é socialmente construída. Além disso, explora as semelhanças entre o realismo crítico e a teoria fundamentada, enfatizando o reconhecimento de que a realidade é complexa e mutável (Matteucci & Gnoth, 2017).

De acordo com Matteucci e Gnoth (2017), a pesquisa de teoria fundamentada é vista como uma oportunidade para desenvolver relatos plausíveis em vez de construir teorias rígidas. A introdução do pensamento de Deleuze na teoria fundamentada oferece uma oportunidade para os pesquisadores do turismo explorarem novos territórios de pesquisa e se conectarem com forças **impessoais** e **transversais** do mundo. Essa abordagem permite aos pesquisadores lidarem com

problemas de maneira mais **criativa** e **ética**, colaborando com os participantes da pesquisa e seu ambiente (Matteucci & Gnoth, 2017).

Bowman (2020) a partir de um texto reflexivo e filosófico aborda como indivíduos relativamente privilegiados que desejam agir de maneira antiopressiva respondem à sua própria ignorância e como essas respostas podem não ser suficientes para construir coalizões efetivas contra a opressão no turismo. O foco da pesquisa de Bowman (2020) é especialmente direcionado ao turismo e como ele se relaciona com questões de privilégio e ignorância. Na percepção do autor, o turismo é tradicionalmente visto como uma atividade de consumo que envolve o consumo de ambientes, experiências e culturas. As críticas apontam que essa perspectiva frequentemente descreve o turismo como uma ferramenta de autorrealização e desenvolvimento de autonomia, ignorando as desigualdades sociais e econômicas subjacentes que afetam a capacidade das pessoas de participar do turismo (Bowman, 2020).

Isso inclui questões como a apropriação de terras públicas para desenvolvimento turístico, o deslocamento de comunidades locais, a degradação de recursos naturais e práticas de trabalho exploradoras (Bowman, 2020). O texto explora como o turismo é predominantemente praticado por pessoas em posições sociais e econômicas privilegiadas, mesmo que sejam politicamente conscientes, sugerindo que esta é a razão para não se engajar plenamente com as comunidades locais. Mesmo quando praticado com a intenção de aumentar a compreensão do mundo, o turismo exige um ambiente que possa acomodar visitantes, o que perpetua estruturas de poder desiguais (Bowman, 2020).

Desta forma, Bowman (2020) argumenta que o turismo, mesmo quando praticado com a intenção de corrigir a ignorância, ainda está inserido em sistemas de colonialismo e capitalismo, e as experiências turísticas podem estar impregnadas com normas dominantes. Sendo assim, sob a análise do autor, a busca por conhecimento no contexto do turismo nem sempre leva a uma verdade objetiva, e as estruturas de opressão podem persistir. Bowman (2020), conclui destacando a importância de entender as estruturas de opressão sem precisar experimentá-las diretamente e reconhece que a busca pelo conhecimento não é moralmente neutra.

A busca por conhecimento deve ser realizada de maneira crítica, considerando o contexto social e político, a fim de minimizar danos aos oprimidos e trabalhar em coalizão efetiva contra a opressão. Nesta direção, para Ren (2021) reimaginar o

turismo poderia ocorrer pela via **relacional** e **colaborativa**. A autora propõe uma abordagem alternativa e colaborativa para o conhecimento sobre o turismo, baseada no pensamento feminista relacional. Em vez de tentar resolver os problemas do turismo, a proposta é "permanecer com o turismo" e compreendê-lo como um fenômeno complexo.

O artigo identifica algumas problemáticas na pesquisa sobre turismo, incluindo a pesquisa gerencial, que muitas vezes não possui as ferramentas necessárias para analisar a complexidade do turismo, a fetichização do turismo como uma coisa econômica e a obsessão por taxonomias e classificações (Ren, 2021). Desta maneira, argumenta que o turismo não deve ser visto apenas como uma atividade sociocultural ou econômica, mas como uma prática **relacional** e mais do que **humana**. Isso significa reconhecer a interconectividade do turismo com o mundo natural e as comunidades locais.

A abordagem proposta por Ren (2021) envolve criar conhecimento em turismo de maneira relacional, expandindo as formas de **saber** sobre o turismo, que inclui olhar para o turismo como uma prática em constante movimento e desafiadora, que requer uma interpretação além das representações convencionais.

A autora destaca a importância de reafetar o turismo, ou seja, envolver-se **emocionalmente** com o turismo e reconhecer as conexões terrenas e mais do que humanas que o compõem. De acordo com Ren (2021), isso implica reconhecer a complexidade do turismo no contexto do Antropoceno, onde o turismo desempenha um papel na remodelação da Terra e nas mudanças climáticas. Em última análise, o texto de Ren (2021) convida os leitores a imaginar o turismo de maneira mais ampla, incorporando práticas diárias, imaginários culturais, relações planetárias e até mesmo perspectivas microbiológicas, a fim de entender o turismo como uma prática verdadeiramente complexa e emaranhada.

Dando sequência, Ren, Van der Duim e Johannesson (2021) exploram as formas colaborativas de conhecimento na pesquisa em turismo, como já apresentado. Neste artigo, os autores adotaram uma abordagem ontológica relacional para examinar o conceito de formas colaborativas de conhecimento no campo da pesquisa em turismo. Ren, Van der Duim e Johannesson (2021) destacam-se quatro princípios-chave para a colaboração em pesquisa: a captura de práticas situadas, a busca pela proximidade crítica, a abordagem intervencionista e a exploração de novas maneiras de atribuir importância.

A pesquisa de Ren, Van der Duim e Johannesson (2021) argumenta que o conhecimento no campo do turismo é sempre cocriado por meio de práticas de pesquisa situadas. Desta forma, o turismo é concebido como um campo de coerência fracionária, continuamente moldado por processos locais que envolvem pessoas, práticas, discursos e tecnologias (Ren; Van der Duim; Johannesson, 2021). Na percepção dos autores, a pesquisa em turismo é descrita como um conjunto de práticas complexas e mundanas que não são apenas realizadas por acadêmicos, mas são moldadas em conjunto com aqueles que vivem e experimentam o turismo. Esse conjunto de práticas é chamado de "conhecimento turístico coletivo".

Para os autores, a pesquisa em turismo deve ir além de preocupações meramente teóricas e gerenciais e buscar produzir seus próprios fundamentos teóricos. Em vez de ser dividida em campos disciplinares estáticos, a pesquisa em turismo precisa ser vista como um empreendimento contínuo, mutável e relacional, dentro de uma rede complexa de efeitos que se entrelaçam de maneiras diversas e multidirecionais (Ren; Van der Duim; Johannesson, 2021). O pensamento "tentacular" é proposto pelos autores, como uma abordagem capaz de colaborar, tornar-se e pensar junto com um coletivo mais amplo de atores. Defendem que em vez de ter um centro hegemônico de pesquisa em turismo, a pesquisa deveria ser valorizada em múltiplas versões por meio das práticas e performances de diferentes coletivos de conhecimento.

Nesse sentido, as formas colaborativas de conhecimento no turismo são definidas por quatro princípios: responsividade, proximidade crítica, intervenção e busca por novas maneiras de atribuir importância. Estes princípios incentivam uma pesquisa mais envolvente e comprometida, permitindo que o turismo seja compreendido em toda a sua complexidade e interconexão (Ren; Van der Duim; Johannesson, 2021). O artigo conclui descrevendo a formação do campo de conhecimento em turismo, destacando a importância das abordagens implícitas e relacionais na pesquisa colaborativa.

Sharpey (2022) revisa a crítica à teoria do desenvolvimento relacionada ao turismo e sugere que o conceito emergente de decrescimento oferece uma lente conceitual alternativa para entender o turismo e o desenvolvimento. O conceito de decrescimento tem ganhado destaque como resposta à oposição crescente ao modelo de crescimento econômico generalizado que informa as políticas de desenvolvimento. O autor defende o decrescimento, a partir de uma análise histórica

do desenvolvimento econômico do turismo, desde o surgimento das ferrovias até as diretrizes da OMT.

Para Sharpey (2022), a teoria do desenvolvimento tradicional não é eficaz para entender o papel do turismo no desenvolvimento e as suposições de que o turismo permanecerá capitalista, de massa e internacional precisam ser reavaliadas. Em um mundo pós-pandemia, o turismo não pode mais seguir o caminho usual. A teoria do decrescimento como uma estrutura crítica para explorar a relação entre turismo e desenvolvimento, sugere uma mudança na abordagem teórica do turismo (Sharpey, 2022). A proposição do autor, se baseia nas discussões apresentadas por David Harrison sobre a transição da teoria do crescimento para a teoria do decrescimento no contexto do turismo, enfatizando mais uma oportunidade de reinterpretação ao turismo.

O período de 2010 a 2022, marca uma modificação no campo do conhecimento do turismo. Temáticas críticas e reflexivas, como: colonialidade, diversidade e flexibilidade das estruturas metodológicas de pesquisa, complexidades das experiências turísticas, em torno da qualidade de vida e autoconhecimento, sustentabilidade e emergências climáticas, entre outras, passam a incorporar as discussões do turismo. Entende-se que estas temáticas se relacionam profundamente com os elementos substantivos, podendo subsidiar discussões mais diversas e inclusivas.

A partir da identificação de palavras-chave dentro da análise, são desvelados os elementos epistemológicos substantivos do turismo, que abrangem uma vasta gama de conceitos que moldam a compreensão do turismo enquanto fenômeno social e humano.

Figura 26 – Elemento epistemológicos substantivos do turismo



Fonte: autoria própria (2023).

Dentre os conceitos incluem a **confiança**, que é fundamental para estabelecer relações sólidas entre os atores do setor; a **reciprocidade**, que ressalta a importância das interações benéficas entre turistas e comunidades anfitriãs; a **equidade**, que relaciona-se a garantia de que os benefícios do turismo sejam distribuídos de maneira justa; a **sensibilidade**, que nos lembra da necessidade de cumprimento e valorização das culturas locais e da conexão humana com o meio; a **colaboração**, que enfatiza a importância da cooperação entre partes interessadas no turismo; a **pluralidade** e a **diversidade**, que permitem acompanhar a riqueza das diferentes perspectivas culturais e sociais; a **criatividade**, que incentiva a inovação e a criação de experiências turísticas únicas; uma **ética**, que orienta as práticas responsáveis no turismo; o **conhecimento**, que destaca a importância da pesquisa e do aprendizado contínuo, assim como reconhece distintos saberes; a natureza **relacional** do turismo, que enfatiza as conexões entre pessoas e lugares; a abordagem **humana**, que coloca o ser humano no centro do turismo; a reflexão, que nos encorajamos a questionar nossas práticas e impactos; o **simbolismo**, que confirma a importância dos símbolos e significados presentes e particulares a cada território; uma **complexidade**, que reflete a intrincada rede de fatores que moldam o turismo; a **dimensão filosófica**, capaz de explorar as questões mais profundas sobre o propósito e os valores do turismo; e, finalmente, a **sustentabilidade**, que articula-se com as dimensões sociais, ambientais, econômicas e culturais do turismo.

Compreendendo que este conjunto de elementos pertencem a outra lógica de racionalidade, a seguir apresentam-se uma breve discussão sobre racionalidade e se relaciona a teoria substantiva como possibilidades de complementação à discussão dos elementos substantivos do turismo.

5.2 REFLEXÕES EM TORNO DA RACIONALIDADE

O conceito de racionalidade é baseado na compreensão da razão. Uma categoria central, como apresenta Fernandes (2008), para a compreensão da ação social. O autor discute o conceito de racionalidade numa digressão histórica, por meio da qual expõe o processo histórico de racionalização da vida. Nessa incursão, Fernandes (2008) considera que a compreensão da vida e da ação social não pode ser restrita unicamente a perspectiva racional da relação entre meios e fins como o único determinante das ações efetivas.

É fundamental considerar a existência de outras formas de racionalidade, bem como elementos irracionais que estão presentes no mundo. Nesse contexto, Fernandes (2008) em uma construção teórica de autores centrais ao conceito de razão e racionalidade, considera que existe uma certa sobreposição da razão funcional e instrumental sobre outras racionalidades de conteúdo substantivos.

A partir de Max Weber inicia a análise, distinguindo as quatro categorias que podem determinar a ação social e/ou individual. Primeiramente, a ação social pode ser determinada de forma racional *referente aos fins*, onde as expectativas em relação ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas são utilizadas como condições ou meios para atingir fins próprios, os quais são ponderados e perseguidos de maneira racional, como o sucesso. Em segundo lugar, a ação social pode ser determinada de forma racional *referente a valores*, através da crença consciente no valor absoluto e inerente a um comportamento específico, independentemente de seus resultados, seja ele de natureza ética, estética, religiosa, ou de outra interpretação. Em terceiro lugar, a ação social pode ser influenciada de forma *afetiva*, especialmente *emocional*, por afetos ou estados emocionais presentes. Por fim, a ação social também pode ser moldada de maneira tradicional, baseada em *costumes arraigados* na cultura (Fernandes, 2008).

Estas quatro categorias delineadas por Weber significam uma estrutura para compreender as diversas motivações que subentendem às ações humanas e sociais. Nesta perspectiva é correto afirmar que um comportamento racional é baseado na interpretação do indivíduo ou do grupo social que ele representa e quanto mais um indivíduo ou uma sociedade pode trazer significado às suas ações, mais estas ações serão racionais (Fernandes, 2008).

O texto de Fernandes (2008), ao discutir as quatro categorias que determinam a ação social e/ou individual segundo Max Weber, oferece um ponto de vista útil para entender os motivos subjacentes às ações no contexto do turismo. No turismo, as pessoas frequentemente tomam decisões com base em diferentes formas de racionalidade. A busca por experiências culturais autênticas em destinos turísticos pode ser vista como uma ação racional referente a valores, onde os turistas atribuem um valor intrínseco à vivência cultural, independentemente de seus resultados tangíveis.

Da mesma forma, as decisões de viagem podem ser influenciadas por estados emocionais, como o desejo de relaxamento ou aventura, que se enquadram na

categoria de ação social determinada de forma afetiva. Além disso, a tradição e os costumes também desempenham um papel no turismo, no qual a escolha de destinos ou atividades pode ser moldada por práticas culturais arraigadas. Em resumo, o entendimento das motivações por trás das decisões dos turistas pode ser enriquecido ao considerar as categorias de racionalidade delineadas por Weber, conforme destacado por Fernandes (2008), proporcionando uma perspectiva mais abrangente para a análise do fenômeno turístico.

Baseado em Simmel (1977), para caracterizar a impessoalidade dos relacionamentos humanos acompanhados da transformação e da representação simbólica da sociedade a partir do dinheiro, Fernandes (2008) descreve a transição dos valores. Como consequência e adaptação a presença do dinheiro, a transformação dos valores qualitativos em quantitativos, e a definição da vida baseada no cálculo matemático, foi capaz de separar a atividade intelectual, espiritual, e os aspectos afetivos e emotivos (Fernandes, 2008). Esta soberania da relação prática, instrumental, suprime os aspectos mais substantivos, subjetivos. Acomete, segundo o autor, o indivíduo a uma alienação, capaz de deslocar a consciência subjetiva e instalar a reprodução automática, material em detrimento dos sentidos e da consciência, formalizando as relações humanas.

A forma de racionalidade prática, instrumental ganha a perspectiva de funcionalidade, com as contribuições de Karl Mannheim. De acordo com Fernandes (2008) Mannheim concebia que a eficácia funcional da racionalidade poderia ser avaliada com base em dois critérios: a organização em relação ao seu objetivo e a capacidade de cálculo resultante de quem busca se adaptar a ela. Assim, a eficácia das ações não está necessariamente vinculada à consciência, mas sim ao objetivo final das ações realizadas.

Se nas sociedades antigas, a ação funcionalmente racional era rara e limitada, nas sociedades contemporâneas, essa forma de agir tornou-se necessária em várias esferas da vida, seja pela crescente complexidade social ou pela divisão do trabalho. Essa mudança, chamada de autorracionalização por Mannheim (1962), implica que os indivíduos agora controlam sistematicamente seus impulsos para se ajustarem às exigências da sociedade, muitas vezes subordinando suas opiniões e convicções pessoais a objetivos externos, como ganhar a vida e cumprir papéis funcional na sociedade (Fernandes, 2008). O que resulta em uma auto racionalização, na qual as atividades objetivas são racionalizadas para atender às demandas funcionais.

Desta forma, para Mannheim, a forma mais radical de racionalização do agente não é a auto racionalização, mas sim a auto-observação, que implica uma autotransformação e uma autorreflexão com o objetivo de remodelar-se. Este processo, como descreve Fernandes (2008), leva ao controle dos impulsos e a racionalização das próprias vidas e depois se transforma por meio da auto-observação. Essa racionalização é impulsionada pela industrialização, que promove uma racionalidade funcional, organizando a sociedade em função de metas objetivas. No entanto, essa predominância da racionalidade funcional em detrimento de valores mais substantivos pode levar a um desequilíbrio entre o desenvolvimento técnico e o moral, resultando em um baixo desenvolvimento ético e moral (Fernandes, 2008).

Uma mudança na direção da autorracionalização nas sociedades contemporâneas, onde os indivíduos controlam seus impulsos para se ajustarem às demandas sociais, possuem implicações significativas para o turismo. À medida que as pessoas subtraem suas opiniões e convicções pessoais a objetivos externos, para cumprir papéis funcionais na sociedade, afeta a maneira como elas usufruem do turismo. O que pode estar associado ao consumo excessivo de um destino turístico da moda, no turismo de massa. Ou na associação da viagem a um rito social (lua de mel, comemoração de quinze anos, viagem aos parques e personagens infantis).

Além disso, o desequilíbrio entre o desenvolvimento técnico e a moral, considerado por Mannheim, pode se refletir nas decisões de viagem, como a escolha de destinos que não dependem de questões éticas, ambientais ou culturais. Portanto, a mudança na direção da autorracionalização pode ter implicações na maneira como as pessoas experimentam e percebem o turismo, priorizando a funcionalidade sobre os valores substantivos.

De acordo com Fernandes (2008), a racionalidade para Horkheimer é abordada em duas categorias: a racionalidade funcional ou instrumental, que é subjetiva, e a racionalidade substancial, que é objetiva. Ao longo da história, a racionalidade funcional (instrumental) tem predominado sobre a racionalidade objetiva (substancial), o que levou à crise atual da razão. De acordo com Horkheimer, isso ocorreu devido à subjetivação e formalização da razão, resultando em sua perda de capacidade de reflexão e julgamento ético e moral dos fins.

Como descreve Fernandes (2008), a razão era vista como uma capacidade de compreender e determinar os fins. E ao longo do tempo, o conceito de razão, tornou-se cada vez mais funcional e instrumental, perdendo a sua autonomia reflexiva e

tornando-se em um mero instrumento. A influência da transformação da razão, vem por diversos fatores, incluindo a separação entre razão e religião, o impacto do Iluminismo e a ênfase no aspecto instrumental da razão em detrimento de seu conteúdo

objetivo. Desta forma, conforme descreve Horkheimer, a razão tornou-se valorizada apenas por sua funcionalidade, perdendo sua capacidade de representar pensamentos com significado próprio, carente de reflexividade (Fernandes, 2008).

Essa redução da razão ao nível processual, mudou em parte pela industrialização, tornando as ideias automáticas e instrumentalizadas, como exigia a produção. De acordo com Fernandes (2008), essa análise de Horkheimer levanta questões sobre como a racionalidade influencia predominantemente o pensamento contemporâneo e suas implicações em diversas áreas, incluindo o desenvolvimento e a conservação ambiental. Tendo o desenvolvimento contemporâneo, marcado pelo foco quase exclusivo no crescimento econômico, a reflexão profunda sobre seus objetivos e significados intrínsecos ficam em segundo plano.

A questão crucial é compreender se a sociedade contemporânea valoriza o meio ambiente ou se atém a entendê-lo apenas em termos de utilidade para o desenvolvimento. Com base em Horkheimer, Fernandes (2008) considera que os problemas socioambientais são resultado de um processo histórico no qual a sociedade se desenvolve predominantemente com base em valores instrumentais, negligenciando a razão substantiva e os valores intrínsecos.

A visão de razão crítica Horkheimer, é marcada pela mecanização em detrimento da reflexão, que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da indústria e do capitalismo. Para Fernandes (2008), a falta de reflexão sobre os propósitos de desenvolvimento, permitiu que ele mantivesse suas bases principalmente no crescimento econômico. Nesse contexto, a lógica utilitarista prevaleceu, na qual apenas as ações que servem a um propósito específico são consideradas racionais, retirando o valor intrínseco das ações e seus significados próprios (Fernandes, 2008).

No contexto do turismo, o pensamento de Horkheimer, descrito por Fernandes (2008) pode ser associado à crescente ênfase dos estudos do turismo como indústria, enquanto processo produtivo e atividade econômica. Mesmo que o turismo possa ser avaliado com base em critérios econômicos, como geração de receita, emprego e

crescimento, este olhar possui uma visão reducionista e relega considerações mais amplas sobre seu impacto ambiental, social e cultural.

O que Fernandes (2008) identifica, a partir de Polanyi (2000), é a subjugação do ser humano e da natureza às engrenagens da economia de mercado, resultando na alienação do indivíduo em relação à consciência de que sociedade e natureza formam uma totalidade interconectada. O primeiro passo para restabelecer esse equilíbrio reside no reconhecimento de que somente a humanidade tem o poder de realizá-lo, através da recuperação de sua consciência. Como posto por Fernandes (2008), este processo só se concretizará se forem resgatados critérios de racionalidade que vão além da instrumentalização e do economicismo. Nessa direção, portanto, é necessário dar visibilidade aos critérios substanciais que se afastem das bases restritas ao utilitarismo.

De acordo com Polanyi (2012) uma possibilidade de equilíbrio vem da via das ciências sociais que deveriam voltar-se para o significado substantivo da economia. Compreendendo que a economia é um processo de interações que visa satisfazer as necessidades materiais, é tida como um elemento reconhecidamente fundamental para a sociedade e ao discutir a partir dela, a interação e correspondência possui maior sentido (Polanyi, 2012).

A fim de desmistificar a "falácia economicista" e romper com a obsessão intelectual em torno do mercado, Polanyi lançou como bases de um debate entre os formalistas e os substantivistas. Esclarecendo a distinção entre os dois significados da economia (formal e substantiva). O primeiro significado, "formal", está relacionado à escolha racional entre usos alternativos de recursos escassos, com o objetivo de maximização, derivando da lógica da relação entre meios e fins. O segundo significado, conhecido como "substantivo", emerge da dependência dos seres humanos em relação à natureza e à comunidade para satisfazer suas necessidades materiais, através do intercâmbio com o meio natural e social.

A economia substantiva deve ser entendida como um processo institucionalizado de interação entre seres humanos, buscando atender suas necessidades materiais por meio dos meios de vida disponíveis na sociedade (Polanyi, 2012). Esse processo econômico ocorre em dois níveis: a atividade interativa entre os seres humanos e seu ambiente, e a institucionalização desse processo.

No contexto do turismo, a distinção entre os significados “formal” e “substantivo” da economia de Polanyi pode ser aplicada para analisar a abordagem predominante no formato industrial do turismo.

A perspectiva “formal” relaciona-se com a abordagem tradicional do turismo, que frequentemente se concentra na maximização da atividade econômica e na alocação eficiente de recursos escassos, como quartos de hotel, atrações turísticas e transporte. Nessa visão, o turismo é frequentemente encarado como uma atividade econômica externa para a obtenção de benefícios econômicos, onde as decisões são baseadas na lógica da oferta e demanda.

Por outro lado, uma perspectiva “substantiva” da economia pode ser aplicada para enfatizar a importância do turismo como uma atividade intrinsecamente ligada à natureza e à comunidade. Isso implica considerar que o turismo não é apenas uma atividade econômica, mas também uma interação complexa entre os seres humanos e seu ambiente natural e social. Essa abordagem enfatiza a necessidade de considerar o impacto do turismo nas comunidades locais, na preservação do meio ambiente e no bem-estar dos residentes.

Assim, ao considerar essas duas perspectivas, é possível examinar criticamente a forma como o turismo é concebido e praticado, buscando um equilíbrio entre os objetivos econômicos e os valores substantivos, como a reciprocidade, a hospitalidade, a sustentabilidade, a valorização e preservação cultural e bem-estar das comunidades locais.

5.3 TEORIA SUBSTANTIVA: CONTRAPONTO À RACIONALIDADE ECONÔMICA

As discussões teóricas, com a intenção de qualificar e distinguir a teoria substantiva e a teoria formal da vida humana, Ramos (2022), apresenta duas questões centrais. A primeira é que a teoria da vida humana é tanto substantiva, como formal, a depender de como se analisa a categoria central: a razão, e o que se entende por racionalidade. Nesta direção os conceitos de teoria substantiva são indicativos de realidade, ao passo que os conceitos da teoria formal, são instrumentos de linguagem convencional que servem como descrição de procedimentos operacionais da vida humana (Ramos, 2022, p. 25).

A segunda consideração é que a teoria substantiva possui uma longa e profunda trajetória, com diversos pensadores ao longo da história que discutiram seus

elementos de maneira coesa com a noção de razão. No mundo moderno, na interpretação do autor, o conceito de razão foi abafado pela perspectiva funcionalista, de modo que agora é imperativo redefinir o que é "substantivo". A conclusão que se tira é que o debate racional sobre o sentido substantivo representa a essência da vida, sendo fundamental para a preservação da existência humana (Ramos, 2022).

A última qualificação consiste em compreender que a teoria substantiva como é concebida por Ramos (2022) envolve uma ordem ética superior à da teoria política e econômica. Fundamentado em Karl Polanyi, Ramos (2022) apresenta os conceitos relacionados à teoria formal como derivados da dinâmica do mercado e que, portanto, são válidos como instrumentos gerais de uma sociedade capitalista, oposta aos conceitos substantivos. A partir da integralidade da teoria da vida humana e da distinção entre a teoria formal (de ordem regulatória econômica e política) e a teoria substantiva, apresenta-se o quadro a seguir:

Quadro 11 – Distinções da teoria da vida humana por Guerreiro Ramos

| Formal | Substantiva |
|---|--|
| Os padrões necessários para a ordenação das associações humanas são dados socialmente | Os padrões necessários para a ordenação das associações humanas são racionais, isto é, auto evidentes ao senso comum individual, seja qual for o processo particular de socialização. |
| É condição fundamental para a ordem social que a economia se torne um sistema autorregulado. | É condição fundamental para a ordem social que haja regulação política da economia. |
| O estudo científico das associações humanas é isento de valor: há dicotomia entre valores e fatos. | O estudo científico das associações humanas é normativo: a dicotomia entre valores e fatos é falsa na prática e, em teoria, tende a produzir análises distorcidas. |
| O sentido da história pode ser captado pelo conhecimento que se revela por meio de uma série de estágios empírico-temporais determinados. | A história adquire sentido para o ser humano por meio do modo paradigmático de auto interpretação da comunidade politicamente organizada (<i>polity</i>). Seu sentido não pode ser captado por categorias serialistas de pensamento. |
| A ciência natural oferece o paradigma teórico para o enfoque correto de todas as questões e assuntos que a realidade apresenta. | O estudo científico peculiar das associações humanas é um tipo de inquirição por si só, distinto da ciência dos fenômenos naturais. |

Fonte: Ramos (2022), p. 56.

Na análise comparativa apresentada no Quadro 11, entre a Teoria Substantiva e a Teoria Formal, surgem distinções significativas na abordagem da ordenação das relações humanas e na compreensão da sociedade. Enquanto a teoria formal

fundamenta a determinação social, a partir dos padrões de ordenação e sugere que a economia deva ser um sistema autorregulado para que seja capaz de manter a ordem social, a teoria substantiva valoriza uma abordagem científica, com uma divisão clara entre valores e fatos.

A teoria substantiva postula que os padrões de ordenação são racionais e auto evidentes ao senso comum individual, independentemente do processo de socialização, enfatizando a necessidade de uma política de controle da economia para manter a ordem social. Ao analisar as diferenciações da teoria formal e da teoria substantiva, postas por Ramos (2022) percebe-se que as bases epistemológicas da razão substantiva, oferecem uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a natureza da racionalidade nas sociedades humanas, especialmente em contraste com as sociedades centradas no mercado.

Nesse sentido, a essência da razão substantiva é enfatizada pela ênfase na psique humana como o epicentro da razão e da necessidade de considerar valores éticos acima dos imperativos econômicos. Esse ponto de vista aponta para uma descrição do conceito de racionalidade, que historicamente esteve relacionado a valores éticos e morais, destacando a fidelidade a padrões objetivos de valores como uma característica central da racionalidade.

Outro elemento epistemológico identificado é o contraste entre as sociedades não mercantis, onde prevalece um senso comum substantivo, e as sociedades centradas no mercado, onde os imperativos externos desempenham um papel dominante. Guerreiro Ramos (2022) argumenta que nas sociedades centradas no mercado, a pressão das organizações e as persuasões desprovidas de ética muitas vezes forçam os indivíduos a agir de acordo com interesses organizacionais, em detrimento de valores éticos.

Dentro do espectro das ciências sociais, de acordo Ramos (2022), a vida humana abrange uma ampla gama de especificidades, e nem todas se enquadram nas estruturas econômicas formais. As regras operacionais e mecânicas do mundo, não podem ser aplicadas a todos os aspectos da conduta humana. Portanto, uma abordagem substantiva do turismo deve considerar não apenas sua dimensão econômica, mas também o significado simbólico que ele próprio apresenta para seus participantes.

Diante da preocupação em distinguir a racionalidade funcional e a racionalidade substantiva, Ramos (2022), inicia a sua reflexão esclarecendo que ambas são

observadas enquanto categorias fundamentais da vida humana. A partir disso, formula uma teoria substantiva apoiada em Max Weber e Thomas Hobbes e nas discussões em torno da razão da Escola de Frankfurt. Como explica o autor, Max Weber viveu num contexto histórico em que a racionalidade funcional ou formal, em grande medida tomou o lugar da racionalidade substantiva como um critério maior para a ordenação dos assuntos sociais e políticos, que perduram no decorrer da história.

Na percepção de Ramos (2022), o relativismo existente entre valor e razão, levou a vida humana a um empobrecimento intelectual e espiritual. Assim, o que move a discussão do autor em torno da formulação da teoria substantiva é compreender que elementos teóricos teriam condições de assegurar a razão substantiva enquanto categoria principal para pensar assuntos sociais e políticos.

Recordando que as abordagens formais e substantivas são complementares na medida em que oferecem perspectivas diferenciadas para a compreensão das relações humanas e da sociedade em geral e que juntas, podem fornecer uma visão mais abrangente. Enquanto a abordagem formal fornece um arcabouço importante para a organização e estabilidade social, a abordagem substantiva nos lembra da complexidade das experiências humanas e da necessidade de considerar as perspectivas individuais e culturais para uma compreensão completa da sociedade. Portanto, destaca-se que as abordagens, longe de serem mutuamente exclusivas, se complementam, proporcionando integração para a análise e compreensão das relações humanas.

As distinções entre a Teoria Substantiva e a Teoria Formal apresentadas por Ramos (2022) podem servir de inspiração para a análise e compreensão do turismo, influenciando a maneira como o campo se relaciona entre suas partes e como produz o seu conhecimento. Assim, destacam-se no Quadro 12, algumas divergências que indicam possibilidade de aprofundamento quanto a organização e interpretação do turismo, desde a compreensão da história até a abordagem científica.

Quadro 12 – A teoria substantiva e a teoria formal no contexto do turismo

| Relação com o turismo | Teoria substantiva | Teoria formal |
|---------------------------------|--|--|
| Padrões de ordenação no turismo | Os padrões de ordenação podem ser vistos como racionais e auto evidentes ao senso comum individual. Isso significa que a compreensão das práticas turísticas pode variar entre diferentes culturas | Uma abordagem formal poderia sugerir que os padrões de ordenação no turismo são determinados socialmente, talvez moldados por regulamentações e normas da “indústria” turística. |

| | | |
|---|---|--|
| | e indivíduos, mas ainda é baseada em princípios lógicos e racionais. | |
| Regulação Econômica do Turismo | A teoria substantiva pode argumentar que a regulação política da economia no setor do turismo é fundamental para manter a ordem social. Isso implica que políticas públicas e regulamentações são permitidas para garantir um desenvolvimento turístico sustentável e equitativo. | Por outro lado, a teoria formal poderia sustentar que a economia do turismo deve ser autorregulada, talvez com pouca intervenção governamental. Isso poderia resultar em uma abordagem mais orientada pelo mercado potencializando as desigualdades. |
| Compreensão da Realidade Turística | A abordagem substantiva defende que a compreensão é normativa, significando na realidade turística que não há uma separação estrita entre valores e fatos. Isso pode implicar que a análise do turismo deve levar em consideração não apenas dados objetivos, mas também questões éticas e sociais. | A teoria formal mantém uma abordagem isenta de valor, separando claramente valores e fatos na análise. No turismo, isso poderia se traduzir em uma análise mais orientada por números, uma abordagem quantitativa e objetiva. |
| Sentido da História no Turismo | A teoria substantiva sugere que o sentido da história é construído através da autointerpretação da comunidade politicamente organizada (<i>polity</i>). Isso no turismo implica em dar significado ao turismo a partir do contexto em que ele se localiza, ou seja, ele pode variar de acordo com as perspectivas das comunidades locais e das entidades políticas daquele local. Estabelecido de dentro para fora. | Por outro lado, a teoria formal pode argumentar que o sentido da história no turismo pode ser captado por meio de uma série de projetos empírico-temporais determinados, talvez vinculados ao desenvolvimento econômico ou à evolução das práticas turísticas. Estabelecido de fora para dentro. |
| Estudo das Associações Humanas no Turismo | A abordagem substantiva relativa à investigação das interações humanas, abrangendo aquelas relacionadas ao turismo, como uma pesquisa independente. Isso implica que o turismo deve ser analisado de acordo com suas próprias características, sendo reconhecido como uma especificidade humana distintiva, em vez de ser enquadrado apenas nos paradigmas da ciência natural. | A abordagem formal adota uma perspectiva mais ampla, considerando a investigação das interações humanas, inclusive no contexto do turismo, como parte de uma abordagem científica global que pode seguir os paradigmas da ciência natural. |

Fonte: autoria própria (2023) com base em Ramos (2022).

Os padrões de ordenação no turismo são interativos e se dão de duas maneiras distintas: pela perspectiva da Teoria Substantiva enfatiza a subjetividade e a diversidade cultural, permitindo diferentes abordagens culturais e individuais, embora

ainda que baseadas em princípios lógicos e racionais. Por outro lado, na Teoria Formal destaca a influência das normas sociais e regulamentações dos produtos e serviços que compõem a oferta turística, buscando pela padronização e uniformidade para garantir qualidade e segurança nas experiências turísticas. Enquanto a Teoria Substantiva valoriza a adaptabilidade e a compreensão intercultural, a Teoria Formal busca a confiabilidade e a previsibilidade, ambas registrando a importância dos padrões de ordenação no turismo.

A regulação econômica de um modo geral, também pode ser abordada pelas duas teorias: sob a ótica da Teoria Substantiva enfatiza a importância da intervenção política e a orientação governamental para garantir um desenvolvimento turístico sustentável e equitativo, com foco na equidade e na preservação ambiental. Enquanto na Teoria Formal argumenta por uma maior autorregulação do mercado, potencializando a eficiência econômica, mesmo que esteja sujeita ao risco de desigualdades e exploração. A escolha entre essas perspectivas depende das prioridades e das características individuais de cada território em relação ao turismo e seus impactos socioeconômicos e ambientais.

Diante do dilema fundamental na compreensão da realidade turística, a Teoria Substantiva argumenta que valores éticos e sociais desempenham um papel intrínseco na compreensão do turismo, enquanto a Teoria Formal busca uma abordagem objetiva, separando valores e fatos. Essa dicotomia reflete a complexidade do fenômeno do turismo, que não pode ser reduzido apenas a números e dados quantitativos, uma vez que envolve experiências humanas, culturais e éticas. No entanto, a busca por uma análise isenta de valor, pode negligenciar questões cruciais relacionadas a impactos socioambientais e equidade no turismo. Portanto, uma abordagem equilibrada que reconheça a interconexão entre valores e fatos no contexto do turismo é essencial para uma compreensão abrangente e significativa.

A compreensão do sentido da história no turismo, apresenta uma dicotomia fundamental. Enquanto a Teoria Substantiva enfatiza a importância da interpretação interna, dando voz às comunidades locais e às entidades políticas para construir uma prática de turismo a partir de seu contexto específico, a Teoria Formal busca uma abordagem mais externa, baseada em marcos temporais e projetos específicos. Essa diferença reflete a complexidade do turismo, que pode ser vista como uma especificidade que se desdobra tanto de dentro para fora, através das perspectivas locais, quanto de fora para dentro, por meio de fatores econômicos e

desenvolvimentos específicos. O desafio é encontrar um equilíbrio entre essas abordagens para uma compreensão completa do sentido da história no turismo, acompanhando tanto os contextos locais quanto as influências globais que moldam essa dinâmica.

A abordagem do estudo das relações humanas no turismo, sob as perspectivas da Teoria Substantiva e da Teoria Formal, destaca uma diferença na maneira como essas interações são abordadas. Na Teoria Substantiva defende uma pesquisa independente e específica para o turismo, registrando-o como uma área única que requer análise aprofundada de suas particularidades humanas distintas. A Teoria Formal adota uma visão mais ampla, enquadrando o estudo das interações humanas no turismo como parte de um paradigma global. Essa divergência levanta questões cruciais sobre como entender o turismo: como uma disciplina singular que merece sua própria investigação em profundidade, ou como uma parte integrante de um contexto científico mais amplo? Encontrar um equilíbrio entre essas perspectivas é essencial para uma compreensão holística e completa das relações humanas no turismo, registrando tanto suas especificidades quanto sua conexão com os princípios científicos gerais.

Assim como a ciência não é a única forma válida de conhecimento, o turismo não deve ser limitado apenas ao seu potencial econômico, instrumental. Arte, mito e história também são formas legítimas de conhecimento, cada uma oferecendo diferentes tipos de experiências. O bloqueio da interação simbólica nos lembra que há várias maneiras de adquirir conhecimento e que a existência social não pode ser reduzida a categorias estritamente mecânicas (Ramos, 2022).

Uma vez que o turismo se revela como um campo complexo, repleto de significados e interações que vão além das análises estritamente financeiras. O conhecimento científico do turismo indica para a necessidade de transcender a sua compreensão, que caminha nesta tese para os aspectos substantivos, simbólicos, éticos, históricos e culturais que permeiam a experiência humana no turismo.

Nessa direção, a intenção do Quadro 12 foi de apresentar um paralelo diante da possibilidade de ampliação e complementaridade das teorias formais e substantivas de Ramos (2022). Dando continuidade, organiza-se no Quadro 13 os elementos teóricos da razão substantiva de Guerreiro Ramos como possibilidade interpretativa ao fenômeno turístico.

Quadro 13 – Elementos da razão substantiva e contribuições ao fenômeno do turismo

| Elementos teóricos da razão substantiva | Descritivo | Contribuições no fenômeno do turismo |
|---|--|---|
| Autorrealização | São processos de concretização do potencial do indivíduo, complementado pela satisfação. | Pautar no desenvolvimento de experiências de realização das capacidades individuais, acompanhadas pela sensação de contentamento. |
| Entendimento | Ações de consenso e acordo, mediadas de forma livre e coordenada para a responsabilidade e satisfação social. | Promoção de um ambiente de cooperação para proporcionar experiências de viagem satisfatórias aos turistas. Além disso, a responsabilidade social no turismo envolve ações coordenadas para minimizar o impacto ambiental e cultural do turismo, garantindo a sustentabilidade das comunidades locais e a satisfação dos visitantes. |
| Julgamento ético | Essa deliberação se fundamenta na avaliação de justiça de valor, que inclui conceitos de bom e mau, verdadeiro e falso, certo e errado, e ocorre por meio de discussão racional sobre as reivindicações de validade apresentadas pelos indivíduos durante suas interações. | A deliberação baseada em juízos de valor no turismo deve ser centrada nas comunidades receptoras. Elas deveriam ser soberanas no julgamento ético dos seus espaços em relação a adoção de práticas envolvendo o turismo. |
| Autenticidade | Volta-se a integridade, honestidade e franqueza dos indivíduos em suas interações. | A autenticidade é um elemento essencial no contexto do turismo, pois está intrinsecamente relacionada à manutenção da realidade e das características identitárias de cada território. Considerando o turismo um mecanismo de vivência genuína, a autenticidade presente na cultura local, nos costumes e nas tradições são sinônimo de respeito às comunidades locais. Portanto, no cenário turístico contemporâneo, a autenticidade influencia diretamente na satisfação dos turistas e na manutenção sustentável dos destinos. |
| Valores Emancipatórios | Valores que promovem transformações e melhorias na sociedade, desenvolvem o bem-estar coletivo, a solidariedade, o respeito à individualidade, a liberdade e o comprometimento, tanto em nível individual como no contexto normativo do grupo. | Os valores emancipatórios podem ser associados ao turismo quando se trata do desenvolvimento de práticas e políticas que direcionam ao bem-estar tanto de turistas, como das comunidades locais. Fomentam a solidariedade entre diferentes grupos, respeito a individualidade dos visitantes e dos habitantes locais, garantindo a liberdade de escolha e mobilidade dos turistas, e a promoção e comprometimento com práticas sustentáveis e responsáveis na comercialização do turismo. Valores como respeito cultural, sustentabilidade, |

| | | |
|-----------|--|--|
| | | inclusão e responsabilidade social são exemplos de como esses princípios podem ser aplicados no contexto turístico para melhorar a experiência dos viajantes e o impacto positivo nas comunidades locais. |
| Autonomia | É a capacidade total dos indivíduos de agir e se comunicar livremente durante suas interações. | A autonomia no turismo representa tanto uma busca por experiências de viagem personalizadas e específicas quanto a um desafio crítico. Enquanto o conceito representa mais liberdade de escolha também resulta em pressão sobre os recursos naturais e culturais dos destinos. Levando a preocupações sobre a sustentabilidade, poder e à desigualdade. Turistas privilegiados tendo mais recursos para moldar suas experiências, enquanto comunidades locais podem ter menos autonomia. Encontrar um equilíbrio entre a busca pela autonomia e a responsabilidade pelos impactos é um desafio central do turismo contemporâneo. |

Fonte: autoria própria (2023).

As contribuições dos elementos da razão substantiva no turismo são complexas e indicam oportunidades de aprofundamento científico, tanto sobre os desdobramentos no âmbito da oferta como da demanda turística. No que tange a abordagem epistemológica, é indicativa de valorização da percepção humana e social do turismo.

Pela compreensão do julgamento ético, dos valores emancipatórios e da autonomia, são contribuições diretas na construção de um turismo mais responsável e enriquecedor tanto para os visitantes quanto para as comunidades locais envolvidas. Pois implica na preservação das identidades culturais e nas tradições das comunidades locais, não apenas respeitando a diversidade cultural, mas também contribuindo para a satisfação dos turistas, que buscam experiências genuínas, distanciando a possibilidade dos destinos se tornarem lugares estereotipados e descaracterizados.

A contribuição do juízo de valor no turismo pode associar-se a um processo inclusivo, onde as comunidades receptoras tenham voz ativa nas decisões relacionadas ao turismo em suas regiões. Isso não apenas respeita a soberania das comunidades, mas também poderia servir de garantia para o desenvolvimento de práticas turísticas mais éticas e homologadas com os valores locais. O que seria um

passo essencial para creditar valores emancipatórios em uma abordagem mais solidária e responsável do turismo.

Nessa direção, a autonomia, como contribuição indicaria a atenção contínua. Apesar de estar associada a uma percepção mais respeitosa à individualidade dos visitantes, a promoção da inclusão, a busca pela sustentabilidade e o comprometimento com práticas responsáveis na esfera da comercialização do turismo. A autonomia, ao mesmo tempo em que permitiria que os turistas personalizassem suas experiências, também poderia resultar em desafios relacionados à sustentabilidade, ao poder e à desigualdade. Exigindo que o equilíbrio entre a busca pela autonomia e a responsabilidade pelos impactos estivesse em permanente desafio dos atores envolvidos, requerendo políticas e práticas cuidadosamente planejadas. A contribuição pelo elemento da autonomia, deve ser exercida de forma consciente e responsável, levando em consideração o bem-estar das comunidades locais e a preservação dos recursos naturais e culturais.

Considerando que o turismo não deve ser apenas uma exploração econômica, mas também uma oportunidade de enriquecimento cultural, respeito pelas tradições locais e uma conexão mais profunda com o significado simbólico das experiências de viagem, os elementos da razão substantiva de Ramos (2022) contribuem para ampliar e subsidiar a compreensão do turismo como uma atividade mais ética, sustentável e enriquecedora.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo desvendar os elementos epistemológicos substantivos do turismo como fenômeno social e humano. Adotou por método da Ontologia Epistemologia Crítica do Concreto aplicado às Ciências Humanas Sociais Aplicadas. A construção do percurso metodológico permitiu uma interpretação crítica do turismo, para além do sistema de mercadorias, reconhecendo a possibilidade de pluralidade epistemológica aplicáveis a sua compreensão.

A produção do conhecimento científico foi historicamente moldada pelos países hegemônicos, uma influência que reflete estruturas de poder, sistemas geopolíticos e relações desiguais. Esta dinâmica desproporcional não apenas impactou a distribuição do conhecimento, mas também definiu o que é considerado legítimo e valioso, inclusive no campo do turismo. Os países situados no "centro" do sistema mundial, detêm acesso privilegiado a recursos financeiros, tecnológicos e acadêmicos. Essa vantagem se reflete na liderança em pesquisas, publicações em revistas internacionais e na definição das agendas de pesquisa globais, que moldam o campo científico de maneira desigual.

O denominado "colonialismo do conhecimento" é uma manifestação que emerge da pesquisa. Onde ficou exposto que o conhecimento dos países hegemônicos é considerado padrão, enquanto conhecimentos ou saberes de outras regiões são marginalizadas dentro do contexto de produção acadêmica global. Este processo perpetua desigualdades e reforça a ideia de que o conhecimento válido é aquele produzido nos centros dominantes. Nessa direção a pesquisa chama a atenção para a influência da perspectiva colonial nas abordagens interpretativas do turismo, que centraliza e legitima o conhecimento de forma desigual.

Ao promover as análises epistemológicas no campo científico do turismo, a pesquisa revela que as estruturas interpretativas são predominantemente estabelecidas neste molde. Se aproximando de uma "monocultura" científica, que favorece certas abordagens em detrimento de formas de conhecimento local, limitando diretamente a compreensão do turismo enquanto fenômeno social e humano e desvalorizando a essência presente em cada território.

Além disso, constatou-se que a produção acadêmica global em turismo está predominantemente centrada em abordagens operacionais voltadas para as necessidades mercadológicas, caracterizando um cenário acadêmico aplicado,

instrumental e prático. Nesse contexto, abordagens voltadas para uma compreensão ampla do fenômeno, com aprofundamento reflexivo e filosófico, são periféricas no universo científico da área.

O reconhecimento dos elementos epistemológicos substantivos no campo do turismo, revelados pela tese, representa uma significativa contribuição para a comunidade científica e acadêmica, capaz de tensionar os conhecimentos hegemônicos do turismo. A solidariedade, resiliência, confiança e reciprocidade apontam como elementos de uma visão progressista de mundo que desafia a dinâmica de valorização do território na promoção do bem-estar humano, contribuindo para a desconstrução de estruturas teóricas padronizadas e impulsionando transformações no campo.

Conclui-se que a trajetória epistemológica no turismo promoveu uma abordagem crítica e reflexiva ao trabalho, que resultou em uma revisão e aprimoramento das teorias existentes. Permitindo a abertura para discussões interpretativas dos fenômenos contemporâneos, conectados à valorização territorial.

A pesquisa também contribuiu para a construção de um corpo de conhecimento diversificado e culturalmente sensível, essencial em um setor global como o turismo, onde as práticas e experiências variam amplamente entre diferentes regiões e comunidades. Apresentando subsídios para uma abordagem mais inclusiva capaz de valorizar a territorialidade e a riqueza da diversidade cultural, de maneira aplicável e inovadora.

REFERÊNCIAS

ABBASIAN, F.; KAWA, A. Dark Side of Digital Transformation in Tourism. In: Nguyen, N., Gaol, F., Hong, TP., Trawiński, B. (eds) Intelligent Information and Database Systems. ACIIDS 2019. **Lecture Notes in Computer Science**, vol 11432. Springer, Cham. https://doi-org.ez48.periodicos.capes.gov.br/10.1007/978-3-030-14802-7_44.

AITCHISON, C.C. Feminist and gender perspectives in tourism studies: The social-cultural nexus of critical and cultural theories. **Tourist Studies**, v. 5, n. 3, p. 207-224, 2005. <https://doi.org/10.1177/1468797605070330>.

AJANOVIC, E.; CIZEL, B. How interdisciplinarity helps knowledge production: Reflections on a doctoral dissertation. **Journal of Hospitality Leisure Sport & Tourism Education**, n. 16, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2021.100310>.

ALCÂNTARA, M. F de. 2018. "Gentrificação". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>. Acesso em: 06 set 2023.

ALVARENGA, A. T. de; et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Org.). **Interdisciplinaridade em Ciência Tecnologia & Inovação**. 1ed. Barueri: Manole, 2011. p. 3-68.

AQUINO, R. Towards decolonising tourism and hospitality research in the Philippines, **Tourism Management Perspectives**, V. 31,p. 72-84, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2019.03.014>.

ATELJEVIC, I; et al. Getting 'entangled': Reflexivity and the 'critical turn' in tourism studies. **Tourism Recreation Research**, 30(2), p.9-21, 2005. <https://doi.org/10.1080/02508281.2005.11081469>.

AZEVEDO, A; ALBERNAZ, R. O. A Razão d'A Nova Ciência das Organizações. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 13, p. 593-604, 2015. <https://doi.org/10.1590/1679-395152993>.

BÆRENHOLDT, J. O.; HALDRUP, M. On the track of the Vikings. In: _____. **Tourism Mobilities**. Routledge, 2004. p. 90-101. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203340332-14/track-vikings-j%C3%B8rgen-ole-b%C3%A6renholdt-michael-haldrup>. Acesso em 14 jan. 2023.

BARRETTO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes antropológicos**, v. 9, p. 15-29, 2000.

BEAUVOIR, S de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

- BELHASSEN, Y; CATON, K. Advancing understandings: A linguistic approach to tourism epistemology. **Annals of Tourism Research**, v. 36, n. 2, p. 335-352, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.01.006>.
- BENI, M. Política e estratégia de desenvolvimento regional. Planejamento integrado do turismo. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, v. 1, p. 79-86, 1997.
- BOTTERILL, D. An autoethnographic narrative on tourism research epistemologies. **Loisir et société/Society and Leisure**, v. 26, n. 1, p. 97-110, 2003. <https://doi.org/10.1080/07053436.2003.10707608>.
- BOTTERILL, D. The epistemology of a set of tourism studies. **Leisure Studies**, v. 20, n. 3, p. 199-214, 2001. <https://doi.org/10.1080/02614360127084> Acesso em: 15 ago 2021.
- BOWMAN, M. Privileged Ignorance, "World"-Traveling, and Epistemic Tourism. **Hypatia**, v. 35, n. 3, p. 475-489, 2020. <https://doi.org/10.1017/hyp.2020.25>.
- BOYER, M. et al. Tourism, a specific epistemology. **Loisir et société**, v. 20, n. 2, p. 455-477, 1997. <https://doi.org/10.1080/07053436.1997.10715553>.
- BUHALIS, D. **Shifting Consumer expectations makes industry react**. 2009. Tese de Doutorado. Bournemouth University.
- BUHALIS, D; AMARANGGANA, A. Smart tourism destinations enhancing tourism experience through personalisation of services. *In: Information and Communication Technologies in Tourism 2015: Proceedings of the International Conference, Anais...*, in Lugano, Switzerland, February 3-6, 2015. Springer International Publishing, 2015. p. 377-389. https://doi.org/10.1007/978-3-319-14343-9_28.
- BUTLER, R. The concept of a tourist area cycle of evolution: Implications for management of resources. **Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 24, n. 1, p. 5-12, 1980.
- BUTOWSKI, L. Tourism as a discipline in light of the non-classical sociology of science. **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 16, n. 4, p. 436-454, 2018. <https://doi.org/10.1080/14766825.2016.1237959>.
- CARNEIRO, H. S. The multiple imaginary of modern voyages: science, literature, and tourism. *História, Questões & Debates: Revista da Associação Paranaense de Historia*, v. 18, n. 35, p. 227-247, 2001. Disponível em: <https://europepmc.org/article/med/19655464> Acesso em: 06 maio 2022.
- COHEN, E. Confirmation versus contestation of tourism theories in tourist jokes. **Tourism Analysis**, v. 15, n. 1, p. 3-16, 2010. <https://doi.org/10.3727/108354210X12724734223478>.
- COOPER, C. Knowledge management and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 1, p. 47-64, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2005.04.005>.

COOPER, Chris. Managing tourism knowledge. **Tourism Recreation Research**, v. 40, n. 1, p. 107-119, 2015. <https://doi.org/10.1080/02508281.2015.1006418>.

CORRÊA, S. C., & GOSLING, M. D. (2020). *Grounded Theory*: uma abordagem metodológica congruente com a pesquisa em turismo. **Rosa dos Ventos**, 12(4), 839-859. <https://doi.org/10.18226/21789061.v12i4p839>.

DE FARIA, J. H; DE SOUZA WALGER, C. O lugar da universidade pública: referência social ou fator de desenvolvimento das forças produtivas? **Revista NUPEM**, v. 12, n. 27, p. 12-33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5635>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DOMÍNGUEZ, A. Q; RUSSO, A. Paisajes urbanos en la época post-turística. Propuesta de un marco analítico. **Scripta Nova**, v. 14, n. 323, 2010.

DREDGE, D; JAMAL, T. Progress in tourism planning and policy: A post-structural perspective on knowledge production. **Tourism Management**, v. 51, p. 285-297, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.06.002>.

Dublin: Springer International Publishing Switzerland, 2014. p.553–564. <http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-03973-2>.

DUTRA E SILVA, S.; FERNANDES, V. Humanidades: desencantamento e desafios. **Revista NUPEM**, v. 12, n. 27, p. 62-77, 2020. <https://doi:10.33871/nupem.2020.12.27.62-77..>

ECHTNER, C. M.; JAMAL, T. B. The disciplinary dilemma of tourism studies. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 4, p. 868-883, 1997. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00060-1](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00060-1).

ESPESO-MOLINERO, P; CARLISLE, S; PASTOR-ALFONSO, M. J. Knowledge dialogue through indigenous tourism product design: A collaborative research process with the Lacandon of Chiapas, Mexico. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 24, n. 8-9, p. 1331-1349, 2016. <https://doi.org/10.1080/09669582.2016.1193188>.

FARIA, J. H de. Epistemologia crítica, metodologia e interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR, Arlindo; FERNANDES, Valdir. (Org.). **Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa**. 1 ed. Barueri: Manole, 2015. p. 91-136.

FARIA, J.H de. **Introdução à epistemologia**: dimensões do ato epistemológico. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco, 2022.

FARIA, J.H de; MENEGHETTI, F. K. O sequestro da subjetividade. **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**, v. 1, p. 45-67, 2007.

FERNANDES, F. R. **Comunidades de prática**. 2022. Tese (Doutorado em Gestão da Informação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/80766/R%20-%20T%20-%20FLAVIA%20ROBERTA%20FERNANDES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 1 set. 2023.

FERNANDES, V. A racionalização da vida como processo histórico: crítica à racionalidade econômica e ao industrialismo. **Cadernos EBAPE.br**, v. 6, p. 01-20, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512008000300002>.

FERNANDES, V. Divulgação científica nas ciências ambientais: o que não é conhecido não é valorizado. In: SAMPAIO, C. A. C.; PHILIPPI JR., A.; SOBRAL, M. C. M. (Eds.). **Impacto das ciências ambientais na Agenda 2030 da ONU**. Volume II. São Paulo, IEA/USP, 2023.

FERNANDES, V. Interdisciplinaridade: a possibilidade de reintegração social e recuperação da capacidade de reflexão na ciência. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 7, n. 2, p. 65-80, 2010. <http://doi.org/10.5007/1807-1384.2010v7n2p65>.

FERNANDES, V.; PHILIPPI JR, A. Sustainability Science. **The Oxford handbook of interdisciplinarity**, p. 370, 2017.

FERNANDES, Valdir. Dossiê: A universidade como agente de desenvolvimento cultural, social e econômico. **Revista NUPEM**, v. 12, n. 27, p. 6-11, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7884866.pdf> Acesso em: 15 ago. 2021.

FILGUEIRAS, L. **Neoliberalismo e crise na América Latina: o caso do Brasil**. S/D, 2009. <https://core.ac.uk/download/pdf/35171093pdf>. Acesso em 06 maio 2022.

FRANKLIN, A. Tourism as an ordering: Towards a new ontology of tourism. **Tourist Studies**, v. 4, n. 3, p. 277-301, 2004. <https://doi.org/10.1177/1468797604057328>.

FULLAGAR, S.; WILSON, E. Critical pedagogies: A reflexive approach to knowledge creation in tourism and hospitality studies. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 19, n. 1, p. 1-6, 2012. <https://doi.org/10.1017/jht.2012.3>.

GETZ, D. Models in tourism planning: Towards integration of theory and practice. **Tourism Management**, v. 7, n. 1, p. 21-32, 1986. [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(86\)90054-3](https://doi.org/10.1016/0261-5177(86)90054-3).

GNOTHA, J. *et al.* Authentic knowledge and empathy in tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 50, p. 170-172, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2014.11.010>.

GOMES, E. L.; GÂNDARA, J. M.; IVARS-BAIDAL, J. A. É importante ser um destino turístico inteligente? A compreensão dos gestores públicos dos destinos do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo**, v. 11, p. 503-536, 2017. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v11i3.1318>.

GRABURN, N. H.; JAFARI, J. Introduction: Tourism social science. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 1, p. 1-11, 1991.

GREN, M; HUIJBENS, E. H. Tourism theory and the earth. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 1, p. 155-170, 2012. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.05.009>.

GRETZEL, U et al. Conceptual foundations for understanding smart tourism ecosystems. **Computers in Human Behavior**, v. 50, p. 558-563, 2015.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.03.043>.

GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. A. C. Turismo de base comunitária: convivencialidade e conservação ambiental. **Brazilian Journal of Environmental Sciences (Online)**, n. 19, p. 57-68, 2011. Disponível em:
https://www.rbciamb.com.br/Publicacoes_RBCIAMB/article/view/362. Acesso em: 02 out. 2023.

HALL, C. Michael. Reconsidering the geography of tourism and contemporary mobility. **Geographical Research**, v. 43, n. 2, p. 125-139, 2005.
<https://doi.org/10.1111/j.1745-5871.2005.00308.x>.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JAFARI, J; RITCHIE, J.R. B. Toward a framework for tourism education: Problems and prospects. **Annals of Tourism Research**, v. 8, n. 1, p. 13-34, 1981.
[https://doi.org/10.1016/0160-7383\(81\)90065-7](https://doi.org/10.1016/0160-7383(81)90065-7).

JAFARI, Jafar. La científización del turismo. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 3, n. 1, p. 7-36, 1994.
http://materiales.untrefvirtual.edu.ar/documentos_extras/Maestria_en_Gestion_Tur_d_el_Patrim/LA_CIENTIFIZACION_DEL_TURISMO_-_Jafari_Jafar.pdf Acesso: 15 ago. 2021.

JAMAL, T. B.; CHOI, H. The tourism researcher's gaze: knowledge, attitudes and practices concerning qualitative research. **Anatolia**, v. 14, n. 2, p. 143-159, 2003.
<https://doi.org/10.1080/13032917.2003.9687022>.

JAMAL, T. B.; GETZ, D. Collaboration theory and community tourism planning. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 1, p. 186-204, 1995.
[https://doi.org/10.1016/0160-7383\(94\)00067-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(94)00067-3).

JAMAL, T; LEE, J. Integrating micro and macro approaches to tourist motivations: Toward an interdisciplinary theory. **Tourism Analysis**, v. 8, n. 1, p. 47-59, 2003.
<https://doi.org/10.3727/108354203108750166>.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Livraria F. Alves Editora, 1986.

KORSTANJE, M. E. The epistemological structure of mobilities: tourism, touring and consumption in the days of terrorism. **Journal of Tourism Analysis: Revista de Análisis Turístico**, v. 25, n. 1, p. 54-67, 2018. <https://doi.org/10.1108/JTA-02-2018-0006>.

LAI, K.; LI, J.; SCOTT, N. Tourism problemology: Reflexivity of knowledge making. **Annals of Tourism Research**, v. 51, p. 17-33, 2015.
<https://doi.org/10.1016/j.annals.2014.12.003>.

LANDER, E. *et al.* (Ed.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais**, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>. Acesso em 06 mai 2022.

LEIPER, N. Are Destinations 'The Heart of Tourism'? The Advantages of an Alternative Description. **Current Issues in Tourism**. 3. 364-368, 2000. <https://doi.org/10.1080/13683500008667878>.

LENGFELDER, J; OBENOUR, W; CUNEEN, J. A curriculum for the tourism industry: Establishing a body of knowledge. **SCHOLE: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education**, v. 9, n. 1, p. 21-32, 1994. <https://doi.org/10.1080/1937156X.1994.11969320>.

L'ESPOIR DECOSTA, J; GRUNEWALD, A. Logies of tourismology: the need to include meta-theories in tourism curricula. **Journal of Teaching in Travel & Tourism**, v. 11, n. 3, p. 289-303, 2011. <https://doi.org/10.1080/15313220.2011.597640>.

LYPOVETSKY, G. **A Sociedade da sedução**: democracia e narcisismo na hipermodernidade liberal. Barueri, SP: Manole, 2020.

MACKENZIE, N. G.; PITTAKI, Z; WONG, N. Historical approaches for hospitality and tourism research. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 32, n. 4, p. 1469-1485, 2020. <https://doi.org/10.1108/IJCHM-03-2019-0273>.

MACKENZIE, N. G.; PITTAKI, Z.; WONG, N. Historical approaches for hospitality and tourism research. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, 2019.

MALDONADO-TORRES, N. El pensamiento filosófico del “giro descolonizador”. El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe, y “latino” (1300-2000): historia, corrientes y filósofos, p. 683-697, 2009.

MARINHO, M. F.; DOS SANTOS, M. M.; FERREIRA, L.T. Produção de conhecimento em Turismo, Ensino Superior e Interdisciplinaridade na base de dados Scopus: achados investigativos (1991 a 2015). **Revista Turismo em Análise**, v. 30, n. 2, p. 367-390, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v30i2p367-390>.

MASSEY, D. Taking on the world. **Geography**, 99:1, 36-39, 2014. <https://doi.org/10.1080/00167487.2014.12094389>.

MATTEUCCI, X; GNOTH, J. Elaborating on grounded theory in tourism research. **Annals of Tourism Research**, v. 65, p. 49-59, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2017.05.003>.

MATTHEWS, H. G.; RICHTER, L. K. Political science and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 1, p. 120-135, 1991. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(91\)90043-B](https://doi.org/10.1016/0160-7383(91)90043-B).

MAX-NEEF, M. A. **Desenvolvimento a escala humana**: concepção, aplicação e reflexões posteriores. Blumenau: Edifurb, 2012.

MEIRA, F.; MEIRA, M. Considerações sobre um campo científico em formação: Bourdieu e a "nova ciência" do turismo. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2007, v. 5, n. 4 [Acessado 6 Agosto 2022], pp. 01-18. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512007000400006>. Epub 06 Jul 2012. ISSN 1679-3951.

MENDES, B. A perspectiva sistêmica no estudo do turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. e-2615, 2022. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2615>.

MENDES, B. C.; CAVENAGHI, A. J. A hospitalidade pelas dimensões do acolhimento e pertencimento: uma análise sobre a percepção do anfitrião-residente de Campos do Jordão. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 162-184, 2021. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v32i1p162-184. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/180028>. Acesso em: 3 out. 2023.

MILNE, S; ATELJEVIC, I. Tourism, economic development and the global-local nexus: Theory embracing complexity. **Tourism Geographies**, v. 3, n. 4, p. 369-393, 2001. <https://doi.org/10.1080/146166800110070478>.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, M. M. O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. **Revista Cenário**, v. 1, n. 1, p. 8-28, 2013. <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v1i1.15206>.

MUNAR, A. Rethinking globalization theory in tourism. **Tourism Culture & Communication**, v. 7, n. 2, p. 99-115, 2007. <https://doi.org/10.3727/109830407780339044>.

MURA, P; SHARIF, S. P. Narrative analysis in tourism: a critical review. **Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism**, v. 17, n. 2, p. 194-207, 2017. <https://doi.org/10.1080/15022250.2016.1227276>.

MURPHY, P. E. Tourism course proposal for a social science curriculum. **Annals of Tourism Research**, v. 8, n. 1, p. 96-105, 1981. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(81\)90070-0](https://doi.org/10.1016/0160-7383(81)90070-0).

NASH, D; SMITH, V. L. Anthropology and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 1, p. 12-25, 1991. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(91\)90036-B](https://doi.org/10.1016/0160-7383(91)90036-B).

NETTO, A. P.; NECHAR, M. C. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 120-144, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5041/504151938008.pdf> Acesso em: 15 ago. 2021.

NETTO, A. P; NOGUERO, F. T; JÄGER, M. Por uma visão crítica nos estudos turísticos. **Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 3, p. 539-560, 2011. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v22i3p539-560>.

PAIVA, R. A. Sobre a relação turismo e urbanização. **PosFAUUSP**, [S. l.], v. 20, n. 33, p. 126-145, 2013. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v20i33p126-145. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/80924>. Acesso em: 3 out. 2023.

PAKMAN, E. T. Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à História do Pensamento Turístico. *In*: XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, **Anais....** 2014. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/34.pdf> Acesso em: 15 ago. 2021.

PICARD, R. Mapping Digital Media: Digitization And Media Business Models. **Program on Independent Journalism**. 2021. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/uploads/226aec3a-9d1f-4cc0-b9a1-1ad9ccedda55/digitization-media-business-models-20110721.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PIGEASSOU, C; BUI-XUAN, G.; GLEYSE, J. Epistemological issues on sport tourism: Challenge for a new scientific field. **Journal of Sport Tourism**, v. 8, n. 1, p. 27-34, 2003. <https://doi.org/10.1080/14775080306241>.

PINE, B. J; GILMORE, J. **O espetáculo dos negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PLATENKAMP, V; BOTTERILL, D. Critical realism, rationality and tourism knowledge. **Annals of Tourism Research**, v. 41, p. 110-129, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.12.006>.

POLANYI, K. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 382 p.

PPGTE – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. Área de concentração. 2020. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/cursos/coordenac>

PREISTER, K. The theory and management of tourism impacts. **Tourism Recreation Research**, v. 14, n. 1, p. 15-22, 1989. <https://doi.org/10.1080/02508281.1989.11014539>.

RAMOS, G. A. **A Nova Ciência das Organizações**. Rio de Janeiro: Enunciado Publicações, 2022.

RANIERI, N.B.S. Thirty years of University Autonomy: different results, contradictory effects. **Educação & Sociedade**, v. 39, p. 946-961, 2018. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018205173>.

RAYNAUT, C. Um antropólogo entre dedicação científica e compromisso social. **Revista Nupem**. Campo Mourão. v. 12, n. 27, p. 34-61. set/dez. 2020. <https://doi.org/10.33871/nupem.2020.12.27.34-61>.

REN, C. (Staying with) the trouble with tourism and travel theory?. **Tourist Studies**, v. 21, n. 1, p. 133-140, 2021. <https://doi.org/10.1177/1468797621989216>.

REN, C; VAN DER DUIM, R; JÓHANNESSON, G. T. Messy realities and collaborative knowledge production in tourism. **Tourist Studies**, v. 21, n. 2, p. 143-155, 2021.

RUSSO, P.A. The new frontiers of the study of tourism: conceptual and epistemological challenges. **REVISTA CIDOB D AFERS INTERNATIONALS**, n. 113, p. 15-32, 2016.

SAMPAIO, C. **Turismo como Fenômeno Humano**: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, B. de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**, v. 2, 2000.

SCHENKEL, E et al. The social tourism of the 21st century: a policy for the consumers or the service providers? Analysis of Argentine policy over the period 2000-2015. **Apuntes. Revista de Ciencias Sociales**, v. 45, n. 83, p. 67-90, 2018.

SHARPLEY, R. Tourism and development theory: Which way now?. **Tourism Planning & Development**, v. 19, n. 1, p. 1-12, 2022.
<https://doi.org/10.1080/21568316.2021.2021475>.

SILVA, F. P. da; BALTAR, P.; LOURENÇO, B. Colonialidade do Saber, Dependência Epistêmica e os Limites do Conceito de Democracia na América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15980>. Acesso em: 3 out. 2023.

SMITH, M. K.; ZÁTORI, A. Re-thinking host-guest relationships in the context of urban ethnic tourism. Negotiating the local in tourism. **Clevedon: Channel View**, p. 129-150, 2016.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5335/533557910005/533557910005.pdf>. Acesso em: 3 out. 2023.

TADIOTO, M.V.; CAMPOS, L.; VIANNA, S. Epistemologia do Turismo: um estudo sobre as correntes teóricas predominantes nas publicações em Turismo IberoAmericanas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, 2022.
<https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.23601>.

TRIBE, J. Creating and curating tourism knowledge. **Annals of Tourism Research**, v. 73, p. 14-25, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.08.004>.

TRIBE, J. The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0).

TRIBE, J. The truth about tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 2, p. 360-381, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2005.11.001>.

TRIBE, J; LIBURD, J.J. The tourism knowledge system. **Annals of Tourism Research**, v. 57, p. 44-61, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.11.011>.

UDOVITA, P. Conceptual review on dimensions of digital transformation in modern era. **International Journal of Scientific and Research Publications (IJSRP)**, 10(2), 9873, 2020. <https://doi.org/10.29322/ijssrp.10.02.2020.p9873>.

UNWTO. World Tourism Organization (1999), **UNWTO Tourism Highlights**, 1999 Edition, UNWTO, Default Book Series. Madrid, EISBN. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/epdf/10.18111/9789284403011>. Acesso em: 15 ago. 2021.

UNWTO. World Tourism Organization (2008), **UNWTO Tourism Highlights**, 2008 Edition, UNWTO, Madrid. <https://doi.org/10.18111/9789284413560>.

UNWTO. World Tourism Organization and United Nations **Development Programme**. Madrid, 2017. Tourism and the Sustainable Development Goals – Journey.

UNWTO. World Tourism Organization and United Nations Publication. **International Recommendations for Tourism Statistics**, ISBN 978-92-1-161521-0. New York, 2020. Disponível em: https://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83rev1e.pdf#page=21. Acesso em 15 ago. 2021.

URRY, J. Mobile sociology. **The British journal of sociology**, v. 51, n. 1, p. 185-203, 2000. <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2000.00185.x>.

WALL, G. Impacts of tourism: Theory and practice. **Tourism Recreation Research**, v. 22, n. 2, p. 57-58, 1997. <https://doi.org/10.1080/02508281.1997.11014802>.

WALTON, J. K. Prospects in tourism history: Evolution, state of play and future developments. **Tourism Management**, v. 30, n. 6, p. 783-793, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2009.05.010>.

WILSON, E; HOLLINSHEAD, K. Qualitative tourism research: Opportunities in the emergent soft sciences. **Annals of Tourism Research**, v. 54, p. 30-47, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.06.001>.

WTTC World Travel e Tourism Council. **Best practice**: you've reached your destination, 2019. Disponível em: <https://wttc.org/research/insights-publications> . Acesso em: 02 dez. 2021.

XIAO, H. Towards a research agenda for knowledge management in tourism. **Tourism and Hospitality Planning & Development**, v. 3, n. 2, p. 143-157, 2006. <https://doi.org/10.1080/14790530600938436>. Acesso em: 14 jan. 2023.

XIAO, H; SMITH, S.L.J. The making of tourism research: Insights from a social sciences journal. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 2, p. 490-507, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2006.01.004>.

YIU, M; LAW, R. Review and application of knowledge management and knowledge sharing in tourism. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 19, n. 7, p. 737-759, 2014. <https://doi.org/10.1080/10941665.2013.812128>.